

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA E SOCIEDADE

ANA MARÍA RIVERA FELLNER

TECNOLOGIAS CH'IXI: EXPERIÊNCIAS MICROPOLÍTICAS PARA  
DESCOLONIZAR AS TECNOLOGIAS - O CASO DA CASA DE CULTURA TAINÃ E A  
REDE MOCAMBOS

TESE

CURITIBA

2021

ANA MARÍA RIVERA FELLNER

**TECNOLOGIAS CH'IXI: EXPERIÊNCIAS MICROPOLÍTICAS PARA  
DESCOLONIZAR AS TECNOLOGIAS - O CASO DA CASA DE CULTURA TAINÃ E A  
REDE MOCAMBOS**

**CH'IXI TECHNOLOGIES: MICROPOLITICAL EXPERIENCES FOR DESCOLONIZING  
TECHNOLOGIES – THE CASE OF THE CASA DE CULTURA TAINÃ AND THE REDE  
MOCAMBOS**

**TECNOLOGÍAS CH'IXI: EXPERIENCIAS MICROPOLÍTICAS PARA DESCOLONIZAR  
LAS TECNOLOGÍAS – EL CASO DE LA CASA DE LA CULTURA TAINÃ Y LA RED  
MOCAMBOS**

Tese apresentada ao curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito para obtenção do título de Doutora em Tecnologia e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Mediações e Culturas.  
Orientador: Prof. Dr. Luiz Ernesto Merkle

CURITIBA

2021



[Cc-By 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> A CC BY 4.0 Internacional permite o compartilhamento, a redistribuição e a adaptação para qualquer fim, mas não permite a revogação de quaisquer destes direitos. Este licenciamento também exige a atribuição, o provimento de um link para esta licença, a indicação das alterações realizadas em obras derivadas, dentre outras determinações. Veja o verso desta página para um resumo explicativo legível por humanos e para uma referência ao texto legal.



## Direitos Autorais de Ana María Rivera Fellner

Conteúdo protegido sobretudo nos termos da Lei de Direitos Autorais nº 9.610/98.



**Tecnologias Ch'ixi:** Experiências micropolíticas para descolonizar as tecnologias - o caso da casa de cultura tainã e a rede mocambos de [Ana María Rivera Fellner](#) está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](#), disponível em <http://creativecommons.org/> Baseado no trabalho disponível em <https://repositorio.utfpr.edu.> Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em <https://orcid.org/0000-0003-4804-8874>

### Você tem o direito de:

**Compartilhar** – copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato.

**Adaptar** — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

### De acordo com os termos seguintes:

**Atribuição** — Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de nenhuma maneira que sugira que o licenciante apoia você ou o seu uso.

**Sem restrições adicionais** — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 pelo Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação – PAEC OEA/GCUB 2015.



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Câmpus Curitiba



ANA MARIA RIVERA FELLNER

**TECNOLOGIAS CH IXI: EXPERIÊNCIAS MICROPOLÍTICAS PARA DESCOLONIZAR AS TECNOLOGIAS O  
CASO DA CASA DE CULTURA TAINÁ E A REDE MOCAMBOS**

Trabalho de pesquisa de doutorado apresentado como  
requisito para obtenção do título de Doutora Em  
Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do  
Paraná (UTFPR). Área de concentração: Tecnologia E  
Sociedade.

Data de aprovação: 09 de Setembro de 2020

Prof Luiz Ernesto Meikle, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.a Alessandra Ribeiro Martins, Doutorado - Casa de Cultura Fazenda Roseira

Prof Gibson Leandro Queluz, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.a Jamile Borges Da Silva, Doutorado - Universidade Federal da Bahia (Ufba)

Prof.a Sonia Aparecida Fardin, Doutorado - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 17/03/2021.

## **AGRADECIMENTOS: A CONSCIÊNCIA DE UM NOSOUTROS**

Com agulha e fios foram-se costurando, nestes quatro anos diversidade de experiências, histórias de diversas índoles, matizes e dimensões. Com pontos fortes, próximos e distantes, superficiais e profundos, com desenhos abstratos e concretos, com desmanchadas, com erros incorrigíveis, com fissuras, com vestígios, enfim, com todas essas manifestações na urdidura da vida.

Na importância de costurar essas histórias aparecem diversidade de personagens fundamentais para fazer possível esta trama de experiências. Cada personagem estabeleceu narrativas existenciais, críticas e reflexivas que me permitiram olhar e sentir a realidade brasileira com a diversidade que a caracteriza.

Na retrospectiva dos acontecimentos, aparecem nas lembranças não só a chegada a um campo de conhecimento, a uma institucionalidade, foi a chegada a uma língua, a uma cultura, ao reconhecimento de mim como estrangeira. E nesse caminhar, me reconhecendo e me ressignificando, percebo que esta experiência transcendeu os limites acadêmicos e me transformou enquanto pessoa, mulher e profissional.

Meus agradecimentos, então, transcendem as esferas do acadêmico. Não só fiz um doutorado, fiz um percurso cultural, social, geográfico, afetivo, gastronômico, musical e político que me permitiu conhecer uma realidade brasileira tão próxima em alguns pontos e tão distante em outras de minha realidade na Colômbia e me possibilitou também me repensar e ratificar muitas das minhas escolhas de atuação afetiva e política.

Inicialmente, quero agradecer as pessoas que fizeram possível a pesquisa. Essas pessoas que abriram seus corações e me encheram de solidariedade, parcerias, inquietações, críticas e, sobretudo, de histórias para que eu pudesse aprender sobre algumas dinâmicas sociopolíticas do Brasil, de Campinas e, especialmente, da Casa de Cultura Tainã e a Rede Mocambos. Essas pessoas são: Denise, que com seu encanto de mulher de terreiro e a força de seu ser, me acolheu na cumplicidade de suas largas, lúcidas, divertidas e críticas histórias sobre a Tainã e a Rede Mocambos; O TC, homem com fogo em seu olhar, força em sua palavra, esperança em seu cantar e resistência e união em sua batucada, me permitiu compreender a pertinência e atualidade da luta e de nos unirmos para fortalecer territórios, estabelecer autonomia e lutar pela liberdade; Sônia, que com a sua sutileza, determinação e coragem me ensinou a perceber e ler a

realidade histórica da Tainã e da Rede Mocambos com um olhar mais detalhado, como boa curadora que ela é.

A Gloria, Juliana, Junior, Elaine, Batata e Carlos agradeço pelas suas perguntas, questionamentos, críticas, sugestões, solidariedades e conhecimentos históricos e pessoais sobre seu modo de sentir, viver e se aproximar da cidade, em especial, da história da Casa de Cultura Tainã.

Quero agradecer também a Moacir, Silas, Banto Palmarino, Ike Banto, Michel, Nei, Margarete, Layla, Gisele, Cibele, Saci, Guitinho, Marielde, Mãe Beth de Oxum, Luiz, Cristiano, Daniel, Alessandra Ribeiros e Célio Turino pelas conversas e entrevistas formais e informais, pela informação histórica disponibilizada e por compartilhar e irradiar essa firmeza e determinação na necessidade de seguir construindo sonhos para realidades mais justas.

A Dilma Dominiquini (falecida) quero agradecer de forma especial por ter me acolhido na sua casa e ensinado, a partir da sua vitalidade, que para saber viver é importante saber ser livre e saber deixar serem livres os outros.

Quero deixar um espaço especial para o professor que com muita calma, cuidado, reconhecimento, respeito e exigência e, a partir de perguntas profundas críticas e filosóficas, conseguiu colocar em questão o percurso construído e, com isso, abriu possibilidades reflexivas da realidade observada: Luiz Ernesto Merkle. O que eu consegui aprender com você me levou a olhar sempre as coisas com maior detalhe, com maior sutileza, maior autonomia e com maior profundidade.

Próximo da esfera acadêmica e fora dela está o grupo de amigos e amigas que, além de me colaborar de forma permanente na melhora da escrita e da fala em português, conhecem a profundidade as idas e vindas da pesquisa, as angustias, as transformações e as reflexões deste caminhar. Humberto Souza, Patricia Teixeira, Nabylla Fiori, Pricila Castelini, Patricia Leite, Leander de Oliveira, Michel Alves, Claudia Bordin, Maria Claudia Gorges, Maureen Schaefer e Elaine Smyl. Para elas e eles,... un GRACIAS con mucho amor.

Não posso deixar passar o reconhecimento da grande ajuda e dedicação que teve a Patricia Teixeira, Humberto Souza e Patricia Leite na revisão permanente e detalhada dos elementos formais da escrita em português, assim como por nossas longas e profundas discussões epistemológicas, éticas e políticas sobre a temática do

trabalho.

Fora dos espaços acadêmicos comuns, mas não por isso menos importantes, estão outros seres que me motivaram outras leituras e sensibilidades do mundo: Ugo, Pedro, Iriel, Hugo, Niklas, Augusto, Jefferson, Adriana, Edna, Ivan, Mariana, Luiz, Ana Paula, em Curitiba; Maria Clara em Pernambuco; Euzebio, Nilton, Dagmar e Murilo em Goiás Velho; Lucas e Eron em Aracaju, Silvania em Belo Horizonte e outras e outros de diferentes lugares e regiões.

Quero agradecer de forma especial e afetuosa aos professores que sempre me possibilitaram aberturas e novas explorações a partir das reflexões e questões que colocavam sobre a existência e a sua complexidade no momento presente: Luciana, Marilda, Gilson, Mario. A professora Marília, que com a sua diplomacia, sensibilidade e afeto sempre esteve presente para me ajudar na compreensão e solução de problemas pessoais e administrativos. Ao professor Ronaldo, pela sua cumplicidade e capacidade prática de ler a realidade, para questionar-lha e compreender a suas contradições.

Obviamente não posso deixar de agradecer ao amor, força e companhia distante da minha família de sangue e eleita que está na Colômbia. Elas e eles que sempre me acompanharam. Los amo con todo mi corazón. Mi mamá, mi papá, mis hermanos, mi hermana, mi sobrino e sobrina. Mis amigas Alba, Gloria, Nini, Leydi, Ivonne e Maritza.

Quero agradecer aos espaços de discussão coletiva e sem arrogâncias. Quero agradecer as lutas sociais porque cada uma delas sempre nos lembra que temos ainda muito por fazer.

Agradeço também aos impasses, aos momentos que me achei sem saída, ao não dito, aos momentos de angústia e de choro, a cada instante que me permitiu ser mais eu. Eu não teria feito nem aprendido o aqui escrito e o vivido no meu corpo sem cada uma dessas pessoas e sentimentos. Por isso, como aprendi com a comunidade de Jongo Dito Ribeiro em Campinas, repito: *“Eu seguro a sua mão na minha para que juntos possamos fazer aquilo que eu não posso fazer sozinha”*.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 pelo Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação – PAEC OEA/GCUB 2015.

*“Me rehusó al conformismo, me rehusó al estatismo y a  
las miradas desesperanzadoras, homogéneas,  
universalizantes y negadoras de la diversidad”*

**Silvia Rivera Cusicanqui**

Éramos una visión, con el pecho de atleta, las manos de petimetre y la frente de niño.

Éramos una máscara, con los calzones de Inglaterra, el chaleco parisiense, el chaquetón de Norteamérica y la montera de España. El indio, mudo, nos daba vueltas alrededor, y se iba al monte, a la cumbre del monte, a bautizar a sus hijos. El negro, oteado, cantaba en la noche la música de su corazón, solo y desconocido, entre las olas y las fieras. El campesino, el creador, se revolvía, ciego de indignación, contra la ciudad desdeñosa, contra su criatura. Éramos charreteras y togas, en países que venían al mundo con la alpargata en los pies y la vincha en la cabeza. El genio hubiera estado en hermanar, con la caridad del corazón y con el atrevimiento de los fundadores, la vincha y la toga; en desestancar al indio; en ir haciendo lado al negro suficiente; en ajustar la libertad al cuerpo de los que se alzaron y vencieron por ella. Nos quedó el oidor, y el general, y el letrado, y el prebendado. La juventud angélica, como de los brazos de un pulpo, echaba al Cielo, para caer con gloria estéril, la cabeza, coronada de nubes. El pueblo natural, con el empuje del instinto, arrollaba, ciego de triunfo, los bastones de oro.

Ni el libro europeo, ni el libro yanqui, daban la clave del enigma hispanoamericano. Se probó el odio, y los países venían cada año a menos. Cansados del odio inútil de la resistencia del libro contra la lanza, de la razón contra el cirial, de la ciudad contra el campo, del imperio imposible de las castas urbanas divididas sobre la nación natural, tempestuosa e inerte, se empieza, como sin saberlo, a probar el amor. Se ponen en pie los pueblos, y se saludan. “¿Cómo somos?” se preguntan; y unos a otros se van diciendo cómo son. Cuando aparece en Cojimar un problema, no van a buscar la solución a Dantzig. Las levitas son todavía de Francia, pero el pensamiento empieza a ser de América. Los jóvenes de América se ponen la camisa al codo, hunden las manos en la masa, y la levantan con la levadura del sudor. Entienden que se imita demasiado, y que la salvación está en crear. Crear es la palabra de pase de esta generación. El vino, de plátano; y si sale agrio, ¡es nuestro vino! Se entiende que las formas de gobierno de un país han de acomodarse a sus elementos naturales; que las ideas absolutas, para no caer por un yerro de forma, han de ponerse en formas relativas; que la libertad, para ser viable, tiene que ser sincera y plena; que si la república no abre los brazos a todos y adelanta con todos, muere la república. El tigre de adentro se echa por la hendija, y el tigre de afuera. El general sujeta en la marcha la caballería al paso de los infantes. O si deja a la zaga a los infantes, le envuelve el enemigo la caballería. Estrategia es política. Los pueblos han de vivir criticándose, porque la crítica es la salud; pero con un solo pecho y una sola mente. ¡Bajarse hasta los infelices y alzarlos en los brazos! ¡Con el fuego del corazón deshelar la América coagulada! ¡Echar, bullendo y rebotando, por las venas, la sangre natural del país! En pie, con los ojos alegres de los trabajadores, se saludan, de un pueblo a otro, los hombres nuevos americanos. Surgen los estadistas naturales del estudio directo de la Naturaleza. Leen para aplicar, pero no para copiar. Los economistas estudian la dificultad en sus orígenes. Los oradores empiezan a ser sobrios. Los dramaturgos traen los caracteres nativos a la escena. Las academias discuten temas viables. La poesía se corta la melena zorrillesca y cuelga del árbol glorioso el chaleco colorado. La prosa, centelleante y cernida, va cargada de idea. Los gobernadores, en las repúblicas de indios, aprenden indio.

**Nuestra América. José Martí.**

## RESUMO

RIVERA FELLNER, Ana Maria. **Tecnologias Ch'ixi: Experiências Micropolíticas para Descolonizar as Tecnologias - O Caso da Casa de Cultura Tainã e a Rede Mocambos**. 2020. 205f. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020

Esta tese discute sobre o papel da interação entre tecnologias ancestrais e digitais em duas experiências concretas, a Casa de Cultura Tainã e a Rede Mocambos para, reconhecer as trajetórias em suas práticas descolonizadoras, organizativas, comunicativas e de memória. Procura-se compreender os discernimentos e as práticas construídas pela Tainã e pela Rede e, assim, ampliar a discussão sobre o papel das tecnologias em contextos subalternizados. Estes saberes, concepções e práticas de uso, apropriação e integração das tecnologias por parte de excluídos têm muito que contribuir para concepções teóricas e com iniciativas práticas que pretendam fazer outras organizações. Para compreender esse construto comunitário, a pesquisa se apoia na perspectiva anticolonial da ação participativa e das histórias de vida, métodos que estão ancorados em princípios ético-políticos e epistemológicos que permitem que as estratégias de aproximação sejam de encontro, alteridade e dialogicidade crítica para apreender da experiência das comunidades. Portanto, adota-se uma perspectiva descolonizadora das tecnologias que procura entender as tecnologias no seu sentido possibilitador de autonomia, liberdade, autodeterminação das comunidades, consciência crítica, patrimônio da humanidade e reconhecimento da condição *Ch'ixi*.

**Palavras-chave:** Descolonizar; Tecnologias; *Ch'ixi*.

### Áreas do conhecimento CAPES:

Interdisciplinar (90100000) → Sociais e Humanidades (90192000)

### Áreas do conhecimento CNPq:

Outras sociologias específicas (7.02.07.00-3)

Antropologias das populações Afro-brasileiras (7.03.05.00-5)



## RESUMEN

RIVERA FELLNER, Ana Maria. **Tecnologías Ch'ixi: Experiencias Micropolíticas para Descolonizar las Tecnologías - El Caso de la Casa de Cultura Tainã y la Rede Mocambos**. 2020. (Tesis doctoral) – Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.

Esta tesis discute el papel de la interacción entre tecnologías ancestrales y digitales en dos experiencias concretas, la Casa de Cultura Tainã y la Red Mocambos para reconocer las trayectorias en sus prácticas descolonizadoras, organizativas, comunicativas y de memoria. Busca comprender las percepciones y prácticas construidas por la Tainã y la Red y, así, ampliar la discusión sobre el papel de las tecnologías en contextos subalternizados. Este conocimiento, concepciones y prácticas de uso, apropiación e integración de tecnologías por parte de los excluidos tienen mucho que aportar a las concepciones teóricas e iniciativas prácticas que pretenden hacer otras organizaciones. Para comprender este constructo comunitario, la investigación se basa en la perspectiva anticolonial de la acción participativa y las historias de vida, métodos que están anclados en principios ético-políticos y epistemológicos que permiten que las estrategias de abordaje sean de encuentro, alteridad y dialogicidad crítica para aprender la experiencia de las comunidades. Por ello, se adopta una perspectiva descolonizadora de las tecnologías que busca entender las tecnologías en su sentido que posibilita la autonomía, la libertad, la autodeterminación de las comunidades, la conciencia crítica, el patrimonio de la humanidad y el reconocimiento de la condición Ch'ixi.

**Palabras clave:** Descolonizar; Tecnologías; *Ch'ixi*.

## **ABSTRACT**

RIVERA FELLNER, Ana Maria. **Ch'ixi Technologies: Micropolitics Experiences for Technologies Decolonization – Casa de Cultura Tainã and Rede Mocambos Case.** 2020. 205f. Thesis (Doctorate in Technology and Society) – Postgraduate Program in Technology and Society, Federal University of Technology - Paraná, Curitiba, 2020

This doctoral thesis discusses the interaction role of ancestral and digital technologies in two concrete experiences, the Casa de Cultura Tainã and Rede Mocambos to recognize the trajectories effects on decolonizing, organizational, communicative and memory practices. This doctoral thesis seeks to understand the discernment and practices weave by Tainã and Rede and thus expand the discussion on technologies role in subalternized contexts. This knowledge, conceptions, usage practices, appropriation and technologies integration by excluded people have a lot to contribute with the theoretical conceptions develop in the academy and with practical initiatives that aim to make other organizations. In order to understand this community construct this research is based on the anticolonial perspective of participatory action and life stories, that are methods anchored in ethical-political and epistemological principles that allow proximity strategies to be of proximity, alterity and dialogically critical to apprehend from communities' experience. Therefore a perspective of decolonizing technologies that seeks to understand technologies in its sense of autonomy enables, freedom, communities self-determination, critical awareness, humanity heritage and recognition of the Ch'ixi condition.

**Keywords:** Decolonize; Technologies; Ch'ixi.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                                                        |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1. Localização de organizações sociais na Colômbia.....                                                                         | 90  |
| Figura 2. Localização de organizações sociais no Brasil.....                                                                           | 98  |
| Figura 3: TC (Antônio Carlos).....                                                                                                     | 110 |
| Figura 4: Junior Paixon.....                                                                                                           | 111 |
| Figura 5: Sônia Fardin.....                                                                                                            | 113 |
| Figura 6: Rede de afetos e apoio.....                                                                                                  | 115 |
| Figura 7: Casa de Cultura Tainã.....                                                                                                   | 117 |
| Figura 8. Localização da cidade de Campinas no estado de São Paulo.....                                                                | 118 |
| Figura 9. Distribuição de rendimentos mensais em Campinas, SP.....                                                                     | 119 |
| Figura 10. De esquerda para direita: TC, Vó Geralda (Mãe do TC), Toninha e Fausto (Educador).....                                      | 122 |
| Figura 11. Logotipo da Casa de Cultura Tainã.....                                                                                      | 123 |
| Figura 12. Logotipo da Casa de Cultura Tainã.....                                                                                      | 123 |
| Figura 13. Localização Casa de Cultura Tainã.....                                                                                      | 126 |
| Figura 14 Fachada Casa Cultura Tainã.....                                                                                              | 126 |
| Figura 15. Casa de Cultura Tainã. Sala 1.....                                                                                          | 127 |
| Figura 16. Parte exterior da Casa de Cultura Tainã, com saída da casa para o jardim lateral.....                                       | 127 |
| Figura 17: Denise Xavier.....                                                                                                          | 129 |
| Figura 18. A Casa Tainã consegue Documento de posse da área.....                                                                       | 130 |
| Figura 19. Escola de informática e cidadania.....                                                                                      | 132 |
| Figura 20: Banto Palmarino.....                                                                                                        | 133 |
| Figura 21: Michel Alencar Morandi.....                                                                                                 | 133 |
| Figura 22. O Ponto de Cultura recebe reconhecimento.....                                                                               | 136 |
| Figura 23: Elaine Da Silva Tozzi.....                                                                                                  | 137 |
| Figura 24: 30 anos Tainã.....                                                                                                          | 143 |
| Figura 25. Oficina de Zótero e conversa sobre Lélia Gonzalez. Desenho Ana Maria Rivera Fellner (2018)Todos os direitos reservados..... | 147 |
| Figura 26. Oficina de Zótero e conversa sobre Lélia Gonzalez.....                                                                      | 147 |
| Figura 27. Planejamento Quilombolinhas.....                                                                                            | 148 |
| Figura 28. Encontro de Museologia Social.....                                                                                          | 148 |
| Figura 29. Roda de conversa comunicação.....                                                                                           | 149 |
| Figura 30. Roda de conversa Identidade e memória. Cultura Educa.....                                                                   | 149 |
| Figura 31. Roda de conversa com crianças. Cultura Educa.....                                                                           | 150 |
| Figura 32. Espaço musical Cultura Educa.....                                                                                           | 150 |
| Figura 33. Preparação Celebração da Consciência Negra.....                                                                             | 151 |
| Figura 34. Comemoração 29 anos da Casa de Cultura Tainã.....                                                                           | 151 |
| Figura 35: Alessandra Ribeiro.....                                                                                                     | 156 |
| Figura 36: Mapa Rede Mocambos.....                                                                                                     | 167 |
| Figura 37: WikiMocambos.....                                                                                                           | 168 |
| Figura 38: Núcleos de trabalho da Rede Mocambos.....                                                                                   | 169 |
| Figura 39. Cartaz IV Encontro nacional Rede Mocambos.....                                                                              | 172 |
| Figura 40. Cartaz I Encontro Rede Mocambos do Espírito Santo.....                                                                      | 173 |
| Figura 41: Encontro Norte-Nordeste Rede Mocambos.....                                                                                  | 174 |
| Figura 42: Gupo Bongar, Cursonho Herbert de Souza, Coco de Umbigada.....                                                               | 175 |

|                                                        |     |
|--------------------------------------------------------|-----|
| Figura 43: Imagem da Rota dos baobás.....              | 178 |
| Figura 44: Símbolos Adinkra.....                       | 179 |
| Figura 45: Estrutura_Baobáxia.....                     | 180 |
| Figura 46: Baobáxia. Site.....                         | 180 |
| Figura 47: Baobáxia.....                               | 182 |
| Figura 48: Redes Federadas. Mais descentralizadas..... | 183 |
| Figura 49: Wiki_código_fonte.....                      | 184 |

## Lista de tabelas

|                                                                                            |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Tabela 1: Resumo.....                                                                      | 25  |
| Tabela 2: O uso do audiovisual como ferramenta de comunicação.....                         | 92  |
| Tabela 3: Organizações que lutam pela terra, pelos direitos, a dignidade e a liberdade. 94 |     |
| Tabela 4: Experiências significativas da luta da cultura de matriz africana.....           | 100 |

## LISTA DE SIGLAS

|         |                                                                |
|---------|----------------------------------------------------------------|
| BAC     | Bases de Apoio à Cultura                                       |
| BNH     | Banco Nacional de Habitação                                    |
| CAPS    | Centros de Atenção Psicossocial                                |
| CDI     | Comitê de Democratização da Informática                        |
| CMI     | Centro de Mídia Independente                                   |
| C3SL    | Computação Científica e Software Livre                         |
| CTI     | Centros de Tecnologia da Informação Renato Archer              |
| CTS     | Ciência, Tecnologia e Sociedade                                |
| COHAB   | Companhia de Habitação Popular de Campinas                     |
| CRIC    | Consejo Regional Indígena del Cauca                            |
| ECTSAL  | Estudos em Ciência e Tecnologia aplicados na América Latina    |
| ESCT    | Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia                     |
| EZLN    | Ejército Zapatista de Liberación Nacional                      |
| FLISOL  | Festival Latinoamericano de Instalación de Software Libre      |
| FPA     | Fundação Perseu Abramo                                         |
| GESAC   | Governo Eletrônico - Serviço de atendimento ao cidadão         |
| IBGE    | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                |
| IAP     | Investigação Ação Participante                                 |
| MinC    | Ministério da Cultura                                          |
| MNU     | Movimento Negro Unificado                                      |
| MMN     | Movimento de Mulheres Negras                                   |
| MMM     | Movimento Mundial das Mulheres                                 |
| OP      | Orçamento Participativo                                        |
| PLACTS  | Pensamento Latino-Americano em Ciência, Tecnologia e Sociedade |
| PMDB    | Partido do Movimento Democrático Brasileiro                    |
| PSDB    | Partido da Social Democracia Brasileira                        |
| PT      | Partido dos Trabalhadores                                      |
| PROGEN  | Projeto Gente Nova                                             |
| TIC's   | Tecnologias da Informação e da Comunicação                     |
| RM      | Rede Mocambos                                                  |
| UNICAMP | Universidade Estadual de Campinas                              |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                                                           |           |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>CAPÍTULO 1. APRESENTAÇÃO: PERIPÉCIAS EM MINHA PESQUISA-PARTICIPANTE</b>                                                                                                | <b>19</b> |
| <b>CAPÍTULO 2. HORIZONTE DO PROJETO</b>                                                                                                                                   | <b>32</b> |
| 1.1 Compromissos sócio-ético-políticos da pesquisa                                                                                                                        | 34        |
| 1.2 Desafios epistemológicos                                                                                                                                              | 37        |
| 1.3 O problema, objetivos e metodologia                                                                                                                                   | 46        |
| 1.4 Estranhamentos no campo: Breves notas de campo ou relatos de mentes inquietantes                                                                                      | 48        |
| <b>CAPÍTULO 3. DESCOLONIZAR ÀS TECNOLOGIAS: AS TECNOLOGIAS NA NUESTRA AMÉRICA</b>                                                                                         | <b>62</b> |
| 2.1 Minha aproximação as concepções sobre as tecnologias                                                                                                                  | 63        |
| 2.2 As tecnologias nos Estudos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade na América Latina                                                                                    | 64        |
| 2.2.1 Pensamento Latino-Americano em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PLACTS)                                                                                             | 64        |
| 2.2.2 Estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade aplicados na América Latina (ECTSAL)                                                                                     | 66        |
| 2.3 As tecnologias na <i>Nuestra América</i>                                                                                                                              | 68        |
| 2.4 Reconhecimento das tecnologias no nosso contexto                                                                                                                      | 72        |
| 2.4.1 A revalorização e a desmistificação das tecnologias ancestrais                                                                                                      | 73        |
| 2.4.1.1 As tecnologias patrimônio da Pachamama                                                                                                                            | 75        |
| 2.4.1.2 O papel da Consciência crítica no reconhecimento da nossa constituição Ch'ixi                                                                                     | 77        |
| 2.4.1.3 Liberdade e autonomia                                                                                                                                             | 78        |
| 2.4.1.4 Reconhecimento das tecnologias ancestrais e Ch'ixi                                                                                                                | 80        |
| <b>CAPÍTULO 4. LIBERDADE, AUTONOMIA E AÇÕES MICROPOLÍTICAS NOS MOVIMENTOS E ORGANIZAÇÕES SOCIAIS DA NUESTRA AMÉRICA COM USO DE TECNOLOGIAS ANCESTRAIS/ CONTEMPORÂNEAS</b> | <b>83</b> |
| 3.1 Mapeamento de algumas organizações sociais na Colômbia                                                                                                                | 87        |
| 3.2 Mapeamento de algumas organizações sociais no Brasil                                                                                                                  | 96        |
| 3.3 Usos das tecnologias: Liberdade e autonomia e ações micropolíticas                                                                                                    | 103       |
| 3.4 Considerações                                                                                                                                                         | 105       |

|                                                                                                                                               |            |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>CAPÍTULO 5. CASA DE CULTURA TAINÃ: ANCESTRALIDADE, MEMÓRIA, CULTURA E TECNOLOGIA.....</b>                                                  | <b>107</b> |
| 4.1 O Contexto geográfico, histórico e político da Casa de Cultura Tainã.....                                                                 | 118        |
| 4.1.1 Sobre Campinas.....                                                                                                                     | 118        |
| 4.1.2 Sobre o Caminho Das Estrelas: Tainã.....                                                                                                | 121        |
| 4.2 Fundamentos culturais, filosóficos e políticos que direcionam as ações da Casa de Cultura Tainã.....                                      | 152        |
| 4.3 As tecnologias e a Casa de Cultura Tainã.....                                                                                             | 155        |
| 4.4 Considerações.....                                                                                                                        | 159        |
| <b>CAPÍTULO 6. REDE MOCAMBOS: UMA PROPOSTA EDUCATIVA, ORGANIZATIVA, POLÍTICA E TÉCNICA. UM OLHAR PARA OS TERRITÓRIOS DIGITAIS LIVRES.....</b> | <b>161</b> |
| 5.1 Os suportes de uma criação: O Passado da Rede Mocambos.....                                                                               | 165        |
| 5.1.1 Fundamentos políticos e culturais: Palmares como inspiração da Rede Mocambos: entre mocambos físicos e mocambos virtuais.....           | 176        |
| 5.1.2 Fundamentos técnicos e tecnológicos:.....                                                                                               | 179        |
| 5.1.3 As Políticas públicas e a Rede Mocambos.....                                                                                            | 187        |
| 5.2 O presente da Rede Mocambos:.....                                                                                                         | 191        |
| <b>CAPÍTULO 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....</b>                                                                                                 | <b>196</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                                                                       | <b>199</b> |
| <b>GLOSSÁRIO.....</b>                                                                                                                         | <b>204</b> |



## CAPITULO 1. APRESENTAÇÃO: Peripécias em minha pesquisa-participante

Declarar la independencia intelectual, para estimular nuestros talentos y nuestra propia dignidad, combatiendo el colonialismo. Obviamente esto no significa rechazar lo que hacen otros grupos de diferentes latitudes sólo por ser de naciones extrañas; tal cosa sería un miope etnocentrismo, un síntoma real de inferioridad”  
Orlando Fals Borda

As tecnologias, tema central desta pesquisa, têm sido uma questão importante e permanente no meu processo profissional e político desde 2007, quando começo a pensar na relação das tecnologias da informação e da comunicação (TICs) em diferentes espaços educativos, formais e não formais. Nesse processo de me aproximar das tecnologias por meio da pedagogia, identifiquei dois elementos recorrentes em práticas educacionais e em políticas públicas de implementação das TICs na educação: i) o determinismo tecnológico, que atribui às tecnologias uma responsabilidade que seria política, axiológica, pedagógica, didática e comunicativa, pela solução que determinaram a melhoria dos aprendizados de estudantes, dos conteúdos, de seus modos de apresentá-los nas relações estabelecidas entre estudantes e professores como se as TICs causassem tais aprimoramentos, a despeito de outros fatores; e, decorrente desta compreensão, ii) a instrumentalização das tecnologias, como se o repasse de artefatos computacionais a escolas, junto a um treinamento limitado do uso para professoras e professores, fosse suficiente para integrá-las em processos de formação.

Esses dois aspectos me incentivaram a ampliar minha compreensão sobre o que são e o que significam as tecnologias, assim como o papel nos processos que desempenham nas sociedades. Isso me levou a identificar outros significados e outros modos de usos e apropriação social e política das tecnologias em contextos não escolares. Aproximei-me do Movimento Software Livre a partir 2010, por meio de experiências com a MANADA LIBRE<sup>2</sup>, a Fundación Casa del Bosque<sup>3</sup> e eventos como o Festival Latino-americano de Instalação de Software Livre (FLISOL) de Pereira 2010<sup>4</sup> e

2 Medellín - Colombia. Organización juvenil de auto-formación, estudio autónomo y difusión del conocimiento libre, partiendo de una base informática pero transgrediéndola a los diferentes espacios de realización organizativa y comunitaria, acorde a las luchas de nuestro pueblo en sus diferentes escenarios vivenciales. <http://www.manadalibre.org/>

3 Bogotá - Colombia. Organización interdisciplinar orientada al Activismo Tecnológico, el Software Libre, la Cultura Libre y la Tecnopolítica. <https://es-la.facebook.com/fcbosque/>

4 Pereira – Colômbia. <https://flisol.info/FLISOL2010/Colombia/Pereira?highlight=%28%5CbCategoryCity%5Cb%29>

2012<sup>5</sup>. Minha intenção era para identificar e conhecer o que era o Software Livre e como atuava na esfera social.

Reconheci que algumas práticas sociais, rurais, comunitárias e populares viam nas TICs estratégias de atuação política, comunicativa de denúncia e de proteção da vida. Foi dessa forma que em minha atuação como professora comecei a construir com as e os estudantes outras formas de aproximação, apropriação e compreensão do que são essas tecnologias em espaços educativos formais e não formais.

As diversas perspectivas que reconheci nestas comunidades me levaram a compreender que, em termos gerais, a concepção das tecnologias se naturalizou como algo que é exclusividade de uns poucos. Tanto o seu acesso quanto o seu conhecimento. Quando são levadas às comunidades menos favorecidas por meio de políticas de inclusão tecnológica ou digital, são colocadas com a premissa de que elas mudarão a realidade e ajudarão na resolução dos problemas da comunidade. Essa concepção naturalizada e cristalizada traz em seu bojo um apagamento de outras tecnologias, como, por exemplo, as desenvolvidas em diversas culturas indígenas, afro, camponesas e periféricas, reduzindo, assim, a diversidade, que é própria da natureza humana, a um único modo de olhar e perceber as tecnologias e os modos de viver.

Essa cristalização, naturalização, homogeneização e redução das concepções sobre as tecnologias, a ciência e o conhecimento é uma estratégia vertical do colonialismo e do eurocentrismo para, como aponta Rivera Cusicanqui (2018) e Fals Borda (1981), estabelecer estruturas hierárquicas de normalização-totalização do conhecimento fortalecidas por aquilo que Casanova (2006) chama de colonialismo interno<sup>6</sup>. O colonialismo, tanto externo quanto interno, destrói línguas, culturas, seres humanos, naturezas e diversidades, subalternizando e apagando qualquer manifestação social, cognitiva e cultural que provenha dos não ser<sup>7</sup> e estabelece a dependência<sup>8</sup> como modo de substituição. Aimé Césaire, no Discurso sobre o colonialismo diz:

5 Pereira – Colômbia. <https://flisol.info/FLISOL2012/Colombia/Pereira>

6 “La definición del colonialismo interno está originalmente ligada a fenómenos de conquista, en los que las poblaciones de nativos no son exterminadas y forman parte, primero del Estado colonizador y después del Estado que adquiere una independencia formal, o que inicia un proceso de liberación, de transición al socialismo, o de recolonización y regreso al capitalismo neoliberal. Los pueblos, minorías o naciones colonizadas por el Estado-Nación sufren condiciones semejantes a las que los caracterizan en el colonialismo y el neocolonialismo a nivel internacional” (GONZÁLEZ CASANOVA, 2003, p. 3).

7 Para o filósofo Enrique Dussel (1977), Filósofo ligado a filosofia da libertação e ao movimento Colonialidade/Decolonialidade, “o não ser é aquele que não responde às condições estabelecidas pelo sistema como “SER”, então, o não ser são os/as excluídos, os/as oprimidos, os/as camponeses, as mulheres.”

8 Para Vânia Bambirra, autora ligada à Teoria da Dependência: “A dependência condiciona a estrutura econômica que engendra os parâmetros das possibilidades estruturais” (BAMBIRRA, 2013, p. 40).

Aonde quero chegar? A esta idéia: ninguém colonializa inocentemente, que tampouco ninguém colonializa impunemente; que uma nação que colonializa, que uma nação que justifica a colonização e, portanto, à força, já é uma civilização enferma, moralmente ferida, que irresistivelmente, de consequência em consequência, de negação em negação, é que chama a seu Hitler, isto é, seu castigo. (CÉSAIRE, 1977, p. 21).

Nessa mesma linha, Silvia Rivera Cusicanqui<sup>9</sup> expressa: “Se trata de reconocer al colonialismo como una estructura, un ethos y una cultura que se reproducen día a día en sus opresiones y silenciamientos”<sup>10</sup>

No contexto desta colonialidade que presenciamos na América Latina, como problematizar tais concepções de tecnologias para suas reapropriações? Como experimentar um outro modo de fazer, pensar e se relacionar com as tecnologias? Como romper com essas concepções alienantes, colonizantes e cristalizadas e reconhecer outras tecnologias presentes no cotidiano das comunidades? Como compreender as tecnologias, em sentido amplo, no contexto latino-americano? Como valorizar os conhecimentos das comunidades indígenas, rurais, quilombolas e periféricas em construções pertinentes e importantes na consolidação da nossa história? Como falar, dar sentido e valor aos conhecimentos dessas comunidades? Como desmistificar o pensamento colonial para identificar a diversidade de saberes e fazeres técnicos e tecnológicos? Como contornar a uniformidade do pensamento científico e cotidianizar e naturalizar a diversidade? Como nesse reconhecimento da diversidade não cair em essencialismos culturais nem em nostalgias de um passado? Como inverter a lógica academicista da construção do conhecimento e construir de forma conjunta com as comunidades e organizações sociais reflexões e práticas mais solidárias para o bem comum e para o bem viver?

Pensar uma tese passa por pensar a realidade e pensar-se dentro dela. Passa pela dúvida, pelas perguntas sem respostas, pelas decisões e escolhas epistêmicas, éticas e metodológicas e, sobretudo, pelas transformações e decisões, assertivas ou não, que têm que se fazer no decorrer tanto da pesquisa quanto do engajamento do desen-

9 Silvia Rivera Cusicanqui “é socióloga e professora emérita da Universidad Mayor de San Andrés em La Paz, Bolívia, realiza estudos sobre história oral andina e sobre os processos coloniais indígenas em contextos rurais e urbanos. Entre os seus trabalhos podemos destacar: “Oprimidos pero no vencidos”: Luchas del campesinado aymara y qhichwa de Bolivia, 1900-1980 (1986); Los Artesanos Libertarios y la Ética del Trabajo (1988); e Violencias (re)encubiertas en Bolivia (2010). A autora também se desenvolve no campo audiovisual e participou da realização do documentário Las Fronteras de la Coca (2003) e do curta Sumaj Qhaniri, Chuyman Manqharu (2010)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1q6HfhZUGhc>. Acesso em: 10 dez. 2019.

10 “Trate-se de reconhecer o colonialismo como uma estrutura, um ethos e uma cultura que se reproduzem dia a dia em suas opressões e silenciamientos [...]” (2018, p. 25, tradução minha).

volvimento dela. Pensar em uma tese é pensar naquilo que nos atravessa, nos confronta, nos incomoda, nos impulsiona. Por isso, perguntas como estas me levaram à necessidade de reconhecer que, para desmistificar e reapropriar a concepção das tecnologias, do conhecimento e da ciência, é crucial o reconhecimento e a valorização de que existe nas comunidades e organizações sociais conhecimentos particulares que precisam de uma ciência própria para entender suas particularidades, fora dos marcos da ciência positivista (FALS BORDA 1981). Mas essa ciência própria deve se apoiar do que Rivera Cusicanqui (2018) chama de uma Epistemologia Ch'ixi<sup>11</sup>.

La palabra Ch'ixi tiene diversas connotaciones: es un color producto de la yuxtaposición, en pequeños puntos o manchas, de dos colores opuestos o contrastados: el blanco y el negro, el rojo y el verde, etc. Es ese gris jaspeado resultante de la mezcla imperceptible del blanco y el negro, que se confunden para la percepción sin nunca mezclarse del todo. La noción Ch'ixi, como muchas otras (allqa, ayni) obedece a la idea aimara de algo que es y no es a la vez, es decir, a la lógica del tercero incluido. Un color gris Ch'ixi es blanco y no es blanco a la vez, es blanco y también es negro, su contrario [...]

Tanto a ciência própria, quanto a Epistemologia Ch'ixi compreendem que o pensamento tem que estar em relação constante com a vida e com o contexto situado donde ele emerge porque é nessa interação que podem se construir modos de fazer coerentes com as necessidades e procuras do contexto.

Do mesmo modo, uma consciência crítica pode fortalecer a construção desse pensamento situado que está em relação com a vida, entendendo que essa consciência crítica é “aquela que toma consciência de seus determinantes no processo histórico da realidade, sempre porém apreendendo o processo em totalidade e não considerando os fatores correspondentes aos interesses individuais privados” (Vieira Pinto, 2005).

A perspectiva descolonizadora e anticolonial escolhida nesta pesquisa participante está alinhada nas reflexões e ações de Rivera Cusicanqui, de Fals Borda e de Vieira Pinto e é levada em conta por mim para compreender que: i) a construção do conhecimento deve ir além de padrões eurocêntricos, e que, ii) a constituição de qualquer sociedade articula conhecimentos, técnicas e tecnologias que são ancestrais<sup>12</sup>

11 Tradução: A palavra ch'ixi tem várias conotações: é uma cor produto da justaposição, em pequenos pontos ou manchas, de duas cores opostas ou contrastadas: branco e preto, vermelho e verde etc. É o cinza marmorizado resultante da mistura imperceptível de branco e preto, que são confundidos pela percepção sem nunca misturarse. A noção ch'ixi, como muitas outras (allqa, ayni), obedece à ideia aimara de algo que é e não é ao mesmo tempo, ou seja, a lógica do terceiro incluído. Uma cor cinza ch'ixi é branca e não branca ao mesmo tempo, é branca e também preta, seu oposto [...] ( RIVERA CUSICANQUI, 2010, p. 69).

12 Utilizo, nesta tese, o termo de ancestralidade a partir da tese de doutorado de Eduardo David de Oliveira, que

com formas tecnológicas mais “contemporâneas”<sup>13</sup>; iii) para propor diálogos, alternativas e ressignificações da realidade concreta e material destas comunidades ou grupos é necessário reconhecer que as comunidades pensam, criam, produzem e transformam a realidade circundante na qual estão imersas e, assim, valorizar saberes e conhecimentos que têm sido invisibilizados e desconhecidos pela história “oficial”.

Demarcar a existência desses entrelaçamentos indica as divergências, tensões e contradições e, ao mesmo tempo, mostra a presença de possibilidades de interação com o mundo a contrapelo da hegemônica. Essa abordagem tem sido um traço característico do meu modo de olhar a realidade para ter consciência que é no plano do múltiplo e do diverso que se desenvolvem as miríades formas de ser e existir do ser humano.

Por isso, ter encontrado o Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE), por meio do Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação (Bolsas Brasil PAEC OEA-GCUB), me motivou a continuar trabalhando sobre esses interesses e, assim, aprender, aprofundar e olhar com mais criticidade e menos idealismo meus pressupostos.

No percurso da pesquisa, percebi que essa discussão sobre as concepções que as organizações sociais, indígenas, camponesas, afro, rurais, urbanas e periféricas têm sobre as tecnologias é uma reflexão pertinente e necessária no Campo de estudos da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), sobretudo em Abya Yala<sup>14</sup> e no Caribe. Entende-se necessário que o campo CTS também responda às contribuições de matrizes africanas e indígenas, valorizando conhecimentos ancestrais comumente abstraídos da literatura dita universal por não corresponderem aos critérios de cientificidade estipulados e aceitos. Desta forma, busco pensar e construir outras maneiras de compreender as tecnologias no campo CTS para que possamos enriquecer o olhar e as discussões sobre elas.

---

afirma: A ancestralidade é uma categoria de relação, ligação, inclusão, diversidade, unidade e encantamento. Ela, ao mesmo tempo, é enigma-mistério e revelação-profecia. Indica e esconde caminhos. A ancestralidade é um modo de interpretar e produzir a realidade. Por isso a ancestralidade é uma arma política. Ela é um instrumento ideológico (conjunto de representações) que serve para construções políticas e sociais (2005, p. 258).

13 O contemporâneo é entendido neste trabalho como o momento histórico atual.

14 “Abya Yala na língua do povo Kuna significa “Terra madura”, “Terra Viva” ou “Terra em florescimento” e é sinônimo de América. O povo Kuna é originário da Serra Nevada no norte da Colômbia tendo habitado a região do Golfo de Urabá e das montanhas de Darien e vive atualmente na costa caribenha do Panamá na Comarca de Kuna Yala (San Blas).” Carlos Walter Porto-Gonçalves. Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala> Acesso em: 01 dez. 2019.

Ao fazer uma revisão geral dos Simpósios ESOCITE no Brasil realizados nos anos de 2011, 2013, 2015, 2017 e 2019, pude observar que a reflexão sobre estas questões estão presentes, mas compreendo que precisam de mais reconhecimento, valorização, discussão e aprofundamento.

No IV Simpósio realizado na cidade de Curitiba, entre 9 e 11 de novembro de 2011, dos 317 artigos publicados no anais, apenas 8 focavam na questão afro-brasileira. Estes mesmos trabalhos estavam todos concentrados em apenas 1 dos 28 Grupos de Trabalhos (GTs) do evento intitulado "Presença africana no Brasil: conhecimento, linguagem, educação e interação social". Nenhum trabalho tratou sobre a questão indígena.

Já no V Simpósio, também realizado em Curitiba, entre 16 e 18 de outubro de 2013, dos 296 artigos, apenas 8 abordavam questões afro ou indígenas. Destes, 7 foram apresentados no mesmo GT da edição anterior sobre presença africana no Brasil - nesta edição foram 23 GTs. Destes 7 trabalhos, 4 falavam da questão tecnológica e no GT "Políticas Públicas, Juventude Rural, Educação no Campo" apenas 1 artigo sobre comunidades indígenas intitulado "Inovação pedagógica para a educação superior em culturas indígenas: desafios e possibilidades"<sup>15</sup>. Entretanto, nenhum deles com abordagem sobre tecnologias.

O VI Simpósio, realizado no Rio de Janeiro, entre 14 e 16 de outubro de 2015, foram apresentados 370 artigos em 40 GTs. Destes, 8 trataram sobre questões afro ou indígenas. No GT "Presença africana no Brasil: conhecimento, linguagem, educação e interação social" foram apresentados 7 (dos quais 4 fizeram referências às tecnologias) e, no GT "Saúde, Trabalho e Desenvolvimento", apenas 1 artigo sobre comunidades indígenas intitulado "Subsistema de Saúde Indígena: quando as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) viabilizam atenção em saúde integral e diferenciada aos povos indígenas brasileiros".

No VII Simpósio, realizado na cidade de Brasília, entre 5, 6 e 7 outubro de 2017, foram apresentados 130 artigos em 35 GTs. No GT 17 "Periferalidade e subalternidade na produção do conhecimento", dois trabalhos foram apresentados sobre a questão quilombola, mas não sobre a temática das tecnologias. O GT "Presença africa-

---

15 Artículo escrito por Leonel Piovezana, Luciano Jaeger e Ediana M. M. Finatto, publicado em <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/2630> Acesso em: 21 jan. 2020.

na no Brasil: conhecimento, linguagem, educação e interação social” que estava nas edições anteriores, já no estava nesta versão.

No simpósio VIII, realizado na cidade de Belo Horizonte, nos dias 15, 16 e 17 agosto 2019, foram apresentados 362 resumos<sup>16</sup> em 30 Gts. Destes, 4 trataram questões afro ou indígenas. No GT 26 “Culturas, Tecnologias e Sociedades” foi apresentado um trabalho sobre tecnologias e comunidades indígenas. No GT-10 “Estudos de ciência, tecnologia e sociedade” um trabalho sobre ações afirmativas apresenta a questão de raça/etnia, gênero e sexualidade. No GT-16 “Arte, Ciência e Tecnologia”, um trabalho sobre as representações de tecnologia no filme “Branco sai, preto fica” (2014). No GT-27 “Educação para sustentabilidade nas dimensões ambientais, culturais e tecnológicas”, foi apresentado um trabalho sobre museu de arte indígena. E no GT-11 “Periferidade e subalternidade na produção do conhecimento”, apresentei um texto intitulado “Entre algumas outras tecnologias: O desafio de reafirmar a ancestralidade para transformar a contemporaneidade rumo ao bem viver”

No mesmo simpósio, no dia 17 agosto 2019 foi realizada uma roda de conversa intitulada: “O que Indígenas, Quilombolas e a defesa pela reforma urbana têm a dizer sobre e para os Estudos CTS?”; em que foram convidados coletivos e ativistas indígenas e quilombolas para construir um diálogo aberto a partir das experiências destes convidados. E, no mesmo dia, às 16h30 foi apresentado o longa-metragem “Pembele Manzo: Território Ancestral”, filme que aborda a intolerância religiosa a partir do Quilombo Urbano Manzo N’gunzo Kaiango da cidade de Belo Horizonte. Pode-se dizer, a partir da revisão geral dos últimos cinco ESOCITES, que a temática das tecnologias afro e indígenas ainda precisa ser mais explorada, reconhecida e valorizada.

**Tabela 1: Resumo**

| Simpósio | Cidade         | # artigos | # de GTs | # questão afro | # questão indígena |
|----------|----------------|-----------|----------|----------------|--------------------|
| IV       | Curitiba       | 317       | 28       | 8              | 0                  |
| V        | Curitiba       | 296       | 23       | 8              | 1                  |
| VI       | Rio de Janeiro | 370       | 40       | 8              | 1                  |
| VII      | Brasília       | 130       | 35       | 2              | 0                  |
| VIII     | Belo Horizonte | 362       | 30       | 2              | 2                  |

*Fonte: Criação Ana María Rivera Fellner (2018). Todos os direitos reservados*

<sup>16</sup> No momento da revisão ainda não tinha sido publicado o anais do evento.

Por que não tem tido relevância a temática das tecnologias afro e indígenas nos estudos CTS? Por que vários dos trabalhos apresentados têm relação com os processos de incorporação de políticas públicas e tecnologias digitais ou sociais, mas não o reconhecimento dos saberes e das tecnologias próprias das comunidades? Por que depois de ter tido um GT sobre presença africana no Brasil nos IV, V e VI Simpósios, ele não é realizado nas edições posteriores? Esses questionamentos são simplesmente para provocar uma inquietação, um incômodo, uma autocrítica e para repensar sobre essas questões.

Essas questões, que foram surgindo durante o percurso de pesquisa, como os dados evidenciados nos Simpósios ESOCITE no Brasil, influenciaram o próprio delineamento do tema deste trabalho. No começo, o interesse era realizar uma caracterização dos modos nos quais diversos movimentos e organizações sociais de base na América Latina usavam e se apropriavam do software livre nas ações organizativas e, assim, identificar pontos em comum e diferenças que permitiriam construir um modelo de ação coletiva com outras organizações e movimentos sociais. Mas, por questões materiais e concretas decidimos trabalhar só com duas organizações na Colômbia e duas no Brasil. A justificativa para que fossem duas em cada país é que com este número limitado de organizações é possível ter um panorama maior e diverso sobre os modos como as organizações permanecem ativas, como incorporam as tecnologias no seu dia a dia e quais são os modos de compreensão que estas organizações constroem sobre essas tecnologias.

Após esta delimitação da quantidade e localização das comunidades do estudo pude, então, empreender a busca por estas organizações no ano de 2016. Por estar morando em Curitiba, comecei a busca nesta cidade. Como o foco inicial era o software livre nas organizações sociais, comecei uma pesquisa na internet e participei de eventos e atividades sobre software livre como: o Festival Latino-americano de Instalação de Software Livre (FLISOL)<sup>17</sup>, o DebianDay<sup>18</sup> e o Democracia em Rede<sup>19</sup>, com a finalidade de conhecer organizações sociais de base que trabalhassem sobre e com software livre.

---

17 Festival Latino-americano de Instalação de Software Livre (FLISoL) abril 2016:

<https://flisol.info/FLISOL2016/Brasil>.

18 Debian Day agosto de 2016:

<https://wiki.debian.org/DebianDay/2016#DebianDay.2F2016.2FBrazil.2FCuritiba.Brazil>.

19 Democracia em Rede maio de 2016: <http://democraciaemrede.redelivre.org.br/>.



Na procura, consegui identificar que, tanto FLISOL quanto Debian Day, são espaços onde o tipo de população participante é majoritariamente masculina, branca e de estudantes da área de informática ou das ciências da computação e as reflexões, palestras e atividades foram prioritariamente técnicas, o que levou, pessoas iguais a mim, ignorantes na matéria técnica, a se autoexcluir e procurar outras possibilidades.

O evento de Democracia em Rede foi um espaço majoritariamente acadêmico e institucional, com a participação de algumas lideranças sociais. A finalidade do evento era construir um diálogo entre Movimentos Sociais, universidades, hackers, artistas e alguns representantes do Estado para refletir conjuntamente sobre os ambientes digitais livres. Por questões de tempo, só consegui participar de algumas palestras que me permitiram conhecer alguns projetos e discussões que estavam se desenvolvendo no momento, mas não consegui fazer contatos e nem conhecer organizações e pessoas que trabalhassem com a temática de meu interesse.

O ano de 2016 foi finalizado sem ter identificado as duas organizações sociais brasileiras que buscava e, é por isso que, em 2017, a busca deixou de ser local (Curitiba) e decidi explorar outras cidades. É assim que conheço, em Campinas-SP, a Casa de Cultura Tainã e a Rede Mocambos<sup>20</sup>, onde começo uma intensa tarefa para estabelecer uma comunicação desde o mês de março até agosto, mês em que consigo agendar uma visita para conversar e conhecer mais de perto a proposta e a finalidade da Casa e, do mesmo modo, apresentar meu interesse de pesquisa e em trabalhar e aprender com eles e elas. Depois de dois dias de conversa e de ser aceita para realizar minha pesquisa na Tainã, marquei outra visita no mês de setembro, momento em que ficaria uma semana e iniciaria o processo de aproximação com as pessoas integrantes da Casa. Essa segunda visita serviu para sentir e conhecer um pouco da realidade e da dinâmica da Casa e, a partir disso, pensar e construir a metodologia, uma vez que o trabalho é de pesquisa-participante.

---

20 A Casa de Cultura Tainã é um espaço social e cultural, que tem como missão “possibilitar o acesso à informação, fortalecendo a prática da cidadania e a formação da identidade cultural, visando contribuir para a formação de indivíduos conscientes e atuantes na comunidade.” Tomado de: <http://www.taina.org.br/casa.php> acesso em: 21/10/19 A Rede Mocambos é uma rede solidária de comunidades, no qual o objetivo principal é compartilhar idéias e oferecer apoio recíproco. Os eixos principais que a Rede enxerga são a identidade cultural, o desenvolvimento local, apropriação tecnológica, inclusão social e identidade cultural. A idéia da Rede nasceu em quilombos, em particular um quilombo urbano, a Casa de Cultura Tainã. Tomado de: <http://softwarelivre.org/rede-mocambos> Acesso em: 21/10/19

Após essa visita e no processo de escrita do texto para a qualificação, decidi mudar novamente o rumo da pesquisa. O fato principal que me fez tomar essa decisão foi uma questão de coerência entre as características das comunidades e organizações com as quais iria trabalhar. As duas organizações da Colômbia com as quais já tinha tido contato e estabelecido um vínculo eram organizações pensadas por pessoas que acreditam na importância do conhecimento livre e aberto como estratégia política e social para fortalecer os processos organizativos das comunidades, mas elas em si mesmas não são organizações de base. Como não eram organizações de base comunitária e popular seu estudo não iria me permitir reconhecer nem identificar outros modos de compreensão sobre as tecnologias, sejam ancestrais/contemporâneas. A decisão foi então procurar duas organizações de base comunitária ou étnica na Colômbia que, no seu processo com relação às tecnologias fossem além das tecnologias digitais e, ao mesmo tempo, usassem e reconhecessem as tecnologias digitais e livres nas suas ações políticas e organizativas.

Na ingenuidade do que estava por vir viajei para Colômbia em dezembro de 2017 depois da banca de qualificação, com uma insistência por parte da maioria dos pesquisadores que faziam parte da minha banca em reduzir a quantidade de organizações por questões de tempo e para ser coerente com a base epistemológica escolhida.

Tinha conhecimento do trabalho realizado pelo Consejo Regional Indígena del Cauca (CRIC) e o trabalho dos médicos tradicionais Emberá-Chamí do Resguardo Indígena de San Lorenzo no município de Riosucio – Caldas. Além disso, iniciei diversos contatos com pessoas que me indicaram outras experiências no território nacional e, assim, mapeei as organizações sociais comunitárias na Colômbia.

O processo de busca, desde entrar em contato e estabelecer comunicação foi um processo demorado, inquietante e de muita paciência. Paciência que se transformou em angústia quando compreendi que o tempo estava acabando e que já não teria o tempo de realizar o trabalho de campo que tinha planejado. Minha volta para Brasil estava marcada para o dia 08 de junho e no final de abril havia feito vários contatos, mas não tinha conseguido ser aceita por nenhuma comunidade da Colômbia. Foi um momento de frustração e decepção que tive que encarar com calma, aceitação e com uma nova mudança na minha pesquisa. Depois de ler a resposta do professor Merkle a uma mensagem em que manifestei a situação e o sentimento que me envolvia nesse

momento, decidi que a mudança era necessária. A decisão, então, foi focar na Casa de Cultura Tainã e na Rede Mocambos. Retornei à Curitiba e segui para Campinas, com objetivo de começar o trabalho de campo. Mas essa experiência contarei com mais detalhe no capítulo 3.

As reviravoltas e desvios do planejado de pesquisa, pensadas ou não, conscientes ou proporcionadas pelos entraves com a realidade, me permitiram contato com olhares e percepções de vida que, talvez, não seria possível de outra forma. Cito, por exemplo a importância de identificar a forte influência da matriz africana em diferentes setores sociais da sociedade brasileira, conhecer os ganhos e os erros das políticas culturais dos governos progressistas nos períodos presidenciais de Lula e Dilma, evidenciar o desmonte sistemático das políticas sociais e culturais com a chegada de Temer à presidência, vivenciar o declive do investimento estatal nas áreas da Cultura e da Educação e o apagamento do Ministério da Cultura no atual governo Bolsonaro. Todos esses elementos terminaram sendo importantes para o desenvolvimento desta pesquisa porque a Casa de Cultura Tainã está atravessada por todos eles e sente direta e indiretamente essas ações e foi ela onde me proporcionaram estas outras visões, mais críticas.

O trabalho que aqui se apresenta é o resultado, então, de todos os elementos expostos anteriormente, das incertezas, das mudanças, dos posicionamentos epistemológicos e políticos e das contradições, por isso, não é uma pesquisa que se propõe a obter conclusões e finalizações, mas a abertura para novas reflexões e questionamentos. Nesse sentido, a veracidade e objetividade dela se constitui a partir de outros parâmetros críticos que não fazem a cisão entre sujeito e objeto e, por trabalhar e aprender com pessoas, o objeto instrumental vira sujeito com autonomia e capacidade crítica, não é só um proporcionador de dados. Equivalentemente, a pesquisadora assume na sua ação investigativa um exercício *sentipensante*

El concepto de sentipensante, ese sentipensante que aparece en mis libros, eso no lo inventé yo, eso fue allí en una de las ciénagas cerquita de San Benito Abad, cerca de Jegua, por allí por esos sitios, que alguno se le ocurrió a un pescador que iba conmigo y dijo: "Mire nosotros sí, en realidad, creemos que actuamos con el corazón pero también empleamos la cabeza y cuando combinamos las dos cosas así somos sentipensantes." Un concepto tan sencillo ¿cierto? Se entiende, es muy bonito, tan bonito que me lo robo Eduardo Galeano en sus últimos libros, claro que él es muy honesto y él pone que eso es de la historia doble de la costa pero. Para Eduardo Galeano, el concepto sentipensante es ahora central en su

filosofía literaria.<sup>21</sup> (FALS BORDA, Orlando [Entrevista concedida a: Rafael Bassi Labarrera e David Britt] para el documental "José Barros, Rey de Reyes")

e um *corazonar*<sup>22</sup>. Para o antropólogo equatoriano Patricio Guerrero Arias (2010), no seu livro: "*Corazonar. Una antropología comprometida con la vida: Miradas otras desde Abya-Yala para la decolonización del poder, del saber y del ser*". O *corazonar* é como um modo de ação ético e político para enfrentar os diferentes tipos de colonialismo. Para Guerrero, o *corazonar*, ao igual que o *sentipensar*, reconhece a importância de pensar com o coração.

Sentipensar e *corazonar* consciente que reconhece os aportes das experiências e dos saberes das comunidades Quilombolas e indígenas, assim como as contribuições de pensadores/as da Abya Yala.

Este trabalho é composto de cinco capítulos. O primeiro deles, "Horizonte do projeto", apresenta, em termos gerais, as decisões éticas e epistemológicas que ajudaram na construção de um olhar sensível para a realidade e para análise dos dados proporcionados por ela, assim como o tema da pesquisa, as perguntas fundantes e os objetivos do que se traçou no decorrer da investigação. No segundo capítulo, "Descolonizar as tecnologias: As tecnologias na *Nuestra América*", se expõem os referenciais teóricos e construções de saber comunitário que são epistemes críticas, que problematizam o modo capitalista e colonial da vida e da própria produção de conhecimento para ajudar na compreensão e no reconhecimento de outras formas de fazer e ver as tecnologias e o conhecimento. No terceiro capítulo, "Liberdade, autonomia e ações micro-políticas nos movimentos e organizações sociais da *Nuestra América* com uso de tecnologias ancestrais/contemporâneas", se explora a relação que se estabelece nos usos e concepções sobre as tecnologias digitais, especialmente as TICs, em 15 organizações sociais do Brasil e da Colômbia. No quarto capítulo, "Casa de Cultura Tainã: Ancestrali-

21 Em uma entrevista feita por Rafael Bassi Labarrera e David Britt, Fals Borda fala sobre *sentipensante* e diz: O conceito de *sentipensante*, aquele *sentipensante* que aparece em meus livros, eu não inventei isso. Isso foi lá em um dos pântanos perto de San Benito Abad, perto de Jegua, ali naqueles lugares, que ocorreu a um pescador que estava indo comigo e disse: "Olhe para nós se, de fato, acreditamos que agimos com o coração, mas também usamos a cabeça e, quando combinamos as duas coisas, estamos *sentipensando*". Um conceito tão simples, certo? Entende-se, é muito bonito, tão bonito que Eduardo Galeano roubou de mim em seus últimos livros, é claro que ele é muito honesto e diz que isso é da dupla história da costa, mas, para Eduardo Galeano, o conceito de *sentipensante* agora é central em sua filosofia literária. (FALS BORDA, Orlando [Entrevista concedida a: Rafael Bassi Labarrera e David Britt] para el documental "José Barros, Rey de Reyes")

22 Na cosmovisão andina, especialmente na comunidade indígena equatoriana Kitu Kara o *Corazonar* é "Pensar com o coração liberado, nutrir o pensamento com o impulso da vida colocando vontade" (Tradução minha) "*Corazonar: pensar con el corazón liberado, nutrir el pensamiento con el impulso de la vida poniendo voluntad*" Ver: <http://unaantropologaenlaluna.blogspot.com/2016/07/corazonar-sentipensar-y-sentisaber-un.html>

dade, memória, cultura e tecnologia”, se aprofunda na experiência concreta da Casa de Cultura Tainã, suas particularidades e as concepções de tecnologia que seus membros e membras têm criado. No quinto e último capítulo, “REDE MOCAMBOS: Uma proposta educativa, organizativa, política e técnica. Um olhar para os territórios digitais livres.”, se expõe o papel desta Rede, seus fundamentos técnicos, tecnológicos, culturais, filosóficos e patrimoniais, assim como a importância em reconhecer essa experiência concreta como exemplo que pode nos inspirar para a construção de outras alternativas em rede e para o fortalecimento comunitário.

## CAPÍTULO 2. HORIZONTE DO PROJETO



23

*"Para ellos, nuestras historias son mitos, nuestras doctrinas son leyendas,  
nuestra ciencia es magia, nuestras creencias son supersticiones,  
nuestro arte es artesanía, nuestros juegos, danzas y vestidos son folklore,  
nuestro gobierno es anarquía, nuestra lengua es dialecto,  
nuestro amor es pecado y bajeza, nuestro andar es arrastrarse,  
nuestro tamaño es pequeño, nuestro físico es feo,  
nuestro modo es incomprensible."*

**SUBCOMANDANTE MARCOS**  
Milpa Alta, D.F. 9 de marzo de 2001<sup>24</sup>

23 Gráficos elaborados em parceria e colaboração com Claudia Bordin Rodrigues da Silva. 2019. Todos os direitos reservados

24 Tradução: Para eles, nossas histórias são mitos, nossas doutrinas são lendas, nossa ciência é mágica, nossas crenças são superstições, nossa arte é artesanato, nossos jogos, danças e vestidos são folclore, Nosso governo é

Este capítulo tem como objetivo apresentar as decisões epistemológicas e experienciais que permitiram construir e fortalecer sensibilidades de proximidade, respeito, escuta para me aproximar da realidade concreta e material construída por 15 organizações sociais. Minha intenção foi ver nelas, de forma geral, a ação político-cultural e a reflexão crítica e propositiva que tinham sobre as tecnologias e, assim, aprender e valorizar o legado construído por elas, procurando exemplos que permitam ampliar a discussão sobre o papel das tecnologias nos contextos subalternizados.

Esses saberes e fazeres que as organizações têm construído com as tecnologias podem contribuir com as concepções teóricas construídas na academia. Por isso, a discussão que aqui se apresenta valoriza e conjuga, de forma horizontal, as ideias e as considerações tanto do saber “informal” das comunidades como o saber formal e acadêmico e, desse modo empreender, caminhos que diminuam o afastamento entre a academia e a sociedade.

Os processos de pesquisa na construção científica tradicional têm se dado a partir de métodos de validação objetiva por meio de experimentos controlados e comprovados sobre a base de leis universalizantes e homogeneizantes do que tem resultado conhecimentos e teorias descontextualizadas e desumanizadas. Esse tipo de construção de conhecimento é um modo colonial do saber que termina determinando os sujeitos e as organizações a meros objetos sem identificá-los/las como forças produtoras de saber.

Esta pesquisa está configurada como uma pesquisa qualitativa em que seus contornos se criaram a partir das perspectivas anticoloniais e descolonizadoras, críticas, dialógicas e participativas de autoras e autores Silvia Rivera Cusicanqui e Orlando Fals Borda, assim como o conceito *corazonar* de Patricio Guerrero Árias e a concepção sobre a oralidade de Ecléa Bosí. Por meio de interação e troca permanente e horizontal entre os outros e eu com a firme intenção de construir o que o filósofo e linguista alemão Karl Lenkersdorf<sup>25</sup> (2002) chama de um *nosoutros*<sup>26</sup>.

anarquia, nossa língua é dialeto, nosso amor é pecado e baixeza, nosso andar é se arrastar, nosso tamanho é pequeno, nosso físico é feio, nosso modo é incompreensível.

25 Filósofo, linguista, escritor e teólogo, nasceu em Berlim em 1926. Em 1957 viaja pela primeira vez ao México. Mas, a partir de 1973, ele se estabeleceu permanentemente naquele país até sua morte em 2010. O tema central de seu trabalho foi a filosofia, a linguagem e a cultura dos Tojolaba, Comunidade Maia que mora em Chiapas, México.

26 El 'nosotros' representa un conjunto que integra "en un todo orgánico a un gran número de componentes o miembros. Cada uno habla en nombre del 'nosotros' sin perder su individualidad, pero, a la par, cada uno se ha transformado en una voz nosótrica. Es decir, el 'nosotros' habla por la boca de cada uno de sus miembros" (LENKERSDORF, 2002, p. 29).

Tradução: O "nosoutros" representa um conjunto que integra "um grande número de componentes ou membros em

A seguir, aprofundarei aspectos gerais de como pensei, assumi e senti as dimensões da pesquisa e como encarei a necessidade de deixar, inclusive para mim mesma, evidente que este processo me atravessa, me questiona, me confronta, me constrói e me transforma ao mesmo tempo em que o tensiono, o questiono. É assim que assumo este processo. Por isso, também, que decidi escrever esta tese em primeira pessoa. Reconheço-me na integralidade das ideias, dos equívocos, dos erros, dos fracassos, dos acertos e do inconcluso e, assim, desvelo a minha própria voz como mulher, mestiça, latino-americana, colombiana e estrangeira, carregada de heranças e sensibilidades urbanas e rurais, indígenas e camponesas. Sou mulher com características particulares, mas constituída pelos seres que têm marcado minha vitalidade e existência, cotidianamente.

### 1.1 Compromissos sócio-ético-políticos da pesquisa

*“La dignidad es reconocimiento y respeto, reconocimiento de lo que somos y respeto a eso que somos, pero también reconocimiento de lo que es el otro y respeto a lo que es el otro”*  
**Sub-comandante Marcos<sup>27</sup>**

No mundo atual a responsabilidade e respeito com as outras pessoas e com o mundo se tornou uma ação mecânica, instrumental, contratual e de poder, em que não se consegue ver o outro como um portador de vivências que possa nos trazer transformações e aprendizados. Nesse sentido, tendemos a “valorizar”, a partir das relações de poder, só um grupo de pessoas, “descartando” o grosso da população e desconhecendo sua potência e sentido de vida. Isso tem sido evidente com as populações periféricas e subalternizadas como as comunidades indígenas, quilombolas, camponesas e pobres.

Essa segregação cria hierarquias de importância e de pertinência e, como consequência, apaga, ignora e menospreza os saberes e modos de vida que não estão incluídos na parte superior dessa hierarquia. Essa falta de respeito Sennett (2009) afasta os diversos grupos sociais, amplia as desigualdades, dependências, silenciamentos.

---

um todo orgânico. Cada um fala em nome de 'nosoutros' sem perder sua individualidade, mas, ao mesmo tempo, cada um se transformou em uma voz nosoutrica. Ou seja, o "nosoutros" fala pela boca de cada um de seus membros" (LENKERSDORF, 2002, p. 29).

27 Tradução: Dignidade é reconhecimento e respeito, reconhecimento de quem somos e eu respeito o que somos, mas também reconhecimento do que o outro é e respeito pelo que o outro é. SUB-COMANDANTE MARCOS



Esse modo de agir da nossa sociedade é reproduzido em todas as esferas sociais incluindo a academia, espaço que também constrói hierarquias e padrões ancorados em perspectivas internacionais fortalecendo, assim, o colonialismo externo e interno.

O desafio presente está, então, em fissurar essa perspectiva e trabalhar pela construção de compromissos sociais, éticos e políticos que possam equiparar, valorar e admitir a presença da diversidade do saber, do ser e do estar e, com efeito, potencializar a mudança, assumindo a responsabilidade com as outras pessoas a partir de um respeito que dignifique a existência e reconheça as criações que estão fora das estruturas estabelecidas e naturalizadas como certas.

Os compromissos sociais, éticos e políticos que assumo na presente pesquisa são três: o primeiro é reconhecer que a construção de conhecimento não está isenta dos valores sociais, culturais, geográficos e históricos. De modo que, as construções que aqui surgiram não possuem caráter universalizante nem totalizador, mas respondem a uma produção situada de conhecimento (HARAWAY, 1995), que mostra a realidade concreta de um contexto específico a partir dos saberes e fazeres construídos pelas organizações sociais.

Os conhecimentos situados que propõe Donna Haraway (1995) questionam o modo no qual tem sido construído o conhecimento dominante, patriarcal e colonial, pois excluem estes conhecimentos que estão fora de seus parâmetros. Haraway segue dizendo que tais conhecimentos questionam que seja o modo colonial o único modo de conhecer os critérios que determinam qual conhecimento é melhor e qual não. Tal modelo apaga a diversidade natural da existência humana. Transgredir a ordem dominante e romper os estereótipos é o foco dos conhecimentos situados.<sup>28</sup>

Afirmo, então, que não podemos seguir aceitando uma teoria geral do conhecimento que não tenha presente os contextos sociais, assim como também não podemos permanecer apenas em uma interpretação da realidade social. É indispensável atuar e pensar, pensar e atuar. Nessa correlação do pensar e do fazer em contextos localizados, é possível construir novas alternativas e propostas em prol de sociedades que buscam ser mais justas, equitativas e diversas, sem desconhecer as contradições,

---

28 Os conhecimentos, para Haraway, estão sempre situados, localizados, não são universalizantes nem totalizadores, eles dão conta de uma realidade concreta o que ressignifica o conceito de objetividade. Nesta perspectiva, quem conhece tem uma responsabilidades éticas e políticas que estão envolvidas com aquilo que se conhece.

problemáticas e disputas que possam surgir. Esta pesquisa se propõe a outras formas de conhecer.

O segundo dos compromissos sociais, éticos e políticos da pesquisa é a composição de três modos de compreender. O pensar está atravessado por diversas emoções e vivências, o que permite a construção de outros traços epistemológicos nos modos de se aproximar da realidade: 1) O *sentipensar*, expressão que o sociólogo colombiano Fals Borda apreende com camponeses de Mompox, denota que o conhecimento não se pode separar da vida e para isso é importante estabelecer uma relação entre a razão e o sentimento; 2) O *corazonar* de Guerreiro Arias (2010) como comprometimento com a vida e com os modos de pensar não eurocentrados; 3) E o *amuyt'ana*, da Rivera Cusicanqui (2018), expressão que identifica na ação do pensar a relação entre o coração, os pulmões e o fígado.

Podría decirse entonces que la respiración y el latido constituyen el ritmo de esta forma de pensar. Hablamos del pensar de la caminata, el pensar del ritual, el pensar de la canción y del baile. Y ese pensar tiene que ver con la memoria, o mejor dicho, con las múltiples memorias que habitan las subjetividades (post) coloniales en nuestra zona de los Andes, y que se expresan también en el terreno lingüístico (RIVERA CUSICANQUI, 2010, p. 121).<sup>29</sup>

A conjugação dessas três concepções: *sentipensar*, *corazonar* e *amuyt'ana* permitiram-me afastar da concepção de um iluminismo intelectual e me inclinar/direcionar para uma pesquisa como processo de aprendizagem e de construção social, onde o aprendido e feito não se reduzem a ferramentas e técnicas. Compreender a pesquisa como práxis política e uma filosofia de vida que relaciona o pensar e o fazer e o pensar formal e informal. Isto é, construir práticas de ação com as reflexões construídas e, do mesmo modo, construir reflexões a partir das práticas de ação social e comunitária.

O terceiro compromisso tem a ver com a compreensão de que na pesquisa não há um objeto ou sujeitos passivos que fazem o que lhes é determinado. Pelo contrário, proporciona-se um relacionamento com sujeitos ativos, críticos e propositivos que têm uma história e uns conhecimentos construídos e inscritos em um espaço social, cultural, político e histórico específicos. São sujeitos críticos conscientes de suas realidades, limitações, dependências, potencialidades, contradições e, de acordo com

29 Texto original: Pode-se dizer que a respiração e os batimentos cardíacos constituem o ritmo desse modo de pensar. Falamos sobre pensar sobre a caminhada, sobre ritual, sobre música e dança. E esse pensamento tem a ver com a memória, ou melhor, com as múltiplas memórias que habitam subjetividades (pós) coloniais em nossa área dos Andes, e que também são expressas no campo linguístico (RIVERA CUSICANQUI, 2010, p. 121. Tradução minha).

uma perspectiva freireana<sup>30</sup>, sujeitos que são problematizadores da realidade e do mundo, que o pensam e o transformam.

## 1.2 Desafios epistemológicos

Como já foi mencionado, esta pesquisa foi pensada a partir dos existenciais da pesquisadora em relação com as outras pessoas e nas perspectivas anticoloniais, descolonizadoras e disruptivas de Orlando Fals Borda e Silvia Rivera Cusicanqui.

Dentro de cada povo colonizado, independentemente da localização geográfica, se constroem ações anticoloniais que lhes permitem a retomada e a luta pelo reconhecimento daquilo que lhes pertencem, sejam suas culturas, suas histórias, seus saberes, suas práticas. Os origens das lutas anticoloniais e descolonizadoras na *Abya Yala* envolvem os povos indígenas e as comunidades negras. Mas temos também pensadores revolucionários anticoloniais que testemunharam, com seus escritos, uma força vital de ação e reflexão: José Martí (1853 – 1895) e Frantz Fanon (1925 – 1961). Os pensamentos e ações desses dois personagens da História permanecem como referência.

José Martí, cubano, periodista, poeta, militante político e educador, desde muito jovem lutou pela independência e emancipação dos oprimidos. Lutou contra o domínio espanhol e contra o imperialismo estadunidense que naquela época estava em processo de fortalecimento. Em 1871 foi deportado para a Espanha, onde estudou Filosofia e Direito. Retorna a Cuba em 1878 e ao participar do movimento independentista foi novamente preso e deportado. Chegou em New York em 1880 onde morou até 1895 e se dedicou a escrever a maior parte de sua obra. Martí conseguiu se diferenciar do racismo preponderante da época. Foi um pensador que se expressou favorável à mestiçagem<sup>31</sup>, resgata a importância dos indígenas e condena a colonização e seus horrores. Retamar (2016) evidencia isso quando afirma:

30 A problematização do mundo, a partir da perspectiva freiriana, indica o papel crítico e ativo dos homens e as mulheres com relação ao mundo. Enquanto esses homens e mulheres se aproximam ao mundo de forma crítica, questionam ele, o problematizam e constroem ações de transformação sobre ele para modificar-lho.

31 Compreendendo que as categorias usadas neste trabalho não são universalizantes, é importante deixar claro que a categoria de mestiçagem usada neste trabalho é uma categoria deslizante porque por mais que na presente tese seja compreendida desde uma perspectiva anticolonial andina, a partir da proposta da Silvia Rivera Cusicanqui, não podemos deixar de lado que a mestiçagem no Brasil tem uma conotação diferente e pode gerar algum incomodo por ter sido um projeto que teve como tentativa uma organização da sociedade brasileira após da abolição, gerando processos de exclusão, racismo e segregação. Mas insistimos, a mestiçagem no contexto desta pesquisa é usada como estratégia de emancipação anticolonial que funciona como um exercício de apropriação política, linguística e intelectual.

Antes de tudo, reconhecer a autoctonia, a especificidade desta América que ele chama de mestiça; desta América, onde descendentes de europeus, indianos e africanos foram misturados. O índio tem uma enorme importância para ele, como dono da terra e homem que já foi capaz de criar nela culturas originais e inteiramente próprias, não alimentadas, mas frustradas pelos europeus. (RETAMAR, 2016, p. 51. tradução minha).

Em 1891 publicou *Nuestra América*, seu manifesto político, onde expressa a maior parte de suas ideias. Seu principal projeto era descolonizar as mentes dos latino-americanos e recuperar a cultura e a identidade latino-americana. Por isso, ele valorizava os camponeses e os indígenas. Em 1895, Martí consegue voltar para Cuba e lutar em prol da emancipação, mas, no mesmo ano, morre no campo de batalha. Morreu como desejou morrer e como escreveu em um de seus poemas: “Moriré de cara al sol”

”Yo quiero salir del mundo  
 Por la puerta natural:  
 En un carro de hojas verdes  
 A morir me han de llevar.  
 No me pongan en lo oscuro  
 A morir como un traidor;  
 Yo soy bueno, y como bueno  
 Moriré de cara al Sol!  
 (José Martí)

José Martí transcendeu seu próprio tempo e deixou como legado a persistência de continuar lutando por *Nuestra América*, uma América mestiça, indígena, camponesa e negra.

Por sua vez, Fanon, psiquiatra, filósofo, ensaísta e militante político, nascido na Martinica em 1925, em correspondência com as ideias de Martí, lutava pela libertação dos povos, especificamente os povos colonizados, oprimidos e subalternizados, uma libertação tanto material quanto psicológica. A materialização de sua luta se deu na Argélia, na década de 1950, a partir dos processos de discriminação e segregação racial, onde a estrutura social era determinada pelo grau de negritude, isto era, quanto mais escura fosse a cor da pele, menos possibilidades e oportunidades de avançar na estrutura social as pessoas teriam.

O racismo e a desumanização colonial impõem aos povos colonizados adotar hábitos costumes e de uma outra cultura em detrimento da sua. A imitação, o desejo de ser o outro, a alienação e a homogeneização são meios para colonizar as mentes e

os corpos. Para Fanon é fundamental que os povos se libertem dessa opressão a partir da luta e, por isso, em seu livro *Os condenados da terra*, diz,

Cada geração deve numa relativa opacidade descobrir sua missão, executá-la ou traí-la. Nos países subdesenvolvidos as gerações precedentes ao mesmo tempo resistiram ao trabalho de erosão efetuado pelo colonialismo e prepararam o amadurecimento das lutas atuais. Precisamos perder o hábito, agora que estamos em pleno combate, de minimizar a ação de nossos pais ou de fingir incompreensão diante de seu silêncio ou de sua passividade. Eles se bateram como puderam, com as armas que então possuíam, e se os ecos de sua luta não repercutiram na arena internacional, cumpre ver a razão disso menos na ausência de heroísmo que numa situação internacional fundamentalmente diferente. Foi necessário que mais de um colonizado dissesse "isso não pode continuar", foi necessário que mais de uma tribo se rebelasse, foi necessário mais de um levante sufocado, mais de uma manifestação reprimida para que pudéssemos hoje erguer a cabeça com esta confiança na vitória [...] Nossa missão histórica, para nós que tomamos a decisão de romper as rédeas do colonialismo, é regular todas as revoltas, todos os atos desesperados, todas as tentativas abortadas ou afogadas em sangue (FANON, 1968, p. 171-172).

Embora seja certo que Fanon se dirigia aos povos africanos, ele também reconhecia que na *Abya yala* temos problemas em comum, por isso a proposta dele transcendia as características meramente culturais e essencialistas. Como marxista, reconhecia que era fundamental que todos procurassem essa libertação reconhecendo que estão na mesma condição de oprimidos.

De modo igual a Martí e Fanon, outras pensadoras e pensadores buscaram e buscam estratégias, ações e reflexões que estimulem a descolonização do nosso pensar. E aqui gostaria de destacar a obra de Orlando Fals Borba e Silvia Rivera Cusicanqui. As lutas anticoloniais não se esgotam e as diferentes propostas de fazer frente ao colonialismo são múltiplas. Assim, em harmonia com os princípios do pensamento de Martí e Fanon, trazer mais estes dois autores para a pesquisa nos permitirá construir um referencial teórico-político para uma perspectiva anticolonial/descolonizadora.

Fals Borda (1925 - 2008), sociólogo colombiano, comprometido com as causas sociais e consciente da importância do papel intelectual nos processos de transformação social da realidade, é crítico férreo do que ele vai chamar de "intelectualismo colonial" (FALS BORDA, 1981). Promotor da ideia de uma "ciência própria", na qual as classes populares são as protagonistas e o/a pesquisador/a é só um/a acompanhante. Para a construção de uma ciência própria, propõe um método, a *Investigación Acción Participante* (IAP), que tem como objetivo compreender a realidade para gerar processos de transformação desta mesma realidade a partir da práxis.

Fals Borda afirma que, o esforço da investigaçãoAção está comprometido com uma compreensão da situação histórica e social de trabalhadores, camponeses e indígenas colombianos sujeitados à expansão capitalista, isto é, estes setores mais comprometidos com os explorados e atrasados da nossa sociedade (FALS BORDA, 2015, p. 255. tradução minha)<sup>32</sup>. Tal esforço é uma pesquisa para a ação e a transformação que gera inclusão social e desenvolvimento<sup>33</sup> regional e humano. A perspectiva de Fals Borda de identificar e reconhecer a “riqueza factual da experiência” (2015, p. 282) dos povos é fundamental para construir uma ciência própria que esteja de acordo com as necessidades e problemáticas da própria realidade. O saber deve estar a serviço da sociedade e derivar dela e a partir dela, e tem que estar a favor da transformação da realidade.

Experiência investigativa entendida como ação<sup>34</sup>, vasta e diversa, que se transforma no tempo a partir das realidades e possibilidades que surgem no decorrer da existência. As experiências-ações que as comunidades, organizações ou grupos sociais elegem sobre sua realidade, dão conta dos seus processos de interação com o mundo, assim como dos saberes e dos fazeres que edificam o momento histórico que se encontram e das condições materiais que possuem.

Neste sentido, reconhecer o protagonismo de tais experiências-ações nos contextos de possibilidade onde elas emergem é ampliar a dimensão de compreensão

32 Texto original: El esfuerzo de investigación-acción se dirigió a comprender la situación histórica y social de grupos obreros, campesinos e indígenas colombianos, sujetos al impacto de la expansión capitalista, es decir, al sector más explotado y atrasado de nuestra sociedad (FALS BORDA, 2015, p. 255).

33 É importante esclarecer que Fals Borda faz uma crítica ao uso de termo “desenvolvimento”. Afirma ele, numa entrevista realizada pelo professor Normando Suarez (Universidad Nacional) no 1 Foro Latinoamericano: El compromiso de la Universidad con el Desarrollo Humano y Social, que o desenvolvimento tem mais a ver com os aspectos econômicos e políticos do que com os sociais. O desenvolvimento econômico social tem sido uma estratégia para impor aos países chamados subalternizados um determinado tipo de políticas provenientes da Europa e América do Norte, onde a ideia de desenvolvimento foi elaborada. (...) O desenvolvimento deveria ser então imitando as instituições com todas suas particularidades, sinais e passos históricos, políticos, e econômicos que os países civilizados teriam tomado. <https://www.youtube.com/watch?v=GE21vk0D4hY> (Minuto 00:15:00 até 00:17:50)

34 A concepção de ação de Fals Borda vem da perspectiva marxista.

O ponto de partida dessa discussão não foi a definição aristotélica original de práxis como uma ação ou exercício para alcançar a bondade e a justiça na formação do caráter, mas o que a define como uma ação política para mudar estruturalmente a sociedade. Sua fonte é a descoberta de Hegel de que a atividade como trabalho é a forma original da práxis humana - que o homem é o resultado de seu próprio trabalho -, uma descoberta que Marx mais tarde elaborou como “ação instrumental”, ou seja, como atividade produtiva que regula o intercâmbio material da espécie humana com seu ambiente natural (FALS BORDA, 2015, p. 274. tradução minha).

Texto original: El punto de partida de esta discusión no fue la primigenia definición aristotélica de praxis como acción o ejercicio para alcanzar la bondad y la justicia en la formación del carácter, sino la que la define como acción política para cambiar estructuralmente la sociedad. Su fuente es el descubrimiento que hizo Hegel de que la actividad como trabajo es la forma original de la praxis humana — que el hombre es resultado de su propio trabajo —, descubrimiento que luego elaboró Marx como “acción instrumental”, es decir, como la actividad productiva que regula el intercambio material de la especie humana con su medio ambiente natural (2015, p. 274).

da realidade, porque ali é onde manam outras vozes que interferem nos elementos estabelecidos. Estas vozes e experiencias evidenciam a incompletude dos conhecimentos totalizantes e homogeneizantes e mostram visões outras da realidade através da diversidade. Nas palavras da Cusicanqui (2018), isto é “micropolítica”.

No está a mi alcance pensar lo que es posible hacer a escala macro. Lo único que puedo hacer es llevar a cabo lo que creo, cumplir con lo mío, poner el cuerpo, hacerlo en un entorno de comunidades de afectos, que quizás irradiarán hacia afuera y se conectarán con otras fuerzas e iniciativas, lejos de la competencia y de las estrategias del “éxito” (RIVERA CUSICANQUI, 2018, p. 73).<sup>35</sup>

Assim, no caso concreto desta pesquisa, ao reconhecer o papel das tecnologias a partir das experiências-ações desenvolvidas pela Casa de Cultura Tainã<sup>36</sup> e da Rede Mocambos<sup>37</sup>, espera-se questionar o determinismo (salvador ou destruidor) das tecnologias e, desse modo, distingui-las das perspectivas dominantes.

Por outro lado e, em concordância com Fals Borda (2011), a atitude do/a pesquisador/a não pode ser neutra, mas deve assumir uma postura política que permita gerar as mudanças dos contextos onde atua, assumir-se como parte de uma realidade e se responsabilizar pelos processos de transformação da realidade. Mas esse trabalho não pode ser um ato solitário. É preciso assumir a forma combinada com outros e outras, isso é, a partir de um *nosoutros*.

A necessidade de construir uma ciência própria parte de uma perspectiva anti-colonial que coloca no/a pesquisador/a a responsabilidade política de olhar a realidade concreta da qual faz parte, que lhe permita construir um posicionamento e uma leitura dessa realidade de modo coerente com as particularidades e complexidades desta concretude. Por isso, Fals Borda diz:

Todos estos científicos han tenido o tienen la posibilidad de participar en la lucha por el cambio con fines de observación y de conocimiento de la dinámica intrínseca en tales procesos. Son claras las: ventajas que esto tiene para la ciencia. La ciencia deriva de tales experiencias de acción nuevos conceptos, nuevas teorías y un nuevo entendimiento a fondo de los fenómenos que le competen. Este es, precisamente, el reto científico del momento: el llegar a demostrar que aún comprometiéndose activamente, con el esfuerzo nacional revolucionario también se puede hacer ciencia, y

35 Tradução: Não está ao meu alcance pensar o que é possível fazer em escala macro. A única coisa que posso fazer é realizar o que acredito, cumprir com a minha parte, colocar o corpo, fazê-lo em um ambiente de comunidades afetivas, que talvez irradie para fora e se conectem com outras forças e iniciativas, longe da competição e da concorrência. de estratégias de "sucesso" (RIVERA CUSICANQUI, 2018, p. 73 tradução minha)

36 Casa de Cultura Tainã é um Ponto de Cultura localizado na Vila Castelo Branco na cidade de Campinas – SP. (Será desenvolvido no capítulo 4)

37 Rede Mocambos “é uma rede de comunidades quilombolas, indígenas, urbanas, rurais, associações da sociedade civil, pontos de cultura, oriundos de norte ao sul do país. (Será desenvolvido no capítulo 5)

ciencia respetable en nivel universal. El diseñar nuevos marcos conceptuales basados en nuestras realidades conflictivas, sin apoyo en muletas ideológicas foráneas — el andar solos y sin miedo— , respondería a la necesidad de servirle al país, y al mismo tiempo enriquecería la ciencia social (FALS BORDA, 2011, p. 67)<sup>38</sup>.

Descolonizar as mentes, reconhecer outras sensibilidades no ato de pensar, valorizar as experiências e as sabedorias camponesas, indígenas e negras, buscar condições de vida mais justas, comunitárias e colaborativas e fazer a crítica aos processos de dependência econômica e política que têm gerado o modelo capitalista tem sido o foco das reflexões de Fals Borda (2011).

Silvia Rivera Cusicanqui (1949), ativista, anarquista, socióloga e educadora, propõe ideias e práticas da episteme indígena do mundo *Ch'ixi*. O mundo *Ch'ixi* problematiza a hegemonia capitalista atual, pois esta se estrutura com base na subordinação de povos e de outras culturas, seja por meio de classificação, hierarquização, ou ambas para satisfazer modelos axiológicos e econômicos dominantes/subalternizantes. Sob os mantras da universalidade e do determinismo, seja biológico, científico ou tecnológico, diversas formas de colonialismo subalternizam outras linguagens, saberes, fazeres e querer, outras perspectivas de viver, compreender e existir, negando o passado a ponto de provocar seu apagamento histórico.

O mundo *Ch'ixi* reconhece que todos os povos da *Abya Yala* estão compostos por diversas identidades, mesmo contraditórias entre si. Entretanto, é nessa contradição e diversidade que as comunidades se fortalecem. Ao fazerem consciência e escutarem as múltiplas vozes que as compõem, aceitam o diverso e não assumem a homogeneidade imposta. Nas palavras de Rivera Cusicanqui.

Pero ahí viene el tejido Ch'ixi entre las dos epistemes: ¿cómo asumir cotidianamente la contradicción entre comunidad y persona individual? ¿Cómo asumir el particular-universal, el jiwasa, el nosotrxs como cuarta persona del singular? El problema no es cómo superar esa contradicción sino cómo convivir con ella, cómo habitar en ella (RIVERA CUSICANQUI 2018, p 151).<sup>39</sup>

38 Tradução: Todos esses cientistas tiveram ou têm a possibilidade de participar da luta pela mudança com o objetivo de observar e conhecer a dinâmica intrínseca de tais processos. As vantagens são claras: isso tem para a ciência. A ciência deriva de tais experiências de ação, novos conceitos, novas teorias e uma nova compreensão profunda dos fenômenos que a preocupam. Este é precisamente o desafio científico do momento: demonstrar que, mesmo comprometendo-se ativamente com o esforço nacional revolucionário, você também pode fazer ciência e ciência respeitável em nível universal. Desenhar novas estruturas conceituais com base em nossas realidades conflitantes, sem apoio de muletas ideológicas estrangeiras - andando sozinho e sem medo - responderia à necessidade de servir o país e, ao mesmo tempo, enriqueceria as ciências sociais. (FALS BORDA, 2011, p. 67, tradução minha).

39 Tradução: Mas surge o tecido *ch'ixi* entre as duas epistemes: como assumir diariamente a contradição entre comunidade e indivíduo? Como assumir o particular-universal, o *jiwasa*, os *nosoutros* como uma quarta pessoa do singular? O problema não é como superar essa contradição, mas como conviver com ela, como viver nela (2018,



Admitir a heterogeneidade, essa pluralidade que nos constitui, permite nos libertar da negação do que somos para reencontrar e recuperar essas outras formas de relação com o mundo e com a natureza, livres de essencialismos identitários. Porém, o mundo e a identidade *Ch'ixi* é uma identidade manchada.

A concepção de identidade manchada em Rivera Cusicanqui tem a ver com o reconhecimento de que somos subjetividades mescladas onde coexistem diversos elementos culturais heterogêneos na nossa identidade, isto é, compreender que a mestiçagem nos constitui, porém, não tem essencialismos.

Assim como o Fanon, Rivera Cusicanqui evidência que temos feridas coloniais que nos levam ao apagamento do que somos ou a ter vergonha das nossas heranças. Ser mestiço é uma identidade colonizada que leva, parafraseando a Rivera Cusicanqui (2018), a dois estigmas: o índio está “manchado” de branco e o branco está “manchado” de índio. Mas é nessa mancha, afirma a sochóloga<sup>40</sup>, onde está a força da descolonização.

Por isso, temos que ser mestiços sem ter vergonha disso, aceitar aquilo que nos habita, assumir que dentro de nós temos uma indianidade colonizada por nós mesmos, pela nossa família, pela nossa educação e, quanto mais negamos o que nos constitui, mais nos aproximamos de um estado de inautenticidade e de alienação. Mas essa aceitação é um processo e não uma mediação entre os opostos:

Si, pero no como mediación ni tampoco como conciliación de opuestos. No es síntesis, ni hibridación, mucho menos fusión. Se mantienen esos opuestos y para mí el gesto descolonizador consistiría – para el caso del episteme noratlántico- en rescatarlos de los envoltorios capitalistas, comunistas y alienantes a los que la historia del capital los ha condenado: el liberalismo, el multiculturalismo estatal y del Banco Mundial, el reformismo, etc. Despojarlos y desnudarlos para descubrir en su pureza y en su fuerza una energía de descolonización que permita sacudir las estructuras de lo heredado <sup>41</sup> (RIVERA CUSICANQUI, 2018, p. 148).

A episteme *Ch'ixi* é, então, uma mestiçagem descolonizada. Ao descolonizar a mestiçagem, indica Rivera Cusicanqui, se pode tirar dela o conformismo que a oprime.

---

p. 151 tradução minha).

40 Silvia Rivera Cusicanqui se autodenomina sochóloga, isto é uma socióloga que quer ser chola.

41 Tradução: *Sim, mas não como mediação nem como conciliação de opostos. Não é síntese, nem hibridização, muito menos fusão. Esses opostos permanecem e para mim o gesto descolonizador consistiria - no caso da episteme noratlântica - em resgatá-los dos envelopes capitalistas, comunistas e alienantes aos quais a história do capital os condenou: liberalismo, multiculturalismo de Estado e Banco Mundial, reformismo, etc. Despoja-os e despi-os para descobrir em sua pureza e força uma energia de descolonização que permite sacudir as estruturas dos herdados* (RIVERA CUSICANQUI, 2018, p. 148. tradução minha).

Em correspondência com essa ideia, afirma Antônio Carlos (TC)<sup>42</sup>, liderança da Casa de Cultura Tainã:

“Ser livre custa caro, entendeu? Ser colonizado, escravo de alguém é muito cômodo, você não precisa pensar nada, só tem que concordar com o que está posto. É o lugar do desconforto o que estamos propondo”.

O desconforto, a troca, o incômodo, a quebra, o contra-hegemônico, o diverso e o múltiplo representam um modo de descolonização.

Nesse sentido, a construção de conhecimento que aqui se propõe surge, assim como com Fals Borda (2011), de fontes próprias, que sejam de nossos contextos e realidades e, assim, fazer leituras e ações coerentes e correspondentes com uma realidade que tem suas particularidades, necessidades e contradições. Mas esse conhecimento não se reduz à mera enunciação, ele também é uma ação prática e como tal ajuda na criação de outras práticas. A prática como construtora do conhecimento. A ação como poder de criação. Pensar leva, necessariamente, a um esforço por viver, como nos diz Rivera Cusicanqui (2018).

El pensamiento que no se nutre de vida termina esterilizándose y esterelizando la palabra de la cual es portador. Para tener cierta potencia, la palabra tiene que partir de un gesto de develamiento; salir de sí misma como código encubridor y atreverse a nombrar los aspectos dolorosos de la realidad, lo que no es fácil, porque se trata de una tarea colectiva, no individual, y porque implica develarse ante los demás, botar las máscaras que nos ayudan a parecer modernos (RIVERA CUSICANQUI, 2018, p. 89).<sup>43</sup>

Martí, Fanon, Fals Borda e Rivera Cusicanqui, a partir de suas práticas militantes e pensantes de romper com a matriz colonial do conhecimento não se posicionam a partir de essencialismos nem reducionismos culturais, pelo contrário, reconhecem as produções existentes, mas reconhecem também que essas produções não dão conta das nossas realidades e muitas delas se impõem como verdades unidimensionais, apagando ou recusando outros modos de ser e pensar.

42 Antônio Carlos Santos Silva (TC) Músico e militante do movimento negro é o coordenador da Casa de Cultura Tainã na cidade de Campinas/SP. O TC nasceu em Campinas, em 29 de setembro de 1952. Desde criança gostou da música pela influência do padrinho, que todo domingo tocava o contrabaixo no clube musical da Vila, onde o TC morava. Com uma personalidade forte, TC mostrou-se inconforme com as discriminações raciais que tinha que passar por sua cor de pele e fenótipos; teve vários problemas relacionados nas escolas onde estudou (FELIPE, 2012, p. 104).

43 Tradução: O pensamento que não é nutrido pela vida acaba se esterilizado e esterelizando a palavra de que é portador. Para ter uma certa potência, a palavra tem que começar com um gesto de revelação; sai de si mesmo como um código encobridor e nomear os aspectos dolorosos da realidade, o que não é fácil, porque é uma tarefa coletiva, não individual, e porque implica revelar-se aos outros, jogando fora as máscaras que nos ajudam a aparecer moderno (RIVERA CUSICANQUI, 2018, p. 89 Tradução minha).

É possível perceber que o tipo de pesquisa aqui proposta é entendida como uma viagem, um percurso que tem subidas e descidas no qual se assumem as inconsistências, os não totalitarismos e as aberturas. É um caminho dialógico em perspectiva descolonizadora e anticolonial, comprometido político e eticamente com a população com a qual se aprende e se caminha.

É possível uma pesquisa em perspectiva descolonizadora e anticolonial. Como não reproduzir os padrões coloniais clássicos das Ciências Sociais na concepção de um sujeito e um objeto? Como fazer que a concepção sobre “metodologia” seja compreendida para além das técnicas e processos acadêmicos? Como compreendê-las e sobretudo como vivê-las como processos de construção social democrática e de aprendizagem? Como repensar as condições, interações e trocas que estabelecemos em e com comunidades, que estão fora da academia, para não nos tornar usurpadores de territórios culturais e comunitários? Quais aspectos éticos e políticos devem ter cada pesquisadora e pesquisador? Como ser coerente, responsável e respeitosa/o com o/a outro/a e com *nosoutros*, para aprender sobre os saberes, fazeres, que outros/as constroem em contato com suas realidade? E, finalmente, como esses saberes e fazeres afetam e transformam os meus, os nossos, os deles/las?

Qualquer tipo de pesquisa é um percurso vital que se faz com outras pessoas, nesse sentido, refiro-me a todos os aspectos e pessoas que contribuam para que a pesquisa seja possível ou não. Por isso, é um trajeto de troca com os/as amigos/as, com a família, com o/a orientador/a, com os/as avaliadores/as e, fundamentalmente, desde a pesquisa social, com quem se cria de forma direta, responsável e ética um relacionamento autêntico, uma interação para conhecer um aspecto específico em uma comunidade concreta.

Este trajeto é, também, anticolonial e descolonizador<sup>44</sup> por acreditar na diversidade. É evidente que a realidade mundial está condicionada por uma economia global que concebe processos de homogeneização e padronização intersubjetivos, mas a diversidade e a heterogeneidade são condições naturais do ser humano que não podem ser erradicadas. Como Aníbal Quijano adverte:

44 Devido ao desenvolvimento da história, das genealogias e dos pressupostos das propostas descoloniais, anticoloniais e decoloniais, é relevante apontar que no presente trabalho não acolhemos as perspectivas decoloniais do grupo Modernidade/Colonialidades nem das teorias da Subalternidade e os Estudos Pós-coloniais. Embora possa haver semelhanças entre essas propostas, também é importante dizer que há pontos de discordância. Mas não é o objetivo deste trabalho entrar em detalhes, então eu recomendo, para uma conceituação mais pormenorizada, vide Restrepo e Rojas *Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos* (2018).

Por supuesto que este patrón de poder, ni otro alguno, puede implicar que la heterogeneidad histórico-estructural haya sido erradicada dentro de sus dominios. Lo que su globalidad implica es un piso básico de prácticas sociales comunes para todo el mundo, y una esfera intersubjetiva que existe y actúa como esfera central de orientación valórica del conjunto (QUIJANO, 2000, p. 129)<sup>45</sup>

E nas palavras de Freire (1996) não estamos determinados, o que indica que nenhuma naturalização homogeneizante pode eliminar o múltiplo e o diverso do conhecimento, das formas de fazer e de olhar as realidades.

Estes desafios epistemológicos são anticoloniais e descolonizadores porque rompem com os monopólios do saber e promovem a ação e a prática como elementos fundantes da transformação. “Descolonizar es hacer” (RIVERA CUSICANQUI, 2018, p. 151). É anticolonial e descolonizador porque é com o que se constrói e se vive com as comunidades que se aprendem outros aspectos do sentir e do pensar, a partir de suas tradições, sabedorias e memórias.

### **1.3 O problema, objetivos e metodologia**

As concepções sobre as tecnologias e seu papel nos contextos subalternizados, especificamente na América Latina, têm passado por diversas perspectivas e enfoques<sup>46</sup> que mostram o nível de dependência tecnológica e a imposição e dominação por parte dos países centralizados na produção e circulação, não só das tecnologias, mas também da própria compreensão que as e os subalternos devem ter sobre elas.

O panorama destas concepções localiza a discussão num território com particularidades sociais, políticas e culturais, o que permite também reconhecer algumas propostas discursivas e práticas que têm construído diversos grupos de acadêmicos, cientistas e organizações sociais e comunitárias como respostas contra-hegemônicas.

Mas, neste contexto, ainda falta maior interlocução entre as organizações sociais e comunitárias e a academia para construir e materializar outros discursos e práticas que possam responder às particularidades contextuais subalternizadas. Ainda falta reconhecer e valorizar os saberes construídos pelas diversas organizações sociais comunitárias não só sobre tecnologia, mas também sobre formas de viver e de estabelecer relações com os/as outros/as e com o mundo.

45 Tradução: Certamente, esse padrão de poder, ou qualquer outro, pode implicar que a heterogeneidade histórico-estrutural foi erradicada em seus domínios. O que sua globalidade implica é um piso básico de práticas sociais comuns para o mundo inteiro e uma esfera intersubjetiva que existe e atua como uma esfera central de orientação de valor do todo. (QUIJANO, 2000, p. 129 Tradução minha)

46 No capítulo 3 essas questões serão debatidas com profundidade.

E por isso que me surgem as seguintes perguntas: Como compreender as tecnologias na América Latina a partir de outros matizes que não sejam os padrões estipulados, naturalizados e universalizados como válidos? O que acontece com os saberes acumulados e construídos pelas organizações sociais que pensam e trabalham com e sobre tecnologias? E, finalmente, como construir perspectivas descolonizadoras das tecnologias a partir das compreensões, configurações e materializações que têm feito a Casa de Cultura Tainã e a Rede Mocambos?

A partir da última pergunta, o objetivo principal da pesquisa é construir perspectivas descolonizadoras e *Ch'ixi* das tecnologias a partir das compreensões, configurações e materializações que têm feito a Casa de Cultura Tainã e a Rede Mocambos sobre tecnologias desde seus saberes e fazeres.

Nesse sentido, os objetivos específicos são:

- i) Levantar alguns sentidos dados às tecnologias por 15 organizações sociais da Colômbia e do Brasil;
- ii) identificar, no percurso histórico da Casa de Cultura Tainã e a Rede Mocambos, os aspectos políticos e sociais que permitiram as condições estruturais das suas reflexões e práticas;
- iii) reconhecer, a partir dos princípios e fundamentos da Casa de Cultura Tainã e a Rede Mocambos, os saberes e práticas que têm construído sobre tecnologias.

A operacionalização metodológica se fundamenta, então, a partir de critérios epistemológicos principalmente indicados por Fals Borda e Rivera Cusicanqui e reconhece a oralidade e a experiência direta como fontes primárias de informação. Essa oralidade é fundamentada desde as concepções de oralidade de Ecléa Bosi e Silvia Rivera Cusicanqui.

Para Ecléa Bosi (2003) a memória oral é um instrumento que permite recuperar o que ela chama de crônica do cotidiano, onde é possível identificar aquilo que os documentos oficiais não conseguem mostrar, as vivências e as emoções que estão dentro dos acontecimentos.

A memória oral, longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza. Ela não pode atingir uma teoria da história nem pretender tal fato: ela ilustra o que chamamos hoje a história das mentalidades, a história das sensibilidades (BOSI, 2003, p. 15).

A oralidade consegue mostrar a complexidade e as contradições dos fatos, das situações. Esse tipo de oralidade será chamado por Rivera Cusicanqui (2018) de oralidade dialógica de ida e volta que se diferencia da oralidade estatal, formal e oficial. Não quero, então, nesta pesquisa, padronizar as oralidades. Proponho reconhecer oralidades abertas que mostram os sentimentos, os quereres e as particularidades de quem as enunciam responsivamente.

Aprender por meio do percurso histórico e da configuração da Casa de Cultura Tainã e da Rede Mocambos a memória oral de quem faz o possível e de quem materializa essa ação de resistência é aprender com as dores, os altos e os baixos, as penúrias, os avanços, os desafios e é nessas sutilezas que conseguimos apreender com os outros e rastrear os vestígios que permitem dimensionar os porquês de seus saberes e fazeres.

#### **1. 4 Estranhamentos no campo: Breves notas de campo ou relatos de mentes inquietantes**

Los académicos cuyo trabajo ha estado profundamente relacionado con formaciones sociales específicas, parecen olvidar aquel momento seminal durante el trabajo de campo, cuando una sensación de incertidumbre y ansiedad inherente al encuentro etnográfico engendró un puñado de tímidas pero fértiles reflexiones sobre la naturaleza del trabajo del antropólogo. En la medida en que las contingencias de los encuentros superficiales se transforman en familiaridad con las tribulaciones de la gente en ese universo social específico, el paso del tiempo tristemente parece desencadenar un proceso implacable y desconcertante de desaparición: de los recuerdos cuando el antropólogo, en su inmensa precariedad, se siente aún como extraño y experimenta el mundo como una sorpresa. Rara vez tenemos acceso a este universo de la creatividad humana<sup>47</sup>

**Alejandro Castillejo Cuellar 2000**

Os impasses atuais da construção do conhecimento e o desenvolvimento das pesquisas perpassam por diferentes matizes e dimensões. Num primeiro momento temos a imposição de um método único de fazer ciência e construir conhecimento que, estabelecido desde tempos atrás, ainda persiste e se coloca como o método mais pertinente para compreender e conhecer a realidade estabelecendo, assim, divisões e hie-

---

47 Os acadêmicos cujo trabalho esteve profundamente relacionado a formações sociais específicas parecem esquecer esse momento seminal durante o trabalho de campo, quando um sentimento de incerteza e ansiedade inerente ao encontro etnográfico gerou um punhado de reflexões tímidas, mas férteis, sobre a natureza do trabalho do antropólogo. Na medida em que as contingências dos encontros superficiais se familiarizam com as tribulações das pessoas naquele universo social específico, infelizmente a passagem do tempo parece desencadear um processo implacável e desconcertante de desaparecimento: de memórias quando o antropólogo, em sua imensa precariedade, ele ainda se sente estranho e experimenta o mundo como uma surpresa. Raramente temos acesso a esse universo de criatividade humana. Alejandro Castillejo Cuellar 2000.

rarquizações entre as diversas formas de conhecer e colocando alguns saberes como mais pertinentes que outros.

Os efeitos resultantes da mercantilização do conhecimento e de qualquer coisa da esfera da vida levam a estabelecer a construção do conhecimento como mero processo produtivista que tem que dar resultados a partir de alguns padrões de qualidade estipulados internacionalmente. Aparecem, então, expressões como empreendimento, inovação, eficácia, qualidade, excelência, capital humano, entre outras, para determinar e definir os “bons modos” e os “bons resultados” de fazer ciência ou não do que se produz na academia e na vida.

Outra dimensão fortemente presente no momento atual é o anti-intelectualismo. A perspectiva anterior, a mercantilista, também pode ser vista como anti-intelectualista, mas me refiro especificamente a fatos e personagens do momento presente, onde, figuras do poder público, como Donald Trump e Jair Bolsonaro<sup>48</sup>, desvalorizam um saber e desconhecem a importância da crítica como ferramenta fundamental para aprender e conhecer coisas novas.

Cada uma destas perspectivas coexistentes na atualidade, em diferentes espaços, incluindo a academia, padronizam e demarcam os saberes e conhecimentos construídos em uma única estrutura, debilitando e apagando a diversidade. E mercantilizando e quantificando o saber através de processos de padronização internacionais.

Neste sentido, este trabalho pretende ser uma contraposição a estas imposições universalistas do conhecimento porque pensar, sentir e escrever um processo de pesquisa, processo este atravessado pelos lugares mais íntimos inclusive, é reconhecer que não se trata de uma receita mágica e nem sempre vai dar certo, especialmente quando se trabalha com pessoas. Pessoas diferentes, com interesses e necessidades, em suas particularidades que devem ser conhecidas pelas pesquisadoras e pesquisadores para que não se caia em ingenuidades.

A construção deste apartado foi assumindo coragem a partir das experiências vitais compartilhadas com colegas e amigos do doutorado, com quem consegui trocar diversas angústias e questões para repensar os modos de como dizer e escrever. Ainda, a partir de leituras como as de Silvia Rivera e sua proposta *Chi'xi*, do Corazonar de Patricio Guerrero Árias, a concepção do sentipensar de Orlando Fals Borda e a expres-

---

48 Donald Trump presidente atual dos Estados Unidos e Jair Bolsonaro presidente da República de Brasil. Ambos representam um pensamento ultraconservador, por esse motivo são citados juntos.

são coletiva do *nosoutros* de Karl Lenkersdorf, também posso repensar os meus modos de escrita e produção do conhecimento e desta tese.

Obviamente só estou apresentando uma parcela do vivido e aprendido. Uma parcela que certamente precisa de aprofundamento e reflexão, mas é uma porta para continuar a reflexão em tempos por vir.

Neste capítulo quero dedicar umas quantas palavras ao trabalho de campo. Momento e lugar fundante de reflexões, decisões políticas, sociais, acadêmicas e pessoais, mudanças, críticas e mil coisas mais. O que é o trabalho de campo? Como concebemos a nossa aproximação com ele? Como ele nos interpela? Como refletimos sobre ele dentro e fora da academia? Quais são as contradições entre essa realidade social e as diretrizes acadêmicas? Como dialogam? Dialogam mesmo?

Refletir sobre o trabalho de campo é pensar nos desafios que vão surgindo no decorrer da experiência. Nos espaços acadêmicos são poucas as discussões que construímos sobre este momento da pesquisa. Cada pesquisa que necessite um trabalho de campo com pessoas terá particularidades e essas particularidades e diversas experiências podem permitir elucubrações sobre os dilemas éticos e políticos na relação com outros/as, com o contexto e os interesses das pesquisas, das comunidades e das/os pesquisadoras/es.

Na necessidade de escutar a voz e a experiência das/os outras/os, seja para me dar ânimo, conforto ou simplesmente para aprender das experiências das/os outras/os a partir do sentir, pensar e fazer delas/es, decidi pedir para cinco colegas/amigos do doutorado, Leander Oliveira, Claudia Bordin, Humberto da Cunha Alves de Souza, Michel Alves e Dolores<sup>49</sup>, uma pequena reflexão sobre suas experiências de campo e de pesquisa, das quais já havíamos compartilhado entre nós em diversos momentos.

No desenvolvimento de uma pesquisa são consideradas mais importantes a fundamentação teórica e a citação adequada e coerente de autoras e autores. Isto, claro, é relevante, mas se esquece em muitos casos a igual importância da construção metodológica de uma pesquisa. Esta construção vai além do planejamento de meras atividades e da discussão sobre os usos de instrumentos para a coleta de dados. Ela nos permite construir algumas lentes éticas, políticas e epistemológicas para olhar e

---

49 Dolores é o nome fictício, pois a pessoa pediu para não ser identificada.



nos aproximar da realidade como sujeitos atravessados por um contexto e uma história individual e social.

Escrever sobre a experiência de campo é falar também da metodologia, dos estranhamentos surgidos na relação com os outros/as, das relações de poder, dos interesses das comunidades, dos/as orientadores/as, das instituições e das pessoas.

Não adianta ser só consciente da realidade, é necessário compreender e captar os diversos interesses, objetivos e finalidades que estão implícitos e explícitos na interação com os/as outros/as para dimensionar limites e possibilidades e, assim, não cair em idealizações, nem com as comunidades nem com os espaços acadêmicos porque elas também têm erros, contradições e interesses.

No meio social, histórico e político cada um de nós constrói um modo de agir, de interagir, de se desenvolver. Que tipo de leitura fazemos dos/as outros/as? Como nos aproximamos? Como negociamos nossos trabalhos com as comunidades?

Com base nas histórias compartilhadas por meus colegas/amigos identifiquei três temáticas que coloco aqui como sugestão para seguir pensando e discutindo sobre o que poderia significar o trabalho de campo, e sua incidência na construção das pesquisas. i) O que poderia significar o trabalho de campo ii) O que aprendemos no trabalho de campo?, e iii) Qual é a responsabilidade ética da academia?

O que poderia significar o trabalho de campo? Como entendemos e pensamos o trabalho de campo? Para Humberto da Cunha Alves de Souza,

Eu diria que o campo não é **um** lugar – por extensão o trabalho de campo não é a técnica de pesquisa que extrai deste lugar as verdades que nele se escondem. Mas eu diria ainda que uma definição sobre o campo ou o trabalho de campo deve ser sempre provisória. Assim, neste momento, compreendo o trabalho de campo muito mais com as relações que eu estabeleço entre os problemas de pesquisa, os acontecimentos do mundo e os enquadramentos sempre provisórios do objeto. Essa relação é um acontecimento em si mesmo, cujo significado está sempre adiado. O trabalho de campo é uma questão de *Différance*<sup>50</sup>.

Pensar o trabalho de campo com essa abertura é reconhecer que não existe só uma única maneira de compreender as complexidades da realidade humana, social, política e econômica. Cada pesquisa traz dilemas e desafios particulares. É por isso que reconhecer e compreender como cada pesquisador/a se aproximar da realidade nos permite refletir sobre diferentes modos de resolver ou não as dificuldades que se

---

50 DERRIDA, Jacques. *Différance*. In: \_\_\_\_\_. *Margins of philosophy*. Tradução: Alan Bass. Nova York: The Harvester Press, 1982, p. 1-27.

apresentam. Como cada pesquisador/a compreende a realidade, como estabelece relação com o campo e com as pessoas, como e porque tomam algumas decisões.

Em 2017, li um livro do paleontólogo e biólogo evolucionista estadunidense Stephen Jay Gould, *O polegar do panda* (1980). Me encontrar com este livro, recomendado por um amigo biólogo, foi muito interessante porque o autor, ao apresentar, nos diversos ensaios do livro questões relacionadas a biologia e evolucionismo, me instigou a pensar em como os erros, os enganos, as mentiras, as problemáticas íntimas sempre estão envolvidas em cada processo de pesquisa. Essas questões da dimensão humana que fazem parte do desenvolvimento da pesquisa também falam, mostram como cada pesquisador/a encara e resolve problemáticas e desafios. Mas na maioria das vezes só se apresenta o resultado.

Se entendermos o trabalho de campo como estas maneiras provisórias de estabelecer relações com a pesquisa, as vicissitudes, os encontros e as pessoas, o que significa o trabalho de campo para quem pesquisa? O que aprendemos no trabalho de campo? Que deixa em nós essa experiência? Para Leander de Oliveira, por exemplo,

O trabalho de campo me traz muito enriquecimento, inclusive me lembrando sobre a necessidade de refletir sobre a distância que separa a universidade dos reais interesses de nossa sociedade e quais são as relações de poder que estão construindo o *status quo* do mundo acadêmico e da computação, minha área de pesquisa. Por estas razões, que mesmo intimidado e constantemente mexido pelo trabalho de campo, esta me parece ser uma das principais formas de tensionar as teorias com as quais trabalho e me recordar que a pretensão da estabilidade teórica e metodológica jamais conseguirão dar conta da realidade de uma maneira absoluta.

Para Claudia Bordin,

Em minha vivência, a pesquisa de campo trouxe à tona, ao mesmo tempo, as alegrias e angústias da tese, escancarando as contradições que emergiram no texto e na minha compreensão ainda inicial da teoria. Ao olhar para aquele momento, lembro de uma mistura de sentimentos, da vivência de aprendizados, da abertura fraterna daqueles que acolheram minhas angústias e da curiosidade apressada por tentar entender o que tinha vivido. De tudo que essa vivência pode significar, sinto nela a travessia de uma formação docente atenta, ainda a ser produzida pelo cotidiano, entretanto despertada pelos temas e discussões da pesquisa.

Para Humberto da Cunha Alves de Souza,

O trabalho de campo nos interpela a cada dia de maneiras diferentes, de modos outros, “totalmente outros”<sup>51</sup>, isto é, são alteridades absolutas que improváveis arranjos trazem até nós de um modo tal que é sempre

51 DERRIDA, Jacques. *Psyche: inventions of the other* – V. 1. California: Stanford University Press, 2007.

impossível compreendê-lo de imediato. “Caem os métodos e as morais”<sup>52</sup> e este acontecimento nos é dado como herança, ou seja, ele é maior que nós, vem antes de nós, “nos designa tarefas contraditórias”<sup>53</sup> e nos obriga a escolher. É, portanto, uma questão sobre como ver o objeto em campo, consciente de que travamos com ele uma “‘conversa’ carregada de poder”<sup>54</sup>. Justamente por isso, toda pesquisa é política.

Tomada de decisões, reconhecimento de aprendizados, transformações inacabadas, contradições epistêmicas e éticas, interpelações e tensões teóricas, modos de ver, podem ser lidos nos relatos proporcionados. Em termos gerais, minha vivência no campo é equiparável. Acho que pode ser assim para cada pesquisador/a. Mas os detalhes das vivências são diferentes enquanto temos histórias e experiências de vida e de formação acadêmica diferentes.

No meu caso concreto, o trabalho de campo me permitiu reiterar a importância de negociar, conversar e discutir meus interesses com as comunidades, de me expor e saber que na interação com as comunidades, com as pessoas, estamos estabelecendo vínculos de diferentes tipo e com diferentes intensidades que podem gerar tensões e desconfortos.

O risco da idealização esteve sempre presente no meu trabalho. Por isso, de forma permanente me perguntava sobre a finalidade dos vínculos criados, sobre a imersão na realidade cotidiana das comunidades, sobre o papel que tinha ou deveria assumir depois da pesquisa. O que deixamos e que levamos de cada comunidade?

No trabalho de pesquisa do mestrado trabalhei sobre a memória em uma comunidade negra em *situación de desplazamiento*<sup>55</sup>. O aprendizado desse momento foi com relação ao meu tempo administrativo da pesquisa e o tempo de um grupo de pessoas vítimas do conflito armado colombiano. Compreender a diferença entre estes dois tempos me levou a assumir uma responsabilidade com a comunidade e interromper os tempos burocráticos da academia, assumindo as consequências que aquilo me trairia.

Nesta pesquisa o problema do tempo também se fez presente por um erro meu. Fiz uma mudança necessária e importante para a pesquisa. Decidi não trabalhar

52 DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992, p. 128.

53 DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã: diálogo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 14.

54 HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Tradução: Maria Corrêa. *Cadernos Pagu*, n. 5, 1995, p. 28.

55 A expressão *situación de desplazamiento* surge na Colômbia como categoria que identifica a população que, no marco do conflito interno colombiano, teve que fazer um deslocamento, por causas de ameaças dos grupos armados, para outro território.

com as organizações sociais colombianas com as quais já tinha estabelecido contato por perceber que trabalhar com elas traziam algumas contradições e inconsistências no trabalho. Decido, então, empreender uma nova busca de organizações num tempo limitado.

Na ingenuidade de achar que por estar no meu país isso iria me proporcionar maior possibilidade de estabelecer laços e contatos com algumas organizações indígenas e, por ter tido já experiências com algumas destas comunidades, viajei para a Colômbia no dia 18 de dezembro de 2017. No cronograma que eu tinha elaborado, que acabava em 10 de junho de 2018, eu estava ciente de duas coisas: que o tempo era pouco e que o tempo com as comunidades não era o mesmo tempo da academia. Obviamente, neste aspecto eu estava consciente desta diferença de tempos com as comunidades, mas com muita esperança optei por continuar com o planejado.

No início de janeiro, logo após as festividades de final de ano, iniciei uma árdua busca por organizações dentro do escopo que eu estava interessada em pesquisar, lugares, contatos e pessoas. A riqueza deste momento da pesquisa foi compreender a força, pertinência e relevância das redes pessoais que me colocavam em contato com novos lugares e pessoas. Isto me permitiu conhecer além das organizações e pessoas, experiências incríveis tanto pessoalmente quanto por conversas de WhatsApp. Entretanto, as relações não passavam deste momento de contato inicial. No momento de estabelecer uma parceria mais sólida para concretizar o trabalho de campo, estes contatos não mais respondiam minhas mensagens ou protelavam a cada nova conversação.

Enquanto o tempo ia passando e eu não conseguia estabelecer uma concretude com nenhuma organização, minha angústia ia aumentando. Finais de abril, com um sentimento de decepção e frustração decidi aceitar a realidade e compreender que o tempo tinha acabado e que era necessário dar um novo rumo à pesquisa. O papel do meu orientador neste momento foi vital. Ele me ajudou a pensar novas alternativas e a apaziguar este sentimento de frustração.

Outro fator que me interpelou (e continua interpelando constantemente no trabalho de campo) foi a relação com os/as outros/as. Quais sutilezas e responsabilidades assumimos com nós e com as organizações? Como estabelecemos a relação comu-

nicativa? Quais são os a priori nessas interações? Como olhamos os/as outros/as e como a partir desse olhar criamos interações?

Quando escrevo de forma reiterada da importância de compreender que os/as outras/os têm interesses, reconheço sua particularidade, sua individualidade e sua capacidade de aceitar ou não meu convite na pesquisa. Acho que as negativas não ditas, os silêncios materializados em perguntas sem resposta ou nas evasivas para dar uma resposta também são modos de dizer que não se tem interesse.

Um dos contatos que tive foi com uma comunidade indígena onde tinha sido professora. Não indicarei o nome nem o lugar, só contarei o acontecido para suscitar inquietações. Como ainda estava e estou em contato com alguns estudantes, conversei com eles sobre meu interesse e eles se disponibilizaram para me ajudar com um lugar onde pudesse ficar e fazer ponte com a representante do indígena da comunidade no território.

O processo de conversação com essa comunidade, especialmente com as autoridades maiores, durou um mês e o resultado foi uma negativa. Mas o que mais me chamou a atenção foram duas coisas: i) No primeiro encontro com a representante indígena ela me interpelou por não ter levado a proposta escrita, coisas pouco comuns nas comunidades porque de forma inicial você estabelece um diálogo. Eu tinha uma proposta escrita, mas na experiência que eu havia tido com outras comunidades, até aquele momento, criar o primeiro contato e conversar sobre os interesses de cada parte sempre foi mais importante que chegar com uma proposta fechada e pronta; ii) Uma resolução demarcava os itens que deveriam estar contidos na proposta, os deveres que eu deveria assumir caso a proposta fosse aceita e as consequências que eu teria que assumir se decidisse fazer a pesquisa sem consentimento das autoridades maiores. A Resolução N.º 001 de Janeiro de 2018, coisa burocrática nova para mim dentro de um território indígena, me surpreendeu e me agradou. A resolução era uma delimitação para quem pretendia fazer pesquisa dentro ou com a comunidade, fosse ele/a próprio da comunidade ou pessoa externa.

Importante ressaltar que o surgimento dessa resolução é uma forma de resposta aos modos nos quais a academia e outras entidades de pesquisa entram nas comunidades e fazem seus trabalhos sem uma responsabilidade ética com estas comunidades. É uma resposta ao uso das comunidades como mero objeto de pesquisa e não

como um outro sujeito que também constrói saber. As comunidades querem construir seus próprios processos e os modos coloniais que a academia tem utilizado não respondem aos interesses próprios destas comunidades e nem são compatíveis com suas cosmovisões, práticas, narrativas, espiritualidades e sensibilidades. É por isso que estas comunidades estão gerando modos situados de olhar, respeitar e compreender a realidade do seu território.

Pensar na responsabilidade da academia me leva à última temática identificada nas reflexões de meus colegas/amigos. A responsabilidade ética da academia. A universidade como estrutura de poder sobre o saber tem uma responsabilidade ética de construir trocas, melhoras e reflexões sobre, para e com a sociedade. Mas a construção desta estrutura tem se dado, na maioria dos casos, como uma perspectiva única de construir conhecimento de forma colonial, valorizando um tipo de saber e negando outros. Nesse sentido Dolores diz:

Com tudo o que ocorre na nossa sociedade atualmente, talvez a melhor ação que poderíamos tomar como acadêmicos e como pessoas é pelo menos admitir que estamos presos nessa contradição, pois assumir que agimos de maneira brutal com os outros, pode ser o primeiro passo para que sejamos mais humanos e mais acolhedores com as diferenças. As contradições, as mudanças, os imprevistos e as indignações também estão presentes no ambiente acadêmico, que é inerentemente construído por pessoas. É nesse ponto que as contradições de programas, cursos ou pessoas na academia se tornam mais evidentes e, por que não, mais dolorosas. Em tempos em que parte da sociedade, e das pessoas na academia, clamam por respeito às diferenças, pela consideração das ações e dos pensamentos das pessoas como mais humanas, solidárias e afetivas, é assustador perceber que mesmo essas pessoas replicam o discurso violento do produtivismo, que nada tem haver com a troca de conhecimento ou decisão profissional; do aperfeiçoamento técnico e acadêmico para atender ao currículo e não às necessidades ou decisões profissionais das pessoas. Essa contradição torna-se ainda mais traumática quando nossas ações desconsideram os desejos, autonomia e experiências do outro; ela é mais esdrúxula quando queremos impor nossas vontades sobre as pesquisas e ações técnicas e sociais do outro; ela é mais obtusa quando insistimos em negar, ou ignorar, que a formação das pessoas na academia não pode ser apenas técnica, mas também é, e deve ser, afetiva e humana. Falta compreender que nossas pesquisas e anseios profissionais não são os mesmos do outro; falta respeito com as diferenças, com as opiniões e ações diferentes; falta assimilar que desenvolvemos mais do que capacidades técnicas, mas redes e relações afetivas que vão influenciar na maneira como atuamos profissionalmente, seja como docentes, na indústria ou na vida particular.

Em concordância com Dolores, considero que temos uma tarefa permanente, uma responsabilidade ética e epistêmica de fissurar os monopólios do saber, sair do

dogmatismo e procurar uma ciência própria com a sociedade que responda a diversidades de contextos e, assim, começar a romper os estranhamentos entre o campo de produção de conhecimento da academia e as comunidades.

Com Dolores falo sobre uma responsabilidade ética da academia para com a sociedade, mas é salutar dizer que essa responsabilidade ética se encontra ainda nas relações dentro da própria academia, isto é, entre aquelas e aqueles que produzem ciência. Aqui, quero me atentar mais especificamente nas relações entre as professoras e professores que nos orientam, cuja participação atua ativamente em nosso processo formativo como pesquisadoras e pesquisadores no mestrado e doutorado, nesse nível *stricto sensu*. Como as orientadoras/es geram este processo? Quais exigências teóricas, epistemológicas, metodológicas, éticas, políticas são construídas nestas relações? Qual a responsabilidade ética de ambas e ambos neste processo de formação?

Estas perguntas não vão ter respostas únicas nem universais, mas colocá-las como inquietações é fundamental para pensar nas responsabilidades que as instituições educativas têm de assumir nos processos formativos de pesquisadores e pesquisadoras. Que tipo de pesquisadores e pesquisadoras estão formando? Quais são as responsabilidades éticas, metodológicas e epistemológicas assumidas? No *stricto sensu* se educa para repetir e reproduzir os desejos da/o orientador/a ou se constroem processos de autonomia? Se educa para ser produtivo ao mercado ou se educa para estabelecer uma relação humanizada com a sociedade, para pensar com ela propostas de transformação? Para quem e com quem produzimos conhecimento? Qual é a finalidade da academia no mundo atravessado pela produtividade?

As relações institucionais estabelecidas nos processos formativos, neste caso, do doutorado, passam, necessariamente, pelas relações pessoais e, como toda relação com outras pessoas, estas podem ser tensas, tranquilas, conflituosas, de poder, de imposição, de parceria, de reconhecimento mútuo ou tudo isso junto.

Gostaria de colocar duas experiências concretas com relação a estas inquietações porque considero que pouco se fala sobre isto e porque fez parte da vivência de um colega e amigo, o Michel, em meu processo de trabalho de campo. Preservando alguns nomes das pessoas envolvidas nos relatos abaixo, irei descrever alguns acontecimentos para que possamos pensar nestas relações estabelecidas dentro da academia.

No caso do Michel, ele nos conta como foi sua experiência enquanto fez o "sanduíche" do doutorado na Colômbia:

Particularmente as concepções que eu tinha sobre as atividades realizadas em campo, ou os diálogos em campo como ultimamente tenho pensado sobre, foram todas postas à prova no momento em que estive em contato com outra cultura. A Colômbia me causou um misto de aproximações e estranhamentos, naturais em quaisquer vivências fora do seu país de origem. No entanto, posso afirmar que, uma das coisas mais difíceis do estágio sanduíche, foram as concepções de como se desenvolver o trabalho. Ademais das barreiras culturais, territoriais e linguísticas, a condução inicial dada pela supervisão de estágio, com relação às atividades, estava toda pautada em controle: desde os tempos da pesquisa até os passos a serem tomados, de modo que se fiscalizasse a minha conduta. Me lembro claramente da primeira reunião, uma vez que havia chegado em Bogotá não fazia nem vinte dias: o celular posto sobre a mesa, cronometrando o tempo precioso, pois 'sou uma pessoa bastante ocupada' e dizendo o que eu deveria fazer a despeito de estabelecermos algo juntos e simplesmente conversarmos sobre a pesquisa, uma vez que pouco tive espaço para falar nos 45 minutos da reunião. Eu só deveria anotar o que me era dito.

Para completar, o cronograma deveria ser mais detalhado, para que eu pudesse ser controlado. Saí de lá com a sensação de que muito embora discutamos teoricamente em nossos espaços acadêmicos sobre o respeito aos territórios, objetos e pessoas às quais temos contato durante uma investigação científica, nas práticas o peso hierárquico, a arrogância do saber e o determinismo em se observar o território, os objetos e as pessoas em uma pesquisa, podem prevalecer em todo o processo, traduzindo em uma violência epistêmica, diria eu. Foram precisos alguns embates para que eu pudesse ser visto como uma pessoa com ideias próprias. Foram precisos afastamentos da minha parte para que a pesquisa pudesse seguir a partir da dinâmica dos próprios espaços<sup>56</sup> e sujeitos que ali convivem, incluindo eu pesquisador. Também acredito que deva ter sido um pouco difícil para a supervisão todo este processo de diálogo, uma vez que eu era o primeiro estudante recebido pela pessoa em questão em um convênio dessa natureza. Sei que ao final de tudo isto, embora o respeito e reconhecimento à supervisão em questão deva ser enaltecido, pois suas credenciais como acadêmica são reconhecidas por seus pares (ademais da sua agilidade nos trâmites burocráticos/institucionais ocorridos durante o processo), foram algumas de suas condutas práticas que me ensinaram o que não devo fazer, enquanto um pesquisador em eterna formação.

A vivência do Michel permitiu que ele aprendesse que a disciplina e rigorosidade acadêmica não precisam ser fundamentadas sobre esquemas rígidos de controle e que na interação do processo de aprendizado é importante a escuta, o diálogo e o reconhecimento dos interesses mútuos.

Antes do estágio sanduíche dele, que foi entre outubro de 2018 até setembro de 2019, eu tive uma aproximação com a mesma pessoa que fez a supervisão dele

---

56 Conforme SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1996.



para adiantar uma tentativa de acompanhamento e, possivelmente, uma co-orientação no trabalho de campo na Colômbia. As minhas expectativas de trabalhar e aprender com esta pessoa foram se reduzindo quando comecei a entender que os horários, sugestões e acompanhamento que ela poderia me oferecer priorizavam as suas próprias expectativas em detrimento das minhas e, com isso, me causava mais problemas operacionais para o campo do que soluções.

O primeiro fato aconteceu no primeiro encontro. Por estar começando o ano 2018, início de fevereiro exatamente, os processos administrativos para legalizar a participação desta pessoa como co-orientadora ainda não estavam feitos, fator que se colocou como um impedimento tanto para realizar encontros formais quanto para a leitura do texto que eu já havia apresentado na banca de qualificação, em dezembro de 2017.

Então decidimos fazer um encontro informal em que contei um pouco sobre o que tinha acontecido na banca de qualificação e as diversas sugestões, recomendações e inquietações que tinha recebido das pessoas que participaram da banca. Com base nisso, a pessoa realizou várias sugestões e indicações de textos e problemáticas que eu deveria abordar. Escutei de forma atenta e tomei nota. Após uma hora de encontro, com controle de tempo assim como ocorreu com o Michel, combinamos que eu agilizaria o processo administrativo e em seguida, agendaríamos um encontro formal. Me causou um certo incômodo algumas das indicações e sugestões por duas razões, a primeira, porque foram feitas sobre o que eu tinha contado e não a partir do documento escrito e, a segunda, porque eu não encontrava relação ou pertinência de algumas das recomendações com minha pesquisa.

Depois deste dia não tivemos mais encontros presenciais porque eu estava viajando por diferentes partes do país, fazendo contatos e conhecendo algumas experiências e porque, economicamente, não compensaria uma viagem de aproximadamente oito horas para Bogotá para receber uma hora exata de orientação. Além disso, nas quatro interações que tivemos via e-mail consegui identificar que os tempos desta pessoa eram poucos e que não tinha muito interesse em aprofundar nos interesses da minha pesquisa. Identifiquei e percebi isso porque algumas das respostas e indicações feitas na troca de mensagens eram feitas: i) a partir das generalidades que eu contava sobre a pesquisa; e ii) sem uma leitura prévia do texto da qualificação.

Compreendi que a comunicação não estava dando certo e não tinha uma interlocução. Depois da qualificação eu sabia que tinha que fazer mudanças e estava aberta para aprender e abrir novas possibilidades, mas também sabia que essas mudanças tinham que ter um sentido para mim e não simplesmente cumprir uma obrigação administrativa e formal. Foi por este motivo que decidi não escrever mais para essa pessoa e continuar meu caminho com a orientação somente do professor Merkle.

Como eu não estabeleci mais contato, em maio a pessoa se colocou em contato comigo perguntando o que tinha acontecido comigo e se tinha conseguido fazer o trabalho de campo. Sem muitas explicações eu contei sobre os diversos desafios apresentados com as organizações e que eu não tinha feito mais contato porque tinha percebido que estávamos em tempos diferentes para gerar uma construção acadêmica e agradei pela sua disponibilidade.

A relação entre docentes e discentes em formação no *stricto sensu* deve romper os esquemas autoritários, impositivos e bancários. Se acreditamos na autonomia do outro, a relação estudante-professor/a tem que ser construída sobre o diálogo, a crítica, a rigorosidade e as dúvidas, Freire já tem nos ensinado isso. É importante então colocar em prática o legado dele em todas as interações que estabelecemos com as pessoas.

Essa relação entre docentes e discentes, além de ser ética e pessoal está mediada pela formalidade administrativa das instituições acadêmicas. Instituições que estão atravessadas por exigências e padrões nacionais e internacionais para ser reconhecidas como de “alta qualidade, “eficientes” e, sobretudo, “produtivas”. É, por isso, que nem sempre é intencional essa atitude bancária, autoritária e desumana por parte de algumas e alguns docentes, elas e eles são empurrados para essa condição, de forma compulsória para fazer parte de programas de pós-graduação. A condição humana é invisibilizada pela produtividade.

Para as/os docentes exercerem essa responsabilidade ética e humanizada com seus discentes, precisam romper com essa estrutura imposta e isso tem um preço para elas e eles. Mas, também é confortável reproduzir essa estrutura, sua burocracia e prazos e cobrar dos estudantes. É aí que a hierarquia se mantém. Reproduzir esse sistema faz com que os professores desumanizem a relação com os estudantes e o campo de

pesquisa. Por isso eles se posicionarem politicamente é importante, demonstra consciência da situação.

Poderia escrever mais sobre as questões do trabalho de campo, mas decidi encerrar aqui para que, conjuntamente, possamos seguir pensando neste momento crucial da pesquisa.

## CAPÍTULO 3. Descolonizar às tecnologias: as tecnologias na *Nuestra América*



“A única filosofia legítima da técnica é a que tem por fundamento a união de teoria e da prática, não enquanto conceitos reunidos unicamente por um ato de pensamento, mas em forma de ação concreta do ser humano na transformação social do mundo onde vive”

**Álvaro Vieira Pinto**

“No puede haber un discurso de la descolonización, una teoría de la descolonización, sin una práctica descolonizadora”<sup>57</sup>

**Silvia Rivera Cusicanqui**

---

57 Texto original: Não pode haver um discurso de descolonização, uma teoria de descolonização, sem uma prática descolonizadora.. Silvia Rivera Cusicanqui 2010.

## 2.1 Minha aproximação as concepções sobre as tecnologias

Neste capítulo é importante reconhecer que as definições e perspectivas que se tem construído sobre as tecnologias são de ampla envergadura e é por isso que defini-las é complexo e poderia incorrer facilmente em algum tipo de determinismo ou reducionismo. É assim, então, que opto por fazer uma aproximação sobre as tecnologias a partir de três premissas:

i) As tecnologias, os artefatos, as ferramentas ou as máquinas são produto do conhecimento humano e surgem da necessidade de construir outras interações dos seres humanos entre si e com o mundo;

ii) as tecnologias estão compostas por dimensões epistemológicas, axiológicas, históricas e socioculturais;

iii) as tecnologias não são exclusividade de determinadas culturas e não surgem em uma data estipulada pela história “oficial” e nem só do desenvolvimento técnico-científico.

A partir dessas três premissas considero importante delimitar e situar geográfica e historicamente a presente reflexão. Neste sentido, pensar e falar sobre as tecnologias em territórios subalternizados e dependentes, especificamente latino-americanos, traz um matiz de compreensão diferente, no qual posso fazer uma leitura das tecnologias a partir (i) da dependência tecnológica (ii) da incidência das tecnologias indígenas na configuração das sociedades prévias à colonização (iii) do papel das tecnologias africanas na formação de algumas sociedades latino-americanas, considerando o processo de escravidão (iv) da inter-relação que estabelecem algumas comunidades e organizações sociais entre as tecnologias ancestrais e as tecnologias contemporâneas para promover espaços de memória e de valorização dos saberes e os fazeres que são próprios delas.

A partir destas delimitações, reflito e considero pensar e construir outras maneiras de compreender as tecnologias no campo de Estudo da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) para que possamos enriquecer o olhar e as discussões sobre elas.

## 2.2 As tecnologias nos Estudos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade na América Latina

O pensamento CTS na América Latina é um campo de estudo que tem como finalidade a discussão e a construção de estratégias políticas, sociais e econômicas que promovam os Estudos da Ciência e a Tecnologia (CT) no contexto latino-americano. A finalidade, as ações e os resultados desse pensamento dependem da postura política, epistêmica e dos interesses sociais e econômicos no momento histórico.

Na literatura sobre o percurso de consolidação dos Estudos CTS na América Latina identificam-se duas correntes: a primeira, o Pensamento Latino-Americano em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PLACTS), que emerge no final dos anos 1950 e vai até o início da década 1980 “con una orientación marcada de orden político, en la defensa del carácter social del fenómeno tecnológico”<sup>58</sup> (KREIMER, 2014, p. 11).

A segunda corrente, os estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade aplicados na América Latina (ECTSAL)<sup>59</sup>, surge a partir da década 1980, institucionalizado em diferentes Universidades e centros de pesquisa latino-americanos.

“As investigações se desdobram em dimensões e disciplinas do ambiente acadêmico e estão formando correntes de análise e entendimento da ciência e da tecnologia, bem como sua relevância social nos contextos da região latino-americana (KREIMER, 2014, p. 15. tradução minha)<sup>60</sup>.

Os trabalhos de Renato Dagnino, Amílcar Davyt e Hernán Thomas (1996); Pablo Kreimer (2007); Leonardo Silvio Vaccarezza (2011); e Pablo Kreimer, Hebe Vessuri, Léa Velho e Antonio Arellano (2014) apresentam esta história e suas implicações políticas, teleológicas, econômicas e sociais que serviram como base para o surgimento da PLACTS e dos ECTSAL.

### 2.2.1 Pensamento Latino-Americano em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PLACTS)

O PLACTS surge na década de 1970 e realiza várias contribuições sobre a teoria da dependência. (DIAS, 2008)<sup>61</sup>. O PLACTS teve como bandeira entender a ciência

58 Tradução: “Com uma orientação política marcada, em defesa do caráter social do fenômeno tecnológico” (KREIMER, 2014, p. 11, tradução minha)

59 Posteriormente será conhecida como os Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia (ESCT) e, depois como ESOCITE.

60 Las investigaciones se despliegan en dimensiones y disciplinas del medio académico y van conformando corrientes de análisis y comprensión de la ciencia y la tecnología, así como su relevancia social en los contextos de la región latinoamericana” (KREIMER, 2014, p. 15).

61 Teoria crítica que surge no final da década de 1960 e tem como objetivo explicar como surgiu e quais foram as características centrais do desenvolvimento socioeconômico latino-americano desde o começo da industrialização e como o sistema capitalista das forças produtivas se reproduzem nos contextos periféricos.

e a tecnologia como processos sociais, isto é, permitir que a Ciência e a Tecnologia se Construísem à luz dos interesses da sociedade. Do mesmo modo, foi uma proposta crítica para reagir às propostas em Ciência e Tecnologia que tinham naquele momento e ao discurso “corporativo” da comunidade científica, o qual gerava afastamento entre a sociedade, a ciência e a tecnologia.

O carácter sociopolítico da ciência e da tecnologia foi, então, o fundamento principal deste campo de estudos. Isto fica evidente ao ler afirmações como: “un país es su pueblo – pasado, presente y futuro – y toda decisión debe comenzar por allí, por su existencia y por sus necesidades”<sup>62</sup> (VARSAVSKY, 2013, p. 09) ou quando Amílcar Herrera diz:

La única solución para los países en desarrollo, es recuperar la tecnología como parte realmente integrante de su cultura. Convertirla de elemento exógeno condicionante, en modo legítimo de expresión de sus propios valores y aspiraciones (...) El problema principal es recuperar la capacidad de decisión social del uso y fines de la tecnología. (HERRERA, 1973, p. 62).<sup>63</sup>

Entre os principais expoentes deste pensamento latino-americano encontram-se os cientistas argentinos Amílcar Herrera (1929 - 1995, geólogo), Jorge Alberto Sábato (1924 - 83, físico e tecnólogo), Oscar Varsavsky (1920 - 1976, químico) e o brasileiro José Leite Lopes (1918 - 2006, físico). Todos eles altamente militantes com um forte sentimento de responsabilidade ideológica e política, o que direcionava sua postura acadêmica e seu agir.

Mas o grupo de cientistas não era uma voz unânime, também tinha diferenças e matizes. Segundo Pablo Kreimer (2014) este grupo de pensadores tinha, pelo menos, duas vertentes: os “modernos” e os “radicais”. No primeiro grupo Jorge Sábato e Alberto Aráoz, entre outros e, no segundo, se destacava Oscar Varsavsky .

Para los modernos se trataba de una búsqueda de herramientas analíticas y normativas para la puesta en marcha de políticas públicas de ciencia y tecnología; los radicales pregonaban la integración de las ciencias y la tecnología en la política tout court (KREIMER, 2014, p. 12)<sup>64</sup>.

62 “Um país é seu povo - passado, presente e futuro - e toda decisão deve começar aí, por sua existência e por suas necessidades” (VARSAVSKY, 2013, p. 09, tradução minha)

63 Tradução: A única solução para os países em desenvolvimento é recuperar a tecnologia como parte integrante de sua cultura. Convertê-lo de um elemento condicionador exógeno, de forma legítima para expressar seus próprios valores e aspirações (...) O principal problema é recuperar a capacidade de decisão social do uso e propósitos da tecnologia. (HERRERA, 1973, p. 62, tradução minha)

64 Tradução: Para os modernos, buscou-se ferramentas analíticas e normativas para a implementação de políticas públicas de ciência e tecnologia; os radicais proclamavam a integração da ciência e tecnologia nas políticas da corte (KREIMER, 2014, p. 12. tradução minha).

Além das diferenças, pode-se dizer que o compromisso ideológico com a ciência e o desenvolvimento nacional, o compromisso entre a ciência e a sociedade, o papel social do cientista, a luta pelas políticas em ciência e em educação e a importância do desenvolvimento próprio são os fatores-chaves que permitem compreender a dimensão social da tecnologia proposta pelo PLACTS.

Entre as principais críticas feitas ao PLACTS estão não ter tido um posicionamento claro sobre o determinismo das tecnologias e, ao carecer de uma força estrutural e ter uma “debilidade teórica”<sup>65</sup>, não permitiu fortalecer sua expansão. Por outro lado, o posicionamento político e militante de vários dos integrantes dessa proposta vai ser criticado, pois vai na contracorrente da “neutralidade” da ciência e, segundo Kreimer (2007), esse vai focar mais nos aspectos políticos que acadêmicos.

#### 2.2.2 Estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade aplicados na América Latina (ECTSAL):

No final da década de 1980 e, fortemente, na década de 1990 surgem os Estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade aplicados na América Latina, ECTSAL, que, em contraposição ao PLACTS, versarão sobre a inovação, a competitividade, a questão ambiental, a interdisciplinaridade, a geração de unidades acadêmicas e o acadêmico disciplinar. A questão central nestes estudos será então a pesquisa acadêmica.

El medio académico extrarregional se convierte así -como ocurre en otras disciplinas científicas- en el espacio de legitimación de la reflexión local. En el plano de elaboración teórica, la producción académica se subordina. Aunque esto no implica, necesariamente, que disminuya su tono crítico respecto de las políticas locales. (DAGNINO et al., 1996, p. 47).<sup>66</sup>

Segundo Vaccarezza (2011) a globalização, o Estado neoliberal, as lógicas do mercado, as mudanças cada vez mais aceleradas das novas tecnologias, a terceirização e a descentralização do Estado são os aspectos contextuais sobre os quais a ECTSAL vai se desenvolver.

Em 2007, Kreimer vai resgatar os avanços feitos pela ECTSAL, a partir da indicação do incremento das pesquisas na área, da participação de diversas disciplinas,

<sup>65</sup> Ver: DAGNINO, Renato; THOMAS, Hernane; DAVYT, Almícar. El pensamiento en ciencia, tecnología y sociedad en Latinoamérica: una interpretación política de su trayectoria.

<sup>66</sup> Tradução: O ambiente acadêmico extra-regional torna-se assim - como acontece em outras disciplinas científicas - no espaço de legitimação da reflexão local. No nível de elaboração teórica, a produção acadêmica é subordinada. Embora isso não implique necessariamente que diminua seu tom crítico em relação às políticas locais. (DAGNINO, 1996, p. 47, tradução minha).



dos encontros internacionais de ESOCITE e do aumento na formação de jovens pesquisadores, o a publicação de livros que dão conta das pesquisas feitas na área.

Nesta ampla perspectiva interdisciplinar é difícil identificar, categorizar e incorporar as características que podem ter as concepções sobre as tecnologias que se apresentam nas pesquisas do ECTSAL em um corpo comum. A amplitude das temáticas evidencia a diversidade de formas de compreender a relação entre a sociedade e as tecnologias. Mas é necessário fazer um balanço das temáticas majoritariamente trabalhadas.

Un estudio realizado por Dagnino, Thomas y Gomes, basado en una muestra de 312 trabajos presentados a los principales eventos académicos de la región durante 1996, presenta la siguiente distribución según los enfoques disciplinarios: ética y filosofía: 3%, sociología e historia: 11%, política (incluyendo políticas micro institucionales y también macro de alcance, nacional o regional): 17%, economía de la innovación: 24%, administración y gestión: 45%. (VACCAREZZA, 2011, p. 56)<sup>67</sup>

Esses dados mostram que as reflexões estão concentradas, no momento desse estudo, nas áreas da economia da inovação e da administração e gerenciamento. Com relação à ética, filosofia, sociologia e história a porcentagem é menor. Quais questionamentos nos trazem esses dados? Hoje a porcentagem é a mesma? Onde estão as reflexões antropológicas e socioculturais?

Em síntese, ambas as propostas, do PLACTS e do ECTSAL, têm recebido críticas nas suas práticas e enfoques. A primeira por ser concebida sobre os fundamentos políticos ligados ao pensamento de esquerda e por sua perspectiva do desenvolvimento nacional. A segunda por centrar-se mais nos interesses do mercado global, deixando de lado o terreno nacional.

Si el pensamiento latinoamericano en política de ciencia y tecnología de los años 70 se ordenaba en torno a la construcción de proyectos nacionales de desarrollo (elección de estilos de desarrollo, de modelos de sociedad-objetivo), el pensamiento actual se limita a promover la competitividad internacional de las unidades productivas. Con frecuencia el pensamiento político queda disuelto en un agregado de experiencias micro de productividad competitiva en el mercado internacional. El concepto de

<sup>67</sup> O estudo apresentado aqui faz parte de uma pesquisa feita no ano 1996. Hoje, possivelmente, essas porcentagens podem ter mudado.

Tradução: Um estudo de Dagnino, Thomas e Gomes, com base em uma amostra de 312 trabalhos apresentados aos principais eventos acadêmicos da região durante o ano de 1996, apresenta a seguinte distribuição de acordo com abordagens disciplinares: ética e filosofia: 3%, sociologia e história: 11% política (incluindo micro políticas institucionais e também macro escopo nacional ou regional): 17%, economia da inovação: 24% Administração e gerenciamento: 45% (VACCAREZZA, 2011, p. 56, tradução minha).

«capacidades tecnológicas» (technological capabilities) como principio de racionalidad del orden tecnológico de un país se ha referido, en general, a la capacidad individual de la empresa (VACCAREZZA, 2011, p. 55)<sup>68</sup>.

Finalmente, pode se dizer que os estudos sobre Ciência e Tecnologia na América Latina têm trazido uma ampla compreensão do papel das tecnologias e das ciências na consolidação da nossas sociedades, mas ressalto que ainda precisam de maiores aproximações com as diferentes dimensões sociais e com o reconhecimento das tecnologias próprias de cada cultura. Desconhecer o legado histórico das comunidades ancestrais é apagar uma parte da história e valorizar só um tipo de conhecimento e de tecnologias o que leva à manutenção e fortalecimento do colonialismo interno.

Diante do exposto, faz-se necessário aproximar as concepções sobre as tecnologias a partir da diversidade cultural, reconhecer o papel do conhecimento ancestral, e os aportes desses conhecimentos na consolidação das sociedades latino-americanas e, assim, pensar nos processos de descolonização delas na promoção de maior coletividade, autonomia, liberdade e solidariedade. E, assim, transformar alguns modos de fazer e de pensar em direção a outros, onde aparecem formas alternativas e diversas de resistência e mobilização presentes em concepções de bem viver, em plenitude, humanamente, como em culturas e povos Kichwa (Sumak Kawsay), Aimara (Suma Qamaña), Banto (Ubuntu), Guaraní (Teko Porã).

### **2.3 As tecnologias na *Nuestra América***

O colonialismo se impõe e se naturaliza em *Nuestra América*. Se impõe através da violência, do extermínio, do poder econômico, da dominação do cultural, do social e do tecnológico, determinando modos de ser, de atuar e de pensar. E é naturalizado pelas elites (colonialismo interno) a imposição da cultura dominante e hegemônica e de controle do mercado mundial.

Se estabelecem assim, dependências dos países centrais, nas dimensões humanas, sociais e culturais, tendo como resultado a valorização do alheio, estrangeiro e

---

<sup>68</sup> Tradução: Se o pensamento latino-americano na política de ciência e tecnologia dos anos 70 foi organizado em torno da construção de projetos nacionais de desenvolvimento (escolha de estilos de desenvolvimento, modelos de sociedade objetiva), o pensamento atual se limita a promover a competitividade. Unidades de produção internacionais. Muitas vezes o pensamento político é dissolvido em um agregado de micro experiências de produtividade competitiva no mercado internacional. O conceito de "capacitação tecnológica" como princípio de racionalidade da ordem tecnológica de um país referiu-se, em geral, à capacidade individual da empresa. (VACCAREZZA, 2011, p. 55. tradução minha)

o desconhecimento e vergonha dos saberes e fazeres que são próprios, situados. Dado que o primeiro é colocado como algo “civilizatório”, “moderno” e “melhor” e o segundo ultrapassado, simples e sem importância.

Nada más fácil para nosotros que seguir la vía del mimetismo intelectual. Pero nada también más peligroso para nuestra identidad y supervivencia como pueblo. Hemos creído que ganamos el respeto universal repitiendo o confirmando científicamente lo que dicen los maestros de otras latitudes; en la realidad no ganamos sino la sonrisa tolerante y paternal de quienes hacen o imponen las reglas del juego científico, a su manera (FALS BORDA, 1970, p. 18).<sup>69</sup>

A naturalização dessa displicência e repugnância pelo que faz parte de nosso legado cultural indígena, africano, camponês, periférico, tem tido como consequência o apagamento, o desconhecimento e o não registro de outras formas de conhecer, pensar, fazer e dizer. E, do mesmo modo, tem esquematizado os modos de construção do saber e o modo de enunciar esse saber, anulando o múltiplo, o plural, o diverso.

Mas essas heranças e feridas coloniais, além de gerar essa vergonha do que se é, têm gerado também reações adversas, pontos de inflexão construídos por territórios emancipadores, por comunidades e grupos sociais, que estão repensando e recriando a relação com o outro. Experiências como movimento Zapatista<sup>70</sup>, os movimentos indígenas colombianos<sup>71</sup>; o Movimento Negro Unificado (MNU)<sup>72</sup>, o Movimento de Mulheres Negras (MMN)<sup>73</sup>, assim como alguns trabalhos teóricos e algumas ações políticas dos movimentos feministas, como as reflexões e práticas das bolivianas Silvia Rivera Cusicanqui e Julieta Paredes, das argentinas María Lugones e Rita Segato, da chilena Marta Fuentes, os trabalhos sociais da Marcha Mundial das Mulheres (MMM)<sup>74</sup> e outras tantas expressões - ações carregadas de sentido e que na sua particularidade

69 Tradução: Nada é mais fácil para nós do que seguir o caminho do mimetismo intelectual. Mas nada mais perigoso para nossa identidade e sobrevivência como povo. Acreditamos que ganhamos respeito universal repetindo ou confirmando cientificamente o que professores de outras latitudes dizem; na realidade, ganhamos apenas o sorriso tolerante e paternal daqueles que fazem ou impõem as regras do jogo científico à sua maneira (FALS BORDA, 1970, p. 18. tradução minha)

70 Ejército Zapatista de Liberación Nacional (EZLN). Movimento indígena mexicano que luta pela reivindicação dos direitos dos povos indígenas. Disponível em: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/>. Acesso em: Dezembro 2019.

71 Organización Nacional Indígena de Colombia-ONIC, Confederación Indígena Tayrona-CIT, Autoridades Tradicionales Indígena de Colombia Gobierno Mayor, Autoridades Indígenas de Colombia por la Pacha Mama AICO y Organización de los Pueblos Indígenas de la Amazonía Colombiana-OPIAC y el Consejo Regional Indígena del Cauca CRIC. Dezembro 2019.

72 Movimento Negro Unificado. Disponível em: <http://mnu.blogspot.com.br/>. Dezembro 2019.

73 Movimento de Mulheres Negras. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-movimento-da-mulher-negra-brasileira-historia-tendencia-e-dilemas-contemporaneos/>. Dezembro 2020

74 Marcha Mundial das Mulheres. Disponível em: <https://marchamulheres.wordpress.com/>. Dezembro 2019.

e na sua diversidade promovem gestos de descolonização encarando o diverso e o plural como atos de liberdade.

Contrariar o colonialismo imperante, externo e interno, precisa “descartar nosso complexo de inferioridade, sem necessariamente atingir o chauvinismo” (FALS BORDA, 1970, p. 19, tradução minha) e valorizar os conhecimentos situados para admitir a diversidade como eixo fundante da condição natural dos seres humanos e, assim, aceitar que o conhecimento tem múltiplas formas de se manifestar, rompendo o essencialismo, os idealismos puristas e as condições universalizantes do saber. Nessa mesma linha, Rivera Cusicanqui (2018) diz, “Liberarnos de la tensión de negarnos nos ayuda a reencontrarnos y recuperar esas otras formas de relación con el mundo, con la naturaleza.”<sup>75</sup>

Nessa aceitação do múltiplo e do diverso se faz a valorização e o reconhecimento dos conhecimentos ancestrais para desocultar aquilo que foi despejado pela ideia de progresso e da história colonial por ser considerado algo arcaico que já foi superado e que deve ser esquecido e apagado.

Esse desocultar é uma atitude cognitiva que possibilita o reconhecimento da alteridade presente neste mundo e, ao mesmo tempo, faz um entendimento da utilidade, dos vestígios e das influências desses conhecimentos na compreensão da realidade onde ele surgiu e como se relaciona ou pode se relacionar com o momento presente.

Entender esse legado permite compreender também que os acontecimentos históricos são incomensuráveis e não lineares, portanto, que os conhecimentos não são uma superação continuada do passado, são uma conjugação de variações nos modos de fazer, de dizer, de se manifestar e de se relacionar com o mundo. Assim, no momento presente coexistem muitas dessas variações.

Pode se dizer, então, que os conhecimentos não são exclusividade de certas culturas. Existem, sim, outros olhares com relação ao conhecimento. Olhares de outras culturas, que têm outras realidades, outras formas de conhecer, de perceber a vida, de sonhar e de se integrar à natureza. Todas as culturas têm tido e têm conhecimentos essenciais e válidos para dar resposta às necessidades da realidade na qual vivem.

---

<sup>75</sup> Tradução: libertar-nos da tensão de recusar nos ajuda a encontrar e recuperar essas outras formas de relacionamento com o mundo, com a natureza” (tradução minha). Entrevista realizada por Yael Weiss para a TV UNAM em Novembro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pHJkCqe2gAk&t=903s>. Acesso em dezembro 2019.

Modificar, transformar, construir, criar, amoldar, planejar e se organizar são maneiras de explicar e de criar na interação permanente dos seres humanos com os outros/as e o mundo, por isso estão presentes em todas as sociedades e culturas.

As tecnologias, como parte desses conhecimentos gerados pelas diferentes sociedades nos diferentes momentos da história, potencializam as interações e estabelecem outros modos de nos relacionar com o mundo e com os outros. Nesse sentido, as tecnologias também dão conta de uma realidade, de uma sociedade e de uma cultura, deixando em evidência sua diversidade.

Na Abya Yala as tecnologias das comunidades indígenas e aquelas trazidas com as comunidades africanas no processo de escravização estão carregadas de significados e sentidos e são fontes abundantes de cosmovisões, de saberes ritualísticos e de aproximações responsáveis com a Pachamama<sup>76</sup>.

Por sua parte, a cosmovisão de mundo que carregam as tecnologias que foram instauradas pela Europa têm um sentido mercantil de exploração, de colonização, de dependência e de universalização de um tipo de conhecimento.

Nos processos coloniais externos e internos tem se estabelecido uma forte dependência tecnológica, dependência aos artefatos tecnológicos externos produzidos nos países centrais capitalistas e, ao mesmo tempo, tem se promovido e naturalizado um apagamento e desconhecimento das tecnologias ancestrais e a importância delas na consolidação dos países latino-americanos.

No entanto, confrontados com tais posicionamentos universalistas e homogêneos, as sociedades e culturas subalternizadas têm procurado sincretismos e modos de resistência para manter aquilo que lhes é colocado como proibido e primitivo. Se estabelece, então, a compreensão de que existe uma mestiçagem entre o ancestral e o contemporâneo como estratégia que permite manter viva a memória, a história de suas culturas, ao menos em parte.

A mestiçagem, o *Ch'ixi*<sup>77</sup>, segundo Rivera Cusicanqui (2010), “obedece a la idea aymara de algo que es y no es a la vez, es decir, a la lógica del tercero incluido [...] paralelo de múltiples diferencias culturales que no se funden sino que antagonizan o complementan” (2010, p. 69 e 70). Permite nos indicar que, enquanto encaramos que

<sup>76</sup> Deidade máxima dos povos indígenas dos Andes. Significa: Mãe Terra. Madre tierra.

<sup>77</sup> “Obedece à idéia aymara de algo que é e não é ao mesmo tempo, ou seja, a lógica do terceiro incluído [...] paralelo de múltiplas diferenças culturais que não se fundem, mas antagonizam ou complementam” (RIVERA CUSICANQUI, 2010, p. 69 e 70, tradução minha).

essa mestiçagem nos constitui, compreendemos também que as nossas práticas também estão atravessadas por ela e, portanto, os artefatos tecnológicos também.

O mundo Ch'ixi é reivindicar-nos manchados. Virar os estereótipos. Identidades compostas de contradições, de contribuições de diferentes horizontes, tanto temporais quanto espaciais, nos dão o poder de recorrer a dificuldades e de não nos assumirmos como hegemônica. (Entrevista concedida a Yael Weiss na TV UNAM em Novembro de 2018)

Aceitar a mestiçagem, além daquela que se encontra nas nossas corporalidades, é entender que ela também se encontra nas nossas práticas, modos de fazer, de pensar e nos modos nos quais desenvolvemos, usamos e nos apropriamos das tecnologias. Essa aceitação tira de nós a responsabilidade de assumir qualquer essencialismo, purismo ou universalismo que nega o diverso. E nos lega a responsabilidade de ressignificar a mestiçagem à luz da colonização, resguardando sua memória dolorosa mas a superando no sentido da construção do novo que é, minimamente, descolonial.

Em suma, se compreendermos o que somos e a diversidade que nos constitui e estabelecemos pontes entre o ancestral e o contemporâneo, fortalecemos nossas lutas e poetizamos e, ritualizamos as tecnologias *Ch'ixi*.

## 2.4 Reconhecimento das tecnologias no nosso contexto

"Los jóvenes de América se ponen la camisa al codo, hunden las manos en la masa, y la levantan con la levadura del sudor. Entienden que se imita demasiado, y que la salvación está en crear. Crear es la palabra de pase de esta generación. El vino, de plátano; y si sale agrio, ¡es nuestro vino!"<sup>78</sup>

José Martí (1891)

A luta pelos processos de descolonizar as mentes passa também pela descolonização das tecnologias e, assim, fazer que a condição humana seja mais livre e autônoma. Isso é viável contanto que se tenha presente que o fazer democrático das tecnologias reconheça a diversidade e a particularidade das comunidades.

Descolonizar as tecnologias passa pelo reconhecimento de que elas estão carregadas de valores e significados que simbolizam um momento histórico, uma construção cognitiva e relacional entre o mundo e os seres humanos, o que leva a inferir que não são neutras e têm política, como diz Winner (2017).

Descolonizar as tecnologias é compreendê-las além da propriedade privada do capitalismo ocidental e como frutos exclusivos de uma sociedade, de um momento

<sup>78</sup> Tradução: Os jovens da América colocam as camisas nos cotovelos, afundam as mãos na massa e a levantam com o fermento do suor. Eles entendem que muita coisa é imitada e que a salvação está na criação. Criar é a palavra-passe desta geração. O vinho da banana; e se der azedo, é o nosso vinho. José Martí.

histórico e de um lugar no mundo específico, para reconhecê-las como criações humanas associadas aos saberes locais que constroem modos de representação, sentido e interação com o entorno.

Descolonizar as tecnologias na *Nuestra América* é conceber que elas estão compostas de mestiçagem porque nos processos de criação, uso e apropriação geram processos de ressignificação, adaptação, revalorização, reutilização e reorganização, ancorados nas particularidades das realidades sociais e culturais.

Descolonizar as tecnologias é reconhecer a existência de um conhecimento próprio, de uma ciência própria, de tecnologias próprias, de uma ciência que é construída, como diz Rivera Cusicanqui

- En un diálogo entre nosotros mismos- dialogar con las ciencias de los países vecinos, afirmar nuestros lazos con las corrientes de Asia y África, y enfrentarnos a proyectos hegemónicos del norte con la renovada fuerza de nuestras convicciones ancestrales (2010, p, 73)<sup>79</sup>.

Descolonizar as tecnologias também é propor outros modos de compreendê-las a partir dos valores e dos sentidos que as organizações sociais desempenham para preservar a memória, estabelecer pontes de comunicação, de compartilhamento da informação, da produção de conteúdo próprio e contra-hegemônico e, sobretudo, de redescoberta e reapropriação que possibilitam gerar processos de solidariedade, liberdade e autonomia.

Descolonizar-se é, como diz o TC, “sair desse lugar do conforto da dependência imposta e naturalizada e se mudar para o lugar do desconforto”, da criação de tecnologias, da apropriação, da produção própria de conteúdos e do reconhecimento das tecnologias ancestrais para construir espaços mais próximos a nossas realidades, mais solidários, mais colaborativos e diversos.

#### 2.4.1 A revalorização e a desmistificação das tecnologias ancestrais

“A máquina não pode ser concebida como resultado final da ação do homem sobre o mundo, mas como o instrumento de criação de mediações necessariamente humanas entre os homens. Neste sentido, a máquina passa a constituir o segundo sistema de relações entre os homens, aquele destinado efetivamente a humanizá-los. O objetivo final da ação do homem é o semelhante.”

**Álvaro Vieira Pinto**

<sup>79</sup> Tradução: “em diálogo entre nós - dialogar com as ciências dos países vizinhos, afirmar nossos laços com as correntes da Ásia e da África e enfrentar projetos hegemônicos do norte com a força renovada de nossas convicções ancestrais (2010, p. 73. tradução minha)

Revalorizar e desmistificar as tecnologias é colocá-las no nível da condição humana e não como uma abstração complexa que está fora do alcance das sociedades. Aceitá-las nesse plano implica desmistificar a grandeza e a impossibilidade do lugar em que foram colocadas para colocá-las onde elas surgiram e foram desenvolvidas, o humano.

Nesta perspectiva, desmistificar as tecnologias possibilita ressignificá-las e redescobrir nelas outros atributos, outros sentidos e valores culturais e sociais que vão além do mercantil, distinguir as necessidades humanas que elas têm e, assim, valorizar o que nos pertence e estabelecer espaços de criação, apropriação, readaptação e descolonização.

Sobre essa questão, o trabalho prático e sociocultural desenvolvido pela Casa de Cultura Tainã e da Rede Mocambos somados ao trabalho filosófico elaborado por Álvaro Vieira Pinto (1909-1987)<sup>80</sup> nos ajudam na compreensão da revalorização e desmistificação do sentido e significação das tecnologias na condição humana.

A Casa de Cultura Tainã e a Rede Mocambos como experiências práticas que têm desenvolvido ações concretas que podem servir como exemplo para construir novas alternativas de ação e reflexão. E as elucidações de Viera Pinto fortalecem a leitura dessas ações para continuar problematizando o mundo.

As reflexões e práticas de Silvia Rivera Cusicanqui (1949) nos ajudam aprofundar e enfatizar a importância de pensar e promover processos descolonizadores nas nossas práticas a partir da aceitação de nossa condição *Ch'ixi* e a aceitação da diversidade como característica do ser latino-americano.

Após entender as tecnologias como produto da criação humana que surge em diferentes momentos da história e em diferentes culturas revalorizamos as tecnologias e colocamos nelas atributos, tais como patrimônio da humanidade.

---

80 Álvaro Vieira Pinto, brasileiro nasceu no ano de 1909, ele se forma como médico mas posteriormente faz estudos de física e matemática, porém, os caminhos acadêmicos levam-o a incursionar na filosofia desde e sobre a qual constrói toda sua reflexão teórica. Seu interesse político, social e acadêmico levam-o a fazer parte do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Trás a ditadura em 1964, deve exilar-se no Chile e desde ali continuar com suas reflexões sociais, políticas y filosóficas. Volta no Brasil em 1968 e morreu no ano de 1987. Foi um intelectual destacado e rigoroso que sempre se preocupou pelo desenvolvimento autônomo do país. O livro central que será trabalhado na pesquisa é o Volume I do Conceito de Tecnologia (2005). Os aportes feitos pelo filósofo carioca ao conceito de Tecnologia são de muita relevância entanto ele reconhece o papel contextual da tecnologia, é por isso que na presente discussão serão trazidas algumas reflexões feitas por ele. Disponível em: <http://www.iela.ufsc.br/pensadores-da-patria-grande/video/pensadores-da-patria-grande-alvaro-vieira-pinto>. Acesso em: 10 dez. 2019.



### 2.4.1.1 As tecnologias patrimônio da Pachamama<sup>81</sup>

As narrativas coloniais eurocêntricas e imperiais que predominam sobre o que são as tecnologias têm naturalizado duas concepções deterministas E paradoxais: i) que elas são produto de um exercício exclusivo dos países desenvolvidos; e ii) o avanço tecnológico desenvolvido por esses países e o modelo econômico imperante mitiga as condições de pobreza e exclusão dos países subalternizados.

Consequentemente, se transferem essas tecnologias e se estabelece uma dependência tecnológica com a ilusão de “competir” de forma “equitativa” nas lógicas do mercado mundial. Do mesmo modo, se desconhecem as particularidades e necessidades dos contextos culturais e se homogenizam as peculiaridades. Em definitivo, “a dominação é sempre determinada por um motivo econômico” (Vieira Pinto, 2005, p. 260).

Essas compreensões sobre as tecnologias entendidas apenas sob o aspecto mercantil e capitalista ignoram a busca por melhorar as condições de vida ou por procurar soluções em relação às necessidades básicas das sociedades. O que impera é o aumento do capital a partir dos processos produtivos rentáveis, eficientes e competitivos para a manutenção constante desse sistema.

Esta concepção determinista e reducionista da tecnologia ignora que a concepção técnica e tecnológica é um legado da humanidade e que não surge de forma exclusiva em algumas sociedades e em outras não. Não surge em uma sociedade determinada e seu uso não é exclusivo, pelo contrário. A técnica e a tecnologia fazem parte da configuração do ser humano.

A tecnologia não constitui um produto cultural que por um insondável direito só possa ter nascimento nos centros mais adiantados. Tal concepção, para ser admitida, levaria a supor a ausência da técnica nas sociedades menos evoluídas, até as mais primitivas, o que já dissemos configura uma tese inaceitável, pois nenhuma sociedade de seres suficientemente hominizados poderia existir sem técnicas correspondentes ao estado de crescimento de suas forças produtivas. Logo, quando se diz que os povos subdesenvolvidos carecem de tecnologia, estamos a rigor enunciando uma falsidade. (VIEIRA PINTO, 2005 p. 268)

---

81 Viera Pinto (2005) usava o conceito de “tecnologias como patrimônio da humanidade”, mas nesta pesquisa optamos por usar as tecnologias como patrimônio da *Pachamama* para reforçar a autonomia e a importância das tecnologias ancestrais e os resignificados, usos e apropriações das tecnologias alheias.

Fora da concepção determinista e mercantil das tecnologias é importante mencionar que as tecnologias surgem como resposta à interação do ser humano com o mundo e com os outros/as, para melhorar suas condições de vida e satisfazer suas necessidades. Isso indica, então, que todo povo tem construído, a partir de suas condições materiais, técnicas e tecnológicas em correspondência com sua realidade, o que não indica que umas sejam mais importantes que as outras, cada uma tem que ser reconhecida desde suas características contextuais.

A tecnologia como patrimônio da *Pachamama* é o reconhecimento de um legado histórico de técnicas e tecnologias que desde sua forma ancestral até seu desenvolvimento mais atual dão conta da criatividade e da capacidade do ser humano como saída para as contradições que dificultam sua existência e que gera novas alternativas que possibilitam um melhor relacionamento com o mundo e entre os seres humanos.

Pensar as tecnologias como patrimônio da *Pachamama* é acreditar que todas as sociedades e culturas têm os conhecimentos necessários para criar, recriar e estabelecer uma relação e interação com o mundo e a natureza para melhorar suas condições de vida. Todo povo tem, como diz Vieira Pinto (2005), uma “inteligência inventiva prática” que vai em correspondência com as particularidades de seus contextos, no caso concreto deste trabalho, a *Abya Yala*.

Dar um status de relevância, pertinência e importância histórica às tecnologias que são catalogadas e minimizadas de forma imprópria pela ideologia colonial como produto do folclore ou, simplesmente, enquanto artefatos populares sem importância, sendo este, o principal objetivo da descolonização das tecnologias.

Acreditar nas tecnologias como patrimônio da humanidade é reconhecer as tecnologias ancestrais como parte da nossa história. É valorizar o papel histórico das tecnologias indígenas, africanas e camponesas com suas condições ritualísticas e a suas cosmovisões na consolidação das sociedades latino-americanas.

São patrimônio aquelas tecnologias não universalizadas, as tecnologias que dão conta de um contexto, de uma realidade social e cultural. São patrimônio as tecnologias não narradas nem visualizadas na história colonial porque estão situadas e fazem parte da história da consolidação dos povos da *Nuestra América*.

#### 2.4.1.2 O papel da Consciência crítica no reconhecimento da nossa constituição Ch'ixi:

Para Vieira Pinto (2005), é necessário uma consciência crítica para ultrapassar o pensamento ingênuo e, algumas vezes pessimista que prevalece e que é naturalizado nos países dependentes para que o *status quo* da dependência não perpetue.

Para nos aproximar à consciência crítica, é importante compreender o mundo circundante, próximo e as condições nas quais ele se constitui. Vieira Pinto indica, em alguns momentos, que esse processo de compreensão pode ser dado pelos filósofos, pela capacidade crítica que eles possuem para olhar e compreender o mundo. Eles podem, então, impulsionar a consciência crítica do povo.

Eu não desconheço a importância do papel dos filósofos e dos intelectuais na consolidação de uma proposta crítica, mas colocá-los como foco central no despertar da consciência crítica é uma postura iluminista que deixa de lado as compreensões que as populações fazem de suas realidades.

Algumas organizações sociais fazem uma aproximação crítica e prática da realidade. Ao criar ações de diferentes tipos para se aproximar à população promovem uma consciência crítica sobre a realidade de subjugação, maus tratos e desconhecimento que estão submetidos.

Experiências como as construídas pela Casa de Cultura Tainã e a Rede Mocambos são só um exemplo como tantos outros espalhados pela *Nuestra América* que dão conta de como podem se realizar algumas ações que promovam consciência crítica em diferentes dimensões, tais como a comunicação, a raça, a classe, a tecnologia, a cultura, a terra e a educação.

É, então, no trabalho adiantado por cada ator social desde seu modo de compressão e vivência da realidade social, econômica e política que se pode construir uma consciência crítica e, a partir daí, compartilhar com os/as demais para fazer daquela consciência individual uma ação coletiva que se concretiza em atos libertários.

A consciência crítica é um ato individual e coletivo. Individual porque a pessoa tem que reconhecer criticamente seu papel na sociedade e as condições de dependência, exclusão e exploração nas quais vive para ir além destas condições de totalidade que o determinam e poder dizer, "¡Soy otro; soy hombre [soy mujer]<sup>82</sup>; tengo derechos!". (DUSSEL, 1996, p. 54).

---

82 Acréscimo próprio.

E é coletivo porque essa consciência tem que ser parte de um povo que reconhece sua realidade e sua condição de explorados e marginalizados para que juntos possam construir cenários de liberdade.

“A tomada de consciência da realidade dá aos povos pobres e espoliados o direito de exprimir criticamente sua apreensão do mundo e de, fundados nessa compreensão, rebaterem os sofismas da consciência metropolitana” (VIEIRA PINTO, 2005, p, 227).

A tomada de consciência crítica do papel das tecnologias passa pelo estudo da sua história e dos diversos contornos socioculturais que as constituem. Ao mesmo tempo, admite que o papel político e altruísta que elas possam desempenhar depende exclusivamente da responsabilidade humana.

Assumir uma consciência crítica das tecnologias permite construir um olhar diferente, estimulando processos de apropriação, criação, ressignificação e incorporação, o que pode nos levar a uma concepção *Ch'ixi* e descolonizadora. Do mesmo modo, o atuar consciente e crítico pode apresentar um caminho de autonomia e liberdade.

#### 2.4.1.3 *Liberdade e autonomia:*

A consciência crítica é um elemento para obter a liberdade. O passo da consciência ingênua à consciência crítica precisa de esforços, derrubar paradigmas e, sobretudo, ter a certeza que é possível ressignificar a realidade imposta. Mas esse trânsito de uma consciência ingênua a uma consciência crítica é um movimento constante e não vai se dar como um todo porque na nossa contradição existencial podemos ser críticos em algumas práticas e demasiado ingênuos em outras.

A liberdade como condição humana é materializada na prática por meio de diferentes ações para dar conta da existência autônoma. A liberdade se constrói então desde o reconhecimento que compõe o ser humano, desde sua consciência crítica, dos padrões históricos que determinam e condicionam sua situação e sua forma de atuar para enfrentamento das situações e a busca por mudança.

Não obstante, se a liberdade só é possível no momento de transpor o sistema, que resquícios de liberdade podemos materializar hoje? Não é possível pensar em uma liberdade como transitiva? Se a condição natural do ser humano é estar determinado,

mas não condicionado na sua totalidade, não estaria livre em cada ação social conscientemente crítica, isto é, em cada ato de consciência gera sua liberdade?

A liberdade transitiva se ganha e se perde em cada decisão tomada. Se ganha quando gera autonomia e fortalece a consciência crítica; se ganha na construção de pontes com outros coletivos e organizações que procuram as transformações de sua realidade concreta ou pelo menos uma parte dela; se ganha com a solidariedade entre os povos.

Mas também se perde na resignação, na desesperança anuladora de toda ação, nas políticas impositivas e repressivas que desarticulam as ações dos coletivos. A liberdade transitiva, então, está em constante construção e realização.

Vieira Pinto, ao falar sobre a concepção de liberdade no livro *Consciência e Realidade Nacional*, diz que a liberdade é uma ação social que tem sido eleita por seres com consciência crítica de sua realidade histórica para transformá-la. Portanto a liberdade é um ato “público, sociológico, político e histórico” que está a procura da libertação dos oprimidos.

O projeto fundador consiste para o indivíduo, como vimos, em assumir o mundo de que é parte, em dispor-se a pertencer a ele, não para contemplá-lo, e sim para modificá-lo. A modificação do mundo, de que se trata, não é uma qualquer, mas a que se evidencia como conquista objetiva de liberdade, numa palavra, como libertação. Logo, o ato livre fundamental é o ato de libertar o mundo. Descobrimos, assim, que a essência da consciência crítica se identifica à liberdade de libertar. A liberdade não é atributo de um ser, mas de um ato, a liberdade é o libertar. (VIEIRA PINTO, 1960, p. 270-271)

A liberdade, então, só é possível quando é exercida com plena consciência crítica por parte dos atores sociais. Não é uma categoria abstrata que ocorre por meio de meditação pessoal para transformar a realidade individual. A liberdade é um ato com caráter social que tem por objetivo a modificação da “exterioridade” da vida social.

É só na proximidade às outras pessoas que é possível a materialização da liberdade. Esse caráter social permite a consolidação do humano, “O caráter social, refere-se ao exercício do modo de ser do homem [*e mulher*]<sup>83</sup>” (VIEIRA PINTO, 2005 p. 239).

Diminuir a distância entre os seres humanos submetidos e a tarefa da proximidade é o sentido do caráter social de um povo que procura a transformação. O reco-

---

83 acréscimo próprio

nhecimento do outro é o reconhecimento de alguém, uma outra consciência crítica e com o qual se pode construir atos de liberdade com outros.

A liberdade é, então, para a presente pesquisa, uma ação inacabada que se faz na materialização das ações dos coletivos humanos conscientemente críticos de sua realidade e condições sociais.

Assim, enquanto não se tenha uma liberdade de todos os povos, vão existir liberdades situadas, localizadas em territórios emancipadores. Estas dão conta de uma resistência, com propostas de sentido que repensam a relação com os outros/as e com a natureza a partir do contexto histórico, político, cultural, social e econômico, ao qual pertencem.

As tecnologias descolonizadas, revalorizadas e desmistificadas são suportes nos atos de liberdade, elas podem promover a expansão da emancipação e da resistência. Do mesmo modo, possibilitar a correspondência entre as tecnologias ancestrais e as tecnologias contemporâneas e, por isso, são também um ato de autonomia e liberdade enquanto permitem o desmonte da ideia naturalizada da negação da ancestralidade como algo obsoleto e desnecessário para dar a elas um valor mais humano e, sobretudo, como parte constituinte de nosso ser e estar no mundo.

#### 2.4.1.4 Reconhecimento das tecnologias ancestrais e Ch'ixi

*"A sociedade chamada primitiva não é aquela que não possui tecnologia. Ao contrário, conforme já tivemos ocasião de indicar, caracteriza-se exatamente por viver mergulhada na tecnologia a ela peculiar e da qual não pode-se desprender"*

**Álvaro Vieira Pinto**

A sociedade atual tem colocado seus próprios valores culturais em outro lugar e isso é negar a procedência, a condição de classe, de dependência, de marginalização e de subordinação. É negar a tecnologia como fenômeno social já que ela está atribuída a um único grupo social. Nas diferenças estabelecidas pela colonialidade do saber e do poder, parece que "os condenados da terra" (FANON, 1961) só têm como opção a própria negação.

Sem essencialismos e sem provincianismos ao momento de conceber ou admitir as tecnologias ancestrais e Ch'ixi, faz-se necessário entender os elementos culturais particulares, entender as práticas sociais e humanamente construídas como um "traço existencial", como um modo de viver e interagir com o mundo e com as outras pessoas.

No traço existencial contemporâneo impera o derrotismo, a consciência ingênua, o individualismo, a servidão e a alienação. Se desconhece aquilo que temos pensado e construído para aceitar, sem questionamento, o alheio, o estrangeiro apenas como o verdadeiro.

Isto fica evidente nas construções históricas, universalizantes e hegemônicas sobre as tecnologias. São reduzidas a uma invenção de artefatos ligados aos interesses macro econômicos e políticos e desligados dos interesses sociais. É assim como os inventos dos povos dependentes e periféricos são reduzidos a incivilidade, subdesenvolvimento, folclore e primitivismo, desconhecendo e ignorando propositalmente, deste modo, o legado histórico e cultural de qualquer técnica e tecnologia.

As tecnologias ancestrais são o legado histórico dos conhecimentos que as comunidades indígenas e africanas tinham para evidenciar a relação com a terra. O tambor como veículo de comunicação com as deidades, o maracá como artefato purificador do espaço, os modos de cultivar, os modos de construção de casas coerentes com as condições climáticas do contexto, as diferentes técnicas para manter os alimentos comestíveis, o canto como tecnologia comunicativa, os rituais de prosperidade, entre outras mais.

Sua configuração ritualística e religiosa da conta não só da cosmovisão e da cultura, mas também evidenciava o nível de integralidade e articulação que se estabelecia entre a condição humana, natural e espiritual.

Por outro lado, as tecnologias *Ch'ixi* são aquelas tecnologias que representam o resultado da relação entre as ancestrais e as contemporâneas. A finalidade do uso dessa segunda parte é para dar suporte à existência da primeira parte e, assim, preservar os saberes, os rituais, os modos ser e de existir e, deste modo, narrar para o mundo a parte da história que foi negada e excluída. No capítulo três se apresentaram exemplos.

Silvia Rivera Cusicanqui (2018) propõe a necessidade de reconhecer nossa identidade manchada como isso que me habita e me constitui, identidade manchada, no entanto, mestiça, que precisa reconhecer essas características contraditórias para conviver com elas sem negá-las. Nesse mesmo sentido, pode-se dizer que, assim como nosso mundo é *Ch'ixi*, nossas práticas, pensares e construções também o são. Assim, as tecnologias que temos também terminam sendo *Ch'ixi*.

As práticas, reflexões, apropriações e construções que realizam várias organizações e movimentos sociais, com e sobre as tecnologias, estão manchadas porque num mundo globalizado os essencialismos e purismos resultam na dificuldade de se materializar e, assim, nossos modos de ser, pensar e atuar, estão atravessados por diferentes perspectivas, informações, saberes e tecnologias as quais terminamos interligando de forma consciente ou não.

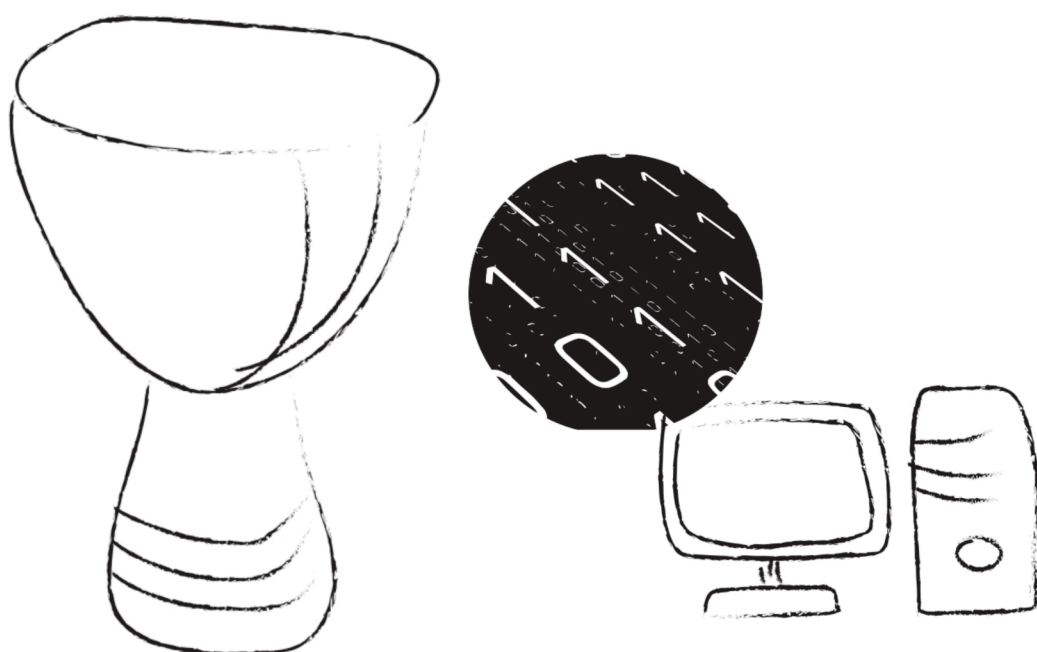
É por tudo isso que quando, atualmente, observamos as comunidades que lutam pela memória, pelo patrimônio, pela cultura, elas não deixam de usar nem de se apropriar dos meios e das ferramentas tecnológicas e simbólicas contemporâneas para cumprir seu objetivo e garantir sua existência.

Como resultado, então, temos tecnologias *Ch'ixi* que dão conta da necessidade de um resgate, valorização e permanência das tecnologias que asseguram o modo de ser, pensar, sentir e atuar, atravessados por tecnologias digitais que permitem, de uma forma instrumental, realizar essa ação.

As tecnologias *Ch'ixi* têm, então, uma condição de mestiçagem e nessa condição carregam a contradição como elemento iniludível. Do mesmo modo, elas estão compostas de *constelações multitemporais* (RIVERA CUSICANQUI, 2018), isto é, que se constituem pela justaposição de diferentes tempos e criações tecnológicas em espaços e pensamento situados.



## CAPÍTULO 4. Liberdade, autonomia e ações micropolíticas nos movimentos e organizações sociais da *Nuestra América* com uso de tecnologias ancestrais/contemporâneas



*“¿listos cómo? Pienso que sólo será posible a través de comunidades (ancestrales o moderna, de parentesco o de afinidad) que sean capaces de hacer al mismo tiempo que hablar; trabajar con las manos al mismo tiempo que trabajar con la mente, pero también, comunidades que no obliteren ni silencien las voces disidentes, las formas femeninas y ancestrales de crear lo político y de procurar el bienestar común.”<sup>84</sup>*

**Silvia Rivera Cusicanqui**

---

84 Tradução: “Prontos como? Eu acho que só será possível através de comunidades (ancestrais ou modernas, parentesco ou afinidade) que sejam capazes de fazer enquanto falam; trabalhar com as mãos ao mesmo tempo que trabalha com a mente, mas também comunidades que não obliteram ou silenciaram as vozes dissidentes, os modos femininos e ancestrais de criar o político e de buscar o bem-estar comum.” Silvia Rivera Cusicanqui.

No segundo semestre de 2016 comecei a procura, via internet, de organizações sociais que trabalhassem com o Software Livre e que tivessem construído experiências alternativas nos usos, apropriações e criações de tecnologias a partir de perspectivas solidárias, políticas, de reivindicação da vida e organização social.

Com o passar do tempo, identifiquei que existem propostas organizativas que usam o Software Livre<sup>85</sup> e promovem outras alternativas com as tecnologias, mas a maioria dessas organizações não eram necessariamente de base comunitária, isto é, não surgiam da comunidade, surgiram de pessoas com um sentimento altruísta, com uma formação política crítica e com um nível de formação acadêmico e técnico que buscavam promover cenários de formação e de organização crítica com comunidades excluídas.

Experiências como Fundación Casa del Bosque<sup>86</sup>, Nuvem<sup>87</sup>, Rede Livre<sup>88</sup>, Curitiba Livre<sup>89</sup>, Centro de Computação Científica e Software Livre (C3SL)<sup>90</sup> e outras tantas apresentam propostas interessantes que querem estabelecer usos mais democráticos, plurais e diversos das tecnologias contemporâneas. Os objetivos dessas experiências, não só na Colômbia e no Brasil, mas também em outros países da América Latina, são fundamentais nos processos de formação da sociedade e, ao mesmo tempo, de descolonização e desmistificação das tecnologias, especificamente as digitais.

---

85 “Por “software livre” devemos entender aquele software que respeita a liberdade e senso de comunidade dos usuários. Grosso modo, isso significa que os usuários possuem a liberdade de executar, copiar, distribuir, estudar, mudar e melhorar o software. Assim sendo, “software livre” é uma questão de liberdade, não de preço. Para entender o conceito, pense em “liberdade de expressão”, não em “cerveja grátis”. Por vezes chamamos de “libre software” para mostrar que livre não significa gratis, pegando emprestado a palavra em francês ou espanhol para “livre”, para reforçar o entendimento de que não nos referimos a software como grátis”. Disponível em: <https://www.gnu.org/philosophy/free-sw.pt-br.html>. Acesso em: 10 dez. 2019.

86 La Fundación Casa del Bosque es una organización interesada en fomentar el uso del Software Libre en la Ciudad de Bogotá. Para ello destinamos un espacio físico pensado para la ejecución de actividades de Capacitación, Investigación y Promoción de Agendas Culturales en tecnologías abiertas. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=rIFl\\_xy7YC4](https://www.youtube.com/watch?v=rIFl_xy7YC4). Acesso em: 10 dez. 2019.

87 1. Estação rural voltada para experimentação, pesquisa e criação vinculada à tecnologia (arquitetura, comunicação, geração sustentável de energia) e sustentabilidade (corpo, ecologias, alimentação, cultivos). 2. Casa para encontros e debates visando difusão do conhecimento livre e da cultura da autonomia. 3. Centro de residências e autoresidências para artistas e projetistas 4. Telecentro. 5. Hacklab rural. Disponível em: <http://www.nuvem.tk/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

88 “A proposta é somar práticas, padrões técnicos, protocolos e tecnologias com foco em demandas sociais de modo a incluir novos colaboradores e reinventar-se constantemente. Em contraposição à lógica da competição, estimula-se o diálogo entre iniciativas que têm a liberdade como valor comum e fortalecem a federação de redes.” Disponível em: <https://redelivre.org.br/a-redelivre/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

89 A Comunidade Curitiba Livre é um grupo de estudo que atua em prol do movimento de Software Livre na cidade de Curitiba e Região Metropolitana. Disponível em: <http://curitibalivre.org.br/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

90 Os projetos realizados pelo C3SL são direcionados para a inclusão digital, buscando sempre beneficiar a sociedade brasileira de maneira geral. Disponível em: <https://www.c3sl.ufpr.br/c3sl/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Para mim, a pergunta que incomodava era: como as organizações de base comunitária usam e se apropriam das tecnologias contemporâneas? E, consequentemente, como essas mesmas comunidades estabelecem uma relação entre esse tipo de tecnologias com a suas práticas, técnicas e tecnologias ancestrais?

Foi por isso, então, que decidi fazer algumas trocas no modo no qual eu estava procurando as práticas organizativas e comunitárias e, assim, dar mais abertura às concepções sobre os modos que as comunidades revalorizam, ressignificam e justapõem as tecnologias contemporâneas com suas práticas cotidianas e seus conhecimentos tradicionais e ancestrais.

O processo de identificação das organizações deu-se de duas formas, pela indicação de conhecidos e amigos/as e pela procura na internet. Especificamente, na Colômbia foi possível a construção do mapeamento a partir de redes de informação, indicações feitas por pessoas próximas, isto é, uma pessoa conhecida indicava a outra sobre alguma ação X que estava se desenvolvendo em lugar X.

Essa ação comunicativa em rede me permitiu reafirmar a importância do contato direto, da vigência da pessoalidade e da importância da construção das redes como estratégia de reconhecimento mútuo e fortalecimento coletivo.

Foi dessa forma que consegui identificar organizações sociais e comunitárias, tanto na Colômbia quanto no Brasil, com interesses no uso das tecnologias contemporâneas, especificamente, as TICs para o desenvolvimento comunicativo de suas práticas políticas, organizativas, de difusão e de denúncia e, ao mesmo tempo, valorização das tecnologias ancestrais que estão presentes no cotidiano das comunidades como parte do fortalecimento de suas memórias e como parte da diversidade cultural e social.

Os critérios de indagação tinham dois vieses, o primeiro era identificar práticas organizativas e comunitárias que trabalhassem com as tecnologias a partir da liberdade, a colaboração, o acesso, o software livre e a expressão e, o segundo viés foi a respeito da parte estrutural e organizativa dos coletivos, identificando o tempo de trabalho, sua localização geográfica, seus objetivos, seus princípios, seus parceiros e seus integrantes.

É importante ressaltar que, tanto no Brasil quanto na Colômbia, assim como em outros países da América Latina, existem inúmeras organizações sociais e comuni-

tárias que trabalham na ressignificação dos usos e apropriações das tecnologias a partir da revalorização e desmistificação delas. Dar conta de todas elas em uma única pesquisa não seria possível. Isso será uma tarefa encaminhada a posteriores pesquisas.

A tipologia das organizações é diferente, mas a condição de classe pode-se dizer que é a mesma. Populações excluídas, esquecidas e oprimidas, coletivos camponeses, indígenas, negros e pobres, cada um com suas particularidades culturais, mas com um objetivo comum: confrontar a perspectiva colonial, hegemônica e desigual da sociedade e, ao mesmo tempo, proclamar a particularidade cotidiana de seus próprios saberes e fazeres, ou seja, procurar a dignidade, a autonomia, e autodeterminação enquanto povos.

As tecnologias, nas organizações identificadas são usadas como um suporte que ajuda na ação política descolonizadora que quer gerar outras alternativas comunicativas e, a partir daí, construir pontes de trocas de saberes, de informação e de visibilidade das suas ações particulares. Querem narrar de outro jeito, querem colocar na esfera do comum as histórias negadas e apagadas pela mídia hegemônica e pela história oficial. Almejam colocar em questão a voz imperante, lutar pela soberania dos povos e, sobretudo, comunicar e informar em defesa da vida. A diversidade, a memória e o território são os elementos centrais e gerais que aparecem nas organizações.

O território, entendido na sua amplitude como um lugar físico ou virtual, urbano, rural e/ou digital, é um espaço fundamental para materializar as ações das comunidades. Sem território não há onde se materializar a cultura. Território como lugar de pertencimento, lugar da afetividades, da ação, da relação de pessoas que vai além do território físico. É no território que a ação se concretiza, o lugar onde surgem os conhecimentos e as tecnologias, porque é na relação dos seres humanos com o território, a natureza, o mundo, em que aparecem as ideias, os desejos de transformação, os assombros, os incômodos, as dificuldades e as superações.

Junto a essa insistência pelo desejo do território está também o resgate e o reconhecimento das práticas sociais, culturais e tecnológicas ancestrais das comunidades indígenas, camponesas e negras. O uso dessas tecnologias contemporâneas, especificamente, as tecnologias da comunicação e da informação, tem como intenção fundamental circular a história e a história particular das comunidades, suas práticas, seus modos de fazer, de ser e de pensar.

Então, de modo geral, pode-se dizer que a relação que se estabelece entre as tecnologias da comunicação e da informação com os saberes, práticas e tecnologias das comunidades excluídas tem a ver com um processo de dignificação da vida, a partir do reconhecimento do diverso para tornar visível o que foi apagado e negado, e assim, descolonizar o saber.

Mas as coisas não são tão simples. Cada organização tem dificuldades na procura de recursos financeiros para a manutenção técnica, o acesso a alguns equipamentos e a continuidade dos projetos. As políticas públicas de cultura não se estabelecem de forma equitativa e permanente. É por isso que muitas iniciativas constroem outros modos para se manter e resistir.

Outro elemento identificado tem a ver com a pouca discussão dentro das organizações, sobre o tipo de software usado na produção de conteúdos, o que gera o uso instrumental das ferramentas e a perda, ao meu modo de ver, de uma intencionalidade crítica na apropriação e domínio de outras ferramentas mais próximas aos interesses políticos das organizações.

Essas condições supramencionadas não desconhecem o papel crítico das produções, nem da importância das ações desenvolvidas pelas comunidades nos processos de descolonização, autonomia, liberdade e autodeterminação. Não quero deixar passar essa questão porque acredito ser de vital importância reconhecer que desmistificar as tecnologias contemporâneas também passa pelos processos de reconhecimento de como elas funcionam. Mas deixemos o desenvolvimento desse tema para mais adiante.

O uso, apropriação e reconhecimento do papel dos artefatos tecnológicos audiovisuais se faz com a intenção de propagar e estender a visibilidade da luta pelos direitos, pelo território, pela dignidade, pela autonomia, pela consciência crítica, pela memória, enfim, pela dignidade da vida.

### **3.1 Mapeamento de algumas organizações sociais na Colômbia**

O contexto: Colômbia, um país biodiverso, de pessoas amáveis, trabalhadoras e humildes, com uma riqueza cultural transbordante pela sua composição mestiça, afrodescendente e indígena, é também um país da morte, da dor, da sobrevivência, da desigualdade e do desamparo estatal.

Os longos períodos de conflito armado interno têm deixado como consequências, *desplazamientos forzados*<sup>91</sup>, *falsos positivos*<sup>92</sup>, *massacres*<sup>93</sup> e muitas outras atrocidades desumanizantes. A maioria da população, vítima do conflito interno na Colômbia, é formada majoritariamente por comunidades camponesas, indígenas e afrodescendentes, assim como a população dos bairros periféricos das médias e grandes cidades.

No entanto, tem-se gerado muitos modos de resistir à morte e diversas formas de transformar a dor em força, como dizem muitas das vítimas, para construir cenários de memória no meio da guerra, por meio de redes de solidariedade, processos organizativos e políticos, processos de visibilidade e de denúncia, processos de criação de estratégias comunicativas e informativas, a partir da produção de conteúdo narrando o próprio, o particular, o gesto do acontecido e, assim, dignificar e reivindicar a vida e ressignificar o lugar.

Nessa reivindicação de direitos pela vida, a luta pelo território, material e simbólico, fortalece-se e torna-se fundamental nas ações coletivas para construir visibilidade e pontos de referência. A luta pelo território é a luta pela água, pela educação, pela saúde, pela cultura, pela dignidade e pela liberdade.

Falar da Colômbia e dos modos nos quais fazem, pensam e sentem as organizações sociais que ali surgem, passa, necessariamente, pelo reconhecimento da crueldade da realidade colombiana. E essa realidade cruel e violenta é um tema permanente e é pensada e colocada em questão por meio de ações simbólicas, artísticas, audio-

---

91 Desplazamiento forzado: Qualquer pessoa que foi forçada a migrar para o território nacional, deixando seu local de residência ou atividades econômicas habituais, porque sua vida, integridade física, segurança ou liberdade pessoal foram violadas ou diretamente ameaçadas, por ocasião de qualquer uma das seguintes situações: conflito armado interno, distúrbios e tensões internas, violência generalizada, violações massivas dos direitos humanos, violações do direito internacional humanitário ou outras circunstâncias decorrentes de situações anteriores que podem alterar ou alterar drasticamente a ordem pública (Lei nº 387 de 1997, República da Colômbia) tradução minha.

Texto original: Toda persona que se ha visto forzada a migrar dentro del territorio nacional, abandonando su localidad de residencia o actividades económicas habituales, porque su vida, su integridad física, su seguridad o libertad personales han sido vulneradas o se encuentran directamente amenazadas, con ocasión de cualquiera de las siguientes situaciones: conflicto armado interno, disturbios y tensiones interiores, violencia generalizada, violaciones masivas de los derechos humanos, infracciones al derecho internacional humanitario u otras circunstancias emanadas de las situaciones anteriores que puedan alterar o alteren drásticamente el orden público (Ley nº 387 de 1997, República de Colombia)

92 Na Colômbia, o termo militar “falso positivo” é atribuído aos civis que foram mortos pelas forças militares do governo como membros da insurgência. tradução minha.

Texto original: “En Colombia el término militar falso positivo es atribuido a aquellas personas civiles que fueron asesinadas por las fuerzas militares gubernamentales como miembros de la insurgencia”. Disponível em: <http://www.oriolsegontorra.com/espanol/preview/falso-positivo/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

<http://www.centrodememoriahistorica.gov.co/informes-2018/tag/Falsos%20Positivos> acesso em 10 dez. 2019.

93 Nosite é possível constatar a cronologia das massacres. Disponível em: <http://rutasdelconflicto.com/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

visuais, de pesquisa ou de qualquer outra forma de expressão por parte de todas as organizações sociais identificadas na Colômbia.

As organizações: De todas as ações culturais, políticas e organizacionais que podem ser encontradas na Colômbia - umas mais visíveis que outras -, identifiquei sete organizações: Montes de Maria Audiovisual, Minkalab, Manada Libre, Indígenas del Norte del Cauca, Escuela Audiovisual infantil, Ojo al Sancocho e Asociación Nacional De Zonas De Reserva Campesina (ANZORC) (Ver Figura 1).

Dessas sete organizações, tive contato direto com cinco: ANZOR, ACIN, Manada Libre, Ojo al Sancocho e Minkalab. As outras duas (Escuela Audiovisual infantil e os Montes de Maria Audiovisual) foram indicações feitas pelo pessoal de Ojo al Sancocho. A informação sobre o que fazem estas duas últimas organizações fez parte de uma pesquisa online, especificamente nos sites oficiais delas, em jornais e em vídeo-entrevistas no Youtube.

Com as organizações que tive contato direto realizei um dialogo informal em que apresentei meu interesse em conhecer o que elas faziam e como faziam e, assim, foi estabelecida uma conversa aberta onde elas narravam sua história, seus interesses, seus modos de agir, seus objetivos, suas lutas e as suas concepções sobre as tecnologias. Três das conversas foram realizadas nos municípios onde desenvolvem suas principais ações (Popayan, Santa Rosa de Cabal e Medellín) e duas foram realizadas por contato telefônico e pelo apelo aplicativo WhatsApp.

Figura 1. Localização de organizações sociais na Colômbia



Fonte: Criação Ana Maria Rivera Fellner (2017) todos os direitos reservados



Poderíamos catalogar as organizações identificadas de diferentes maneiras. Por grupos étnicos, interesses, localização, mas o que aqui interessa é reconhecer como cada uma dessas organizações usam, se apropriam e dominam as tecnologias contemporâneas, especificamente as TICs, para promover processos de descolonização a partir de seu reconhecimento e a revalorização dos modos de pensar e fazer das comunidades excluídas na busca por autonomia e liberdade.

A criação das rádios comunitárias, por exemplo, tem servido para reivindicar o direito dos povos indígenas e negros de contar suas perspectivas sobre o mundo. Sobre isso, Diana Uribe diz:

Las radios de las comunidades indígenas y de las comunidades afro, las comunidades más marginadas en términos de relato, en términos de narrativa, en términos de protagonismo o siquiera de visibilidad al rededor de las cuales no se ha construido un relato de nación y sim embargo, al rededor de su música y de su cultura es de lo que estamos hechos. (PODCAST DianaUribe.fm: 14 - Radio libre y radios comunitarias [Loucação de]: Diana Uribe. 15 de marzo de 2019)<sup>94</sup>

Esses modos de apropriação, uso e desmistificação da tecnologia se dão em quatro formas:

- (i) A apropriação e o uso para criar e difundir conteúdo como estratégia de memória e de reivindicação da vida;
- (ii) como fortalecimento organizativo;
- (iii) como apropriação e dominação das ferramentas tecnológicas a partir da concepção de liberdade do Software Livre e, finalmente;
- (iv) como reconhecimento da importância do saber ancestral e a relação dele com o contemporâneo a partir da valorização da diversidade cultural. É importante destacar que os quatro fatores são importantes em todas as organizações, mas ao considerar particularidades, observo que elas dão mais ênfase em um que em outro.

Detalharemos agora um pouco as organizações identificadas e suas propostas de modo geral. As experiências dos Montes de Maria Audiovisual, Ojo al sancocho e a Escuela Audiovisual infantil têm como objetivo central o uso do audiovisual como fer-

---

94 Tradução: As rádios das comunidades indígenas e afro, as comunidades mais marginalizadas em termos de narrativa, em termos de relato, em termos de protagonismo ou mesmo visibilidade em torno das quais uma narrativa de nação ainda não foi construída, em torno de sua música e sua cultura é do que somos feitos. PODCAST DianaUribe.fm: 14 - Radio libre y radios comunitarias [Loucação de]: Diana Uribe. 15 de marzo de 2019. Disponível em: <https://www.dianauribe.fm/historia-de-la-radio/14> Acesso em Janeiro 2020.

ramenta fundamental para promover cenários alternativos de comunicação em que possam expor as vivências próprias das comunidades (Ver Tabela 2).

Al potenciar la voz de las comunidades mediante estrategias de comunicación para el cambio social, el Colectivo de Comunicaciones Montes de María Línea 21 (CCMML21), genera mecanismos sostenibles para el fortalecimiento de las capacidades ciudadanas de las comunidades afectadas por el conflicto armado, la visibilización y recuperación de su lugar político en la sociedad, y la construcción consensuada de proyectos de vida dignos para todas sus comunidades. (CCMML21 [s.d.])<sup>95</sup>

**Apropriação e fortalecimento para construir uma consciência crítica da realidade e de si mesmo.** Gerar esses espaços de apropriação comunicativa fortalece os processos educativos, políticos, cidadãos, culturais, além de fortalecê-los enquanto povos pertencentes de um território. A construção de memória, assumir a importância de seus fazeres e saberes e a valorização da condição humana são os eixos centrais dessas organizações.

**Tabela 2: O uso do audiovisual como ferramenta de comunicação**

| Organizações                                                         | Objetivos                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|----------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Montes de María Audiovisual<br>Surge: 1994 Colômbia- Montes de María | El Colectivo de Comunicaciones Montes de María Línea 21 (CCMML21) es una organización de la sociedad civil cuyo propósito principal es aportar, desde la Comunicación para el cambio social, a la transformación positiva del territorio y a la dignificación de la población de los Montes de María afectada por el conflicto armado. Disponível em: <a href="http://mimemoria.org/mim/about/">http://mimemoria.org/mim/about/</a> Acesso em: 10 dez. 2019.                                                     |
| Escuela Audiovisual infantil<br>Surge: 1996<br>Colômbia- Caquetá     | Proyecto de comunicación comunitaria creado con el fin de entregarle a los habitantes de Belén de los Andaquíes (Caquetá), especialmente a los niños y niñas, un lugar donde logren ampliar su proyecto de vida y alejarse de las consecuencias del conflicto. Disponível em: <a href="http://www.centrodememoriahistorica.gov.co/noticias/noticias-cmh/escuela-audiovisual-infantil">http://www.centrodememoriahistorica.gov.co/noticias/noticias-cmh/escuela-audiovisual-infantil</a> Acesso em: 10 dez. 2019. |
| Ojo al Sancocho<br>Surge: 2005<br>Colômbia- Bogotá                   | Ojo al Sancocho: Promover la educación comunicación alternativa, comunitaria a través de la formación integral de las personas y el fortalecimiento de la conciencia social crítica en la vida y para la vida, generando comunidades dignas y solidarias. Disponível em: <a href="https://www.ojoalsancocho.org/?page_id=19">https://www.ojoalsancocho.org/?page_id=19</a> Acesso em: 10 dez. 2019.                                                                                                              |

Fonte: Criação Ana María Rivera Fellner (2019), adaptado de <http://mimemoria.org/mim/about/> [https://www.ojoalsancocho.org/?page\\_id=19](https://www.ojoalsancocho.org/?page_id=19) <http://www.centrodememoriahistorica.gov.co/noticias/noticias-cmh/escuela-audiovisual-infantil> <sup>96</sup>

<sup>95</sup> Tradução: Ao reforçar a voz das comunidades através de estratégias de comunicação para a mudança social, o Colectivo de Comunicaciones Montes de María Línea 21 (CCMML21) gera mecanismos sustentáveis para fortalecer as capacidades dos cidadãos das comunidades afetadas pelo conflito armado, a visibilidade e a recuperação do seu lugar político na sociedade, e a construção consensual de projetos de vida decente para todas as suas comunidades. (Tradução minha) Disponível em: <http://mimemoria.org/mim/about/> Acesso em: 10 dez. 2019.

<sup>96</sup> Tradução: Montes de María Audiovisual: A Linha Coletiva Comunicações Montes de María 21 (CCMML21) é uma organização da sociedade civil cujo objetivo principal é contribuir, desde a Comunicação para a transformação social, até a transformação positiva do território e a dignificação da população dos Montes de María. afetada pelo

As ferramentas tecnológicas da comunicação e da informação são utilizadas como suporte das narrativas e como ferramenta para disseminá-las para outros espaços, outras comunidades e outras organizações. Elas também são utilizadas para visibilizar as particularidades históricas e culturais de um contexto concreto e como veículo de memória, de reconhecimento e valorização dos saberes situados.

Por outro lado, as organizações de base, tais como a Asociación Nacional de Zonas de Reserva Campesina (ANZORC) e a Asociación de Cabildos Indígenas del norte del Cauca, Colômbia (ACIN), que agrupam comunidades, a primeira camponesas e a segunda indígenas, têm como eixo central a luta pela terra, pelos direitos fundamentais a dignidade e à liberdade (Ver Tabela 3).

O processo de luta destas organizações é de longa data, por isso datar o começo delas não é algo fácil, mas é possível datar alguns acontecimentos concretos como os processos de associação.

Junto à luta pelo território está o discurso insistente sobre o reconhecimento desses saberes e fazeres e a valorização de suas particularidades culturais. Os processos coloniais homogeneizantes estabeleceram fronteiras e estigmatização, colocando o indígena como incivilizado e ignorante e o camponês como aquele que “fica sujo por mexer com a terra e pouco inteligente”. A desvalorização destas culturas nega a diversidade que compõe e constitui a Colômbia.

---

conflito armado. (Tradução minha)

Tradução: Escuela Audiovisual infantil: Projeto de comunicação comunitária criado com o objetivo de entregar aos habitantes de Belém de los Andaquíes (Caquetá), especialmente crianças, um lugar onde possam expandir seu projeto de vida e afastar-se das consequências do conflito. (Tradução minha)

Tradução: Promover educação de comunicação alternativa, comunidade através da formação integral das pessoas e do fortalecimento da consciência social crítica da vida e da vida, gerando comunidades dignas e solidárias. (Tradução minha)

**Tabela 3: Organizações que lutam pela terra, pelos direitos, a dignidade e a liberdade**

| Organizações                                                | Objetivos                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|-------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Asociación Nacional De Zonas De Reserva Campesina (ANZORC)  | Contribuir a la paz de Colombia y a la garantía de derechos campesinos y la reforma rural integral a través de la consolidación de las Zonas de Reserva Campesina. Disponível em: <a href="http://anzorc.com/historia/">http://anzorc.com/historia/</a> Acesso em: 10 dez. 2019.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| Asociación de Cabildos Indígenas del norte del Cauca (ACIN) | Comunidad indígena consciente que se identifica como pueblo Nasa y vive con otros pueblos y sectores (campesinos, mestizos, afroc) que viven en un territorio amplio y diverso para toda la población y la propiedad colectiva, unidos, organizados y con igualdad de oportunidades; en armonía con sus espacios y formas de vida, buscando el bienestar integral con autonomía, estableciendo su propia economía de acuerdo con su cosmovisión y cosmología, con el poder de autodeterminación y administración territorial, consolidando territorios autónomos y en relaciones recíprocas con otros pueblos y Procesos amigables con la vida para construir el país que queremos. Disponível em: <a href="https://nasaacin.org/plan-territorial-cultural/">https://nasaacin.org/plan-territorial-cultural/</a> Acesso em: 10 dez. 2019. |

Fonte: Criação Ana María Rivera Fellner (2019), adaptado de <http://anzorc.com/historia/> <https://nasaacin.org/plan-territorial-cultural/><sup>97</sup>

A discussão sobre as tecnologias não é um tema central destas organizações, mas ela está implícita nas ações a partir de dois matizes: i) O reconhecimento de seus modos de fazer e de saber ancestral como bases para pensar o presente, construir memória e fortalecer a identidade cultural e ii) na apropriação dos artefatos tecnológicos contemporâneos audiovisuais para contar a história de seus povos e compartilhar para o resto do mundo aquilo que foi negado, não contado e invisibilizado. Do mesmo modo, também são usadas essas ferramentas para mostrar as violações aos direitos humanos que se apresentam por parte de diferentes instituições do Estado e por parte de grupos ilegais.

Finalmente, Manada Libre e Minkalab, organizações que não surgem de uma comunidade de base popular, mas que são produto da necessidade em abrir novos caminhos políticos e de novas formas de compreender a realidade.

Manada Libre, organização juvenil surge em 2007 com uma intencionalidade clara de difundir e empoderar organizações comunitárias no uso do software livre, não

<sup>97</sup> Tradução: Contribuir para a paz da Colômbia e para a garantia dos direitos dos camponeses e da reforma rural abrangente por meio da consolidação das zonas de reserva camponesa. (Tradução minha)

Tradução: Comunidade indígena consciente que se identifica como Povo da Nasa e vive com outros povos e setores (camponeses, mestiços, afro) que vivem em um território diversificado e diversificado para todas as pessoas e propriedades coletivas, unidas, organizadas e com oportunidades iguais; em harmonia com seus espaços e modos de vida, buscando ou ser parte integrante da autonomia, estabelecendo sua própria economia em segundo lugar à cosmovisão e cosmologia, como poder da autodeterminação e administração territorial, consolidando territórios autônomos e relações recíprocas com outras pessoas pobres. Os processos dos amigos dão vida à construção ou ao país que queremos. (Tradução minha)

como ação meramente instrumental, mas como estratégia política para gerar autonomia e lutas anticapitalistas. Manada Libre não é uma organização não governamental (ONG), mas uma ação política liderada por jovens que, a partir do estudo autônomo, estabelecem laços de proximidade com comunidades camponesas e periféricas da cidade de Medellín para difundir o uso do software livre a partir das necessidades das comunidades e desmistificar as tecnologias como ferramenta exclusiva de alguns grupos sociais.

Minkalab, por sua parte, surgiu em 2014. Sua proposta é interessante e valiosa, da qual resgatei a importância em reconhecer e equiparar como válidos, importantes e pertinentes os conhecimentos ancestrais e tradicionais das comunidades camponesas, indígenas e negras junto aos conhecimentos acadêmicos. Estabelecendo assim um diálogo de saberes onde diferentes comunidades se encontram, uma vez por ano, para se reconhecer e compartilhar aquilo que sabem.

Minkalab apoya el intercambio de los conocimientos tradicionales y tecnológicos entre iguales, el desarrollo de una estable red social, proyectos innovadores, el fortalecimiento de las capacidades locales y la diversidad cultural con el fin de abordar problemáticas de prioridad local. (MINKALAB, [ S. d.])<sup>98</sup>.

As tecnologias, enquanto formações cognitivas que evidenciam os modos de interação entre o mundo, a cultura, a sociedade e os seres humanos, estão implícitas nas ações desenvolvidas por cada uma destas organizações. Mas não se fala de forma explícita sobre o papel das tecnologias nessas construções.

As sete organizações, Minkalab, Manada Libre, Ojo al Sancocho, ANZORC, ACIN, CCMML21 e a Escola Audiovisual, buscam dignificar a vida, sendo esse o objetivo fundamental e central de seus modos de ser e fazer. Então é aí em que a leitura sobre o papel que desempenham diante das tecnologias deve ser observado. Essa particularidade evidencia, de certo modo, que elas não podem ser meros artefatos porque elas fazem parte dos suportes cognitivos para a luta concreta. Por essa razão, elas em si mesmas não transformam a realidade, elas são parte integral da interação do ser humano com o mundo.

---

98 Tradução: O Minkalab apoia o intercâmbio de conhecimento tradicional e tecnológico entre iguais, o desenvolvimento de uma rede social estável, projetos inovadores, o fortalecimento das capacidades locais e a diversidade cultural, a fim de abordar questões de prioridade local. (tradução minha) Disponível em: <https://www.minkalab.org/>. Acesso em: 15 dez. 2019.

### **3.2 Mapeamento de algumas organizações sociais no Brasil**

Brasil, gigante Brasil, a sua grandeza é equiparável com sua diversidade bio e cultural. País do Samba de Coco, do Maracatu, do Forró, do Choro, também do Sertão, do Litoral, do Cerrado, da Mata atlântica. País mestiço, negro e indígena, mas também da migração alemã, polonesa, italiana, holandesa, libanesa, japonesa e tantas outras. De sul ao norte, de leste a oeste, do nordeste ao sudeste, o Brasil tem uma riqueza encantadora.

Mas, ao mesmo tempo e, em meio a tanta exuberância natural e cultural, nos deparamos, de forma direta e abismal, com uma desigualdade econômica e social muito ampla, com um nível alto de pobreza, com um racismo amplamente marcado e, hoje, 2020, com um governo que promove abertamente o ódio ao diferente e diverso e estimula violência como único modo de “resolver” as diferenças. Violência que é consequência da escassez de recursos financeiros públicos investidos na redução da desigualdade social, políticas públicas afirmativas e de inclusão social e ações de combate direto à violência. O corte de investimentos promovido por diversos governos leva ao caos e promove a violência em larga escala. Em um país com a dimensão do Brasil, um governo que utiliza o Estado dessa forma, não faz isso por falta de conhecimento e ingenuamente, mas de forma orquestrada e intencional em vias de implementação do projeto neocolonial e neoliberal. O que acaba revelando uma das formas mais cruéis de controle massivo para evitar que a população se empodere e combata efetivamente esse tipo de poder.

Mas, semelhante à Colômbia, os povos se juntam para se organizar e construir territórios emancipatórios em prol da vida, solidários, colaborativos e que reconhecem o comum, do que lhes é próprio, como saberes e fazeres e, sobretudo, na ocupação do território como cenário fundamental para construir cultura.

O mapeamento que consegui fazer de algumas organizações no Brasil ocorreu por meio de uma pesquisa online e indicações de pessoas conhecidas. Desse modo, identifiquei oito organizações sociais com duas propostas. Algumas reconhecem a importância do saber ancestral e, ao mesmo tempo, a pertinência em se aproximar das tecnologias contemporâneas para fortalecer e propagar suas práticas e interesses e, assim, construir redes. Enquanto outras, com um interesse em difundir, denunciar e anunciar tudo aquilo que não é apresentado pelas grandes mídias, centra seus objeti-

vos em construir cenários alternativos de comunicação e de informação para grupos sociais que têm sido excluídos pela lógica do “colonialismo interno”.

A Casa de Cultura Tainã, a comunidade Fazenda Roseira, o Centro Cultural Coco de Umbigada e o Cursinho Herbert Souza correspondem ao primeiro grupo, enquanto que o Centro de Mídia independente, a Rádio Livre, o Socializando Saberes e a Rádio Aconchego, ao segundo (Ver Figura 2).

Dessas oito organizações, tive contato direto com seis, sendo elas: a Casa de Cultura Tainã, a comunidade Fazenda Roseira, o Socializando Saberes, o Cursinho Herbert Souza, o Centro Cultural Coco de Umbigada e a Rádio Aconchego. As quatro primeiras, localizadas em Campinas/SP, as outras duas em Recife. Sendo a Casa de Cultura Tainã a organização central desta pesquisa e as outras cinco parte da rede Mocambos idealizada pela Tainã.

A informação sobre as outras duas organizações, o Centro de Mídia independente e a Rádio livre, foi procurada diretamente em seus sites oficiais e em artigos. O lugar da ação dessas organizações materializa-se na internet nos sites delas e não tive contato direto com as pessoas responsáveis das organizações.

A mídia imperante estabelece a homogeneização cultural por meio da mercantilização das manifestações artísticas, da criação de estereótipos comportamentais, físicos e estéticos e da imposição de saberes específicos.

Figura 2. Localização de organizações sociais no Brasil

# A LIBERDADE NA TECNOLOGIA

## Organizações sociais no Brasil





**Pincípios**

Território  
Liberdade  
Colaboração  
Acesso  
Software livre  
Expressão

**Rádio Aconchego:**  
<https://radioaconchego.milhara.org/>  
 Esta formada por um grupo de participantes do Serviço Integrado de Saúde (SIS), no Engenho do Meio, sendo uma das iniciativas comunitárias que se desenvolvem nesse centro. É voltada à comunidade que o frequenta, bem como as comunidades de seu entorno.

**Centro Cultural Coco de Umbigada:**  
<http://cocodeumbigada.com/>  
 Divulgar e manter viva a cultura popular de raiz africana através da música, a religiosidade e na criação de espaços de formação que gerem reconhecimento sobre o valor da ancestralidade.

**Cursinho popular Herbert de Souza:**  
<http://cursinhopopularherbertdesouza.blogspot.com/>  
 Acreditamos que ao passar pelo Projeto Herbert de Souza as pessoas possam não somente ingressar na Universidade ou Colégios Técnicos e assim criar melhores oportunidades na vida mas, principalmente, que possam compreender que, estejam elas em quaisquer posição social, utilizem seu conhecimento e prestígio para melhorar a vida no mundo para todos!!!

**Casa de Cultura Tainã:**  
<http://www.taina.org.br/contatos.php>  
 :  
 possibilitar o acesso à informação, fortalecendo a prática da cidadania e a formação da identidade cultural, visando contribuir para a formação de indivíduos conscientes e atuantes na comunidade.

**Socializando Saberes:**  
<https://socializandosaberes.net.br/>  
 Somos um coletivo que reúne militantes de diferentes movimentos sociais e partidos políticos preocupados em realizar a cobertura ao vivo das atividades políticas, culturais e educacionais que retratam as lutas sociais pela superação das atuais relações de produção da vida capitalista. Somos um coletivo que luta e atua na construção do Socialismo.

**Casa de Cultura Fazenda Roseira:**  
<https://comunidadejongoditoribeiro.wordpress.com/casa-de-cultura-fazenda-roseira/>  
 A Associação do Jongo Dito Ribeiro desde 2008 faz a gestão da Casa, articulando atividades culturais e educativas que tem como eixos a cultura, a história, a mitologia e o meio ambiente em uma perspectiva afrobrasileira.

### + Organizações

**Mídia independente:** <https://midiaindependente.org/> O CMI Brasil é uma rede de produtores e produtoras independentes de mídia que busca oferecer ao público informação alternativa e crítica de qualidade que contribua para a construção de uma sociedade livre, igualitária e que respeite o meio ambiente.

**Radio Jivre:** <http://radiolivre.org/> formar uma rede de troca de informações, experiências e sobretudo solidariedade. Ninguém está por trás do radiolivre.org. Montamos a infra com muito pouco dinheiro arrecadado por "vaquinhas" entre os próprios técnicos do sistema. Utilizamos computadores reciclados como servidores. Isso é uma prova de que as tecnologias atuais, principalmente no campo do software livre, permitem que os meios de comunicação sejam popularizados assim como a construção de um transmissor de rádio FM é acessível para qualquer estudante de eletrônica.

Fonte: Criação Ana Maria Rivera Fellner (2017) todos os direitos reservados



É por essa razão que a mídia alternativa e independente, como rádios comunitárias, programas audiovisuais independentes e locais, assim como o uso Redes Sociais e plataformas web, se tornaram ferramentas fundamentais das organizações excluídas e subalternizadas. As comunidades precisam contar aquilo que a mídia oficial não fala. Contar sua própria história é narrar e desmistificar a informação oficial e, assim, evidenciar a manipulação da informação feita pelo hegemônico e, do mesmo modo, mostrar as práticas políticas, organizativas, educativas, culturais e críticas das organizações de base.

O CMI (Centro de Mídia Independente) Brasil é uma rede de produtores e produtoras independentes de mídia que busca oferecer ao público informação alternativa e crítica de qualidade que contribua para a construção de uma sociedade livre, igualitária e que respeite o meio ambiente. (MINIAINDEOENDENTE, [S.d.])

Somos um coletivo que reúne militantes de diferentes movimentos sociais e partidos políticos preocupados em realizar a cobertura ao vivo das atividades políticas, culturais e educacionais que retratam as lutas sociais pela superação das atuais relações de produção da vida capitalista. Socializando Saberes. (SOCIALIZANDO SABERES, [S. d.]) <https://socializandosaberes.net.br/sobre-o-coletivo>

Quando as comunidades e organizações que não são imperantes conseguem comunicar, informar, registrar, visibilizar e denunciar isso se transforma em mecanismos de luta que descolonizam a centralidade da informação. As três comunidades que focam o trabalho na construção permanente de cenários alternativos de comunicação são: Socializando saberes, Centro de Mídia Independente e Rádio Livre. Com processos coletivos, colaborativos e em rede, estabelecem pontes com diferentes tipos de organizações sociais para abranger distintas temáticas, regiões, interesses e culturas.

“Comunicação é poder”, diz TC, da Casa de Cultura Tainã, e é por isso que acessar, apropriar e utilizar tecnologias comunicacionais que permitam o desdobramento das histórias, dos saberes, das práticas cotidianas, culturais e organizativas das comunidades quilombolas, indígenas, populares, camponesas, femininas, obreiras, estudantis, comunitárias, ambientalistas entre outras, e assim, avançar no reconhecimento do múltiplo, na união das forças e no fortalecimento da luta pela descolonização das mentes e dos modos de pensar e de fazer é necessário e urgente.

O movimento negro no Brasil tem uma vasta experiência nessa luta. É por isso que existem inúmeras e diferentes organizações sociais estudantis, acadêmicas, civis,

populares e femininas no país que dão conta dessa pauta pela dignificação e o reconhecimento do papel preponderante da cultura negra na consolidação histórica, social e cultural do Brasil.

A Casa de Cultura Tainã, a Fazenda Roseira e o Centro Cultural Coco de Umbigada fazem parte dessas experiências significativas que se ancoram nessa luta pela dignidade da vida e da cultura negra.

**Tabela 4: Experiências significativas da luta da cultura de matriz africana**

| Organizações                                                           | Objetivos                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Fazenda Roseira<br>Surge: 2008<br>Campinas-SP-Brasil                   | A Associação do Jongo Dito Ribeiro desde 2008 faz a gestão da Casa, articulando atividades culturais e educativas que tem como eixos a cultura, a história, a mitologia e o meio ambiente em uma perspectiva afro-brasileira. Com base na lei 10639/03, de implementação do estudo da história da África e da cultura afro-brasileira nos currículos escolares de todas as redes de ensino do país, desenvolve atividades direcionadas para alunos da rede básica de ensino e para a formação de profissionais da educação. Disponível em:<br><br><a href="https://comunidadejongoditoribeiro.wordpress.com/casa-de-cultura-fazenda-roseira/">https://comunidadejongoditoribeiro.wordpress.com/casa-de-cultura-fazenda-roseira/</a> Acesso em: 15 dez. 2019.     |
| Ponto de Cultura Coco de Umbigada<br>Surge: 1998<br>Campinas-SP-Brasil | O Ponto de Cultura Coco de Umbigada, é um projeto que trabalha a inclusão social de jovens em situação de vulnerabilidade social da comunidade do Guadalupe e seu entorno, bairro que representa uma das maiores densidades demográficas e baixo IDH da cidade de Olinda. Promove a preservação da memória e a difusão da cultura negra e afrodescendente, ampliação dos direitos humanos, perspectiva e empoderamento profissional pela cultura e educação. Disponível em:<br><br><a href="https://sambadadecoco.wordpress.com/">https://sambadadecoco.wordpress.com/</a><br><a href="https://pt-br.facebook.com/pg/cocodeumbigada/about/?ref=page_internal">https://pt-br.facebook.com/pg/cocodeumbigada/about/?ref=page_internal</a> Acesso em: 15 dez. 2019. |
| Casa de Cultura Tainã<br>Surge: 1989<br>Campinas-SP-Brasil             | Possibilitar o acesso à informação, fortalecendo a prática da cidadania e a formação da identidade cultural, visando contribuir para a formação de indivíduos conscientes e atuantes na comunidade. Disponível em:<br><br><a href="http://www.taina.org.br/">http://www.taina.org.br/</a><br><a href="http://www.mocambos.net/tambor/pt">http://www.mocambos.net/tambor/pt</a> Acesso em: 15 dez. 2019.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |

Fonte: Criação Ana María Rivera Fellner (2019), adaptado de:  
<https://comunidadejongoditoribeiro.wordpress.com/casa-de-cultura-fazenda-roseira/>  
<https://sambadadecoco.wordpress.com/> <http://www.taina.org.br/> Acesso em: 15 dez. 2019.

O trabalho cultural, político e social que desenvolvem estas organizações está centrado especialmente em processos educativos populares que geram processos de inclusão social, por meio da música, da apropriação tecnológica, do resgate de práticas

ancestrais e do reconhecimento da matriz africana<sup>99</sup> como legado cultural, social e político presente no Brasil.

A cultura como articuladora das lutas, das resistências, materializada em um território físico e simbólico. Físico de um lugar, mas ao mesmo tempo simbólico e digital para que possa transitar por outros e entre outros territórios para se fortalecer e fundar redes de solidariedade. A Mãe Beth de Oxum, do Ponto de Cultura Coco de Umbigada, acredita nisso quando diz: “E eu acho que a cultura está na centralidade dessas lutas políticas que ressignifica o território, preto, índio, quilombola, sem território não é nada, nada.”

Território e cultura são dois fundamentos vitais para estabelecer e dar sentidos às memórias históricas dos povos que foram desvalorizados, submetidos e estereotipados como incapazes, incivilizados e ignorantes, impondo a eles culturas hegemônicas e reprodutivistas de um sistema colonial e imperial.

Neste sentido, as tecnologias têm um papel muito importante já que as três organizações reconhecem a importância dos saberes e tecnologias ancestrais para o fortalecimento desse território cultural afro, indígena, popular e camponês.

É assim que, por exemplo, o tambor é considerado uma tecnológica ancestral importantíssima para a consolidação da cultura, enquanto ele, como parte ritualística, possibilita a comunicação entre os vivos e os mortos nos terreiros e, assim, convocam as/os participantes a dançar e discutir sobre as questões que afligem e problematizam na comunidade.

Do mesmo modo, nessa necessidade de dizer e contar sobre aquilo que tem sido apagado, o uso das ferramentas tecnológicas digitais contemporâneas terá um papel preponderante nessas organizações para difundir e compartilhar suas percepções de mundo.

A Casa de Cultura Tainã, nesse afã de se apropriar e dominar essas tecnologias digitais para construir pontes entre territórios culturais com objetivo de fortalecer a diversidade, propõe a ideia de construir a Rede Mocambos, da qual falarei com maior

---

<sup>99</sup> Nesta tese se entende a Matriz Africana a partir do que propõe Alessandra Ribeiros Martins na sua tese doutoral: *Matriz Africana em campinas: territórios, memória e representação* já desde o resumo:

Matriz africana é toda herança ancestral cultural, territorial, monumental, linguística e organizacional, tanto em documentos e vestígios urbanos quanto na oralidade, transmitidos pelos negros africanos escravizados e preservados no território pela memória através de manifestações, reinvenções e reterritorializações em Campinas em forma de grupos, marchas, cortejos, manifestações culturais, povos e comunidades tradicionais.

detalhe no capítulo quatro e cinco. Rede fundamentada e concebia sobre os princípios técnicos e políticos do *software* livre e sobre os princípios organizativos do Quilombo dos Palmares<sup>100</sup>.

O Ponto de Cultura Coco de Umbigada criou um jogo digital chamado os Contos de Ifá<sup>101</sup> como estratégia educativa para sensibilizar e ensinar sobre os orixás, divindades ancestrais africanas que estão nas práticas religiosas do Candomblé e da Umbanda e, deste modo, promover a diversidade religiosa.

Finalmente, temos a Rádio Aconchego e o Cursinho Herbert de Souza. Ambas iniciativas comunitárias que surgem da necessidade em gerar espaços alternativos onde as pessoas possam ter a oportunidade de participar de discussões e da construção crítica da realidade.

A Rádio Aconchego está localizada em Recife, capital pernambucana localizada no nordeste brasileiro. É uma iniciativa comunitária que busca gerar processos de apropriação tecnológica por meio do uso do *software* livre, criar espaços de discussão crítica sobre o que são as tecnologias da informação e da comunicação e, o mais importante, criar conteúdo para rádio que seja próprio e popular sobre as necessidades concretas e materiais das pessoas do bairro Engenho do Meio.

O Cursinho Herbert de Souza, localizado em Campinas/SP, além de ser popular, tem a intenção de promover o acesso ao conhecimento para jovens com poucas condições econômicas que lhes oportunize ingressar na universidade pública. Sua proposta pode ser descrita em três ações: (i) promover o uso do *software* livre; (ii) expandir as reflexões dos jovens por meio de uma rádio comunitária; e (iii) criar conteúdo próprio, não só dos cursos, mas também do pensamento crítico dos jovens mediante um boletim informativo<sup>102</sup>.

Essas oito organizações valorizam e reconhecem a importância do acesso e da apropriação das tecnologias e saberes ancestrais, assim como o uso das tecnologias contemporâneas da informação e da comunicação para promover cenários de memória e de cultura. Todos esses elementos ancorados na necessidade de estimular o pensamento crítico, a condição de classe, a liberdade e a autonomia.

100No capítulo 5 se expõe a questão do Quilombo dos Palmares e sobre a Rede Mocambos.

101Contos de Ifá. Disponível em: <http://contosdeifa.com/> e <https://www.youtube.com/watch?v=hcawb3ieJ8c>.

Acesso em: 15 dez. 2019.

102Cursinho popular Herbert de Souza. Disponível em: <http://cursinhopopularherbertdesouza.blogspot.com/>. Acesso em: 15 dez. 2019.

### 3.3 Usos das tecnologias: Liberdade e autonomia e ações micropolíticas

Cada organização aqui identificada e apresentada é uma expressão do que Rivera Cusicanqui (2018) chama de territórios emancipatórios micropolíticos, isto é, territórios que no presente constroem ações em territórios concretos. Estas organizações dispõem seus modos de agir a partir do reconhecimento da união na diversidade, procuram o universal no particular, combinam experiências e formas de luta, conjugam velhas e novas utopias, reconhecem a importância das práticas alternativas e com novas linguagens. A ação micropolítica destas organizações rompe com a lógica tradicional das organizações de massas, elas se constroem desde a particularidade que constitui a cada uma para estabelecer, posteriormente, redes de trocas e de fortalecimento.

La micropolítica es un escapar permanente a los mecanismos de la política. Es construir espacios fuera del estado, mantener en ellos un modo de vida alternativo, en acción, sin proyecciones teleológicas ni aspiraciones al “cambio de estructuras”. En este sentido es, nada más y nada menos, que una política de subsistencia. Pero también es un ejercicio permanente y solapado de abrir brechas, de agrietar las esferas molares del capital y del estado. Una reproducción ampliada, de lo micro a lo macro, que no traicione la autonomía molecular de estas redes-de-espacios pero que pueda afectar y transformar estructuras más vastas, sin sumirse a su lógica, es aún una posibilidad no verificada, y por lo tanto un riesgo. (RIVERA CUSICANQUI, 2018, p. 142)<sup>103</sup>.

As ações micropolíticas desenvolvidas por cada organização têm elementos em comum e sutilezas diferenciais, mas todas convergem em três lutas fundamentais e particulares da suas realidades: i) Salvar a memória; ii) Valorar a cultura própria; e iii) lutar pelo território. Nessas ações micropolíticas, as organizações se desenvolvem para fortalecer ou evidenciar suas lutas, no uso das tecnologias como ferramentas, sejam de suporte, de expansão, de comunicação ou de denúncia.

Para “salvar a memória”, como parte imprescindível para a construção de sociedades e como elemento constitutivo da cultura, instrumentalizam as TICs que possibilitam a materialização do registro audiovisual, enquanto documento narrativo de uma realidade, de uma cosmovisão, de práticas culturais que dão conta de um legado histórico do qual as organizações fazem parte.

<sup>103</sup>Tradução: A micropolítica é uma fuga permanente dos mecanismos da política. É construir espaços fora do estado, manter neles um modo de vida alternativo, em ação, sem projeções teleológicas ou aspirações à “mudança de estruturas”. Nesse sentido, nada mais é do que uma política de subsistência. Mas é também um exercício permanente e sobreposto de abrir brechas, de quebrar as esferas molares do capital e do estado. Uma reprodução expandida, do micro ao macro, que não trai a autonomia molecular dessas redes-de-espacos, mas que pode afetar e transformar estruturas mais vastas, sem acrescentar à sua lógica, ainda é uma possibilidade não verificada e, portanto, Ambos um risco (RIVERA CUSICANQUI, 2018, p. 142, tradução minha)

Por sua parte, as tecnologias ancestrais são usadas em dois sentidos. O primeiro, na prática dos ofícios cotidianos e ritualísticos e, segundo, como potencializadoras de memória que deve ser registrada em imagem fixa ou audiovisual, para mostrar esse outro modo de fazer e pensar em comunidades e sociedades. E para que as futuras gerações conheçam o passado e os estilos de vida e interação que se davam entre o ser humano e a natureza.

A cultura, como expressão vital de cada comunidade, evidencia uma diversidade. Elas são múltiplas, por isso que cada uma das organizações mapeadas, tanto na Colômbia quanto no Brasil, lutam pelo reconhecimento da diversidade cultural, pela dignidade, a autonomia, o território a autodeterminação, a memória, o patrimônio e de seus diversos modos de fazer. As culturas populares, indígenas, camponeses e afro-descendentes expressam uma trama da existência humana.

Essa diversidade de tramas manifestam formas de vida diferentes, o que permite ressaltar a riqueza da condição humana como elemento fundante que representa o território latino-americano. A América Latina não é homogênea. É diversa e conjuga a justaposição de heranças afro, indígenas e europeias. Todos esses elementos nos integram.

O território material, físico, simbólico e digital é o lugar da materialização da cultura. É onde se anuncia e denuncia, onde vai se forjando, junto a outras pessoas, a consciência crítica e se expõe as concretudes da luta pela liberdade e a autonomia. É sobre um território que se constrói a memória; é sobre um território que se gera cultura. Território – Memória – Cultura são, então, a trama inseparável do que constitui uma comunidade. São três pilares que fortalecem as comunidades.

As tecnologias da informação e da comunicação são fundamentais para fortalecer os processos comunicativos e informacionais das comunidades. Comunidades que querem visibilizar a violação dos direitos, denunciar atropelos aos quais são submetidas por multinacionais e/ou entes do Estado, mas, ao mesmo tempo, também querem difundir suas práticas, estabelecer intercâmbios culturais com outras comunidades e se colocarem no mundo como parte dele em uma perspectiva que valoriza a diversidade.

Dessa forma, posso dizer que a compreensão e carga valorativa das tecnologias nas organizações variam dependendo da tecnologia usada. Então temos, tecnologi-

as para o trabalho produtivo e cotidiano, tecnologias para as práticas culturais, ritualísticas e espirituais e tecnologias para preservar a memória, estabelecer pontes e disseminar a particularidade política, social e cultural de cada uma delas.

### 3.4 Considerações

Neste capítulo mostrei alguns elementos gerais do que fazem as organizações, tanto da Colômbia quanto do Brasil, com as tecnologias ancestrais e as tecnologias da informação e da comunicação. E, também, afirmei que nestes usos aparecem cargas valorativas que impulsionam a busca pela dignificação, autonomia e liberdade por meio da geração de uma consciência crítica sobre o território, a memória e a cultura como fontes fundantes do fazer coletivo. Se descolonizar é reconhecer a importância dos saberes e fazeres que lhes são próprios para se reconhecer no diverso, no múltiplo.

Do mesmo modo, posso dizer que é na interação e integração que as organizações conseguem fazer entre seus modos de fazer ancestral/contemporâneo para visibilizar e dar força e valor a seus modos de ser e de estar no mundo, é um exemplo do que podem ser as tecnologias *Ch'ixi*.

Essas tecnologias digitais, apropriadas e usadas pelas comunidades permitem construir um suporte de preservação patrimonial de saberes e fazeres e, ao mesmo tempo, possibilitam a visibilidade de outras leituras sobre o mundo. Esse exercício micropolítico de autodeterminação e de construção de canais de comunicação para interagir com o mundo e as outras pessoas permite a construção de traços de liberdade e de autonomia.

Mas nessa linha de pensamento surgem também as seguintes inquietações: apropriar-se e usar as tecnologias da informação e da comunicação é suficiente para materializar uma autonomia e uma liberdade no uso delas? Usar esse tipo de tecnologias é compreender seu funcionamento técnico e o conhecimento que está por trás delas? Quem é possuidor desse tipo de conhecimento tecnológico? Quais dependências estabelecemos quando deixamos de lado o reconhecimento desse conhecimento?

Desconhecer o conhecimento que está por trás das tecnologias digitais pode evidenciar duas hipóteses: i) que esse tipo de conhecimento está afastado da discussão cotidiana das comunidades porque é muito específico e poucas pessoas podem

fazê-lo; e ii) a consequência disso é manter o *status quo* da divisão social do conhecimento.

Nesse sentido, como salvaguardar o conteúdo produzido pelas comunidades e assim cumprir o desejo de preservar a memória? Quem tem acesso a esse conteúdo? Quais são os mecanismos? Como é usada essa informação? Como a luta pelos direitos também passa pela luta pelo direito a ter acesso a esse tipo de conhecimento tecnológico?

Por isso, então, usar não é suficiente. É importante se apropriar e dominar esse conhecimento técnico e tecnológico particular e, assim, descolonizar e descentralizar esse saber.

Nos próximos capítulos vamos conhecer como a experiência da Casa de Cultura Tainã e da Rede Mocambos contribuíram para a construção de respostas a estas inquietações.



## CAPÍTULO 5. Casa de Cultura Tainã: Ancestralidade, memória, cultura e tecnologia



*“Num encanto, a natureza aflora  
e o povo vai embora, que é hora de trabalhar  
E assim o nosso dia se transforma na agonia de estar vivo sem poder viver  
E o que será do amanhã se a gente não lutar pelo nosso direito de ser?  
Ser livre e ser feliz”.*

Samba-enredo composto por Antônio Carlos Santos da Silva, o TC, em parceria com Aloísio Jeremias, no ano de 1983.

Para compreender e aprofundar mais sobre o papel das tecnologias ancestrais/contemporâneas ou tecnologias Ch'ixi no fortalecimento da cultura, da memória, do território e da comunicação nas ações micropolíticas adentraremos a experiência desenvolvida pela Casa de Cultura Tainã, na e pela Rede Mocambos.

Acessar a trajetória da Casa de Cultura Tainã, em Campinas, e de outras comunidades e organizações sociais do Brasil, nos remete às lutas do Movimento Negro Unificado (MNU), aos pontos de cultura, ao software livre, à comunicação alternativa, à ancestralidade de matriz africana com os sons de seus tambores e cantos. Mas, sobretudo, à necessidade de construir territórios físicos e digitais, rurais e urbanos, livres e autônomos para todos os povos e movimentos sociais excluídos pelo sistema hegemônico.

A partir da aproximação que tenho feito com a Casa de Cultura Tainã posso dizer que ela é uma referência local e nacional de cunho político, cultural, organizativo e social que abraça, a partir das lutas reivindicativas do MNU, as lutas pela terra, a água, o território, a diversidade, a tecnologia, a educação popular e plural, a luta antimanicomial, o reconhecimento dos saberes ancestrais afro e indígenas e a necessidade de uma construção histórica para um Bem Viver<sup>104</sup>.

Antes da minha chegada ao Brasil eu não conhecia a Casa de Cultura Tainã. Como consegui então saber da existência da Tainã? Como consegui me aproximar nessa história, nessa experiência, nessa comunidade diversa? A resposta se remonta ao mês de fevereiro de 2017 quando estava a procura e identificação de organizações sociais de base que tivessem como eixo central o trabalho com tecnologias livres, então, soube da existência da Casa de Cultura Tainã.

Procurei os dados do e-mail da comunidade para estabelecer contato. Depois de duas tentativas não consegui resposta. Minha procura continuou e, no dia 21 de junho de 2017, identifiquei outra organização em Campinas chamada Laboratório do Bem-Viver<sup>105</sup>. Escrevi um e-mail para o Laboratório me apresentando e contando um

104O conceito do Bem Viver surge a partir das concepções de vida que tem os indígenas em relação à natureza. O Bem viver se constrói na coletividade e nas lógicas comunitárias do benefício comum e na consciência da natureza como parte vital da existência do ser humano e, com isso, a importância de promover outras alternativas mais responsáveis de economia e de consumo. No livro, ACOSTA, Alberto. O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Elefante, 2016.

105“Laboratório do Bem-Viver é uma plataforma experimental para o fazer-conhecer Museologia Social em Campinas. De natureza intersectorial e transversal, seu objetivo é a realização de projetos e ações colaborativas que mobilizem a memória e o patrimônio integral das comunidades para ampliar sua resiliência e promover o seu Bem-Viver.” Disponível em: <https://labdobemviver.wordpress.com/sobre>. Acesso em: 20 dez. 2019.

pouco sobre meu interesse de pesquisa e da vontade de conhecer um pouco mais sobre a proposta deles.

Juliana Siqueira, membro do Laboratório, no dia seguinte, respondeu e informou que na cidade havia outra organização que poderia se aproximar mais do meu interesse e me falou da Casa de Cultura Tainã. Além disso, Juliana sugeriu minha participação no Encontro Cultura Viva Comunitária<sup>106</sup> nas cidades da América Latina, que aconteceria na cidade entre os dias 1º e 4 de julho de 2017, com participação de organizações, movimentos sociais e ONGs do Brasil e de outros países da *Abya Yala*.

Os caminhos com a Tainã se juntaram de novo. O interesse em participar do Encontro do Cultura Viva Comunitária se somou à ideia de conhecer e me aproximar de outras práticas sociais e comunitárias do Brasil.

Participar daquele encontro foi muito significativo pela riqueza humana, experiências organizativas e micropolíticas e, sobretudo, pela esperança. O encontro foi itinerante, já que aconteceu na sede de algumas organizações sociais de Campinas: a Casa de Cultura Fazenda Roseira<sup>107</sup>, Comunidade Jongo Dito Ribeiro<sup>108</sup>, Ponto De Cultura e Memória Ibaô<sup>109</sup>, Casa de Cultura Tainã e a ocupação teatral sala dos Toninhos, na Estação Cultura.

Tive a oportunidade de conhecer algumas pessoas da Tainã e, com isso, gerar o primeiro contato. De volta à Curitiba e, enquanto eu fazia uma reflexão sobre as possibilidades encontradas, pensava nas organizações que já tinha identificado. Foi

---

106“Ainda que o conceito “cultura viva” tenha surgido com a experiência brasileira dos Pontos de Cultura, na prática ele existe há décadas em milhares de comunidades da região. “Cultura viva comunitária” é, portanto, uma expressão criada para dar nome, sentido e visibilidade a dinâmicas culturais que vêm surgindo nos países ibero-americanos.” Disponível em: <http://iberculturviva.org/encontro-em-campinas-discute-politicas-publicas-de-cultura-viva-em-nivel-municipal/>. Acesso em: 20 dez. 2019.

107“Casa de Cultura Fazenda Roseira têm como objetivo proporcionar à região noroeste de Campinas, arte, cultura, lazer e educação ambiental.” Disponível em: <http://casadeculturafazendaroseira.blogspot.com.br/>. Acesso em: 20 dez. 2019.

108“A Comunidade Jongo Dito Ribeiro é um grupo de pessoas que reconstituem e vivem a cultura do jongo através da memória que se tem de Benedito Ribeiro. Benedito Ribeiro foi festeiro de São João e devoto de São Benedito. Nascido no ano de 1905 em Caldas - Minas Gerais, em 1932, já casado com a campineira Benedita Neves Baltazar, foi para a cidade de Campinas, onde manteve a tradição recebida de seus pais, realizando rodas de jongo quando reunia os amigos.” Disponível em: <https://comunidadejongoditoribeiro.wordpress.com/>. Acesso em: 20 dez. 2019.

109“Somos uma comunidade de semeadores culturais. Nossa atuação é culminância de vivências, pesquisas e criação de práticas que semeiam a continuidade do que consideramos Patrimônio Cultural de Matriz Africana. Esse histórico teve início há mais de 30 anos, com os ensinamentos do nosso Mestre, o capoeira Tedi Wilson de Souza, ou Mestre Tedi, como era conhecido. O Instituto Baobá (Ibaô) foi fundado em 2007, fruto do histórico que se inicia na década de 1982, alicerçado na prática da Capoeira e dos seus fundamentos em diálogo com as diferentes formas de (re) construção e (re) significação das referências afrobrasileiras na comunidade e portanto, tem haver com o nosso pertencimento identitário.” Disponível em: <https://institutobaoba.wordpress.com/>. Acesso em: 20 dez. 2019.

quando decidi que teria que voltar à Campinas para estabelecer contato com a Casa de Cultura Tainã e apresentar as ideias da minha pesquisa.

Depois de muita insistência, consegui marcar um novo encontro, que ocorreu entre os dias 10 e 11 de agosto 2017. E foi ali, ao redor da cotidianidade da Tainã, das respostas às ligações, da visita das crianças à comunidade para mexer no piano e nos tambores, da construção de um tambor e diante do sementeiro de baobás, saboreando o café, do cigarro e da música, se estabelece uma longa e agradável conversação com o TC (ver figura 3). E, como um bom contador de histórias, marcadas por trechos musicais, me contou sobre a casa de cultura, sobre as tecnologias e sobre a luta do MNU.

*Figura 3: TC (Antônio Carlos)*



*Fotografia: Ana María Rivera Fellner  
(2017) todos os direitos reservados*

TC é militante, músico, artista, pai, representante da Casa de Cultura e quem me permitiu conhecer e me adentrar na história da Tainã e me possibilitar o contato com algumas das pessoas que fazem e fizeram parte da história da Casa. TC é uma figura representativa, um homem de caráter forte e sensível, teimoso e sonhador. Reconhece a importância de formar a autonomia e a criatividade nas crianças. Um homem que conta histórias cantando e que encara as dificuldades com ousadia e paciência.

Não foi uma entrevista, nem uma conversa formal, foi um encontro em que ele compartilhou comigo histórias de vida, acontecimentos, canções para enfatizar algum tema, apresentou-me outras pessoas da comunidade, indicou leitura de revistas e apresentação e recomendação de vídeos sobre a história da Tainã e da Rede Mocambos.

O modo no qual se deu esse encontro evidenciou que uma entrevista formal e fechada não poderia acontecer com o TC. E que, para conhecer a história da Tainã e seu relacionamento com as tecnologias, a cotidianidade tinha que ser experienciada.

No final da tarde do primeiro dia o TC e eu fomos visitar uma pessoa chamada Junior (Ver figura 4), parceiro da Tainã e que, como diz o próprio Junior, “tem uma relação orgânica com a Casa de Cultura Tainã junto ao Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento”.

*Figura 4: Junior Paixon*



*Fotografia: Ana María Rivera Fellner, (2018) Todos os direitos reservados.*

Junior é militante, pai, faz parte do coletivo Socializando saberes e é parceiro da Rede Mocambos e da Tainã. É uma pessoa que acredita na importância do uso, apropriação e dominação das diversas tecnologias para que estejam ao serviço dos povos e as necessidades deles.

Na conversa com o Junior e o TC, falamos sobre a Rede Mocambos, das tecnologias e dos processos de dominação e colonização que elas têm e a importância de descolonizá-las a partir não só de uma apropriação técnica e instrumental, mas também, da identificação e apropriação dos conhecimentos que estão por trás delas, possibilitando a construção de tecnologias mais livres<sup>110</sup> e próximas das necessidades do povo. A concepção de liberdade nas tecnologias da qual fala a equipe da Tainã está baseada nos fundamentos do movimento do Software Livre.

No final dessa visita combinei com o TC de fazer outra visita em setembro daquele mesmo ano (2017) e, assim, conhecer um pouco mais sobre as pessoas que fazem parte da comunidade e as atividades que ali desenvolvem. Conforme combinado, a visita se materializou entre os dias 04 e 09 de setembro 2017.

No percurso desses dias consegui realizar duas entrevistas, uma com o Junior, com quem falei sobre tecnologia e sobre a plataforma da Rede Mocambos, e outra com a Sônia Fardin (Ver figura 5), pessoa muito importante pela sua leitura minuciosa, crítica, e militante sobre a história da cidade de Campinas e na identificação do papel da Tainã no contexto histórico, político e cultural na cidade.

---

<sup>110</sup>Fundamentos do movimento do Software Livre. Disponível em: <https://www.gnu.org/philosophy/free-sw.pt-br.html>. Acesso em: 20 dez. 2019.



*Figura 5: Sônia Fardin*



*Fotografia: Ana María Rivera Fellner, (2018)  
Todos os direitos reservados.*

Sônia, militante, mãe, ex-coordenadora do Museu da Imagem e do Som em Campinas, aposentada, pesquisadora independente, cuidadora de acervos, mulher delicada e sutil, crítica, corajosa e inquieta por aquilo que gosta. Sônia acredita na ação política como forma e estilo de vida, trabalha por tudo aquilo que impulse condições mais justas, solidárias. Sua perspectiva como pesquisadora, mulher e ativista me ajudaram muito na compreensão do contexto e a história de Campinas.

Com o TC também tive a oportunidade de ter várias outras conversas, identifiquei e selecionei material bibliográfico e algum material audiovisual que me ajudaram na compreensão do que é a Tainã como organização sociocultural de matriz africana e o que ela entende e faz com as tecnologias ancestrais e contemporâneas. A finalidade dessa segunda visita foi reconhecer as práticas cotidianas da organização e fazer um teste do que poderia ser a metodologia para realizar um trabalho de campo mais aprofundado.

Em junho de 2018, depois de seis meses de tentativas sem sucesso de trabalho de campo na Colômbia, retornei ao Brasil para começar o trabalho de campo em Campinas, com a Tainã, cujo contato foi mantido enquanto estive fora. Cheguei em Campinas na primeira semana do mês julho e fui morar na casa do TC, conhecido como “casinha”, lugar onde ele hospeda pessoas que desenvolvem alguma atividade na Tainã.

Durante dois meses morei na casinha, que fica a poucas quadras da Tainã, e tive a oportunidade de acompanhar e fazer parte do cotidiano da comunidade. Colaborei na organização dos eventos que foram desenvolvidos, ajudei nas atividades do dia-a-dia, como fazer cartazes, pintar, organizar atividades, planejar projetos para editais e participei das reuniões que me foram permitidas. Depois desses dois meses, viajei para Recife e realizei quatro entrevistas com organizações e pessoas que fazem parte da Rede Mocambos.

Por pedido da Denise Xavier, figura feminina forte e fundamental no desenvolvimento prático e administrativo da Tainã, voltei para Campinas no mês de outubro, a fim de acompanhar algumas dinâmicas. Nesta segunda vez, participei apenas de atividades concretas da casa e fiquei hospedada em Barão Geraldo, bairro próximo à Campinas, para transcrever as 20 entrevistas realizadas e organizar o material desta pesquisa, que estava em pleno desenvolvimento.

A aproximação e a reconstrução histórica que consegui fazer sobre o que é a Tainã e os sentidos que ela tem construído sobre as tecnologias ancestrais e contemporâneas só foi possível pela acolhida e disposição das pessoas que estão envolvidas, direta e indiretamente, com ela. Mas especialmente, reconheço que, graças ao TC, a Denise, a Sônia, a Glória, a Juliana, ao Batata, ao Carlos e ao Júnior (Ver figura 6), que foram solidários, afetuosos, se dispuseram em conversas e histórias e me deram suportes em diferentes dimensões, tais como moradia, cuidados, informações, sugestões, escutas, inquietações e provocações para conseguir compreender que a Tainã não é uma comunidade estática, que ela é uma construção histórica complexa, envolvida e transpassada por diversas lutas que procuram o sentido de justiça e da diversidade.



*Figura 6: Rede de afetos e apoio*



*Nomes da esquerda para a direita: Ana María, Juliana, Carlos, Sônia, Denise, Batata, Gloria, TC e Junior. Foto: Ana María Rivera Fellner (2018) Todos os direitos reservados.*

A reconstrução histórica dos eventos, dos sentidos no fazer e pensar e das concepções sobre matriz africana, tecnologias, território, cultura, memória e rede ocorreu graças às conversas formais e informais feitas com as memórias vivas das pessoas que faziam e fazem parte dessa história: Banto Palmarino, Ike Banto, Michel, Silas, Moacir, Alessandra Ribeiro, Elaine (do CTI)<sup>111</sup>, Elaine (Maracatu), Cristiano, Daniel (Recife), Luiz, Fernando, Guitinho, Marielde, Mãe Beth de Oxum, Cibeles, Daniel (Campinas), Denise, Junior, Sônia, Gloria, Batata, Carlos, Ney e o TC.

A reconstrução histórica também foi possível pelo material audiovisual compilado, 35 vídeos no total, cada um com duração diferente, disponíveis no Baobáxia<sup>112</sup> e

<sup>111</sup>Centro de Tecnologia da Informação Renato Archer. <https://cti.gov.br/pt-br> Acesso em 20 dez de 2019

<sup>112</sup>Baobáxia é um repositório multimídia projetado para operar em comunidades rurais com nenhuma ou pouca Internet. Uma rede no Baobáxia é uma coleção de mucúas ou nodos (nós). Cada mucúá é um computador ligado na rede da comunidade, onde os usuários podem fazer upload da própria produção cultural, na forma de áudio, vídeo, texto e imagens. O conteúdo de cada mucúá pode ser sincronizado com o de outros mucúas, online ou offline através das mucúas móveis das pessoas que circulam nas comunidades. As memórias dessa forma se espalham de modo que cada nó pode potencialmente abrigar todo o conteúdo de toda a rede.

na plataforma de vídeos Youtube, assim como as teses doutorais de Alessandra Ribeiro (2016), Érica Giesbrecht (2011), Francisco Antunes Caminati (2013), o livro de Roniel de Jesus Felipe (2012) e os documentos oficiais da casa que me foram permitidos ter acesso.

Território, ancestralidade, comunicação, música, tecnologias livres, educação, sementes, terra, água, são algumas das tantas pautas da Casa de Cultura Tainã evidentes em todos os dados recolhidos. Isso, numa análise inicial, indica que não é possível pensar e compreender os sentidos das tecnologias na comunidade sem esses elementos. É sobre essas pautas que se fazem importante as lutas que determinam o papel das tecnologias ancestrais e contemporâneas nesta organização.

Para aprofundar sobre essa questão localizarei espacial e historicamente a Tainã. Datarei, aqui, alguns momentos históricos da comunidade e a relação de alguns desses acontecimentos com as políticas públicas e apresentarei alguns dos princípios filosóficos e políticos que direcionam as ações da organização e o papel, sentido e significação que têm construído os participantes da Tainã sobre as tecnologias ancestrais e contemporâneas.



Figura 7: Casa de Cultura Tainã



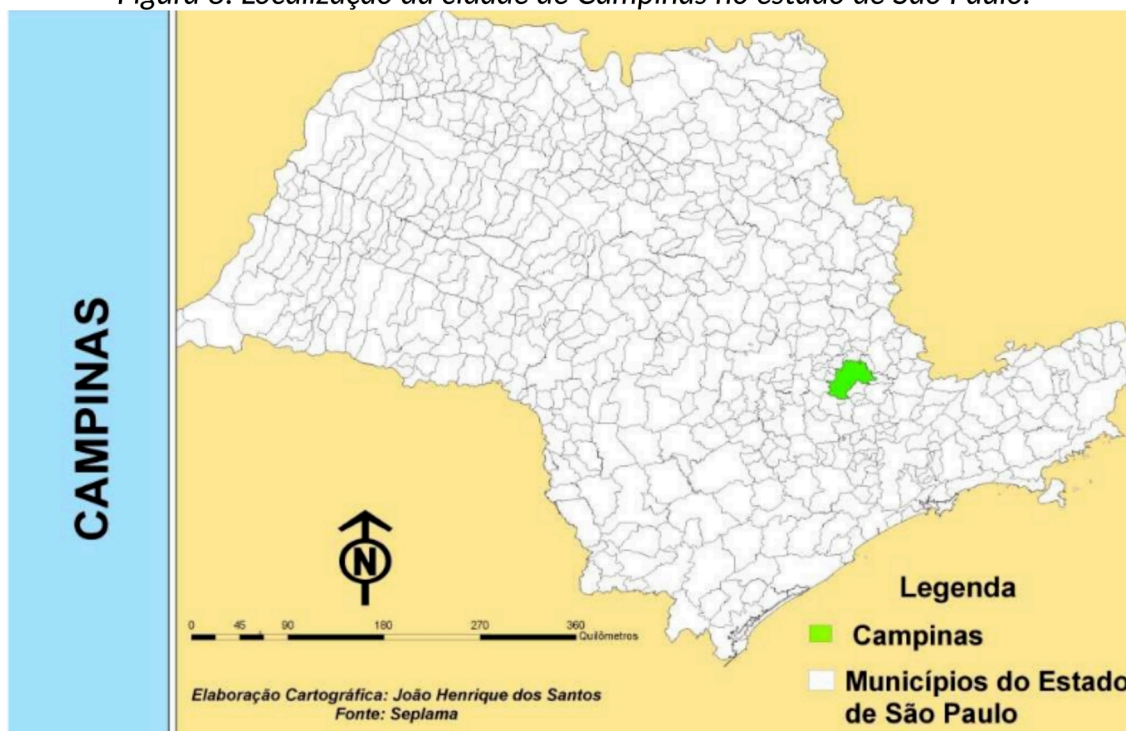
Fonte: Ana María Rivera Fellner (2018) Todos os direitos reservados.

## 4.1 O Contexto geográfico, histórico e político da Casa de Cultura Tainã

### 4.1.1 Sobre Campinas

A cidade de Campinas (Ver figura 8) está localizada no Estado de São Paulo, Brasil. Segundo o Censo de 2010, a cidade tem 1.080.113 habitantes e tem sido catalogada como uma cidade rica, promotora de grandes investimentos e aumento do capital para os empresários e a indústria tecnológica.

*Figura 8. Localização da cidade de Campinas no estado de São Paulo.*



Fonte: SEPLAMA 2000

Além disso, é uma cidade que estimula o conhecimento por meio da ciência e da tecnologia através das múltiplas instituições particulares e públicas. É definida por setores acadêmicos como Cidade do Conhecimento (FARDIN, 2017).

O processo de modernização e consolidação das bases estruturais na cidade ocorreu principalmente entre as décadas de 1970 e 1980. Consequentemente, nesse período, Campinas acabou por se transformar em destino de fluxos migratórios internos, ganhando a partir daí contornos demográficos que se mantêm até hoje (GIESBRECHT, p. 108, 2011).

Mas essa cidade próspera e destinatária da migração interna também traz consigo um alto nível de desigualdade (Ver figura 9). Sendo uma das cidades mais ricas do Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é também uma cidade desigual na concentração dos recursos.

Pelos dados vemos que 38% dos campineiros vivem com até 1 salário mínimo mensal. Dois em cada três vivem com até 2 salários mínimos. Vivem com até 3 salários mínimos 78% dos moradores. Apenas 4% dos moradores possuem rendimentos mensais acima de dez salários mínimos, ou seja, pouco mais de quarenta mil habitantes, algo como 12 mil famílias. Se olharmos ainda mais para cima, para rendas acima de 15 ou 20 salários, o número de casos seria muito menor. Na outra ponta, 400 mil pessoas sobrevivem com até 1 salário mínimo. Setecentas mil com até 2 salários mínimos (CICONE, 2017).

**Figura 9. Distribuição de rendimentos mensais em Campinas, SP**



Fonte: CICONE, Reinaldo Barros. *A população de Campinas*. <http://confrariando.com/a-populacao-de-campinas/> publicado em 16/02/2017, acessado em 29/10/2017. Dados oficiais do IBGE, censo 2010. <http://cidades.ibge.gov.br/> Dados compilados e gráficos elaborados pelo autor.

Além do reconhecimento da desigualdade como parte estruturante da cidade, também se faz importante narrar o papel da escravidão da população africana no Brasil e na consolidação da história desse território. O desenvolvimento econômico de Campinas/SP e da aristocracia da cidade está ancorado no processo de exploração de mão-de-obra escravizada, primeiro no auge do açúcar e, posteriormente, do café. Segundo o presidente da Comissão da Verdade sobre a Escravidão Negra, o advogado Ademir José da Silva (2015), “O Brasil foi o último país em abolir legalmete a escravidão na América (1888) e Campinas a última cidade do país”<sup>113</sup>, além disso, Campinas

<sup>113</sup>Tomado de: <<http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2015/11/ser-vendido-barao-de-campinas-era-castigo-para-escravos-diz-advogado.html>> Acesso 12 de Janeiro 2020.



foi considerada, por pesquisadores como a “cidade castigo” para as pessoas escravizadas pelo alto nível de maus-tratos e violência.

Após a abolição da escravidão, esse grupo social se instaura na região urbana e faz parte de diversos setores da sociedade ao assumir diferentes tipos de tarefas, serviços e trabalhos. Assim, surge outra etapa do processo de urbanização de Campinas.

De uma força agrícola, pelo café e o açúcar, Campinas passa a ser uma cidade industrial no século XX, o que aumenta o processo migratório e, do mesmo modo, aumenta a construção de bairros populares e periféricos. As construções desses bairros foram realizados pela autoconstrução, por meio do Banco Nacional da Habitação (BNH) e pela Companhia de Habitação Popular de Campinas (Cohab/Campinas), instalada em 1965.

Com a instalação das Vilas Rica e Castelo Branco no último quartel da década de 60 e, posteriormente já na década de 80/90, dos Distritos Industriais (DIC's), esse território é demarcado como área de construção de empreendimentos imobiliários destinados às classes populares. Nesse sentido o historiador LAPA nos alerta:

“que a nova sociedade burguesa e capitalista vem com o tempo impor regras de racionalização do uso do espaço urbano, o que vem discriminar de maneira mais acentuada as desigualdades nos níveis de renda social” (1996:27)

Assim sendo, pela primeira parte do bairro São Bernardo (1954 – construída pela Fundação da Casa Popular) e posteriormente as Vilas Rica (1966) e Castelo Branco (1967-1968) estão inseridas num processo de higienização do centro de Campinas. (GONÇALVES, 2003)

A Vila Castelo Branco, antiga Vila Bela, “foi um dos bairros periféricos que receberam grande parte da população negra remanescente do período escravocrata, após as reformas e retirada dos cortiços das áreas centrais de Campinas” (MARTINS, 2016, p. 219). É nesse bairro que acontecem e se gestam diversas experiências populares e de luta por parte da comunidade negra.

Três dessas experiências significativas são as ações desenvolvidas para crianças da periferia pela liderança negra Laudelina de Campos Mello, fundadora da Associação das Empregadas Domésticas de Campinas. Encontros secretos do grupo de teatro Evolução, “o primeiro grupo de teatro negro organizado em 1971” (MARTINS, 2016, p. 217) e a criação da Casa de Cultura Tainã. Cada uma destas intervenções é base para o fortalecimento da luta pela autodeterminação e dos direitos da população

negra e pela criação de espaços educativos e culturais para a população mais vulnerável.

Mesmo que os processos de desigualdade persistam em Campinas, as resistências e re-existências criadas por parte de diversos movimentos sociais estão presentes na busca por condições mais justas e igualitárias das populações mais vulneráveis, esquecidas e periféricas e, no caso concreto do contexto histórico escravocrata da cidade, da população negra. Em entrevista Alessandra Ribeiros diz,

Em Campinas, ao longo dos últimos vinte anos, vem ocorrendo uma crescente visibilidade das ações culturais da comunidade negra em regiões e espaços antes restritos a práticas de outras culturas, o que nos inspira a refletir sobre esses novos atores no fortalecimento de atividades culturais de matrizes africanas, criando um novo contexto e possibilitando novas reflexões sobre os territórios negros e as práticas sobrepostas nessas localidades. Entrevista Alessandra Ribeiros. [10 de agosto 2018]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. Campinas. Arquivo .mp3 (33 min.).

Do mesmo modo, essas ações organizativas também têm permitido o reconhecimento de que o conhecimento que surge na cidade está para além das instituições formais, hierárquicas e excludentes. A periferia, as organizações que ali atuam e os movimentos sociais têm construído, no percurso da história, um conhecimento que não é reconhecido pela academia, mas que circula pelas ruas e pelas pessoas por meio de diversas ações políticas. “O conhecimento não é uma abstração, é resultado do acúmulo da experiência prática” (FARDIN, 2017, p. 07).

#### 4.1.2 Sobre o Caminho Das Estrelas: Tainã

*“Alguns sonhos morrem ao amanhecer,  
Mas há sonhos que se realizam em plena luz do dia”*

TC

O sonho do que é hoje a Tainã remonta ao ano de 1989, quando moradores da Vila Castelo Branco fundaram a Associação de Moradores da Vila Castelo Branco. Com a liderança de Antônia Frutuosa Felisbino, mulher negra, trabalhadora doméstica, moradora da Vila e conhecida como Toninha, são organizadas atividades culturais e artísticas no centro social da Vila como estratégia para encarar a criminalidade e o consumo de drogas, gerando, assim, outras alternativas de vida e de experiência às crianças e aos jovens. Para fazer possível as aulas de violão, por exemplo, conforme nos conta a Denise Xavier (Entrevista, 2018) que: “Ela catava latinha na rua para vender, para comprar violão para as crianças da comunidade”. Essa dedicação, cuidado,

persistência e luta para fazer acontecer foram as características dessa mulher, a Toninha, que começou um sonho que é mantido até hoje.

Antônio Carlos (TC), atualmente coordenador da Tainã, músico e militante do MNU, foi convocado pela Toninha nesse mesmo ano, 1989, para dar aulas de violão. Ele aceita e, dessa forma, empreende com a Toninha e junto a outro grupo de moradores e educadores a realização desse sonho do que vai se chamar depois de Casa de Cultura Tainã.

*Figura 10. De esquerda para direita: TC, Vó Geralda (Mãe do TC), Toninha e Fausto (Educador)*



Fonte: Acervo da Casa de Cultura Tainã. Todos os direitos reservados

Nessas trocas de solidariedades entre diferentes pessoas e com diversas ações, o sonho da Dona Toninha ficou maior e as atividades aumentaram, o que tornou o espaço usado em centro social. A demanda por mais espaço foi inevitável, por isso, em 1991 a casa se muda e ocupa o prédio da Cobal (Companhia Brasileira de Alimentos).

Projetado para depositar alimentos, o espaço, de 1978 até 1989, ficou abandonado, resultando em mais um dos incontáveis desperdícios de



dinheiro público, fato inadmissível para um país que, no início da década de 1990, era reconhecido pela robustez do dragão inflacionário e por seus seguidos e falhos planos econômicos. Com o espaço a mercê dos roedores e incontavelmente invadido por marginais e vândalos, a Prefeitura de Campinas resolveu que parte do prédio da Cobal seria utilizada por trabalhadores da Administração Regional 5, responsável pelas obras realizadas nas imediações.

O prédio era para guardar alimentos foi ocupado por máquinas de construção, tratores, rolo compressores, caminhões de asfalto. Estavam detonando o prédio e a gente precisando espaço. Fomos até o administrador da regional na época, o João Cortez, e pedimos um espacinho para a Casa de Cultura, que já era muito maior que a salinha que a gente tinha (FELIPE, 2012, p, 149).

Nesse novo espaço e nesse mesmo ano surge o que seria a primeira marca ou logo oficial da Casa de Cultura Tainã (Ver figuras 11 e 12).

*Figura 11. Logotipo da Casa de Cultura Tainã.*



Fonte: Acervo Casa de Cultura Tainã.

*Todos os direitos reservados*

*Figura 12. Logotipo da Casa de Cultura Tainã.*



Fonte: Acervo Casa de Cultura Tainã

*Todos os direitos reservados*

A escolha da Arara se deu pela identidade brasileira, além de ser um dos nomes das aves não presentes no bairro. Aí, pensamos em colocar o nome da Arara em Tupi-Guarani porque a casa também tinha muito do pioneirismo da cultura indígena. Aí passamos chamar a casa de Tainã, que significa caminho das estrelas. (FELIPE, 2012, p. 152)

Em 1º de janeiro de 1989 assume a prefeitura de Campinas Jacó Bittar (Partido dos Trabalhadores). Junto à sua equipe e o secretário de cultura Célio Roberto Turi-

no de Miranda, propõem, entre 1990 e 1992, criar 13 Casas de Cultura para fortalecer o trabalho cultural localizado em alguns bairros de Campinas. Como afirma Turino:

Assim começou a rede de 13 Casas de Cultura na cidade. Concebida enquanto espaço comunitário, cada Casa recebia uma pequena biblioteca com 500 livros, treinamento para orientadoras de leitura, um agente comunitário (selecionado na própria comunidade e recebendo um salário mínimo por mês), oficinas artísticas, ingressos gratuitos para espetáculos realizados nos dois teatros municipais e apoio para eventos locais ou integradores de rede, como o Recreio nas Férias. Uma ação simples, nada grandiosa, calcada na realidade e na generosidade de nosso povo (TURINO, 2010, p, 67).

Mas os bons desejos de construir esses espaços culturais e populares perderam força pelas inconsistências administrativas do governo local no direcionamento dos recursos, pelas condições materiais insuficientes e superficiais com as quais se pensavam, por parte da administração, se deveriam fazer as ações nas Casas de Cultura e pela poucas garantias políticas para mantê-las no percurso do tempo. As vontades políticas, ancoradas em paternalismos e assistencialismos, não estabelecem processos de empoderamento e autonomia, pelo contrário, aprofundam a dependência.

Mas não se pode negar também que foi um momento importante para o movimento cultural de Campinas porque foi um período em que foi evidenciado o protagonismo da diversidade cultural e das múltiplas manifestações artísticas como potencial humano e social da cidade. Assim, é indicado por Sônia Fardin (2017), em um de seus depoimentos:

E todo um esforço de repensar a ação das políticas públicas, as ações institucionais das secretarias a partir do conceito de descentralização. E descentralização, não no sentido de que há um centro que vá levar a cultura para periferia mas que a produção cultural ela é diversa, ela tem diversidade e ela acontece em centros múltiplos, né? E não em essa relação só de um centro e uma periferia que circula em torno de esse centro (Entrevista Sônia Fardin. [08 de setembro 2017]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. Campinas. Arquivo .mp3 (1:08:30)).

Em 1993, depois de ter tido um pequeno avanço no reconhecimento da importância da cultura na consolidação e fortalecimento do povo, a mudança da gestão municipal e a chegada ao poder do Partido da Social Democracia Brasileiro (PSDB), representado por José Roberto Magalhães Teixeira, não tardou o desmonte da ideia das Casas de Cultura e se fez evidente com o corte de recursos públicos destinados às Casas de Cultura. Foi uma época marcada por crises para as lideranças das Casas de Cultura.

As pessoas que faziam parte da Casa de Cultura Tainã, nesse momento, procuraram ajuda na comunidade, junto ao projeto Recreio, ajudaram a sustentar um pouco o espaço, no entanto, duas situações geram tensão e tristeza: i) se inicia um problema com o espaço, o qual teriam que desocupar, segundo a administração municipal; e ii) acontece o falecimento de Toninha.

Com o falecimento de Toninha, “a casa ficou meio sem norte, era quase impossível continuar sem ela”; “Sem ela, a Tainã ficou mal das pernas”, afirma o TC<sup>114</sup> (FELIPE, 2012). Toninha era uma liderança articuladora e que conseguiu convocar uma diversidade de pessoas à Tainã .

Nesse embate com a administração municipal pelo espaço aconteceram várias tensões. Os integrantes da Tainã decidiram não sair da Cobal. Entre os anos 1994 e 1995, a tensão pela ocupação se acentua e, no começo de 1996, a administração solicita a retirada das coisas da Tainã. Na incerteza de não ter um lugar onde continuar desenvolvendo as práticas, os integrantes da Tainã decidem se manter no local enquanto não lhes fosse designado um lugar digno e com garantias que lhes permitissem continuar as atividades.

No percurso desse período, de 1991 até 1996, a Tainã desenvolveu e organizou exposições, teatro, exibição de cinema, oficinas de cinemas, música, pintura e diversos shows. Depois de muitos confrontos com a prefeitura, a Tainã

“foi transferida para um vestiário de uma piscina desativada na Praça dos Trabalhadores, local totalmente inadequado e sem condições de atender de forma digna a população. Contudo, TC o denomina como “o primeiro banheiro cultural da América Latina” (FARDIN, 2017, p. 16)

A Tainã continua no mesmo local atualmente. (Ver figuras 13, 14, 15 e 16)

---

114Depois da morte Dona Toninha, o TC assume a liderança da Tainã.

Figura 13. Localização Casa de Cultura Tainã.



Fonte: Google maps. Rua Inhambu 645, Vila Castelo Branco

Figura 14 Fachada Casa Cultura Tainã



Fotografia: Ana María Rivera Fellner (2018) Todos os direitos reservados



*Figura 15. Casa de Cultura Tainã. Sala 1*



*Fotografia: Ana María Rivera Fellner (2018) Todos os direitos reservados.*

*Figura 16. Parte exterior da Casa de Cultura Tainã, com saída da casa para o jardim lateral*



*Fotografia: Ana María Rivera Fellner (2018) Todos os direitos reservados.*

O abandono total do Centro Esportivo do Trabalhador "Brasil de Oliveira" tinha convertido o espaço em foco de tráfico e consumo de drogas, por isso, revitalizar o entorno e melhorar as condições de infraestrutura do novo lugar se converteram nos novos desafios dos membros da casa.

"O que é seu, volta para você", a frase escrita no cartaz de inauguração da Tainã no novo espaço, em 21 de dezembro 1996. A Casa de Cultura foi sendo reconstruída aos poucos e com a calma suficiente do saber esperar.

Em 1997 aparece na história da Tainã uma mulher que, até hoje, vai ser parte importante da estrutura organizativa e vital nas ações desenvolvidas ali. Ela é Denise Xavier (Ver figura 17), mulher de caráter forte, decidida e "com os pés no chão" para fazer acontecer as atividades administrativa, de planejamento e organização. Alessandra Ribeiro Martins, Liderança da Fazenda Roseira compreende a figura da Denise da seguinte forma:

Se a casa de Cultura Tainã tem uma grande aranha que tece fios consistentes, que é o TC, essa grande teia não teria nenhuma sustentação se não houvesse quem amarra-se os fios que é a Denise, que às vezes parece algo subjacente ou meia sombra porque penso que em alguma medida não é o que se evidencia, mas é a pessoa que na sua diversidade, que na sua pele branca, que na sua boca desbocada, que na sua alma transparente e ao mesmo tempo indomável que faz com que essa teia não se desgrace, eu penso que se houvesse só essa aranha tecendo fios fortes sem ter aquela pessoa que amarra os fios e os nós da rede, isso não seria teia e o que possibilita também quem volte na Tainã sempre que é chamado, é porque até os fios soltos a Denise tem habilidade de reamarrar e eu acho fundamental e extremamente importante não por uma questão de militância, mas de reconhecimento de importância é frisar que a Tainã não seria essa mesma Tainã sem a Denise Xavier Entrevista Alessandra Ribeiros. [10 de agosto 2018]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. Campinas. Arquivo .mp3 (33 min.).

#### E como diz Elaine da Silva Tozzi:

A gestão da Tainã ela é muito centralizada na pessoa do TC. Tem a Denise. A Denise tem um papel fundamental. A Denise é uma pessoa que ficou muito escondida estes anos todos, então eu falava que tinha que desesconder a Denise e também tinha muito, pelas relações estabelecidas ali na casa. (Entrevista Elaine da Silva. [21 de agosto 2018]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. Campinas. Arquivo .mp3 (2:00:09)).

O TC e a Denise conceberam o Kimba e a Layla, filhos de sua relação conjugal e afetiva. A Layla, hoje com 21 anos de idade, tem atuação forte nas pautas do povo negro e todas as causas que são mais propensas a ter condições mais justas para as comunidades mais esquecidas e desfavorecidas.



*Figura 17: Denise Xavier*



*Foto: Autor desconhecido, Sem data, Compartilhada por Denise em 2019. Todos os direitos reservados*

Denise, mulher, mãe amorosa e dedicada, persistente, espiritual, umbandista, decidida, com força e coragem no fazer acontecer, presente e constante na história da Tainã. Crítica e sempre amorosa e cuidadora. Ela me ajudou a estabelecer mais contatos e pontes com pessoas que fazem e fizeram parte da Casa Tainã e a Rede Mocambos. Estar perto dela me permitiu compreender a dinâmica da Tainã desde diferentes dimensões afetivas, históricas, de angústias, de sobrevivências, de fortalecimento. Histórias demarcadas pelo olhar de uma mulher cuidadora e persistente.

A chegada da Denise na Tainã marca momentos importantes na história da comunidade porque é ela quem assume a coordenação operativa e de produção das atividades que se desenvolveram e são desenvolvidas até hoje. Além de atuar como fotógrafa, é mãe e companheira, faz acontecer, operacionalizando e materializando de forma prática e administrativa as atividades existentes e novas responsabilidades que a Tainã assume enquanto se expande.

Ainda em 1997, assume como prefeito da cidade Francisco Amaral do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Durante o período desse governo não

são apresentadas transformações quanto vontades políticas para reconhecer os trabalhos desenvolvidos pelas organizações comunitárias e culturais. Porém, as atividades na Tainã continuaram e a necessidade de legitimar e garantir a permanência no novo espaço e a adequação física dele persistem.

Em 2001 chegam novos ventos de esperança com as pautas culturais do novo prefeito eleito, Antônio da Costa Santos, o Toninho do Partido dos Trabalhadores (PT). Mas no começo do nono mês de mandato, em 10 de setembro de 2001, foi assassinado. Um final de ano abalado. Izalene Tienne assume a prefeitura de Campinas. Em 2002 ela “entregou nas mãos do TC o documento de posse da área” (FELIPE, 2012, p. 167). (Ver Figura 18).

Figura 18. A Casa Tainã consegue Documento de posse da área



Fonte:(clicknotícia (sem data) Maxpress - On line - Casa Tainã consegue espaço. disponível em <http://www.clicknoticia.com..> Acesso em 20 de Janeiro de 2020.

Ainda em 2002,

“Com ajuda do Larry Hudson, ex jogador do Lakers e do Globetrotters, a gente conseguiu um outro computador. Pelo fato de ele ser americano, a gente fez contatos na Compaq, conseguimos um monte de computadores de última geração” (FELIPE, 2012, p.167).



Isso incentivou a galera jovem e inquieta que fazia parte da Tainã em pensar em processos formativos com a população sobre informática e adentrar no aprendizado sobre o Software Livre.

As oficinas não eram oficinas de tecnologia ou de informática e tal, a gente colocava as pessoas nessa situação, a gente vai trabalhar computador, a gente vai aprender (...) mas eu lembro que os materiais que a gente criava eram todos voltados para nossos temas, então tinha, criava slides, sites offline. As primeiras oficinas que tinha ensinava usar o mouse, usar o teclado e etc, coisas básicas assim, tinham slides que falavam sobre o estatuto de infância e adolescente, a questão da infância no Brasil, como era a questão do abandono, qual era a questão das políticas públicas, tinha esses slides aí que trabalhavam com isso e tinham um outro que falava sobre o negro no Brasil. Como a gente não tinha conexão com a internet então de noite eu pegava e juntava um monte de temas e tal e construía sites e dali ia propondo histórias com a galera. Ia brincando com essas histórias assim. Eu fiz oficina de muita gente. Fiz oficinas com os meninos do PROGEN, com os usuários do CAPS, com a comunidade e tal, nesse ponto foi que eu me apaixonei por ser um educador na área da tecnologia (Entrevista Michel. [29 de outubro 2018]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. Campinas. Arquivo .mp3 (3:06:52)) (Ver Figura 19)

Os projetos e parcerias eram amplos e diversos. O Comitê para Democratização da Informática (CDI)<sup>115</sup> era um dos parceiros. Membros da Tainã receberam processos formativos pelo CDI para que, posteriormente, eles gerassem espaços educativos com a comunidade sobre o uso do computador. Mas o programa do CDI não trabalha com sistemas operativos livres por ser financiada pela Microsoft o que gerou um posicionamento crítico por parte do pessoal da comunidade, mesmo assim, a parceria com o CDI continuou.

---

<sup>115</sup>O CDI Campinas é uma associação sem fins lucrativos que, desde 2000, desenvolve um trabalho pioneiro de promover a inclusão social por meio do uso consciente das tecnologias digitais como instrumento para o exercício e a construção da cidadania. O CDI – Comitê para Democratização da Informática nasceu em 1995, na cidade do Rio de Janeiro, a partir de uma grande campanha de arrecadação de computadores intitulada “Informática para Todos”. A rede é coordenada e acompanhada por 24 escritórios regionais e internacionais, entre eles, o CDI Campinas. O projeto atua em todo o Brasil em comunidades de baixa renda, penitenciárias, instituições psiquiátricas e de atendimento a portadores de deficiência, aldeias indígenas e ribeirinhas, centros de ressocialização de jovens privados de liberdade, entre outros locais, sejam nos centros urbanos ou em zonas rurais, beneficiando pessoas de diferentes faixas etárias, culturas, raças e etnias.” Disponível em: <http://www.campinas.sp.leg.br/comunicacao/noticias/2014/comite-para-a-democratizacao-da-informatica-e-a-proxima-entidade-a-ser-ouvida-na-comissao-de-ciencia-e-tecnologia>. Acesso em: 21 dez. 2019.

*Figura 19. Escola de informática e cidadania*

### CDI CAMPINAS INAUGURA NOVA ESCOLA



O CDI Campinas (Comitê para Democratização da Informática de Campinas) inaugurou na sexta-feira, dia 13 de julho, sua 8ª escola de Informática. A EIC (Escola de Informática e Cidadania) foi instalada na Casa de Cultura Tainã, em Campinas e faz parte de um projeto piloto da parceria entre o CDI Campinas e a Compaq, empresa norte-americana do ramo de informática. A multinacional doou 10 microcomputadores para serem usados nas aulas da nova escola, que atenderá cerca de 300 pessoas da região da comunidade do bairro Vila Castelo Branco, onde fica localizada a Casa de Cultura Tainã.

O evento tem como atrações a apresentação do Maracatu da Casa Tainã e a exposição dos trabalhos feitos nas oficinas oferecidas pela entidade à comunidade. A solenidade conta com a presença da coordenadora geral do CDI-Campinas, Andréia Marques, da representante da Compaq, Ione Giamboni, do Presidente da Casa Tainã, Antônio Carlos Santos Silva. O Prefeito Municipal de Campinas Antônio da Costa Santos e a Secretária de Educação do Município, Corinta Maria Geraldi foram convidados para a cerimônia, mas não confirmaram presença até esse momento.

A sala onde será inaugurada a escola de informática recebe o nome de uma ilustre moradora do bairro, Laudelina de Campos Mello, falecida há cerca de 10 anos. Mais conhecida como Dona Nina, Laudelina é um ícone na história da comunidade por ter criado o primeiro sindicato feminino do país, o sindicato das empregadas domésticas, que funciona até hoje na casa onde residia.

A Casa de Cultura Tainã desenvolve o projeto de informática "Passos à Cidadania" desde 1999, cuja filosofia assemelha-se a do CDI. São projetos de ação cidadã discutidos pelos alunos para vivenciar os aplicativos de informática. De acordo com o professor Andersson de Souza Ferreira, o objetivo é proporcionar à comunidade informação. Ferreira formou-se no CDI e ministrará as aulas em conjunto com Michel Alencar Morandi.

"Esta parceria com a Tainã beneficia muito a comunidade, pois ela passa a contar com uma alternativa viável de inclusão social", destaca a coordenadora do CDI Campinas Andréia Marques.

Casa de Cultura Tainã  
R. Inhambu, 645 – Praça dos trabalhadores – Vila Castelo Branco – Campinas (SP)



O Comitê para a Democratização da Informática (CDI) é uma organização não-governamental, sem fins lucrativos que, desde 1995, desenvolve o trabalho pioneiro de levar a informática às populações menos favorecidas. Por meio nas EICs – Escolas de Informática e Cidadania – desenvolve programas educacionais e profissionalizantes visando diminuir a exclusão digital a que essas comunidades são submetidas. São 38 comitês nacionais, em 19 estados e, 9 internacionais. Em Campinas – onde começou a atuar em maio de 2000 – o CDI mantém atualmente 46 Escolas de Cidadania e Informática e, desde 2000, já atendeu mais de 6000 pessoas, entre crianças, adolescentes e adultos. A meta é expandir o número de EICs para 50 até o final desse ano. A organização capta recursos técnicos e financeiros por meio de parcerias com empresas, instituições filantrópicas e poder público, que além de doarem equipamentos e verba, apoiam com trabalho voluntário, técnico e de instrução em aulas.

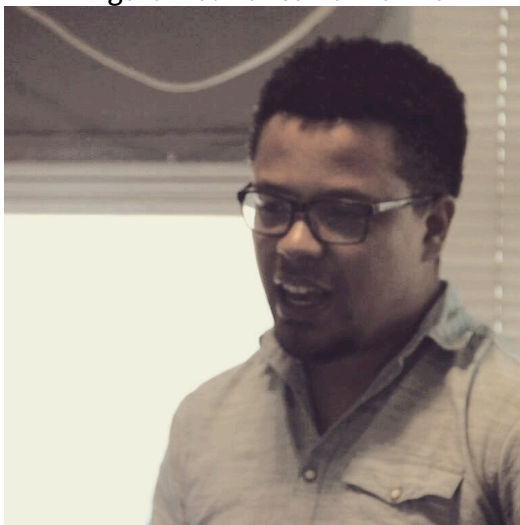
» [Baú de Notícias](#)  
» [Galeria de Fotos](#)  
» [Clipping](#)

Fonte: [http://www.clicknoticia.com.br/default.asp?not\\_codigo=82](http://www.clicknoticia.com.br/default.asp?not_codigo=82)

Eu cheguei aqui na Tainã, não lembro o ano, talvez, 2002-2003 (...) depois eu aproveitei e vinha para cá que tinha um laboratório do CDI, uma organização de inclusão digital, tinha os equipamentos, a galera pesquisava bastantes coisas aqui e aí eu falei para usar linux e a galera topou o desafio eu ia muito no CDI a estudar, em casa não tinha internet, a galera do CDI deixava eu usar o laboratório deles estudando e aí eu trazia coisas para cá e ficava estudando aqui também e aí a gente foi montando esse grupo de estudo, tinha mais o Michel, que também gostava de estudar, também tinha o Perna e foi aparecendo mais pessoas (Entrevista Banto Palmarino. [30 de julho 2018]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. Campinas. Arquivo .mp3 (33:12min)) (Ver figura 20).

[...] nem no CDI as pessoas discutiam isso, eu me lembro que a gente gerava muito problema com os caras, mas assim, a gente só problematizava a Microsoft e a capilaridade dela de estar em tudo. A gente problematizava o controle e o monopólio da Microsoft, mas a gente não apresentava nenhuma solução, engraçado que nessa época do CDI ninguém falava disso porque eu acho que não tinha mesmo, era um treco bem novo, o Debian estava na segunda [...] (Entrevista Michel. [29 de outubro 2018]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. Campinas. Arquivo .mp3 (3:06:52)) (Ver Figura 21)

*Figura 20: Banto Palmarino*



*Foto: Autor desconhecido, Sem data,  
Todos os direitos reservados*

Banto Palmarino, ativista do movimento negro, pai, rapper, programador, articulador de sonhos e ideias, criativo, forte, decidido e sensível. Fez parte da Tainã por mais de dez anos, hoje colabora na Tainã com atividades específicas. Foi uns dos que trouxe a reflexão sobre o software livre na Casa de Cultura Tainã.

*Figura 21: Michel Alencar Morandi*



*Foto: Autor desconhecido, Sem data.  
Todos os direitos reservados*

Michel Alencar Morandi Designer gráfico, pai, rapper, homem sensível com vontade de descobrir coisas novas. Fez parte da Tainã por mais de dez anos, hoje colabora na Tainã com atividades específicas.

Em 2003, após de participarem de programas governamentais tal como o Orçamento Participativo (OP) e jurídicos, como a Lei Federal de Incentivo à Cultura<sup>116</sup>, os integrantes da Tainã conseguem obter verba para desenvolver vários de seus sonhos e objetivos. Por meio do primeiro, OP, foi possível fazer as adequações físicas no prédio, reforma necessária para continuar desenvolvendo as múltiplas atividades, essas adequações se estenderam até 2014<sup>117</sup>. Ainda hoje, 2020, precisam de mais adaptações físicas e, com a Lei Federal de Incentivo à Cultura, para desenvolver atividades artísticas e culturais e fornecer instrumentos à orquestra de Tambores de Aço<sup>118</sup> criada com jovens da Vila.

Com a chegada de Luiz Inácio Lula da Silva, Lula, à Presidência da República do Brasil e do cantor Gilberto Gil ao Ministério da Cultura, em janeiro de 2003, outras possibilidades surgiram para a Casa de Cultura Tainã. O secretário de Cultura de Campinas, gestão entre 1990 até 1992, Célio Roberto Turino de Miranda, é chamado para fazer parte da equipe do Ministério da Cultura e desenvolver a ideia das Casas de Cultura, posteriormente Pontos de Cultura, em território nacional.

A vida me levou por outros caminhos até que sou chamado a trabalhar no ministério da Cultura, isso há 12 anos, para pensar um programa de descentralização cultural, que é o ponto de cultura e aí eu fui ver as experiências que tinham passado pela minha vida qual que tinha uma característica que conseguiu sobreviver para desmonte das casas de cultura em Campinas. E foi exatamente a Tainã, e aí eu fui observar as características deles, no que diferiam de outras casas de cultura que não conseguiram sobreviver, eram exatamente essas do forte enraizamento territorial, da articulação em rede, gerando um componente de empoderamento social e é daí que eu extraí esses três conceitos básicos para a construção do ponto de cultura que hoje é um movimento, talvez

116"A Lei 8.313, de 23 de dezembro de 1991, instituiu o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) com o objetivo de ampliar o acesso à cultura e a produção cultural em todas as regiões; apoiar, valorizar e difundir as manifestações artísticas brasileiras; proteger nossas expressões culturais e preservar o patrimônio; além de estimular a produção cultural como geradora de renda, emprego e desenvolvimento para o país. Três mecanismos fazem parte do Programa: o Incentivo à Cultura, o Fundo Nacional de Cultura (FNC) e os Fundos de Investimento Cultural e Artístico (Ficarts)." Disponível em: <http://leideincentivoacultura.cultura.gov.br/o-que-e/>. Acesso em: 21 dez. 2019.

117Na entrevista com o Michel, ele evidencia as demoras e os incumprimentos administrativos por parte dos poderes públicos: A reforma da casa começa com orçamento participativo e o orçamento participativo entrega, praticamente, a metade, não tinha acabado mesmo, não tinha janelas, não tinha vidros, não tinha energia elétrica, iluminação, entendeu? entregou bem pela metade e aí nessa conversa nós que tivemos que terminar as coisas, então a gente ocupou de novo a casa e foi terminado aos poucos, as primeiras iniciativas da rede Mocambos e tal, não tinha nem piso, era bem precário, era chão de pedra. MICHEL. Entrevista 29 de outubro de 2018 na Casa de Cultura Tainã- Campinas-São Paulo.

118A ideia de montar uma orquestra de tambores de aço ou orquestra de steel drum, começa em 1978, quando "um grupo de caribenho ... vieram para uma turnê malsucedida, foram abandonados por um empresário que ficou com a grana deles..."; TC procura ajuda com a Prefeitura de Campinas e conseguem organizar uma nova turnê por diferentes cidades de São Paulo e, assim, conseguiu coletar dinheiro para eles voltarem às suas cidades. Nesse processo, o TC faz sinergia com o responsável da construção e afinação do tambor e aprende sobre isso.

você acompanhe que é a Cultura Viva Comunitária que tem por toda América Latina (Entrevista Célio Turino. [26 de outubro 2018]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. São Paulo. Arquivo .mp3 (43:46)).

A ideia inicial dos Pontos de Cultura vinha das Bases de Apoio a Cultura (BAC), que tinham como finalidade construir alguns espaços físicos para desenvolver atividades artísticas e culturais. Depois de muitas discussões entre o Ministério e algumas lideranças da cultura, especialmente o TC decide-se pelo fortalecimento das práticas organizativas existentes e, assim, surgem os Pontos de Cultura.

Ponto de Cultura é um conceito de política pública. São organizações culturais da sociedade que ganham força e reconhecimento institucional ao estabelecer uma parceria, um pacto, com o Estado. Aqui há uma sutil distinção: o Ponto de Cultura não pode ser para as pessoas, e sim das pessoas; um organizador da cultura no nível local, atuando como um ponto de recepção e irradiação de cultura. Como um elo na articulação em rede, o Ponto de Cultura não é um equipamento cultural do governo, nem um serviço. Seu foco não está na carência, na ausência de bens e serviços, e sim na potência, na capacidade de agir de pessoas e grupos. Ponto de Cultura é cultura em processo, desenvolvida com autonomia e protagonismo social. (Entrevista Célio Turino. [26 de outubro 2018]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. São Paulo. Arquivo .mp3 (43:46)).

Por que é importante a Casa de Cultura Tainã na história dos Pontos de Cultura? Por que ela se torna um referencial?

A Casa de Tainã se torna um importante espaço para observação e reflexão, pois durante o mandato de Célio Turino este foi um dos poucos locais que sobreviveram sem apoio e repasses de recursos da PMC (Prefeitura Municipal de Campinas), mas sim pela autonomia para tomada de decisão diante dos poucos recursos disponíveis captados pelo próprio coletivo da casa, a capacidade de agregar pessoas e parceiros à interação com voluntários e comunidade local da Vila Castelo Branco (Vila Bela) e a liderança do ex-evolucionário<sup>119</sup> TC (Antônio Carlos). (RIBEIRO MARTINS, 2018)

Em 2005, “a Tainã torna-se Ponto de Cultura reconhecido pelo Governo Federal e, em 2006, recebe a Ordem do Mérito Cultural<sup>120</sup> pelas mãos do presidente Lula” (TURINO, 2010, p. 64) (Ver Figura 22).

119 O TC fez parte do grupo de Teatro Evolução, criado por Jonas Rocha Lemos em 1967.

120 Palavras do TC recebendo a Ordem do Mérito Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jG94jmBD3kY>. Acesso em: 22 dez. 2019.



**Figura 22. O Ponto de Cultura recebe reconhecimento**



Fonte: Foto do livro FELIPE, Roniel de Jesus. **Negro heróis: Histórias que não estão no gibi**. Editorial Loyola, São Paulo, 2012, pág. 72.

Nessa consolidação como Ponto de Cultura se fortaleceram os sonhos do uso das tecnologias e do Software Livre. Outro fator importante nessa consolidação foi a chegada de Elaine da Silva Tozzi (Ver figura 23), conhecedora do trabalho político, tecnológico, social e cultural da Tainã, no Ministério das Comunicações, especificamente na coordenação do projeto GESAC (Governo Eletrônico – Serviço de Atendimento ao Cidadão)<sup>121</sup>, o que permitiu o começo de uma parceria entre o Ministério das Comunicações e a Tainã.

<sup>121</sup>Portaria MC nº 256, de 13.03.2002 Define o Programa GESAC - Governo Eletrônico - Serviço de Atendimento ao Cidadão, que trata da Universalização do Acesso à Internet, com o objetivo de disseminar meios que permitam a universalização do acesso às informações e serviços do governo, por meio eletrônico. Disponível em: [https://www.mctic.gov.br/mctic/opencms/legislacao/portarias/Portaria\\_MC\\_n\\_256\\_de\\_13032002.html](https://www.mctic.gov.br/mctic/opencms/legislacao/portarias/Portaria_MC_n_256_de_13032002.html). Acesso em: 21 dez. 2019.

*Figura 23: Elaine Da Silva Tozzi*



*Fotografia: Autor desconhecido, Sem data,  
Todos os direitos reservados*

Elaine é mãe, membro do grupo de Cultura Popular Caixeiras das Nascentes, criadora de pontes e redes, potencializadora de ideias. Acredita nos trabalhos de base comunitária que impulsionam o bem viver e o bem comum. Parceira ativa da Tainã desde o ano 2000.

Eu assumo o programa GESAC que é o Governo Eletrônico de Serviço e Atendimento ao cidadão e todas minhas caminhadas profissionais eu sempre troquei com o TC. Então assim, todos os meus passos profissionais era aquela relação sendo guru. A gente sempre teve essa relação, essa construção, aí eu vou para o GESAC quando chego lá a gente tinha 3.200 comunidades a serem conectadas, tem a internet como satélite, foi um projeto que ele foi pensado em um primeiro momento sobre disponibilizar tecnologia mas não para apropriação, foi pensado para as empresas de satélite lá instalar os equipamentos e pronto e aí a gente chega e qualifica esse programa e a gente conectou 3.200 comunidades, nisso, a gente começou organizar a rede. A gente não quer só disponibilizar a tecnologia e não trabalhar com apropriação, aí a gente monta um grupo de implementadores, eu já conhecia a Tainã, já conhecia a casa, aí eu trago os primeiros jovens para fazer formação na Tainã e era em 2005, [...] Aí a gente dividiu geograficamente a região X ponto por coordenação X ponto por implementação, eles tinham um Laptop, eles tinham datashow, eles tinham GPS, eles tinham celular, então o KIT deles de trabalho era isso, para a época era ousado também essa ferramenta, para que? eles tinha sua caixa de ferramentas para ensinar as pessoas a montarem a sua rede, a consertar computador e a gente tinha que preparar esses jovens para ir na comunidade. (Entrevista Elaine da Silva. [21 de agosto 2018]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. Campinas. Arquivo .mp3 (2:00:09)).

GESAC é um programa, é um canal para integrar diversas ações, socializar iniciativas e buscar a melhora da qualidade de vida das pessoas em suas cidades. O GESAC não dá computadores, não paga monitores, não constrói telecentros, nem garante manutenção, mas cria condições de incentivo para que o convívio social floresça, outras formas de pensar sejam conhecidas, debatidas e respeitadas e possamos repensar nossa sociedade e o futuro de nosso planeta com mais inteligência, amor e esperança. (GESAC, 2011).

Vários integrantes da Tainã, Banto Palmarino, Perna, Mexicano, Angel, Tatis e outros passaram por um processo formativo para, em seguida, serem multiplicadores do programa em diferentes partes do Brasil. Esse processo permitiu a criação de uma rede nacional de comunidades quilombolas, indígenas e populares, a Rede Mocambos, da qual falarei com profundidade no Capítulo 5.

A primeira turma foi o Banto, Perna, o Mexicano, o Ângel, a Tati. Pessoal do CNI o Vitor, então esse povo todo foi para Brasília, maioria homens, de meninas só tinha a Renata, a Tais, a Tati, a Tolia e a Carina. E aí nós começamos a formar essa equipe, aí eles foram para um treinamento em Campinas para usar, que era conexão de satélite, mostrar toda aquela tecnologia e depois os outros dias eu organizei a formação deles dentro da Tainã, isso é muita diferença. E aí eles eram divididos por município, por território, quem ia cuidar de escola, quem que ia cuidar de quilombola, quem que ia cuidar de indígena e tal. (Entrevista Elaine da Silva. [21 de agosto 2018]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. Campinas. Arquivo .mp3 (2:00:09)).

Além disso, há também a implementação de uma política pública para uso do Software Livre. Detalhe que vai ser importante para fortalecer os pontos de cultura e estabelecer, posteriormente, a Rede Mocambos.

O Programa Governo Eletrônico de Atendimento ao Cidadão, por exemplo, levou a internet via satélite a mais de 5 milhões de brasileiros, em 2500 municípios. São 22 mil computadores conectados em rede, com serviços disponibilizados em software livre. Os Telecentros Comunitários - em especial os do Ponto de Cultura e do Casa Brasil - possuem computadores com acesso gratuito à internet, correio eletrônico, atendimento bancário e outros serviços virtuais à disposição da população que ainda não conseguiu ter um PC em casa. Já o Computador para Todos visa justamente possibilitar a aquisição de um bom equipamento a preço reduzido, concedendo incentivos para os fabricantes e redes de varejo para montar e vender computadores com software livre instalado. (BRASIL, 2005)

A força das políticas culturais e o grande impacto da implementação do uso do Software Livre permitiu o reconhecimento, a visibilidade e a difusão de práticas culturais próprias, diversas e periféricas, a criação de conteúdos para serem divulgados nas rádios comunitárias como a criação de conteúdos audiovisuais e fotográficos. Esses conteúdos apresentam a realidade cultural, social e política das comunidades e, assim



mesmo, se possibilitaram processos de apropriação tecnológica fundamentados na lógica do conhecimento livre.

O papel desempenhado pelo poder público a partir das políticas públicas desenvolvidas nos oito anos de Lula na presidência permitiram uma reivindicação da cultura popular, a implementação nacional do Software Livre e o aumento de oportunidades culturais e educativas para as pessoas mais vulnerabilizadas e menos favorecidas. Realizar esta afirmação não significa desconhecer que também existiram erros como usar os mesmos trâmites burocráticos e administrativos com todas as comunidades sem olhar as particularidades dos contextos.

Em janeiro de 2011 Lula terminou o período presidencial e na sequência, Dilma Vana Rousseff, também do PT, assumiu como sucessora. Mas as políticas que foram construídas no Ministério da Cultura durante o governo Lula não tinham a mesma relevância e importância para esse novo governo.

Nas entrevistas com Glória Pereira de Cunha, percussionista e, ativista política de Campinas, com Guitinho, Líder do Centro Cultural grupo Bongar do Recife e com o TC, é mencionado o declive dos Pontos de Cultura e o pouco investimento no funcionamento deles nesse novo governo. Na fala de Guitinho, o governo Lula potencializou, criou fez tudo, mas, no governo Dilma, os programas foram totalmente destruídos. Esse argumento pode ser reforçado por Turino (2012):

Com a mudança de governo teve uma alteração de prioridade. (...) É um governo que prima mais pela técnica, as planilhas, os power point da presidenta da República. Ocorre que a técnica não é neutra, a técnica é sempre uma construção feita e atende a determinados interesses. Aí eu falo da técnica no sentido do amplo, as normas, as leis, a gestão e tudo mais. E a técnica atrofia esse tipo de experimentação mais avançado como foi os Pontos de Cultura. Hoje não dá para falar que se mantém três mil pontos o governo não apoia isso (...) (TURINO, 2012)<sup>122</sup>

Apesar da Cultura não ter a mesma preponderância no governo da Dilma, em 2014<sup>123</sup> os pontos de Cultura se tornaram política de Estado a partir da Lei nº 13.018 de 22 de julho de 2014. A importância desta Lei é reconhecida por diferentes atores e defensores da cultura: “a Política Nacional de Cultura Viva é voltada para o reconhecimento e apoio às atividades e processos culturais populares já desenvolvidos, naturais,

122 Tomado do canal Fluxos Culturais. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xnARiFKpcgA>. Acesso em: 22 dez. 2019.

123 Ver lei: Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l13018.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13018.htm). Acesso em: 22 dez. 2019.

autônomos, espontâneos, estimulando a participação social, a colaboração e a gestão compartilhada de políticas públicas no campo da Cultura (Rádio Câmara, 2019)<sup>124</sup>”.

Em 31 de agosto de 2016, Dilma Rousseff sofreu a cassação do seu mandato por um processo de impeachment, acontecimento reconhecido por muitos cidadãos como Golpe. Assume a Presidência da República o, então, vice-presidente, Michel Miguel Elias Temer (PMDB). Inicia-se um desmonte sistemático das políticas sociais que tinham sido construídas nos períodos progressistas de Lula e Dilma.

Temer extinguiu o MinC (Ministério da Cultura) em 2016, com a medida provisória nº 726, medida que foi recuada rapidamente pelo surgimento da mobilização social com o movimento “Ocupa MinC” e a ocupação em diferentes instituições culturais no país. O MinC continuou existindo, mas os recursos financeiros para que as ações artísticas e culturais continuassem existindo foram, significativamente, reduzidos.

Os incentivos à cultura representaram, no governo Temer, somente 1,46% dos incentivos dados em todas as áreas do governo federal. Servidores da pasta denunciavam, à época, cortes inconstitucionais de cerca 40% no orçamento, o que feria o Artigo 216-A, que institui o Sistema Nacional de Cultura, e determina, em seu parágrafo primeiro, inciso XII, que haja “ampliação progressiva dos recursos contidos nos orçamentos públicos para a cultura”, e não sua redução. Em valores calculados de acordo com o IPCA de 2017, a dotação autorizada da Cultura atingiu R\$ 4,5 bilhões em 2013 no governo Dilma, caindo para menos de R\$ 4 bilhões em 2015 e para R\$ 2,7 bilhões em 2017. O Fundo Nacional da Cultura também não tem recebido os 3% do valor bruto arrecadado pela Loteria Federal, conforme previsto no Artigo 5.º da Lei 8.313, de 1991. (FREITAS E SILVA, 2019)

Em 2018, durante as eleições presidenciais, realizadas em 28 de outubro, vence o pleito o Capitão reformado aos 33 anos e político há 31 anos, Jair Messias Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL) como novo presidente da República, quem, ao receber a posse em 1º de janeiro de 2019, extingue de fato, por meio da medida provisória nº 870, o MinC (Ministério de Cultura).

Esses desmontes sistemáticos das políticas sociais, a partir do período Temer e no período de Bolsonaro, deixam em evidência uma manobra deliberada de censura e controle das questões sociais e culturais, assim como o apagamento da diversidade cultural e a implantação de políticas que favoreçam a classe dominante e um sistema econômico mundial.

---

124 Rádio Câmara: Disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/radioagencia/561723-deputados-artistas-e-produtores-culturais-defendem-fortalecimento-e-ampliacao-do-cultura-viva/> Acesso em: 22 dez. 2019.

Hoje, 2020, a situação da cultura, da educação, da pesquisa e de todas as políticas sociais que beneficiam as comunidades mais vulneráveis estão sendo desmanteladas. O presente do Brasil se apresenta desesperançador frente a uma lógica política perversa de conservadorismo, de fortalecimento do colonialismo interno e da dependência econômica e tecnológica, assim como a promoção e estimulação da violência como uma forma de apagamento do outro e da diversidade étnica e cultural própria do Brasil.

Compreender a história da Tainã passa, então, pelas características, políticas e valores próprios da comunidade, além do contexto social e político. Necessário considerar essa conjunção que se fortalecem ou enfraquecem os processos organizativos e as ações das comunidades e das organizações sociais. Nós construímos em comunhão, em interação, em troca, em confronto.

Na história da Tainã, as parcerias e os trabalhos estão presentes em suas ações e objetivos. Isso fica evidente na parceria com outras organizações sociais, tais como Urucungos<sup>125</sup>, Fazenda Roseira, os CAPS (Centro de Atenção Psicossocial - em favor da luta antimanicomial), o PROGEN (Projeto Gente Nova)<sup>126</sup>, A THEMIS<sup>127</sup>, o Cursinho Herbert Souza, UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), PUC (Pontifícia Universidade Católica), o Banco do Brasil e outras tantas entidades e pessoas de Campinas, do Brasil ou de qualquer parte do mundo que acreditam e propõem outras possibilidades e interações entre os seres humanos e com o mundo.

A importância da Casa Tainã para esta pesquisa reside tanto no fato de ter sido um centro de formação para muitos grupos de performance afrobrasileira de Campinas, quanto na sua proposta de reunir, não apenas estes, mas também outros agentes da cultura negra do Brasil e do mundo (GIESBRECHT, 2011, p.32)

---

125 O Grupo de Teatro e Danças Populares Urucungos Puítas e Quijengues é um grupo de cultura popular negro em ininterrupta atuação desde 1988 na cidade de Campinas. O mesmo mantém manifestações culturais e artísticas populares de substancial relevância para a preservação e continuidade do patrimônio imaterial brasileiro, como Bumba Meu Boi, Baião, Ciranda, Samba de Roda, Samba Lenço Rural Paulista, Jongo (Mineiro e Fluminense) e Maracatu. Disponível em: <http://urucungospuitasequijengues.blogspot.com/p/historico.html>. Acesso em: 22 dez. 2019.

126 O Projeto Gente Nova é uma Organização da Sociedade Civil que atua há 35 anos na região Noroeste da cidade de Campinas, a partir das diretrizes da Política Nacional da Assistência Social, atendendo crianças, adolescentes, adultos e comunidade em situação de vulnerabilidade e risco pessoal e social. Disponível em: <http://progen.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 22 dez. 2019.

127 A THEMIS – Gênero, Justiça e Direitos Humanos foi criada em 1993 por um grupo de advogadas e cientistas sociais feministas com o objetivo de enfrentar a discriminação contra mulheres no sistema de justiça. A história da THEMIS se confunde com as lutas e conquistas das mulheres brasileiras. É uma organização da sociedade civil com sede em Porto Alegre (RS/Brasil). Disponível em: <http://themis.org.br/somos/historia/>. Acesso em: 22 dez. 2019.

Apesar da figura do TC ter permanecido por todos esses anos, há muitas pessoas, mulheres e homens que fizeram possível o que é hoje a Tainã. Diversos membros que vão e voltam, entre eles podemos falar de Perna, Michel, Banto Palmarino, o Mexicano, o Alemão, Ike Banto, Denise, Layla, Cibebe, Deko, Roni<sup>128</sup>, Mestre Lumumba<sup>129</sup>, Vince, Elaine, Flávio, o Saci, Noélia, Alessandra, Luanda, Gisele, Elaine, Batata, Nei, Batata, Sônia, Carlos, Junior, Angel, Yandara, Moacir, Silas, Renato, entre tantas e tantos outros brasileiros e estrangeiros que passaram pela Casa Tainã. Cada um deles e delas tem uma participação na história da Tainã que deve ser contada.

Gostaria de aproveitar para evidenciar a importância do papel das mulheres na história da Tainã. Cada uma delas, como me contou Denise em uma das muitas das conversas que tivemos, tiveram um papel preponderante e marcante na história da Tainã. Esta mesma fala é reiterada em uma entrevista ao Socializando Saberes, em 2015, onde Denise Diz:

Toninha (*In memoriam*. Fundadora da Tainã), Dona Geralda (*In memoriam*. Mãe do TC), Silvia Reginade Barros (*In memoriam*. Tinha uma casa de Cultura em Americana e parceira da Tainã), Marisa Sambadeira (*In memoriam*), Soluna Garnes (Oriunda de Trindade e Tobago Professora de música na Tainã), Roberta Corsi, Rosana Menezes, Maria Gent (*In memoriam*), Renata Damas, Noelia Silva, Nívea Maria, Sônia Fardim, Cleusa Aparecida, Gloria Cunha, Luanda Santana, Alessandra Ribeiro, Cibebe, Elaine Tozzi, Nayara Mayn Tenka Dara, Dida, Nadya Santana, Ivone (mãe do Perna), Odete (mãe do Deco) Sônia (mãe do Ruan) Ana da Colômbia, Priscila Dila, Denise Mulati (do Ceco Toninha). Layla, Hay Von Son. Algumas continuam na casa até hoje, outras passaram e contribuíram para momentos marcantes da Tainã.

Das Mulheres que fazem parte da Rede Mocambos podem se destacar, Mãe Lúcia de Oya, Mãe Beth de Oxúm, Yashodam, Regi Nigro, Andrea Saraiva, Alcione, Sayonara, Dani Nigro e Jo da casa do boneco.

Cada uma dessas mulheres tem que ser reconhecida por ser todas elas muito fortes, guerreiras mesmo. [...] Graças as mulheres a gente tem vida então a Tainã também tem vida por conta delas. (Video Sobre a Tainã, 2015)

A Tainã, em dezembro de 2019, comemorou 30 anos de trabalho sociocultural (Ver figura 24). É uma história de luta pela terra, pela liberdade, autonomia, comunica-

128"O Roni foi esse cara que trouxe essa identidade de educador popular. Existe um educador que é o cara que tem um conhecimento e constrói conhecimento com o grupo e ele se fortalece a partir dali. Comecei a perceber que tinha uma forma de você construir política pública e implementar essas políticas públicas de forma coletiva, de forma organizada dentro das comunidades, de como que as conferências funcionavam, como que essa dinâmica da legislação direta funcionava, mas como que a gente podia participar da construção de políticas, esse também foi um detalhe bem importante de quando eu conheci o Roni, que ele trouxe essa referência para mim" (MICHEL. Entrevista, Casa de Cultura Tainã-Campinas/SP. 29 out. 2018).

129Benedito Luiz Amauro, filho de Ogum, conhecido mais tarde como Mestre Lumumba, em homenagem ao libertador do Zaire, Patrício Lumumba, é fazedor de tambores (Oni-lu), conhecedor dos mistérios do ofício milenar da percussão, poeta e compositor. Disponível em: <http://tnb.art.br/rede/mestrelumumba>. Acesso em: 22 dez. 2019.

ção, música, tecnologias e pela cultura como elemento fundamental identitário com todas suas manifestações políticas e artísticas. Luta por autonomia e independência, de busca por parcerias com pessoas e entidades, com períodos de muita austeridade econômica, mas outros momentos com bonanças econômicas e com algumas políticas públicas de períodos políticos progressistas, especificamente petistas e expansão de ações e atividades. Turino afirma,

Autonomia enquanto capacidade de tomada de decisão e sua implementação conforme os recursos disponíveis. Autonomia construída na experiência, na articulação em rede, adquirida no processo de aquisição do conhecimento, na relação entre os pares e na interação com autoridades, sejam mestres da tradição oral ou autoridades institucionais. Autonomia como prática, como a própria realização, com atos concretos de participação e afirmação social; protagonista, articulada em rede, modificando relações de poder e gerando empoderamento social. Autonomia como exercício de liberdade. (TURINO, 2010, p 68).

Figura 24: 30 anos Tainã



Fonte: Vídeo <https://baobaxia.mocambos.net/#mocambos/abdias/media/c46b61cd-da24-4539-8ca1-452b5235e0ad> (2018) Todos os direitos reservados

Nas relações sociais estabelecidas na Casa de Cultura Tainã há parcerias estratégicas com entidades do Estado e privadas. Este tipo de relação é importante, pois demonstra um diálogo horizontal e, como diz TC, “não se perde autonomia por trabalhar com entidades estatais”, mas na construção dessa relação, que tem sido baseada na política da escassez durante o percurso da história.

Mas nós sabemos que é um momento para refletir e propor canais de diálogo, sabe? e que essas canais de diálogo sejam horizontais que a gente tenha o reconhecimento que nós temos direito e que a gente tenha um espaço para dialogar e propor ideias novas para que de fato fazer deste país um país mais justo. (TC, 2010, vídeo).

Não pode ser uma relação de submissão, de fazer ações paternalistas e sem fundamento, é uma relação onde as organizações fazem parte da construção de políticas, mas que sejam coerentes com as realidades concretas que vivem as comunidades.

A gente está em um sistema que é severamente rígido com a gente, sabe? E que só lê o dinheiro que deu. Meu!!, eu te devolvo o dinheiro e você vem aqui e faz o que nós fizemos com esse mesmo dinheiro. Sabe? Eles não leem nosso trabalho, nosso trabalho tem valor, cara. O Estado brasileiro tem que entender assim, uma organização social não precisa de dinheiro, precisa de crédito (TC, 2018)

Ter essa interação estabelecida de forma clara e com princípios éticos e políticos de horizontalidade têm permitido que essa força marcante e atuante da Tainã ainda permaneça. Justamente por se manifestarem que são contra toda forma de submissão, subserviência e dependência.

A história da Casa de Cultura Tainã é contínua, ela está em disseminação constante, ela não é um corpo só, ela é a constituição de uma rede de diversas comunidades étnicas. A Tainã é uma forte influência no movimento em rede dos Pontos de Cultura, no debate sobre território e apropriação e dominação das tecnologias digitais para fortalecer os processos comunicativos das práticas e das lutas dos quilombos, das comunidades indígenas, dos camponeses e dos movimentos populares.

A atuação de seus integrantes, especialmente ao longo dos últimos quinze anos, situa a Casa de Cultura Tainã entre os mais expressivos espaços brasileiros de produção e resistência cultural da classe trabalhadora brasileira de matriz africana, de produção de conhecimento sobre tecnologia em *software* livre, documentação audiovisual e produção musical (FARDIN, 2017, p. 17).

A Nação Tainã, a orquestra de Tambores de Aço, a Fábrica de Música, a biblioteca, o Serviço Comunitário à Internet (Projeto SACI), as oficinas de informática e cidadania em parceria com o CDI, as palestras de conscientização, aprendizado comunitário, o Quilombolinhas, Tambor Menino, os encontros da Rede Mocambos, a Rota dos Baobás, o Baobáxia e outras tantas atividades desenvolvidas, assim como os eventos e shows realizados no espaço da Tainã nesses 30 anos mostram a autonomia e a força

de uma organização que, apesar das dificuldades, continua ativa na busca por cenários solidários, justos e coletivos para as populações mais desfavorecidas.

Comemorar 30 anos é reconhecer o legado pela luta, as estratégias diversas de formação popular, de construção coletiva, as interações e parcerias gestadas, as ações desenvolvidas com relação à cultura popular e tradicional e às reflexões e práticas sobre as tecnologias digitais.

Mas é importante também dizer que a comemoração se faz em momentos difíceis no sentido econômico e político. Uma parte da Casa está precisando de mudanças físicas para continuar algumas atividades. Desde 2018 se empreendeu uma campanha para reunir dinheiro para reformar essa parte da Casa. Assim escrevem numa publicação no Baobáxia:

Ajuda para Reconstrução do Prédio!!! Preza@s Amig@s e Parceir@s Estamos iniciando esta Campanha pra levantarmos recursos para Reconstruirmos o Espaço de Oficinas da Casa de Cultura Tainã. Esse espaço foi interditado pela Defesa Civil por se encontrar em risco de Desabamento e colocando em risco as atividades desenvolvidas naquele espaço. É um Espaço de 120 m<sup>2</sup> que terá que ser demolido e reconstruído novamente. Nesse espaço abrigamos por 12 anos as atividades do Centro de Convivência e Cooperativa Toninha com uma programação variada de oficinas e cursos como: curso de Bio construção, oficinais ambientais, construção de instrumentos, desenvolvimento de tecnologias de comunicação, metarreciclagem de computadores, artesanato, Eja/Fumec, produção de transmissores de rádio FM, construção com bambu, produção de geradores de energia, atividades lúdicas e pedagógicas. Vamos juntos fazer um mundo mais do nosso jeito.<sup>130</sup>

Na realização do trabalho campo no segundo semestre de 2018, acompanhei, participei e ajudei na organização de algumas atividades da Casa de Cultura. Algumas das atividades foram: Oficina de Zótero e Roda de conversa sobre Lélia Gonzalez, ministrada por Patricia Teixeira, amiga e mestre em Tecnologia e Sociedade (ver figura 25 e 26); acompanhamento no planejamento com crianças do Quilombolinhas (ver figura 27). Quilombolinhas é um espaço criado pelos integrantes da Tainã junto a mães e crianças da comunidade, que tem como objetivo estimular espaços de criação, sensibilização e autonomia em crianças; acompanhamento no Encontro de Museologia Social (ver figura 28); Rodas de conversa sobre comunicação, memória, identidade e com crianças no encontro Cultura Educa (ver figuras 29, 30 e 31); espaço musical comunitário (ver figura 32); acompanhamento na preparação e realização da celebração da Cons-

130 <https://baobaxia.mocambos.net/#mocambos/abdias/media/Of61dc5b-4662-4aa8-9acb-167d7095ea54>

ciência Negra (ver figura 33) e acompanhamento na comemoração dos 29 anos da Casa de Cultura (ver figura 34).

*Figura 25. Oficina de Zotero e conversa sobre Lélia Gonzalez.*



Desenho Ana María Rivera Fellner (2018) Todos os direitos reservados

*Figura 26. Oficina de Zotero e conversa sobre Lélia Gonzalez.*

Desenho e Fotografia: Ana María Rivera Fellner. Julho de 2018

Fotografia: Ana María Rivera Fellner (2018) Todos os direitos reservados





Fotografia: Ana María Rivera Fellner (2018) Todos os direitos reservados

*Figura 28. Encontro de Museologia Social.*



Fotografia: Ana María Rivera Fellner (2018) Todos os direitos reservados.



*Figura 29. Roda de conversa comunicação.*



Fotografia: Ana Maria Rivera Fellner (2018) Todos os direitos reservados.

*Figura 30. Roda de conversa Identidade e memória. Cultura Educa.*



Fotografia: Denise Xavier (2018) Todos os direitos reservados.



*Figura 31. Roda de conversa com crianças. Cultura Educa.*



Fotografia: Ana María Rivera Fellner (2018) Todos os direitos reservados

*Figura 32. Espaço musical Cultura Educa.*



Fotografia: Ana María Rivera Fellner (2018) Todos os direitos reservados



Figura 33. Preparação Celebração da Consciência Negra.



Fotografia: Ana María Rivera Fellner (2018) Todos os direitos reservados

Figura 34. Comemoração 29 anos da Casa de Cultura Tainã.



Fotografia: Ana María Rivera Fellner (2018) Todos os direitos reservados

## 4.2 Fundamentos culturais, filosóficos e políticos que direcionam as ações da Casa de Cultura Tainã

*Essa chegada na Tainã é o mais interessante para mim o mais marcante acho que para mim na Tainã, é que foi o primeiro lugar em Campinas que eu entrei que era Casa de Cultura, que tinha pessoas diferentes, e que não era um branco na gestão.*

*Porque quando cheguei na Tainã fiquei procurando quem era o dono, porque a minha visão de Campinas, era que todo tinha um dono, e nunca éramos nós, e ali foi a primeira vez que quando veio o TC, aquele negrão magro, com aquele dreads que era só cabelo, é ele mesmo que é o dono daqui? que louco cara, então a gente pode ser dono. Eu acho que a ideia, a ideia de que a gente também pode, também veio da Tainã, eu aprendi isso lá. Eu acho que muito da liderança que eu sou tem muito a ver com essa influência de saber que a gente também pode e se a gente também pode gestar equipamento público, a gente também pode impor nossas ideias, a gente também pode impor nossas tecnologias, agente também pode impor os nossos pensamentos, a gente também pode.*

**Alexandra Ribeiro Fazenda Roseira**

“Patrimônio, memória e resistência”, são as três primeiras palavras que você pode encontrar junto à arara azul, símbolo representativo da Tainã. Preservar as heranças, cultivar a memória e lutar pelos direitos (terra, água e comunicação) são os princípios que governam as ações dos integrantes da Tainã.

O patrimônio e a memória apontam ao reconhecimento das práticas e dos saberes ancestrais e a visibilização da história que foi apagada e negada. Segundo TC, “se a gente não conhece nosso passado não temos como construir o futuro”. E, enquanto podemos ter apropriação daquilo que é nosso, podemos construir alternativas com correspondência àquilo que somos e não àquilo que querem impor que sejamos. Isso é liberdade e autonomia. Então “Patrimônio, memória e resistência”, são o primeiro passo para conseguir essa liberdade.

Além das três palavras que aparecem no logo, a missão da Tainã diz:

*“Possibilitar o acesso à informação, fortalecendo a prática da cidadania e a formação da identidade cultural, visando contribuir para a formação de indivíduos conscientes e atuantes na comunidade.”<sup>131</sup>*

Essa missão traz implícita a construção de uma consciência crítica que, junto a “Patrimônio, memória e resistência”, fortalecem as práticas descolonizadoras que empreendem os integrantes da Tainã.

O TC, nas suas falas, coloca mais três categorias que são substanciais nas intencionalidades das ações que desenvolvem: “Liberdade, futuro e poder”. Cada uma

131. Site Casa de Cultura Tainã: Disponível em: <http://www.taina.org.br/download.php>. Acesso em: 22 dez. 2019.

delas está relacionada com elementos materiais imprescindíveis para a existência digna de qualquer sociedade e cultura.

A “Liberdade”, nas comunidades e nos sujeitos não é só uma questão de consciência crítica é também uma consciência das condições materiais, que permita a construção ou fortalecimento de uma identidade. A “Liberdade”, segundo o TC, está em correspondência com a terra, as sementes e o trabalho.

“A terra é o centro, está na frente, a gente precisa potencializar a vida na terra”, diz o TC. Sem terra e sem território não se pode materializar a cultura, não se pode cultivar, não se pode construir autonomia e liberdade. A “terra” entendida como a concretude física e o território como todas essas construções e ações, simbólicas e afetivas que fazemos na interação com ela e com os outros seres humanos. A luta pela terra, as sementes e o trabalho são muito importantes na condição humana e comunitária.

O “Futuro”, na fala da liderança, se materializa nas sementes e nas crianças. Sementes e crianças que precisam de cuidados, mas proporcionar esses espaços de cuidados no presente. É na estimulação do agora que pode se fornecer e estimular transformações no futuro.

Finalmente, nos encontramos com o “poder”, que é concretizado em três elementos chaves da condição humana: a água, a terra e a comunicação. A luta pela demarcação de terras, pelo retorno aos territórios ancestrais, contra as multinacionais e as monocultivos das monoculturas e o aumento da construção de alternativas comunicativas próprias é a evidência da necessidade de contrariar os monopólios e a concentração de riquezas.

“Liberdade, futuro, poder, patrimônio, memória, resistência, consciência crítica e identidade cultural” são os princípios e fundamentos com os quais os integrantes da Tainã desenvolvem, criam e realizam os projetos e ações. Embora a comunidade tenha como base filosófica a luta quilombola e ações de matriz africana, esses princípios e fundamentos são pensados em correspondência com outras comunidades excluídas e subalternizadas, tais como os povos indígenas, as comunidades camponesas, as organizações populares, os coletivos feministas e tantos outros coletivos que acreditam na diversidade e na importância da luta pela autodeterminação, e a reivindicação dos direitos fundamentais por uma vida digna e pela construção de um bem viver.

Esse bem viver não se configura a partir da solidão, se faz em proximidade e distanciamento com o outro e com os diversos povos. Pensar a coletividade como força é dar o valor para que as pessoas se fortaleçam, se resignifiquem e aprendam de si mesmos e dos outros/as. É por isso que a luta é pela terra, pela água e pela comunicação e aí é importante que as comunidades e povos estejam unidos. “Ou a gente se junta ou a gente se rende”, diz o TC.

Unidade é força. Unidade de fé mesmo em uma nova construção de possibilidades de nosso povo. Considerando toda a riqueza que ainda a gente tem viva, toda a esperança que dão nossas ancestralidades africanas e todas as possibilidades todas as reservas que a gente ainda representar para o mundo. (TC, 2011, Vídeo: 00:03:18)

Além desses elementos que direcionam os modos de fazer da Tainã, está a concepção sobre os saberes ancestrais e o conhecimento. Conhecer os modos de fazer e os saberes apagados permite a revalorização dos legados do ancestral e, ao mesmo tempo, o resgate de uma história e do conhecimento que fez parte da consolidação dos povos. A construção do conhecimento, na Tainã, não é exclusiva das pesquisas produzidas nas universidades. As comunidades também têm produzido conhecimentos e saberes pertinentes para compreender o mundo e as relações que se estabelecem com ele.

O conhecimento não pode ser propriedade de ninguém e não pode ser criado para fechar, limitar ou excluir. Pelo contrário, o conhecimento, como produto do intelecto humano, em um contexto cultural e social específico, deve ser livre e público para estar ao alcance de todos os seres humanos para acessar, compartilhar, trocar, transformar e potencializar os valores e as ações de cada sociedade.

“De este modo se entiende plenamente la clásica frase: ‘Conocimiento es poder’. Cuando las clases explotadas lo conquistan, dan un paso fundamental no sólo hacia su propia liberación sino hacia la del resto de las clases sociales amenazadas por la destrucción global.” (FALS BORDA 2013 p. 395).<sup>132</sup>

---

132Tradução: "Desta forma, a frase clássica é totalmente compreendida: "Conhecimento é poder". Quando as classes exploradas as conquistam, elas dão um passo fundamental não apenas em direção à sua própria libertação, mas em direção ao resto das classes sociais ameaçadas pela destruição global "( FALS BORDA, 2013 p. 395, tradução minha)

“Nada que divide me interessa”, diz o TC, por isso o conhecimento se instaura e cria a partir das falas coletivas, das rodas de conversa, das críticas, dos debates, das práticas e das ações potencializadoras. O conhecimento tem que servir para juntar e para reconhecer a diferença e a diversidade, tem que fomentar a crítica, a dúvida e a ação.

### 4.3 As tecnologias e a Casa de Cultura Tainã

*“Dentro da casa, dentro da rede, dentro dos projetos que a gente pensa, para mim sempre teve, desde o começo, não pensando na tecnologia digital, da informática, o que tinha foi o sempre desejo de incluir pessoas mesmo, de convidar pessoas, de trazer sempre gente. Dominar, apropriar, compartilhar e criar conteúdo, por isso não só a tecnologia digital, que é possível, como incluir, compartilhar, aprender. A tecnologia está ao serviço da identidade.”*

**MICHEL. Casa de Cultura Tainã**

Posso dizer que pensar as tecnologias na Casa de Cultura Tainã é pensar em todas dimensões que as compõem: técnicas de uso, do saber, do contexto, da apropriação, de história, de produção e de política. A primeira tecnologia que se apropriou foi a tecnologia do Tambor. O tambor como elemento simbólico ancestral de matriz africana, carregado de histórias espirituais e terrenas e como ferramenta comunicativa para reunir e dar ritmo às músicas que narram injustiças, contam segredos, fazem denúncias, descrevem histórias de amor e desamor e relatam tudo aquilo que se deseja expor para que os outros e outras conheçam. Alessandra (Ver figura 35) diz,

Então eu chego na Tainã por exemplo, no momento de buscas muito das minhas raízes, porque eu cheguei na Tainã, acho que em meados de 2002 ou 99 ou 2000. 2000 mais ou menos, eu acho, e quando eu chego na Tainã, foi porque já tinha tido um contato com Urucungos que comentou da Tainã e a Tainã estava fazendo a tecnologia de confeccionar tambor e também foi a primeira vez que eu entendi, que tudo o que a gente faz é uma tecnologia, porque para mim tecnologia estava associada a onde eu aperto? aí, fazer tambor é uma tecnologia? falei, como assim tecnologia? Se não fosse a Tainã, eu não teria um Láb afro-hacker. (Entrevista [10 de agosto 2018]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. na Fazenda Roseira- Campinas/SP. Arquivo .mp3 (32:59))



*Figura 35: Alessandra Ribeiro*



Fotografia: Ana María Rivera Fellner (2018) Todos os direitos reservados

Mulher, mãe, espiritual e religiosa no candomblé, Liderança social, coordenadora da Casa de Cultura Fazenda Roseira, doutora em urbanismo, forte, ativa, decidida, mulher corajosa que procura o fortalecimento e reconhecimento das expressões de matriz africana. Fez parte da Tainã.

Junto ao tambor vem as técnicas do cultivar como estratégia de autonomia para estimular a liberdade alimentícia e sem agrotóxicos, o conhecimento, proteção e trocas das sementes crioulas como alternativa de cuidado do ancestral e como ação de resistência contra a privatização das sementes. A linguagem simbólica e o conhecimento ancestral de matriz africana e quilombola também se reconhecem como um saber tecnológico e como estratégia fundante dos princípios de todas as ações e lutas da Tainã. A linguagem é vista como veículo tecnológico da relação com o mundo e com uma cultura e como ferramenta para disseminar ideias. De acordo com Michel:

A gente construía instrumentos e Lumumba ensinou a gente construir instrumentos de bambu. Trouxe a técnica da armação de couro, praticamente todo o conhecimento que ele tinha ele passou para a galera aqui, que era o Perna, o Alemão, o Deko, o Flávio o Saci mais uma galera que não vou me lembrar aqui e eu aprendi também, mas uma coisa que me marcou muito de Lumumba era essa linha de pensamento dele que para mim se parecia muito com a de Abdias do Nascimento, de falar assim: olha a gente tem que espalhar os símbolos, a gente tem que banalizar o tambor. Tem que banalizar porque tem que ter tambor em toda casa, em todo lado, tem que ter tambor na biblioteca, na cozinha, o tambor tem que tomar conta de todos os espaços e tirar os preconceitos. Então espalhar os símbolos e os significados dos símbolos. (Entrevista [10 de outubro 2018]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. na Casa de Cultura Tainã-Campinas/SP. Arquivo .mp3 (03:06:52)).

No reconhecimento ancestral aparece a importância em recuperar e reaprender as técnicas do cultivar, como estratégia de autonomia para tender por uma liberdade alimentícia e sem agrotóxicos e, ao mesmo tempo, do conhecimento, proteção e trocas das sementes crioulas como alternativa ao cuidado ancestral e como ação de resistência contra a privatização das sementes. Se a terra é poder e liberdade, é fundamental conhecer os saberes e processos técnicos e tecnológicos ancestrais e contemporâneos de como interagir com ela para colocar em prática e, assim, materializar o bem viver.

A valorização das tecnologias do tambor e do cultivar é o reconhecimento desses traços existenciais que constituem os modos de fazer das coletividades e das culturas, neste caso de matriz africana, pelas suas particularidades e intencionalidades políticas, culturais e comunicativas.

Nessa necessidade de ampliar, articular, criar e difundir práticas e saberes ancestrais, especialmente, de matriz africana, os integrantes da Tainã incorporaram novas linguagens técnicas e estéticas. Aparece então a informática e com ela softwares que misturam áudio, imagem e movimento. Chega a rádio, o software livre, o vídeo e os programas que serviram e servem para materializar, em imagem e som, as ideias e as temáticas para serem difundidas.

Banto Palmarino, no início dos anos 2000, apresenta à Tainã o *Software Livre*, como uma filosofia e as implicações políticas de seu uso e apropriação dela. “Ele (Banto Palmarino) chegou aqui com essa história do *software* livre e trouxe para a gente o Debian (...) e aí foi nesse momento que a gente conheceu o software livre” (MICHEL. Entrevista, 29 out. 2018, Casa de Cultura Tainã-Campinas/SP.).

O processo de aprendizagem sobre essa tecnologia se faz de forma autodidata, colaborativa e aproveitando as circunstâncias e oportunidades que vão surgindo no momento histórico com as parcerias feitas com entidades públicas e privadas. Projetos como as escolas de informática do CDI, o projeto do governo Federal GESAC, a implementação de uma política nacional do *Software Livre*<sup>133</sup> no período que o Gilberto Gil foi Ministro de Cultura, a participação em eventos sobre o software livre e a chegada de outras pessoas à Tainã com inquietações e conhecimentos sobre esse tipo de tec-

133“O software livre entendido não como tecnologia, mas como uma prática cultural aparece como uma garantia ecológica para o ciberespaço, pois é a garantia da possibilidade de sua constante reprodução, invenção e expansão como um meio comum e não como um bem ou propriedade. (DOS SANTOS; CAMINATI, 2010 p. 208. Tradução nossa).”

nologias abre novos caminhos para reflexão sobre a comunicação, a interação, o saber e a criação de novas ferramentas que sejam mais próximas e permitem maior liberdade. Segundo Dos Santos e Caminati (2010 p. 205), “La libertad del software libre radica en el impedimento a la apropiación restrictiva practicada por el cercamiento de la propiedad intelectual”.<sup>134</sup>

Com essa necessidade em expandir as ideias livremente, aparece também a necessidade de se articular, de estabelecer pontes com outras organizações sociais e comunitárias para fortalecer as lutas comuns, para compartilhar modos de fazer, para trocar saberes e experiências e, sobretudo, para se fortalecer na unidade.

Então tudo o que tenho te falado tem a ver com essa imagem, construir pontes, quebrar nossos estranhamentos, diminuir fronteiras, acabar com as fronteiras, entender o que nos fragmenta, tudo isso tem a ver para ver esse sujeito histórico em ação em vários aspectos então a tecnologia está inserida em todo isso, é isso. (Junior. Entrevista [08 de setembro 2017]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. Casa de Cultura Tainã-Campinas/SP. Arquivo mp3 (02:24:19)).

É assim que as concepções sobre tecnologias que surgem na Tainã não são só uma materialização técnica, é o relacionamento com uma ação política, espiritual e cultural. As tecnologias não são só artefatos. Elas estão constituídas pelos valores, símbolos e significados que as comunidades lhes atribuem. Por isso são um instrumento de luta e de ação libertadora.

Essa compreensão multidimensional do que são as tecnologias permite uma descolonização delas sobre o uso não ser meramente técnico e instrumental mas também, sobretudo, político e organizativo. Mas essa descolonização também é possível enquanto se constroem processos de apropriação e dominação dos conhecimentos dessas tecnologias ancestrais/contemporâneas, especialmente, as comunicativas. Dominar o conhecimento das tecnologias envoltas no cultivo e na construção do tambor, por exemplo, é reconhecer o patrimônio e a identidade cultural de procedência e dominar as tecnologias contemporâneas da comunicação e da informação que estão na Rádio, na TV e na internet. É ir além de ser só um usuário e consumidor para ser criador e promotor de linguagens que dão conta da realidade situada em um contexto próximo.

---

<sup>134</sup>Tradução: A liberdade do software livre está no impedimento à apropriação restritiva praticada pelo cerceamento da propriedade intelectual (DOS SANTOS; CAMINATI, 2010 p. 205).” Tradução minha

A questão da comunicação da apropriação das tecnologias a questão de compartilhar conhecimentos que nos permitam de fato dominar as tecnologias e não ser só usuários delas. Criar uma política não só de acesso mas uma política de gestão e controle de processos. (TC, 2007. Vídeo)

Nesse sentido pode se dizer que as ações micropolíticas que os integrantes da Tainã fazem com as tecnologias ancestrais/contemporâneas podem se denominar como tecnologias *Ch'ixi*, uma vez que possibilitam uma integração entre ambas com as suas diversidades, diferenças e contradições.

Eles compreendem a força vital e cultural do tambor e do cultivar no fortalecimento da comunidade e, ao mesmo tempo, compreendem, sem ingenuidade, que as tecnologias digitais estão carregadas com uma intencionalidade política colonial, mas que ao dominar o conhecimento que estão por trás delas conseguem reapropriar, reintegrar e usar com um sentido mais consciente e crítico, permitindo assim, a criação de novas leituras, novas construções e novas sensibilidades e sentidos em benefício de seus interesses.

Então, para gerar liberdade no território físico e digital se faz uma apropriação e compreensão das tecnologias ancestrais/contemporâneas para fortalecer a memória, o patrimônio e a resistência para procurar maior autonomia e liberdade comunicativa e organizativa.

As tecnologias ancestrais/contemporâneas compreendidas a partir da mestiçagem *Ch'ixi*, da epistemologia *Ch'ixi* nos dá a possibilidade de ser e habitar diferentes mundos e, ao mesmo tempo, nos ajuda a reencontrar e recuperar saberes, práticas não hegemônicas e nos liberar da tentação de negar aquilo que também nos constitui.

#### 4.4 Considerações

Neste capítulo, de forma geral, se consegue observar como a realidade de uma organização social está atravessada por fatores políticos, sociais, culturais e históricos. Ela se consolida na interação, a partir de seus interesses e objetivos, com entidades, pessoas e conhecimentos. Mas essas interações vão ser necessariamente políticas e a intensidade da interação vai depender do encontro ou não dos pontos de interesses e da relevância deles para as duas partes. Pode-se dizer que a Casa de Cultura Tainã, na sua autonomia, tem estabelecido interações de alta intensidade em atividades e atuação local e nacional em períodos de governos progressistas. Porque esses governos reconhecem o papel, a pertinência e a seriedade do trabalho desenvolvido pela Tainã.

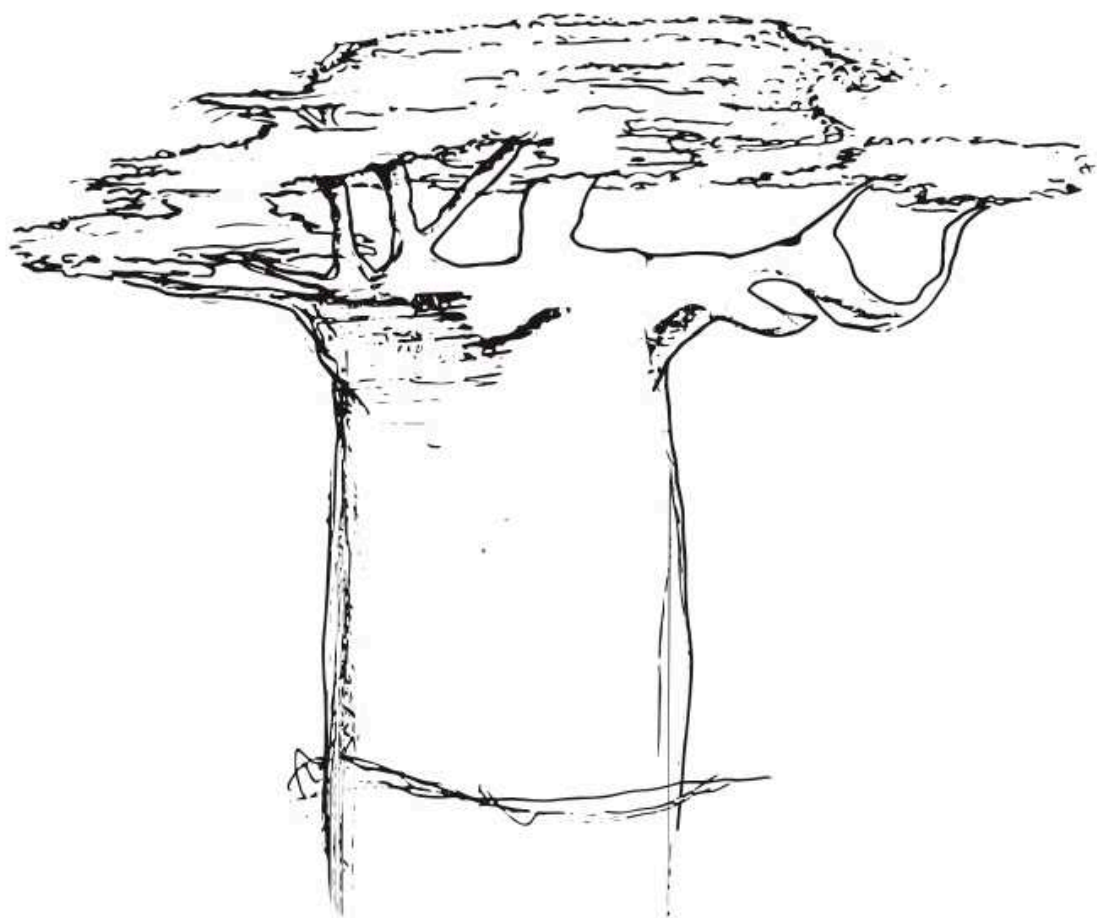
Com governos que não valorizam a cultura, espaços iguais aos da Tainã não têm relevância e, muito menos, importância para investimentos e direcionamento de políticas públicas que valorizem esses espaços e pessoas.

A Casa de Cultura Tainã é uma referência local e nacional em relação a duas questões: as pautas do povo negro e sobre o reconhecimento, resgate, uso e criação de tecnologias ancestrais e contemporâneas para o desenvolvimento de redes de interação e troca de saberes e fazeres. A atuação da Tainã é uma ação micropolítica que quer impulsionar processos de liberdade e poder das comunidades quilombolas, indígenas, populares e comunitárias, por meio do domínio dos saberes, uso, apropriação e criação das tecnologias ancestrais/contemporâneas.

Essas práticas micropolíticas ao redor das tecnologias ancestrais/contemporâneas me permitem compreender, através da epistemologia *Ch'ixi*, que na interação, na justaposição dos sentidos de existência e de uso que possuem ambos tipos de tecnologia, não se eliminam as contradições que entre elas existe, mas essa interação contraditória permite construir, na materialidade do presente, novos caminhos, compreensões, pontes e diálogos entre culturas, pessoas, saberes e fazeres e, ao mesmo tempo, construir uma ciência própria, na perspectiva que Fals Borda propõe.

No próximo capítulo vou discutir a estratégia que a Tainã tem construído para estabelecer redes e, assim, pensar em um “mundo mais do nosso jeito”, frase assignada a Zumbi dos Palmares e usada como máxima dos membros da Tainã e da Rede Mocambos.

## CAPÍTULO 6. REDE MOCAMBOS: Uma proposta educativa, organizativa, política e técnica. Um olhar para os territórios digitais livres



*"A força da rede está nos nós"<sup>135</sup>*

**TC**

*Tentamos registrar aqui a nossa contemporaneidade vivenciada com ancestralidade africana e indígena.*

**Relatório I encontro Rede**

---

<sup>135</sup> Quando o TC indica que a Rede está nos nós, quer dizer que a força, atuação e vitalidade da rede está em cada nó, em cada múcua, em cada comunidade. A Rede é e se fortalece a partir da participação de cada uma das organizações que a constitui. ,

Articulações, parcerias, fortalecimento coletivo, reconhecimento das particularidades, trocas, tecido social, solidariedades, resgate e valorização do saber local, respeito à diversidade e luta pelo que é comum são algumas das milhares das características que podemos nominar na consolidação de uma rede de organizações sociais que lutam pela autodeterminação, o território, a autonomia e a diversidade social e cultural. Esse tipo de rede permite incrementar a capacidade organizativa de cada uma das organizações e comunidades que a compõem, assim, para a consolidação das ações coletivas que buscam o bem vier.

Se unir, compartilhar conhecimentos e práticas, discutir problemas comuns, pensar coletivamente soluções, trocar alimentos ou aquilo que se tem, faz parte de um conjunto de características entre grupos de pessoas que têm interesses em comum. Tudo isso faz parte de uma estratégia de sobrevivência, de força, de apoio, de proteção e de cuidado mútuo.

¿Qué es un pueblo sino la red de relaciones sociales que comparte una infinidad de trazos culturales comunes a la mayoría de sus eslabones, trazos que les son tan comunes que los diferencian de otros pueblos? 3 ¿Qué es un pueblo sino la acción de compartir, de un saber y de un saber-hacer, de un determinado grupo humano? En el ejercicio cotidiano del compartir de este conocimiento y de esa cultura, se forja un pueblo: 4 la ancestralidad heredada del pasado se actualiza dando un vaciamiento a los potenciales inéditos de la diferenciación, vale decir de creación y recreación que emanan de la determinación específica de este agrupamiento en un determinado lugar. (DOS SANTOS; CAMINATI, 2016, p. 197) <sup>136</sup>

A formação de redes livres e autônomas possibilita uma luta articulada entre ações micropolíticas heterogêneas que permitem enfrentar o sistema dominante em prol de fazer da dignidade uma ação de soberania para as pessoas e os diferentes coletivos.

A Rede Mocambos é um exemplo dessa consolidação de um povo diverso que compartilha saberes e fazeres para se reconhecer no múltiplo, no diverso e para lutar pelas causas comuns. A Rede inicia seu trabalho em 2003 quando, a partir do programa GESAC, integrantes da Tainã estabeleceram interconexões com pontos de cultura parceiros da Tainã. Michel lembra desse momento:

---

136 Tradução: O que é um povo senão a rede de relações sociais que compartilha um número infinito de traços culturais comuns à maioria de seus elos, traços tão comuns a eles que diferem de outros povos? O que é um povo senão a ação de compartilhar um saber e um saber-fazer, de um grupo humano específico? No exercício diário de compartilhar esse conhecimento e essa cultura, um povo é forjado: o ancestral herdado do passado é atualizado, dando uma clarificação aos potenciais inéditos da diferenciação, isto é, criação e recreação que emanam da determinação específica deste agrupamento em um determinado lugar. (tradução minha)

Eu lembro que a gente pensou primeiro em nossos pontos, que eram nossos pontos de referência. A primeira versão da rede Mocambos saiu dali, que era a Casa de Cultura Tainã, Projeto Herbet Sousa e Tambor menina de Americana. O projeto se chamava arte de vencer, então a gente fazia essas primeiras três conexões e como elas iriam funcionar, então esses três primeiros Labs eu participei bastante ativamente assim, para formatar, para pensar tecnologia, para começar pensar quais eram os links que a gente podia fazer. (Entrevista [10 de outubro 2018]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. na Casa de Cultura Tainã-Campinas/SP. Arquivo .mp3 (03:06:52)).

**Moacir, do Cursinho Herbet Sousa, descreve:**

[...] a gente começou a trocar ideias e o TC estava começando a despontar essa ideia da rede mocambos e a coisa começou fluir, várias reuniões, várias conversas assim, começava de manhã e terminava só a noite era uma coisa muito interessante, não era de fato uma reunião, era uma imersão que era isso, elucubrar junto para poder pensar qual era a perspectiva da rede mocambos, desde o início, a perspectiva era de ser um negócio irradiador, a gente não tinha a noção do tamanho que a rede mocambos ia tomar, mas a gente sabia que era um projeto mega promissor, tanto que quando o TC começou conversar com a gente e tal e começou a propor as parcerias e tal, a gente já sabia que o negócio ia ser bem grande. (Entrevista [15 de agosto 2018]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. no Cursinho Herbert de Souza-Campinas/SP. Arquivo .mp3 (01:26:63)).

Os primeiros passos da rede fizeram parte de um processo de identificação de objetivos e de construção das ideias do que poderia acontecer na Rede, do porquê da Rede, da pertinência da Rede. Essa estruturação e o trabalho com o projeto da GESAC permitiu ampliar o horizonte da Rede, o que levou a estabelecer laços, trocas e conexões com diversas comunidades quilombolas, indígenas, camponesas, pontos de cultura, telecentros e comunidades periféricas urbanas de diferentes partes do Brasil. Foi assim que nasceu a Rede Mocambos. Com a Rede Mocambos, afirma Marielde do Centro Cultura Bongar:

Você sabe o que está acontecendo no quilombo lá mil quilômetros daqui e a experiência dele serve para você e sua experiência serve para ele porque quando você trocar essas informações, essas trocas de saber faz com que cada comunidade cresça, resolva problemas que às vezes ela naquele momento não está encontrando solução e vem outras redes, aqueles quilombos das redes e cada um com a sua experiência você consegue vislumbrar a solução de seu problema, você consegue vislumbrar o que você tem que fazer para você resolver aquela questão ou o que você tem que fazer para crescer mais ou o que você pode fazer também para contribuir com os outros, que discussões a gente pode ter para contribuir com o outro então as redes são importantíssimas, as redes de pontos de cultura, a rede de mulheres de terreiro, nós participamos de todas, a rede mocambos, rede de terreiros de Pernambuco, então assim, todas você tem que participar porque é outra forma de territorialidade. (Entrevista [24 setembro 2018]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. no Centro Cultura Bongar; Olinda/PE. Arquivo .mp3 (55:52)).



Mas a Rede Mocambos não é só uma rede física de pessoas. É uma rede nacional que fortalece a comunicação, a troca e o compartilhamento de saberes, práticas e experiências a partir do uso das TICs e do território digital livre. A Rede Mocambos é, então, também uma rede virtual, que surge com a finalidade de gerar um território livre e autônomo baseado na proposta organizativa dos Mocambos do Quilombo dos Palmares<sup>137</sup>.

É uma rede de comunidades quilombolas, indígenas, urbanas, rurais, associações da sociedade civil, pontos de cultura, oriundos de norte ao sul do país, conectados através das tecnologias da informação e comunicação. Para isso buscamos parcerias de diversos segmentos para que de forma colaborativa e coletiva possamos reunir diferentes programas, projetos e ações voltados para o desenvolvimento humano, social, econômico, cultural, ambiental e preservação do patrimônio histórico memória dessas comunidades.

É uma rede solidária de comunidades, no qual o objetivo principal é compartilhar ideias e oferecer apoio recíproco. Os eixos principais que a Rede enxerga são a identidade cultural, o desenvolvimento local, apropriação tecnológica, inclusão social e identidade cultural. A ideia da Rede nasceu em quilombos, em particular um quilombo urbano, a Casa de Cultura Tainã. Vídeo do I Encontro da Rede (2008)

Se juntar para se fortalecer por meio de pessoas, para se reconhecer na diversidade e na diferença, para valorizar aquilo que tem sido desvalorizado e apagado é o objetivo da Rede Mocambos. Saber e aprender sobre o que as pessoas e comunidades da Rede têm construído vai nos ensinar a construir outras propostas micropolíticas, outros olhares sobre a realidade e sobre os modos de compreender e de fazer das tecnologias ancestrais e contemporâneas. Cristiano, membro da Casa de cultura Coco de Umbigaba afirma,

Se a gente não gera essas redes a gente fica perdido porque a gente vive em essa economia solidária, a gente depende da gente mesmo para poder gerar essa economia, então a rede é importante, quando a gente tem essa crise econômica no país, essa crise política é na rede que a gente se apoia, que a gente se sustenta, que é possível a gente se articular e manter esse polo de trabalho que a gente tem nos pontos de cultura porque são de fato as pessoas que estão fazendo e acontecendo, então a rede tem essa importância aí de uma importância suprema que não dá para mencionar porque você está, por exemplo, a gente está indo para São Paulo em

137 A ideia de mocambos surge a partir do processo organizativo no território de palmares, que tinha uns núcleos que eram os mocambos. As redes de mocambos reproduziam aquela organização quilombola. Então a rede intenta reproduzir essa distribuição da geografia do território. Os núcleos eram centros de observação para eles conseguirem se defender dos ataques que antes sofreram. Eles eram muito organizados e a organização deles também permitia perceber qualquer aproximação muito antes que chegaram perto. A ideia de rede Mocambos vem com a gente. A gente defende essa ideia de organização, terra e território, de reconhecer a tradição, as culturas e as identidades próprias (Entrevista com TC, 05 set. 2017).

dezembro e é justamente por conta dessa rede, porque através dessa rede a gente vai articulando os trabalhos. (Entrevista [26 setembro 2018]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. Na Casa de cultura Coco de Umbigada-Olinda/PE. Arquivo .mp3 (14:17)).

Essa solidariedade, esse se reconhecer para valorizar e potencializar o particular para fortalecer o coletivo é rearticular a capacidade de luta em função de uma coisa que vai além do poder, a própria vida. Mas uma vida que não tem pretensões de homogeneizar porque a homogeneidade se impõe para apagar e esquecer aquilo que também somos, pelo contrario, uma vida em perspectiva *Ch'ixi*, isto é, em complexidade identitária, em pluralidade e diferença.

### **5.1 Os suportes de uma criação: O Passado da Rede Mocambos**

A Rede Mocambos, começou como uma iniciativa local da Casa de Cultura Tainã com objetivo de estabelecer, de forma virtual, uma interconexão com duas organizações parceiras, o Cursinho Herbet de Souza e a Casa de Cultura de Americana. De forma simultânea, estavam surgindo os Pontos de Cultura no Brasil e acontecendo o programa GESAC que promovia processos formativos sobre tecnologia digital em diferentes comunidades indígenas, quilombolas, camponesas, pontos de cultura, entre outros espaços. Vários membros e ativistas da Tainã participaram como formadores no processo de implementação e instalação de computadores e redes nas comunidades quilombolas, indígenas, camponesas e nos pontos de cultura por terem, além do conhecimento técnico, uma sensibilidade político-cultural que permitisse gerar processos de formação menos instrumentais e mais voltados aos interesses das temáticas e problemáticas das comunidades.

A somatória de várias implementações de políticas públicas como os telecentros, os Pontos de Cultura e os processos de apropriação tecnológica do GESAC possibilitaram a criação de trocas, de reconhecimentos mútuos entre as organizações e seus interesses e, assim, iniciar o projeto de uma rede nacional de ações micropolíticas com organizações que tivessem uma experiência e trajetória de resistência e vivências com cultural popular e tradicional.

Pensar as tecnologias na Rede Mocambos transcende, desde o começo, a mera instrumentalidade. Do mesmo modo, os processos de formação digital eram e

são pensados para gerar processos de apropriação e domínio do saber dessas tecnologias e, assim, poder ter maior autonomia e liberdade no uso delas.

Junto ao reconhecimento da potencialidade dessas tecnologias digitais se fortaleceram e reconheceram as tecnologias ancestrais, próprias das comunidades. Essas tecnologias resgataram e valorizaram os saberes e tecnologias tradicionais como legados e heranças da história cultural e social que são patrimônio da memória coletiva e que são parte fundante na construção histórica dos territórios. Isto é um sentido *Ch'ixi* das tecnologias ancestrais/contemporâneas que se nutrem de diversos mundos e sentidos.

Desde o começo da Rede Mocambos tinham-se claro várias coisas: i) valorizar os saberes e práticas culturais das comunidades quilombolas, indígenas, camponesas e periféricas das cidades, ii) usar as tecnologias digitais como ferramentas de potencialização desses saberes e práticas, iii) estabelecer pontes de interação e troca entre diversas comunidades e iv) fortalecer os processos organizativos das comunidades a partir do diálogo mutuo entre as diversas raízes ancestrais/contemporâneas indígenas, quilombolas e camponesas para habitar o mundo desde a diversidade.

Para materializar a rede, se desenvolveram diversas atividades, cinco delas são: as Pajelanças Quilombólicas Digitais (PQD), geo-informática, Wiki<sup>138</sup>, mapeamento escambo e a Baobáxia.

As Pajelanças Quilombólicas Digitais (PQD) tem como objetivo “resgatar a práticas ancestrais africanas e indígenas da roda de conversa e do trabalho coletivo, as quais integram práticas tecnológicas novas e antigas para criar soluções sustentáveis e rentáveis” (TOZZI, 2013, Vídeo: 00:04:05), a partir de processos de empoderamento e pertencimento da territorialidade e fortalecimento das comunidades para garantir o protagonismo da própria história. As rodas de conversa e oficinas que acontecem nesses espaços têm a ver com formação e apropriação digital, como Rádio Livre, software e hardware livres, assim como oficinas de tambor, gênero, vídeo, montagens de telecentros, dentre muitas outras atividades.

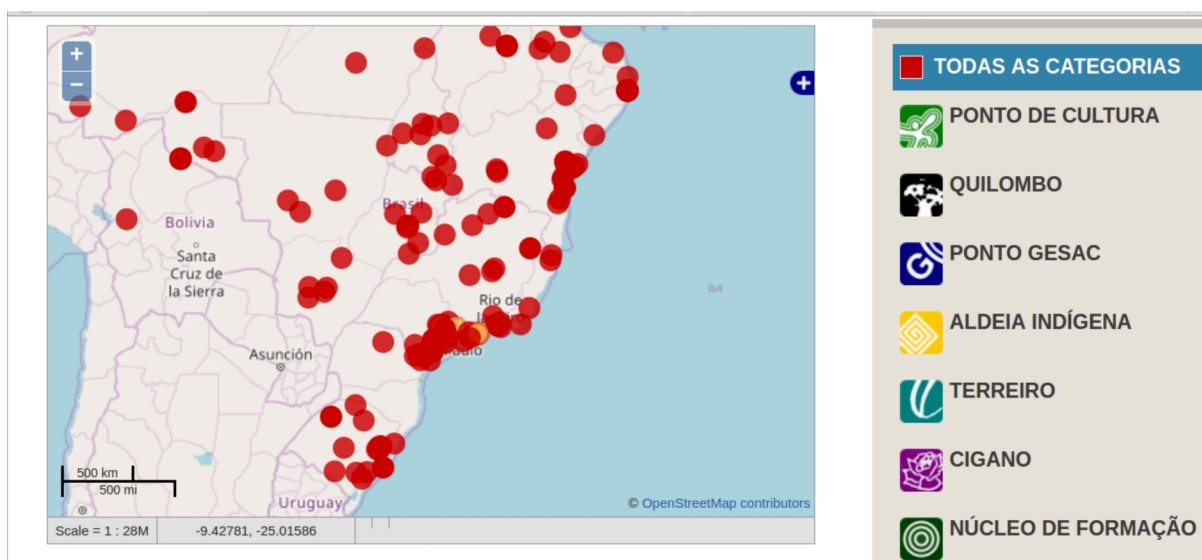
A P Q D é um encontro de alguns dias onde jovens e velhos são alunos e professores que vivenciam tradições quilombolas, indígenas, caiçaras e sertanejas, junto com a cultura das periferias, em busca da apropriação

138 “Wiki é uma coleção de muitas páginas interligadas e cada uma delas pode ser visitada e editada por qualquer pessoa, o que torna bastante prático para a reedição e futuras visitas. Você pode editar esta página, clicando no separador no início da página (ou no link do fim da página, dependendo do modelo que estiver usando)”  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:O\\_que\\_%C3%A9\\_uma\\_wiki](https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:O_que_%C3%A9_uma_wiki)

crítica e integração de diferentes tecnologias. Os temas vão de práticas cotidianas como cultivo, construção e toques que fazem e contam nossa história, e em particular as novas possibilidades introduzidas com as tecnologias digitais. (Rede Mocambos [S. d] Tomado de [https://wiki.mocambos.net/index.php/Pajelan%C3%A7a\\_Quilomb%C3%B3lica\\_Digital](https://wiki.mocambos.net/index.php/Pajelan%C3%A7a_Quilomb%C3%B3lica_Digital) Acesso em: 22 dez. 2019.)

Na questão geo-informática, um mapa da rede Mocambos (ver figura 36) foi criada com um Software Livre africano chamado Ushahidi e tem como finalidade mostrar os dados geográficos das organizações, fazer um acompanhamento das ações e ao mesmo tempo “dar uma visão para as comunidades mesmo que tem um universo grande que podem interagir e que a luta não é só de quintal” (TOZZI, 2013, Vídeo: 00:09:45)<sup>139</sup>.

**Figura 36: Mapa Rede Mocambos**



Fonte: <https://mapa.taina.net.br/> Acesso dezembro 2019. Todos os direitos reservados

A Wiki (Ver figura 37), como ferramenta virtual que pode ser editada por múltiplas pessoas. É outra das estratégias, como encontros presenciais e oficinas e tem como finalidade construir coletivamente os saberes da rede.

O mapeamento Escambo é para “fortalecer o escambo entre as comunidades de produtos e saberes fortalecendo os empreendimentos sustentáveis” (TOZZI, 2013 Vídeo: 00:13:10).

E, finalmente, a Baobáxia, que é “uma arquitetura distribuída, voltada para a integração e sincronização de conteúdos digitais entre redes locais em localidades nas

<sup>139</sup> Mapa. Disponível em: <https://mapa.taina.net.br/>. Acesso em: 22 dez. 2019.

quais a conexão à internet seja instável lenta ou ausente” (TOZZI, 2013 Vídeo: 00:13:20)<sup>140</sup>.

Figura 37: WikiMocambos



Fonte: <http://bl.ocks.org/anonymous/raw/e872821c8d250450273c88cce1126a69/> Acesso dezembro de 2019. Todos os direitos reservados

Essa cinco ações digitais e presenciais constroem caminhos para descolonizar os modos de conhecer e promover uma ciência própria capaz de valorizar e fortalecer as realidades situadas das comunidades localizadas em diferentes partes do Brasil. Troca de saberes, rodas de conversa, rituais, música, construções coletivas, problematizações sobre o presente, formação, comidas coletivas, risos, brincadeiras com crianças, entre outras mais ações são os modos de fazer possível os encontros.

A Rede Mocambos tem também três núcleos (Ver figura 38). São eles: 1) Núcleo de produção de conteúdo e pedagógico; 2) Núcleo de pesquisa digital e; 3) Núcleos de formação continuada (NFCs). “Os NFCs são comunidades da Rede Mocambos mais estruturadas que assumiram o papel de multiplicadores regionais, através de práticas locais e de encontros chamados ‘Pajelanças Quilombolas’” (Rede Mocambos [S. d] Fonte: <https://wiki.mocambos.net/index.php/NFCs>).

O Núcleo de produção de conteúdo pedagógico sistematiza os conteúdos culturais e pedagógicos e discute pautas de interesse comum - a comunicação autônoma da Rede que fortalece as diferentes lutas comunitárias.

140 BAOBÁXIA Ver: <http://baobaxia.mocambos.net/> Acesso outubro de 2019

O núcleo de pesquisa digital faz desenvolvimento de tecnologias e criação de conteúdos.

Já o núcleo de formação continuada dá apoio e formação para as comunidades da região<sup>141</sup>. Os dois primeiros núcleos são virtuais e o último é presencial.

A existência desses núcleos permite desenvolver, de forma permanente e diversificada, estratégias coletivas e colaborativas de formação crítica e técnica de apropriação e dominação sobre essas tecnologias digitais.

*Figura 38: Núcleos de trabalho da Rede Mocambos*



Fonte: <http://bl.ocks.org/anonymous/raw/e872821c8d250450273c88cce1126a69/> Acesso outubro de 2018. Todos os direitos reservados

A rede Mocambos trabalha num processo dialético interessante. Ao mesmo tempo em que o esforço de cuidar das especificidades socioculturais e da memória das comunidades, trazendo elementos do passado e reconstruindo uma história que é ameaçada a se perder, o uso do software livre remete a um olhar para o futuro. As possibilidades oferecidas por ele são o que há de mais contemporâneo na tecnologia e conhecimento digital. O seu emprego funciona como ponto conciliador entre dois momentos cronológicos e históricos, anunciado que essas comunidades, marginalizadas por tantas vezes pelos processos de desenvolvimentos tecnológicos, podem hoje participar deles como atores ativos e transformadores sociais (Depoimento de Robson Bonfim, articulador Cultura Digital SP)<sup>142</sup>

Esses processos formativos e o desenvolvimento dos núcleos têm sido importantes e transformadores, mas é necessária uma ação continuada e profunda para desmitificar e desnaturalizar a concepção equivocada de que esse saber é exclusivo de uma população e cultura específica e, assim, garantir maior apropriação por parte das populações subalternizadas.

141 Núcleos de formação. Disponível em: <http://wiki.mocambos.net/index.php/NFCs->; <http://wiki.mocambos.net/index.php/NCP>; <http://wiki.mocambos.net/index.php/NPDD>. Acesso em: 22 dez. 2019.

142 Disponível em: <https://softwarelivre.org/ponto-por-ponto/blog-2/quilombos-e-software-livre-a-experiencia-do-projeto-mocambos>. Acesso em: 22 dez. 2019

Ainda esse conhecimento instrumental e técnico das tecnologias digitais encontra-se centralizado e setorizado numa parcela muito pequena da população, majoritariamente de homens brancos, o que gera desigualdade, controle, domínio e poder por parte de quem tem esse tipo de conhecimento.

“Atualmente, a Rede Mocambos reúne 27 comunidades: 12 Pontos de Cultura e 15 quilombos” (BONFIM, 2009), isso em 2009. Posteriormente foram conectadas mais de 65 comunidades e se estabeleceram relações com comunidades negras do continente africano o que permitiu e permite, ainda hoje, uma troca maior de experiências e o reconhecimento das ações micropolíticas que se desenvolveram em diferentes lugares do Brasil e de outras partes do mundo.

Para Mãe Beth de Oxúm, da Casa de Cultura Coco de Umbigada, localizada em Olinda/PE, a Rede tem o seguinte significado:

Uma rede que a gente parte da comunicação, das tecnologia também entender ou se encontrou mas essencialmente a partir do tambor, a partir do Baobá, a partir da espiritualidade, a partir do território, território preto, né? um território indígena também e afro-indígena, um território onde a terra tem um valor imensurável para a gente, sem ela não tem sentido a vida, não tem sentido a terra sem território. (Entrevista [26 setembro 2018]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. Na Casa de cultura Coco de Umbigada-Olinda/PE. Arquivo .mp3 (32:32)).

Os diálogos, a presencialidade, a virtualidade, o uso de meios eletrônicos, os espaços de reflexão, criação e atuação transmitem e permitem diferentes formas de pensar, de raciocinar e de atuar. Isso possibilita a construção de discursos e linguagens diversos para, assim, poderem compartilhar e chegar a outros coletivos e pessoas que possam se somar e fazer novos aportes, transformações e construções.

A Rede Mocambos tem realizado vários encontros (Ver figuras 39, 40 e 41) nacionais, dos quais três deles aconteceram na Casa de Cultura Tainã. O primeiro foi realizado entre os dias 13 e 19 julho 2008, em que participaram aproximadamente 140 pessoas e, por meio de rodas de conversa, música, oficinas e rituais os debates se deram em entorno das tecnologias digitais e ancestrais, a sustentabilidade, o software livre e o conhecimento popular e ancestral.

O segundo encontro, realizado também na Casa de Cultura Tainã, entre 24 e 29 novembro 2009, a discussão foi centralizada na identidade das políticas públicas, a juventude negra, a territorialidade, a saúde, a educação, a religiosidade, a tecnologia e a ancestralidade.

Em 2010, foi realizado o encontro nas Regiões Nordeste e Norte, na Casa dos Bonecos, em Itacaré - Bahía. Em 2013, outro encontro nacional foi realizado na Tainã, entre 27 de maio à 03 de junho. O foco central foi debater ancestralidade e tecnologia. Em dezembro do mesmo ano, organizou-se um encontro de formação continuada em uma comunidade quilombola do Espírito Santo. Por questões financeiras, os encontros não são mais organizados.

Cada encontro realizado, local, regional ou nacional, presencial e virtual, fortaleceram a Rede Mocambos e as práticas e lutas de cada pessoa, organização e comunidade envolvidas. A rede tem sido um suporte de ajuda mútua e um esforço coletivo para continuar acreditando na importância de estar juntos.



Figura 39. Cartaz IV Encontro nacional Rede Mocambos



**Realização**



**Apoio**



Fonte: <https://baobaxia.mocambos.net/#mocambos/rede/bbx/search/imagem>

Acesso Dezembro de 2019. Todos os direitos reservados

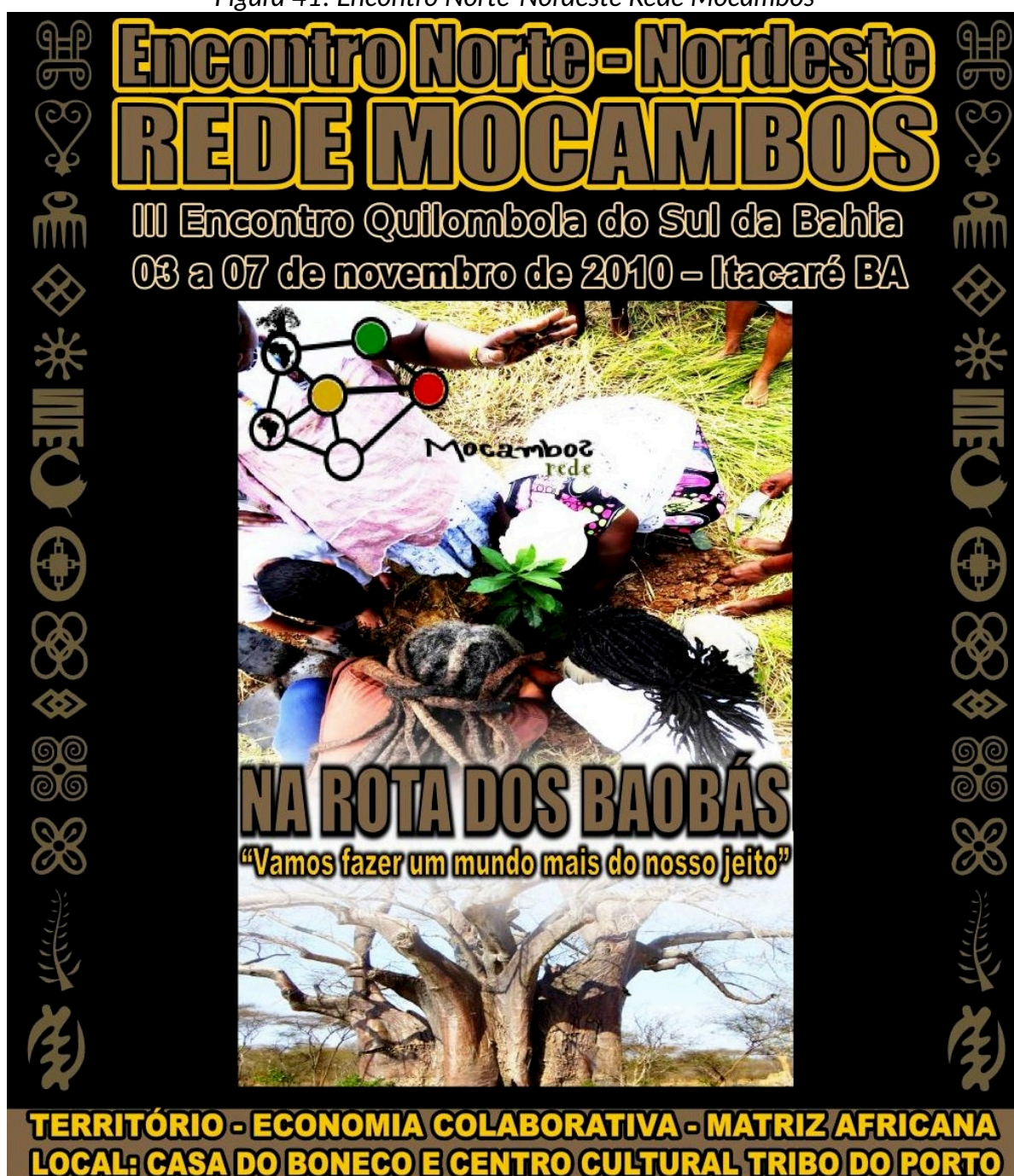
Figura 40. Cartaz I Encontro Rede Mocambos do Espírito Santo



Fonte: <https://baobaxia.mocambos.net/#mocambos/rede/bbx/search/imagem>  
Acesso Dezembro de 2019. Todos os direitos reservados



Figura 41: Encontro Norte-Nordeste Rede Mocambos



Fonte: <https://baobaxia.mocambos.net/#mocambos/rede/bbx/search/imagem>

Acesso Dezembro de 2019. Todos os direitos reservados

A Rede Mocambos, como território digital livre, cria, a partir de conhecimentos livres, sejam eles técnicos, tecnológicos, ritualísticos ou práticos, conteúdos digitais para compartilhar e colocar em circulação saberes que são negados e excluídos pelos poderes políticos dominantes e coloniais.

Então território é onde a gente inicia um processo e onde a gente mantém esse processo, então é importante a gente estar presente nele mas a gente sabe que no dia a dia o território está na mente da gente e aí onde a gente está a gente leva um pouco desse território e explora ele, abre para as pessoas conhecer. O território aqui do ponto de cultura, não é só o território do ponto, do terreiro, é o território do Guadalupe, a gente é o próprio Guadalupe. (Entrevista [26 setembro 2018]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. Na Casa de cultura Coco de Umbigada-Olinda/PE. Arquivo .mp3 (14:17)).

A finalidade é fortalecer o trabalho das organizações e, em rede, procurar, de forma conjunta, autonomia e liberdade para os territórios. Para o TC, sem a terra não se pode ter território e sem o território não se pode ter autonomia e liberdade, por isso as comunidades precisam da terra para construir territórios livres e autônomos. Mas o território não é só físico, ele pode ser também digital e é preciso descolonizar esses dois territórios e com eles descolonizar também o pensamento e as tecnologias.

Figura 42: Gupo Bongar, Cursonho Herbert de Souza, Coco de Umbigada.



### 5.1.1 Fundamentos políticos e culturais: Palmares como inspiração da Rede Mocambos: entre mocambos físicos e mocambos virtuais

*[...] Eu passei lá na Tainã conheci todo mundo lá, passei uma semana lá em uma vivência quilombola, uma pajelança quilombola e a gente aprendeu lá muita coisa relacionada a cultura raiz do tambor, da África como uma essência assim de vida, a África com seus Baobás, com a filosofia do TC, referenciando sempre a África, as árvores, as folhas, as sementes, os baobás, então esse foi um conceito que a gente trouxe para cá também assim desse tempo quilombola que a gente tem que ter também, não é só o tempo da loucura do mundo que tem que acontecer as coisas mas se o tempo quilombola que tem todo um contexto espiritual e tal [...]*

**DANIEL. Entrevista Casa de cultura Coco de Umbigada- Olinda - Pernambuco 26/09/2018**

Os fundamentos filosófico políticos da Rede Mocambos são inspirados a partir da luta de Zumbi dos Palmares e do resgate de práticas e simbologias de matriz africana. Zumbi foi uma das principais lideranças quilombolas da resistência negra frente à escravização de populações africanas. Sua luta esteve presente no Quilombo dos Palmares, localizado na Serra da Barriga, entre Alagoas e Pernambuco. Um Quilombo, além de ser considerado um território e um assentamento onde moravam comunidades negras que conseguiam fugir dos escravocratas, era visto como um conjunto de pessoas que lutavam pela sua liberdade e a liberdade do povo negro. Um quilombo deve ser compreendido também como uma forma de organização social para defesa e busca pela liberdade, principalmente, por ter surgido na época da escravidão.

Os quilombos se organizavam em forma de mocambos, tipo de redes comunitárias que funcionavam para estabelecer trocas, comunicação, cuidados estratégicos e rotas de fuga para evitar novas capturas dos colonizadores. Mocambos eram os “nós” do Quilombo para determinar as estratégias de ação e comunicação com objetivo de salvaguardar e proteger a vida, a cultura e o território.

Zumbi foi uns dos representantes mais importantes do Quilombo dos Palmares. Diversos textos e filmes mostram a importância e relevância de sua força, resistência e luta pelos direitos dos povos negros e a pertinência da luta pela liberdade e a autodeterminação dos povos negros que foram escravizados.

A Rede Mocambos, como ação micropolítica que luta pela defesa da liberdade, a autonomia e a autodeterminação das diferentes comunidades excluídas, silenciadas e ignoradas pelas estruturas dominantes, reconhece que os povos excluídos continuam sendo excluídos e, por isso, resgata a essência da luta de Zumbi e do Quilombo dos

Palmares para construir, atualmente, mocambos digitais como estratégia organizativa para fortalecer as ações e necessidades conjuntas de diversas comunidades brasileiras.

A força e vitalidade do Baobá, símbolo representativo das memórias coletivas das comunidades e culturas africanas tradicionais, é uma referência simbólica e política da Rede Mocambos.

O Baobá é uma árvore que pode superar nove metros de diâmetro e ter uma altura de até trinta metros. Tem a capacidade de reter muita água e tem estimativa de vida entre um e seis mil anos.

Os velhos baobás africanos de troncos enormes suscitam a impressão de serem testemunhas dos tempos imemoriais. Os mitos e o pensamento mágico-religioso yorubá têm na simbologia da árvore um de seus temas recorrentes. Na sua cosmogonia, a árvore surge como o princípio da conexão entre o mundo sobrenatural e o mundo material. (Texto da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso de Comunicação – Campo Grande/MS – 2001)

O fruto do Baobá, a múcua, é considerado um alimento nutritivo e com propriedades medicinais. Todas essas características, tanto da árvore como suas sementes, simbolizam a força, persistência e paciência que devem possuir cada uma das organizações que fazem parte da Rede Mocambos para crescer e permanecer no tempo e nos espaços que espalham sementes de memórias, culturas, fazeres, saberes e lutas.

A natureza não dá grandes saltos, os processos de transformação social não surgem de um dia para outro, precisam de tempo. O Baobá, que vive até seis mil anos, começou como uma sementinha. Aprender sobre essa sabedoria da natureza é um elemento importante dentro para a Rede Mocambos. Aprender da sabedoria do Baobá é aprender dos tempos ancestrais. É aprender de um passado que reside no presente, na perspectiva do tempo *Ch'ixi*. Silvia Rivera Cusicanqui diz:

En aymara el pasado se llama *nayrapacha* e *nayra* también son los ojos, es decir, el pasado está por delante, el lo único que conocemos porque lo podemos mirar, sentir y recordar. El futuro es en cambio una especie de *q'ipi*, una carga de preocupaciones, que más vale tener en la espalda (*qhipha*), porque si se le pone por delante no deja vivir, no deja caminar. (2018, p 84)<sup>143</sup>

A Rota dos Baobás (Ver figura 43) é uma das ações desenvolvidas pela Rede Mocambos com a finalidade de transitar pelos territórios compartilhando saberes, fa-

<sup>143</sup>Tradução: Em Aymara, o passado é chamado *nayrapacha* e *nayra* também são os olhos, ou seja, o passado está à frente, a única coisa que sabemos porque podemos olhá-lo, senti-lo e lembrá-lo. Em vez disso, o futuro é uma espécie de *q'ipi*, um fardo de preocupações, que é melhor ter nas costas (*qhipha*), porque se você o coloca à frente, ele não deixa você viver, não deixa você andar. (Tradução minha)



zendo trocas de sementes e disseminar práticas, técnicas e tecnologias que possam ser replicadas em outros territórios. A intenção da Rota dos Baobás é transitar no presente compartilhando experiências do presente passado, é possibilitar vínculos e experiências que transcendam as lógicas do mercado e se construam reconhecimentos mútuos e se fortaleçam laços de interação e de troca.

Figura 43: Imagem da Rota dos baobás



Fonte: <http://www.mocambos.net/tambor/pt/home> Acesso dezembro de 2019. Todos os direitos reservados

A simbologia *Adinkra* (Ver figura 44), que significa a “alma de deus” é “o nome de um conjunto de símbolos ideográficos dos povos acã, grupo linguístico da África Ocidental que povoa a região que hoje abrange parte de Gana e da Costa do Marfim” (NASCIMENTO; GÁ, 2009, p. 30). A Rede Mocambos faz uso também desta simbologia para valorizar as heranças dos povos negros de matriz africana. Na Wiki da Rede-Mocambos, podemos encontrar três símbolos: i) *Nkyinkyim*, que significa reconhecimento. Simboliza a iniciativa e o dinamismo; ii) *Ananse ntontan*, simboliza a criatividade e a inteligência e; iii) *Adinkrahene*, o símbolo da grandeza e do carisma.

Figura 44: Símbolos Adinkra



Fonte: <https://ipeafro.org.br/> Acesso dezembro de 2019. Todos os direitos reservados

A construção filosófica, política e simbólica da Rede Mocambos não indica, necessariamente, que a luta seja só dos povos negros. A intenção da Rede, assim como no Quilombo dos Palmares, é despertar uma força coletiva e diversa em que caibam diferentes etnias e coletivos excluídos, subalternizados e apagados pelas lógicas homogeneizantes.

### 5.1.2 Fundamentos técnicos e tecnológicos:

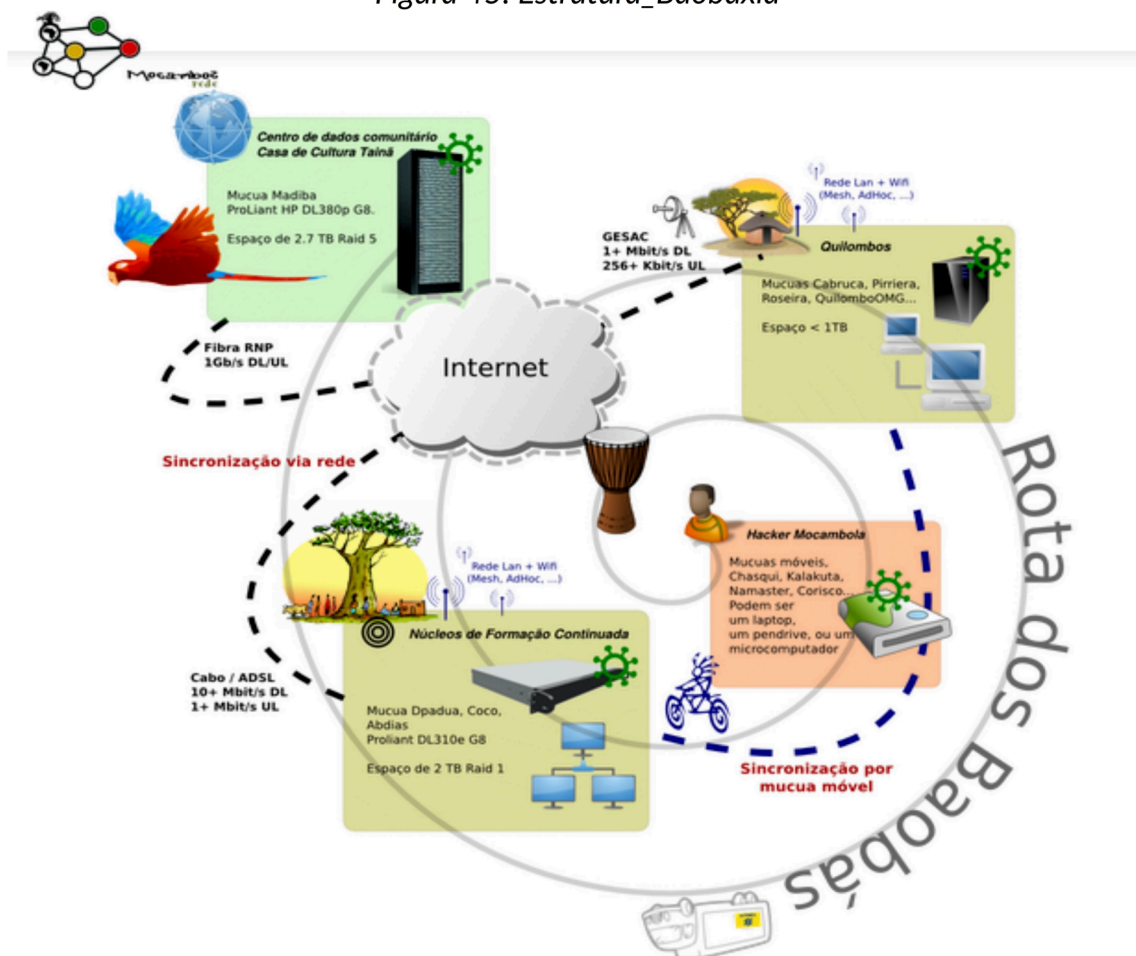
Eu sempre penso a tecnologia está vinculada às relações sociais, então as relações sociais elas englobam tecnologias se passa pelos processos de comunicação, de los processos de produção da vida, e aí quando eu falo da produção da vida estou falando de todos os aspectos que envolvem cultura, que envolve saberes, educação, que envolve saúde, produção da vida é um negócio fantástico e como ela é organizada nos períodos históricos e fundamental e a tecnologia e o que permite, permite não, é o que está nessas relações sociais em cada uns dos fazeres, entendeu? Então, cada um dos fazeres envolvem um conjunto de ações que envolvem um acúmulo de saberes, que envolve um acúmulo de saber fazer, que envolve um conhecimento de como produzir, entendeu? Então quando eu estou falando de tecnologia estou falando disso, entendeu?

**JUNIOR. Entrevista, set. 2017, Casa de Cultura Tainã Campinas/SP.**

A Rede Mocambos é uma tecnologia, como diz Vince, um de seus desenvolvedores, “Uma tecnologia independente, democrática, sem uso da internet e com uso do software livre”. O Baobáxia (União do Baobá com Galáxia) é o território digital da Rede em uma plataforma de comunicação distribuída que funciona com ou sem internet (Ver Figura 45 e 46).



Figura 45: Estrutura\_Baobáxia



Fonte: <http://www.mocambos.net/tambor/pt/baobaxia> Acesso Dezembro 2019.

Figura 46: Baobáxia. Site.



Fonte: <http://media.mocambos.net/baobaxia/doc/Apresentacao/#/>

O Baobáxia é uma rede de acervos digitais multimídia, tem por objetivo facilitar a comunicação entre diversas comunidades que não tem internet, por meio de uma rede de comunicação baseada em nós (múcua) locais. Segundo o Vincenzo Tozzi (2015)<sup>144</sup>

Cada nó da rede é uma múcua, normalmente na linguagem técnica são chamados de servidores, só que uma Rede que sempre lutou contra a escravidão, não batia muito o conceito de servidor com a liberdade que a gente busca. A gente chama os nós da Rede, Múcua. Este daqui é uma múcua móvel e ele dentro tem um computador, esse computador tem instalado Linux e o software Baobáxia e tem um aparelhinho que chama de roteador Wifi que se você liga na tomada ele cria, num raio de uns 200 metros uma rede local que tem acesso a esse sistema. E esse sistema é um acervo digital. [...] E além de você assistir conteúdos, você pode compartilhar conteúdos. Então eles ficam armazenados aqui dentro, então você vai carregando de lugar para lugar e uma múcua se fala com a outra diretamente sem precisar passar pela internet. Então os conteúdos vão passando de comunidade por comunidade através das pessoas que circulam na rede, na rota dos Baobás.<sup>145</sup>

Para se diferenciar na Rede, cada Múcua tem um nome, a Múcua da Casa de Cultura Tainã se chama Abdias (Ver Figura 47). Em 28 de Janeiro de 2020, a Múcua da Tainã tem 4642 imagens, 394 vídeos, 789 áudios e 342 textos; diversas temáticas e registros estão armazenadas nessa múcua específica.

Existe um processo de sincronização e atualização dos conteúdos e catálogos. Essa sincronização se dá via internet ou por meio de uma múcua a outra. Como processos de organização dos conteúdos são geradas etiquetas que permitem a organização dos catálogos, permitindo que a busca possa ser mais efetiva. De acordo com as necessidades locais e a finalidade dos conteúdos produzidos, eles podem ser públicos ou privados.

O material multimídia produzido pelas comunidades pode apresentar diversidade de usos. Podem ser, por exemplo, usados como material patrimonial e de preservação da memória cultural e local de alguma comunidade, assim como também podem ser usados como material educativo, com conteúdos históricos de ensino sobre a diversidade cultural do Brasil.

144 A tecnologia independente e democrática funciona sem o uso da internet e pretende integrar as diferentes comunidades de povos tradicionais brasileiros. Materia da TVB - TV Reconrd gravada durante a Pajelança Quilombólica Digital de Abril 2015, Territorios Digitais Livres." Disponível em: <https://baobaxia.mocambos.net/#mocambos/abdias/media/486da75b-01f7-48a3-8c6d-97aff6bdeb4c>. Acesso Em: 22 dez. 2019.

145 (Disponível em: <https://baobaxia.mocambos.net/#mocambos/abdias/media/486da75b-01f7-48a3-8c6d-97aff6bdeb4c>. Acesso em: 22 dez. 2019)

Figura 47: Baobáxia



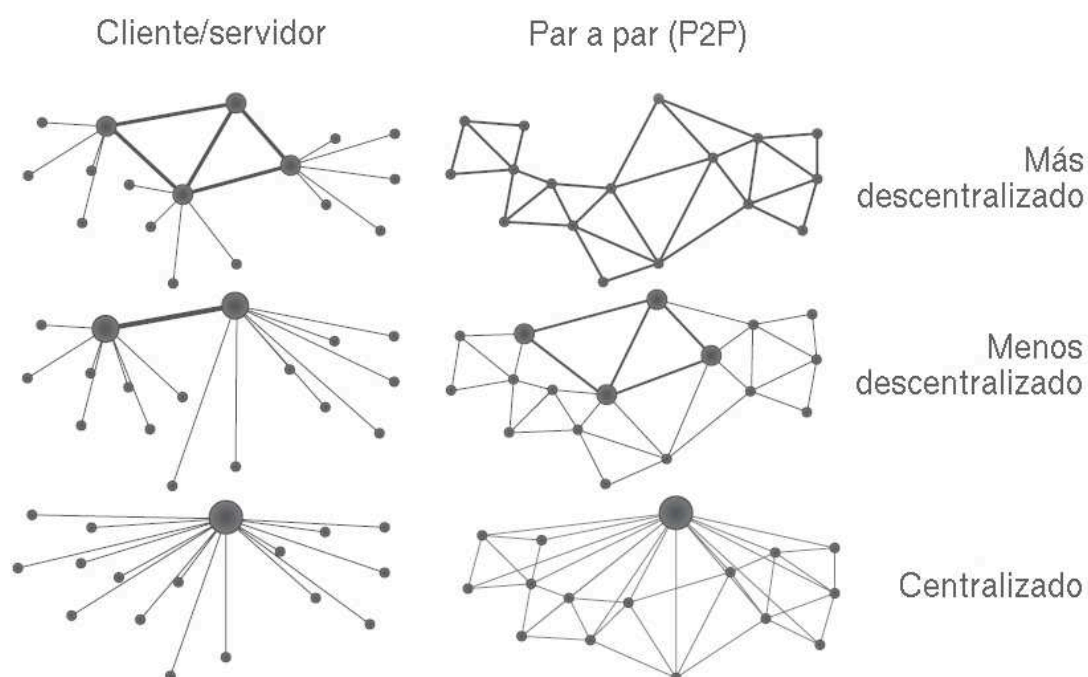
Fonte: <https://baobaxia.mocambos.net/#mocambos/rede/bbx/search> Acesso 28 de janeiro de 2020. Todos os direitos reservados

A Rede Mocambos abarca aproximadamente 200 comunidades entre quilombolas, indígenas, pontos de cultura, terreiros e comunidades periféricas localizadas em todo o território nacional brasileiro e também algumas comunidades na África e na Europa. A operatividade técnica da Rede entendida em termos técnicos como uma Rede Federada (Ver figura 48)<sup>146</sup> funciona da seguinte forma:

<sup>146</sup> Um banco de dados federado é um sistema no qual vários bancos de dados parecem funcionar como uma única entidade. Cada componente do banco de dados no sistema é totalmente auto-sustentável e funcional. Quando um aplicativo consulta o banco de dados federado, o sistema analisa qual dos componentes do banco de dados contém os dados solicitados e passa a solicitação para ele. Os bancos de dados federados podem ser considerados como virtualização de banco de dados da mesma maneira que a virtualização de armazenamento faz com que várias unidades de disco apareçam como uma. SHAVIT, Yuval, 2015. Disponível em: <https://searchdatacenter.techtarget.com/es/consejo/Que-son-las-bases-de-datos-federadas> Acesso em: Fevereiro de 2020

Federativo significa uma rede (ou software) com poder de interconexão com outras instâncias e até protocolos. Isso permite que determinadas redes operem de maneira descentralizada, com vários nós operados por pessoas diferentes e que "conversam" entre si e que permitem a comunicação entre instâncias. GÓMEZ, Mauricio, 2018. Disponível em: [https://medium.com/@mauricio\\_gomezg/redes-libres-descentralizaci%C3%B3n-y-federaci%C3%B3n-56c666ebf1c1](https://medium.com/@mauricio_gomezg/redes-libres-descentralizaci%C3%B3n-y-federaci%C3%B3n-56c666ebf1c1) Acesso em: Fevereiro de 2020

**Figura 48: Redes Federadas. Mais descentralizadas**



Fonte: [https://medium.com/@mauricio\\_gomezg/redes-libres-descentralizaci%C3%B3n-y-federaci%C3%B3n-56c666ebf1c1](https://medium.com/@mauricio_gomezg/redes-libres-descentralizaci%C3%B3n-y-federaci%C3%B3n-56c666ebf1c1)

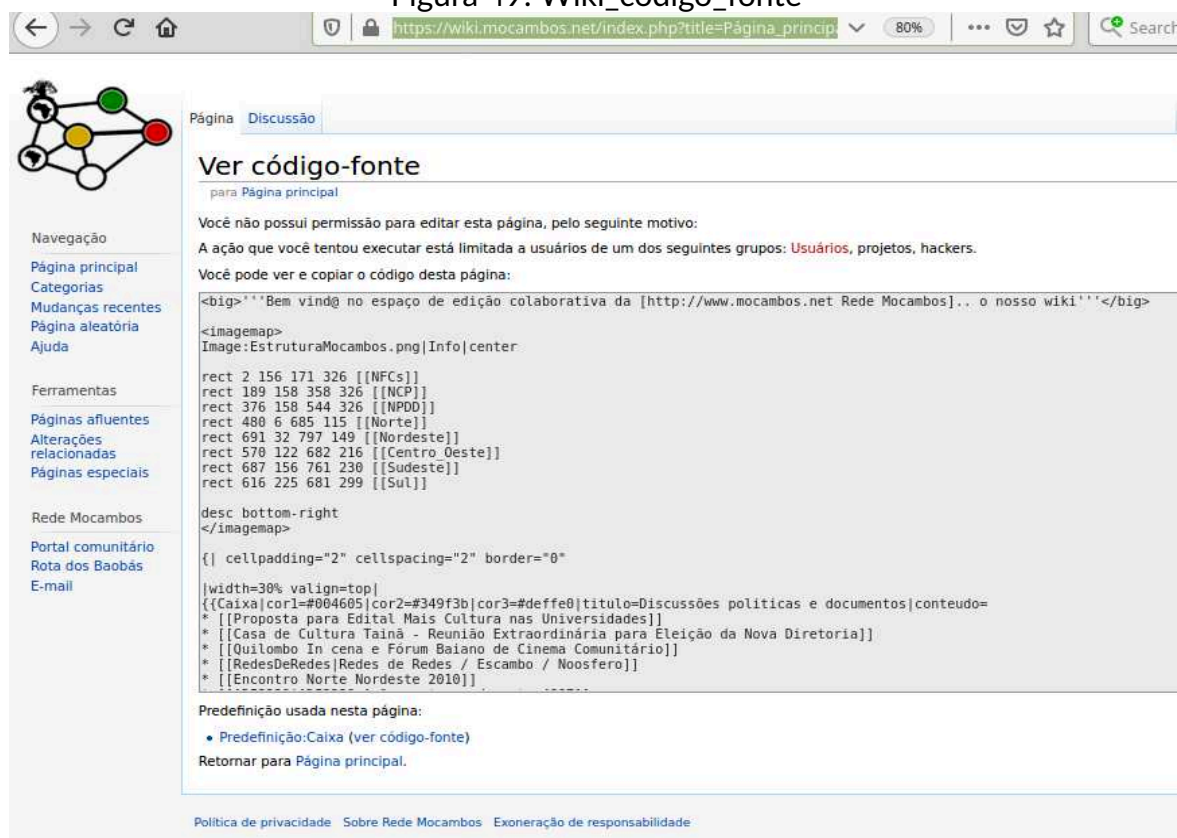
Uma rede federada, então, entendida como um conjunto de soluções tecnicamente viáveis e adaptáveis a usos, práticas e contextos diferentes, que permita uma gestão flexível da rede, com sub-redes heterogêneas, aproveitando diversas tecnologias, como por exemplo P2P onde necessário. Uma rede federada se adapta particularmente num contexto onde já existe uma estrutura organizacional que pode se espelhar na estrutura da rede e que pode acompanhar sua gestão (TOZZI 2011, p. 6).

A conectividade no Brasil é por satélite, garantida pelo GESAC que disponibiliza para cada comunidade uma *Very Small Aperture Terminal* (VSAT) com banda de 512 kbit/s em download e 128 kbit/s em upload. A topologia da rede é a estrela então todos os nós comunicam por satélite concentrando o tráfego num hub terrestre, onde a rede via satélite é interligada à Internet. Cada comunidade tem uma sala com 10 computadores com acesso público, recém instalados (ou sendo instalados) pelo Telecentros. BR<sup>147</sup>, outro programa do governo federal. A população de cada comunidade varia desde as centenas de milhares de pessoas. A maioria das comunidade se encontra em área rural, geralmente de difícil acesso e sem outros meios de comunicação. Além dos espaços comunitários, normalmente concentrados na zona central, a população é dividida em pequenos núcleos familiares espalhados no território e às vezes muito distantes um dos outros (TOZZI, 2011, p. 16).

147"O Programa Nacional de Apoio à Inclusão Digital nas Comunidades – Telecentros.BR é uma ação do Governo Federal de apoio à implantação de novos espaços públicos e comunitários de inclusão digital e o fortalecimento dos que já estão em funcionamento em todo o território. São disponibilizados equipamentos de informática e mobiliário necessários ao funcionamento dos telecentros, serviços de conexão em banda larga à internet, assim como a formação e bolsas de auxílio financeiro para monitores atuarem como agentes de inclusão digital. Esses monitores bolsistas participam de um curso de formação e atendem as comunidades dos telecentros". Disponível em: <http://www.inclusaodigital.gov.br/telecentros>. Acesso em: 22 dez. 2019.

Por desconhecimento meu da linguagem técnica quanto às ferramentas e linguagem de programação usadas para o desenvolvimento do Baobáxia, recorrerei a pesquisa desenvolvida por Tozzi (2011). Como o desenvolvimento foi colaborativo, foi usada uma *wiki* em que se compartilhou o código fonte e compartilham (Ver figura 49), até hoje, reflexões, mudanças e novos desenvolvimentos.

Figura 49: Wiki\_código\_fonte



Fonte: [https://wiki.mocambos.net/index.php?title=P%C3%A1gina\\_principal&action=edit](https://wiki.mocambos.net/index.php?title=P%C3%A1gina_principal&action=edit) Acesso: Janeiro de 2020. Todos os direitos reservados

O sistema operacional usado é o GNU Linux, em suas distribuições Debian <sup>148</sup> 146 6.0 e o Ubuntu <sup>149</sup> 147 11.10 11.10. A linguagem de programação usada foi a Py-

<sup>148</sup> "Debian es un sistema operativo (S.O.) [libre](https://www.debian.org/index.es.html), para su computadora. El sistema operativo es el conjunto de programas básicos y utilidades que hacen que funcione su computadora." Disponível em: <https://www.debian.org/index.es.html>. Acesso em: 22 dez. 2019.

<sup>149</sup> Sistema operativo de código aberto construído a partir de Linux. Disponível em: <https://ubuntu.com/>. Acesso em: 22 dez. 2019.



thon. Várias comunidades usam *softwares* livres como Blender<sup>150</sup>, kdenlive<sup>151</sup>, GIMP<sup>152</sup>, entre outros.

O desenvolvimento desta tecnologia permite estabelecer autonomia na produção e circulação de conteúdos produzidos e distribuídos pelas comunidades em um servidor não-comercial. Desta maneira, estabelece-se liberdade, independência e relação entre as tecnologias ancestrais/contemporâneas.

Não tem diferença entre o computador e o tambor, o Candomblé... Cara o Candomblé, no meu ver, possui uma ritualística tecnológica absurda, então para cada orixá suas coisas, suas cores, suas sementes, são inúmeros orixás 16, 18, 14 depende, para cada ritual é um formato completamente diferente do que vai ser usado, qual é a comida, qual negócio, isso é um saber tecnológico, entendeu? (Entrevista Ruiz. [26 de setembro 2018]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. Olinda. Arquivo .mp3 (47:29)).

A Rede Mocambos consegue articular de forma *Ch'ixi* duas linguagens que são apresentadas como opostas e distantes: a linguagem das tecnologias ancestrais/ contemporâneas com as linguagens das tecnologias digitais. As correspondências e sentidos que podem se integrar na valorização, atualização e inter-relação entre o que podem e possibilitam essas linguagens, esses conhecimentos e essas tecnologias, que permitem olhar o mundo de outro jeito e com outra sensibilidade.

Para nós a tecnologia mais importante é o tambor, é essa sambada de coco que a gente tem aí, que ela tem mais de 100 anos, ela de Macaíba e ela é muito resistente e tal, essa é nossa principal tecnologia e de onde surgiu tudo, de onde surgiu a raiz do coco, de onde surgiu a essência, né? que a gente trabalha até hoje e a tecnologia digital ela veio para agregar esse conhecimento ancestral, então a gente está sempre trabalhando em conjunto com a tecnologia ancestral e a tecnologia digital, sempre tentando aliar uma coisa com a outra, agregar uma coisa com a outra, então a partir do surgimento também do software livre, da inclusão do software livre dentro dos espaços culturais, dos pontos de cultura, dos telecentros que trabalhavam com tecnologia digital a gente consegue compreender melhor como funciona esse colaborativismo da tecnologia em rede e trabalhar em rede junto com várias pessoas que estavam também trabalhando com essa filosofia que não é só uma filosofia de trabalho mas sim uma filosofia de vida o uso de software livre [...] (Entrevista Daniel. [26 de setembro 2018]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. Olinda. Arquivo .mp3 (15:43)).

Titon, membro também da Rede Mocambos, em correspondência com a fala de Daniel, diz:

150Blender é um software livre que serve para fazer modelação, animação e edição. Disponível em: <https://www.blender.org/>. Acesso em: 22 dez. 2019.

151 Kdenlive é um software livre que serve para edição de vídeo. Disponível em: <https://kdenlive.org/es/>. Acesso em: 22 dez. 2019.

152GIMP é um software livre que serve para edição de imagens digitais. Disponível em: <http://www.gimp.org.es/>. Acesso em: 22 dez. 2019.

Quando a gente fala de tecnologia dentro da rede a gente está falando de coisas que são ancestrais. Elas não são novas, elas não são produtos eletrônicos, elas são práticas ancestrais, elas só foram se adaptando ao decorrer do tempo. Então, quando a gente fala de Pajelanças Quilombólicas, a gente está misturando práticas dos indígenas [...] com práticas quilombolas. [...] Essas são tecnologias antigas [...] Essa ancestralidade precisa ser resgatada e adaptada para essa lógica de produtos eletrônicos, da internet, das novas comunicações, então as Pajelanças Quilombólicas Digital vai nesse sentido. De conseguir unir o ancestral com o novo tecnológico. (Entrevista. [setembro 2019]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. na Secretaria de comunicação CONAFER - Curitiba/PR. Arquivo .mp3 (01:30:40)).

Tudo isso nos permite compreender e reconhecer o que sempre tem estado presente, a coexistência de modos de fazer, pensar e ser em *constelações multitemporais* porque cada um deles apresenta um fragmento da realidade que nos constitui, marca e se justapõem entre si para nos expor a complexidade da sociedade. A Rede Mocambos, como ação micropolítica *Ch'ixi*, descoloniza o pensamento para permitir a entrada de outras sensibilidades, de outras práticas, de outros jeitos de fazer.

A Rede Mocambos e o Baobáxia, como materialização de articulações das tecnologias ancestrais/contemporâneas ou *Ch'ixi*, constroem uma ação micropolítica que vai além da concepção das tecnologias sociais proposta por Renato Dagnino e Hernán Thomas e vai além também da proposta política e filosófica do software livre porque nenhuma das duas perpassa pela compreensão da ancestralidade como traço importante para gerar processos anticoloniais, de autonomia e liberdade.

O conhecimento situado e localizado em cada comunidade é fundamental para compreender as relações que se estabelecem com o tempo *Ch'ixi* com esse passado que permite compreender e viver no presente. As tecnologias *Ch'ixi* que propõe a Rede Mocambos estão atravessadas pela valorização do território, da memória, da cultura e da compreensão de que no presente se justapõem diversos conhecimentos, contraditórios entre si, para fortalecer, cuidar e prevalecer a diversidade.

A Rede Mocambos, além de unir diversas ações micropolíticas, também cria ações que podem ser consideradas anticapitalistas e anticolonialista, em que as pessoas não só se apropriam das tecnologias contemporâneas, mas também entendem como funcionam essa tecnologia e não se tornam produtos para que grandes empresas os explorem.

### 5.1.3 As Políticas públicas e a Rede Mocambos

A presente tese não tem como foco central discutir a trajetória das políticas públicas de cultura no Brasil, porém, não posso deixar de discutir as influências que elas tiveram ou não na história da Tainã e da Rede Mocambos porque aparecem, de forma reiterada, nas falas das pessoas entrevistadas.

A Tainã, como já mostrei no capítulo anterior, tem persistido e existido por 30 anos e passado pela gestão de diferentes governos, mas cada um desses governos, no seu período de atuação, incidiu de algum modo sobre a comunidade, fosse para estimular práticas com investimento ou com parcerias dentro dela, fosse para gerar tensões e embates diretos com ela. O mesmo tem acontecido com a Rede Mocambos.

O surgimento da Rede se fortaleceu e robusteceu com a chegada de Luiz Inácio Lula da Silva ao poder. Com Gilberto Gil no MinC, a proposta dos Pontos de Cultura de Célio Turino, com os programas de formação digital do GESAC, a instalação de telecentros em diferentes partes do Brasil e com a implementação do uso nacional do Software livre.

A Rede Mocambos (RM), atualmente envolve diretamente mais de duzentas comunidades quilombolas, coletivos, aldeias indígenas, pontos de cultura e terreiros. Existem dois termos de cooperação<sup>153</sup> entre Rede Mocambos e o Ministério das Comunicações, precisamente com os programas GESAC e Telecentros.BR. (TOZZI, 2011, p. 7)

**Os ganhos e as transformações em algumas comunidades foram significativas.**

**Daniel, membro do Ponto de Cultura Coco de Umbigada diz:**

Desde o começo do ponto de cultura em 2004, que foi uma lei, cultura viva, que é um projeto na época do ministro Célio Turino junto com Gilberto Gil e o presidente Lula na época, que possibilitou um acesso às comunidades tradicionais, quilombolas, indígenas, comunidades que trabalham com hip hop, com cultura do coco, do samba, do maracatu possibilitou a expansão dos editais, a nível nacional assim, então eram muitos editais que surgiam na época, projetos, prêmios, viagens, então possibilitou realmente essa abertura para uma sociedade que estava escondida, então de lá para cá, o que tem acontecido é só sucateamento desses editais e dessas possibilidades para que os pontos de cultura tenham realmente uma sustentabilidade porque a gente sabe que organização social vive de projetos culturais, de captação de recursos, de parceiros, de financiamento, de doações, então a gente aqui está tentando buscar outras possibilidades de se manter, não só pelo edital mas de formas sustentáveis entendendo que a nossas ações tem várias ramificações, por exemplo, a oficina que a gente dá, pode fazer uma palestra, um workshop, uma roda de conversa, produzir material sobre a

<sup>153</sup> Os termos de cooperação foram assinados, como Rede Mocambos, mas formalmente pela Casa de Cultura Tainã.



oficina, sobre o coco, então a gente está sempre tentando burlar esse sistema e está sempre tentando contornar esses desafios, né? (Entrevista [26 setembro 2018]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. Na Casa de cultura Coco de Umbigada-Olinda/PE. Arquivo .mp3 (15:43)).

O crescimento e a valorização das práticas culturais populares, ancestrais das comunidades permitiram afiançar laços de confiança entre as organizações, assim como, o reconhecimento da amplitude e diversidade de ações micropolíticas e culturais que estavam acontecendo em diferentes regiões do Brasil. A implementação do software livre, a expansão das tecnologias digitais em locais de difícil acesso e os processos continuados de formação e troca permitiram que novas experiências e ideias surgissem.

Nas entrevistas com Silas, Moacir, Guitinho, Mari, Sônia, Batata, Mão Beth de Oxúm, Michel, Banto Palmarino, Elaine e Gloria, foi possível evidenciar o papel representativo do momento histórico e da incidência e importância dessas políticas de cultura. Mas, é importante deixar claro que essas políticas são efetivas e fortalecem os contextos organizativos quando tem lideranças na frente gerando processos de autonomia constante. É como diz Elaine da Silva Tozzi

Os governos democráticos e comprometidos com as questões sociais, com a ciência, com a tecnologia, claro que colaborou muito, mas a Tainã, essa visão de futuro que o TC traz e a maneira como ele constrói isso, resistindo, com sabedoria, com pé no chão, valorizando o território, valorizando as identidades, vendo o potencial das pessoas, abordar também o Estado, em uma perspectiva, não assistencialista, porque também essa é a cultura do Estado, tanto que as políticas muito vem nessa perspectiva assistencialista e o povo também que se acostumou nessa perspectiva do Estado dar, e a Tainã não, o TC não, ele sempre fez uma gestão na perspectiva de buscar autonomia, sustentabilidade, então isso somou as duas coisas. (Entrevista [21 de agosto 2018]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. no Centro de Tecnologia da Informação Renato Archer - CTI, Campinas/SP. Arquivo .mp3 (02:00:09)).

Os sucessos e mudanças efetivas de qualquer iniciativa só são possíveis com o passar do tempo, com a persistência e permanência das comunidades e com lideranças visionárias que fortaleçam suas próprias ações. As coisas não mudam da noite para o dia e os investimentos são menos interrompidos quando há uma política por trás. Quando não há, depende da força de vontade de um governante.

Com relação à burocracia, e esta é uma crítica permanente nas falas do TC, a estrutura continua sendo a mesma. Então, a prestação de contas que as comunidades quilombolas, indígenas e camponesas tinham e tem que fazer, estivessem na periferia

ou no campo, seguiam o mesmo padrão, o que trazia e traz muita dificuldade às comunidades, sobretudo aquelas mais afastadas dos centros urbanos, a cumprir os critérios exigidos pela administração. A padronização burocrática na apresentação dos projetos e na prestação de contas é uma forma de invisibilizar os contextos sociais das comunidades e suas particularidades, tratando-as como iguais e, dessa forma, o Estado se isenta da responsabilidade constitucional de ampliar e adequar as políticas públicas no atendimento das necessidades fundamentais dessas comunidades.

Nem todos os processos de implementação dessas tecnologias digitais foram efetivos, assim como os processos de manutenção dos equipamentos. Outro elemento crítico foi a apropriação do conhecimento e apropriação da tecnologia do Software Livre. As comunidades, na maioria dos espaços, não se apropriaram desse conhecimento, o que gerou uma dependência permanente sobre os órgãos ou pessoas que dominavam os conteúdos e técnicas sobre a temática.

Nos textos de Da Silva e Dutra (2012) e Freire; Foina e Fonseca (2007) podem ser identificados os acertos e os erros da implementação das políticas culturais desse período político histórico:

O modelo das políticas públicas de cultura em vigor anula as funções estruturantes do Estado, fazendo dos seus organismos escritórios burocráticos de despacho e checagem de prestação de contas. Aqueles outros órgãos que não se encaixam no modelo, ou foram mantidos residualmente sem amparo, à espera de seu desaparecimento ou foram coagidos pelos governantes a competir, também eles, no mercado de captação de recursos criado pelas leis de incentivo. O que criou uma situação no mínimo inusitada: para ter acesso a recursos públicos, às vezes até de empresas estatais, os órgãos públicos sobreviventes precisavam da anuência de empresas privadas ou de caráter privado. Estas, por sua vez, assumiram de fato a função que seria, por direito e dever, do Estado: determinavam as formas da produção, reprodução, guarda e reforma de bens culturais no mercado e no Estado. (DA SILVA e DUTRA 2012, p. 8)

Quando a mudança se trata de uma profunda transformação de paradigma, como é o caso de sair do uso cotidiano de um sistema operacional proprietário para um Software Livre e de Código Aberto, a inércia e resistência a estas migrações é ainda maior. (FREIRE; FOINA; FONSECA, 2007, p. 1)

Autonomia? Dependência? A responsabilidade do setor público na gestão de políticas culturais que correspondam ao cuidado patrimonial da memória deve ir além da compreensão das práticas culturais como folclore. Essas políticas, para se alicerçar na construção social, devem evitar paternalismos, assistencialismo e as ajudas só por editais. A política de editais segrega e divide as comunidades numa necessidade de

competir entre elas. O edital não faz a leitura da realidade, ele coloca todas as comunidades em um mesmo patamar e, é aí que são apagadas as desigualdades e as diferenças. O instrumental serve para invisibilizar desigualdades. Um exemplo disso são os pontos de cultura.

A cultura não pode ser entendida e tratada como mercadoria. Ela é um legado, uma manifestação social que dá conta de uma cosmovisão de mundo. A cultura materializa um conjunto de relações sociais e naturais que evidencia a interação do ser humano com seu entorno, com a natureza e com os outros/as. Editais não refletem e nem materializam a cultura em si, por essa razão, políticas públicas não se resumem apenas as publicações de editais.

A questão é, então, que os fundamentos essenciais e profundos dessas políticas tinham boas intenções, mas sua aplicabilidade e processo foi instrumental, burocrático e regido por uma lógica econômica globalizada. Isso levou a experiências concretas exitosas em diferentes lugares, especialmente sobre aqueles que já tinham uma experiência maior no tempo, como a Tainã, o Grupo Bongar, a Casa do Boneco, a Casa de Cultura Coco de Umbigada, dentre outras. Entretanto, outras ações e processos não conseguiram dar continuidade a suas ações e tiveram que se afastar da proposta. E como diz Elaine da Silva Tozzi: “Um pouco da desarticulação própria dos pontos de cultura, de estar embora a gente consolida essa política de estado, ela se desestrutura por conta dessa relação confortável que se estabeleceu” (Entrevista, 21 ago. 2018, no CTI, Campinas/SP).

Como gerar ações e políticas culturais que aprofundam os processos comunitários, ancestrais e tradicionais que dão conta de uma parcela de nossa história? Como ir além do assistencialismo e paternalismo burocrático? Como descolonizar as burocracias? Como descolonizar o Estado e as políticas públicas? As lutas e ações micropolíticas estão ao redor, estão próximas de nossos olhos, de nossos sentidos, para fazer um mundo que reflita nossa história.

Gostaria de fechar essa reflexão, por mais que essas críticas tenham que ser identificadas e colocadas, mas destacando que os Pontos de Cultura foram fortalecidos, sim. É importante reconhecer os problemas, discuti-los e assim poder avançar.

Atualmente, o governo brasileiro tem o objetivo de apagar algumas culturas e, assim, promover a manipulação por meio da inexistência delas e de suas comunidades.

Não existe uma readequação, reapropriação ou revisão do que se tinha em relação às políticas culturais, elas simplesmente deixaram de existir, se apagaram e tem sido imposto um outro padrão de cultura.

Existiram problemas na implementação de algumas políticas públicas de cultura? Sim. Mas quando se faz a crítica aos problemas é para que eles sejam revisados e readequados. A crítica aos problemas não pode servir de motivação para que o desmonte de algumas políticas públicas isente o Estado de sua responsabilidade social para com as comunidades.

A identificação dos problemas na operacionalização das políticas de cultura não pode servir de motivo para que elas deixem de existir e levem as comunidades a um nível de miséria e insignificância somente percebidos em governos ditatoriais e autoritários. E como diz minha grande amiga Patricia Teixeira em nossas longas conversas sobre esta tese: “Os problemas de implementação não geram tragédias, eles promovem novos caminhos, por isso é importante debater os problemas.”

## **5.2 O presente da Rede Mocambos:**

A Casa de Cultura Tainã, como articuladora da Rede Mocambos na atualidade 2020, continua estabelecendo parcerias e estratégias que possam gerar mais pontes e articulações de saberes e de ações que fortaleçam os processos organizativos locais e comuns. Mas a realidade concreta e material das organizações que fazem parte da Rede não é a melhor nestes momentos. A falta de garantias e de estratégias de investimento efetivo para estas comunidades é muito evidente e gera dificuldades econômicas para estabelecer mais processos formativos presenciais, pajelanças e manutenção técnica do Baobáxia. Se continuam os contatos virtuais e compartilham e discutem algumas ações locais ou algum problema técnico do Baobáxia no grupo de telegram do Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento Digital (NPPD).

Mas além das problemáticas materiais que estão enfrentado cada um dos nós da Rede neste momento é importante pensar na funcionalidade da Rede, dos alcances nos processos formativos e de apropriação das tecnologias digitais, das metodologias e as linguagens usadas para desmitificar o computador e desnaturalizar as concepções que sobre esse tipo de tecnologias se tem construído.

A Rede Mocambos é uma iniciativa com um grande potencial porque consegue reconhecer a importância da diversidade, valorizar os saberes de cada uma das comunidades, promover, o que aqui temos chamado de Tecnologias *Ch'ixi* e porque estimula a procura constante da autonomia e da liberdade de cada um dos territórios.

Toda iniciativa, proposta, ação, precisa se repensar constantemente para abrir novas possibilidades e desafios. Na entrevista que realizei com a Elaine Da Silva Tozzi em 2018 falamos um pouco sobre essas questões e a necessidade de olhar criticamente as ações e trabalhos desenvolvidos até esse momento e, assim, pensar em propostas que permitam o fortalecimento da Rede e das ações que ela desenvolve. Elaine diz:

O próprio baobáxia que é mais que tecnologia diferenciada, revolucionária, ela é tão avançada que nem as comunidades ainda conseguem dimensionar. Hoje é uma crítica ainda para a própria rede mocambos, entender o que é o baobáxia. Isso muito me preocupa porque está muito na cabeça do TC, do Vince, do Fernan. [...] você vai ver as oficinas, os encontros para falar do baobáxia ou se apropriar do baobáxia as pessoas ainda têm muita dificuldade, eu não sei se é a linguagem, se é o tempo, são os interesses, os medos, ainda tem que ser desmistificado muita coisa.

[...] As pessoas que vem para os encontros da rede, as pessoas que são selecionadas, eles vêm para cá, elas se identificam quando você fala da terra, da água, do território, tudo, vai muito bem a oficina, mas na hora que chega na parte de TI, fica desinteressante porque ainda não associa. Vá um tempo? vai. (Entrevista Elaine da Silva. [21 de agosto 2018]. Entrevistadora: Ana María Rivera Fellner. Campinas. Arquivo .mp3 (2:00:09)).

Medo, linguagem, metodologia, interesses, tempo, são alguns dos fatores que precisam ser pensados para gerar um processo de desnaturalização e desmitificação dessas tecnologias. Os processos de apropriação e de dominação das linguagens de qualquer tecnologia ancestral/contemporânea não acontecem da noite para o dia, precisa de frequência, de identificação de valores, interesses, de identificar o porquê existem esses medos.

As bases da Rede Mocambos, das ações, das tecnologias ancestrais/contemporâneas existem, mas é imprescindível, depois de 16 anos de criação da Rede Mocambos, identificar conjuntamente os benefícios da Rede e das tecnologias que nela circulam que estão fazendo as pessoas, organizações com a Rede, com o Baobáxia? Que tecnologias estão usando? Quais são os novos interesses? Que diferença faz usar o Baobáxia? Além disso também é essencial pensar no que diz Elaine: Como lidar com

a diversidade da rede? Como lidar com as possibilidades de apoio de recurso e inovação? É uma questão também a sustentabilidade da rede, das pessoas.

É então crucial que a força e potencialidade da Rede possam ser repensada e continuar construindo processos metodológicos educativos coletivos e situados que consigam romper barreiras nas linguagens e do medo. Pensar nessa ressignificação tem que ser um exercício coletivo, colaborativo e descentralizado.

## CASA DE CULTURA TAINÃ

LINHA DO TEMPO: EVENTOS, CONTEXTO E RELAÇÕES

Por Ana Maria Rivera Fellner



**Antônia Frutuosa Felisbino (Toninha)**

Mulher negra, empregada doméstica e moradora da Vila Castelo Branco **planta a semente da Tainã**



**1991**

As atividades aumentam e a associação precisa de um espaço maior. A casa ocupa o prédio da Cobal (Companhia Brasileira de Alimentos). **O nome Tainã é criado coletivamente pela associação e também a primeira imagem oficial.**



**1989**

Criação da associação de **Moradores Vila Castelo Branco** com atividades culturais e oficinas de música, teatro, dança, pintura, para jovens e crianças da Vila. Antônio Carlos, o TC, é convocado para dar aulas de violão.

**CONTEXTO:** Em 1989 assume a prefeitura de Campinas Jacó Bittar do PT, junto a sua equipe e o secretário de cultura Célio Roberto Turino de Miranda, propõem, entre 1990 e 1992, criar 13 Casas de Cultura para fortalecer o trabalho cultural localizado em alguns bairros de Campinas

**De 1993 a 1996**

Com a morte de Toninha (1993) e as questões de contexto político, **surgem tensões com a administração municipal** pelo espaço ocupado e as poucas garantias de traslado para um novo espaço. Todavia, as atividades da Tainã continuaram, com exposições, apresentação de peças de teatro, exibição de cinema, oficinas de cinemas, música, pintura e diversos shows.

**21 de dezembro de 1996.** Depois de muitos confrontos com a prefeitura, a Tainã "foi transferida para um vestiário de uma piscina desativada na Praça dos Trabalhadores, local totalmente inadequado e sem condições de atender de forma digna a população. Contudo, TC o denomina como **"o primeiro banheiro cultural da América Latina"**

**CONTEXTO:** Em 1993 assume a prefeitura de Campinas José Roberto Magalhães Teixeira do PSDB desmonta a ideia das Casas de Cultura.

**De 1997 a 2001**

**Chegada de Denise Xavier à Tainã** marca momentos importantes na história da comunidade, assumindo a coordenação operativa e de produção das atividades que se desenvolveram e são desenvolvidas até hoje.

**CONTEXTO:** Em 1997, assume como prefeito da cidade Francisco Amaral do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Durante o período, não são apresentadas transformações quanto vontades políticas para reconhecer os trabalhos desenvolvidos pelas organizações comunitárias e culturais.

Em 2001 assume como prefeito da cidade, Antônio da Costa Santos, o Toninho do Partido dos Trabalhadores (PT). Mas no começo do nono mês de mandato, em 10 de setembro de 2001, foi assassinado. Izalene Tieni assume a prefeitura de Campinas.



A Casa Tainã continua desenvolvendo atividades culturais e oficinas de fortalecimento cultural da matriz africana. Surge **Nação Tainã, Maracatu de Baque Virado e Cultura Popular. Projeto Tambor menino - Música / Dança / Produção de Artesanato.**





#### De 2002-2004

Em 2002 é feita a entrega de documento de posse da área. Banto Palmarino, jovem ativista do movimento negro e do rap e conhecedor do **Software Livre**. Com ajuda do Larry Hudson, ex jogador do Lakers e do Globetrotters, a Tainã consegue outros computadores. Isso incentivou a gerar processos formativos com a população sobre informática e adentrar no aprendizado sobre o Software Livre. Com o Comitê para Democratização da Informática (CDI) se cria a EIC Escola de Informática e Cidadania.

**CONTEXTO:** Em 2003 assume a presidência Luiz Inácio Lula da Silva, e o cantor Gilberto Gil ao Ministério da Cultura. Célio Roberto Turino de Miranda desenvolve a ideia dos Pontos de Cultura para o território nacional. Em 2004, Elaine da Silva Tozzi assume a coordenação do projeto GESAC (Governo Eletrônico - Serviço de Atendimento ao Cidadão) no Ministério das Comunicações.



Em 2003, os integrantes da Tainã, após participarem de programas governamentais tal como o Orçamento Participativo (OP) e jurídicos, como a Lei Federal de Incentivo à Cultura, conseguem obter verba para desenvolver vários de seus sonhos e objetivos.

#### De 2005 a 2014

A Casa da Cultura Tainã se torna um Ponto de Cultura (2005) e recebe a Ordem do Mérito Cultural (2006).

São formalizados os **Encontros da Rede Mocambos**, realizados em diversos locais, como: A Casa de Cultura Tainã Campinas (2008, 2009), o encontro Norte Nordeste da Rede Mocambos em Casa do Boneco (Itacaré, Bahia), e os encontros de Formação Continuada no Espírito Santo.

**CONTEXTO:** Em 2012, assume a presidência Dilma Vana Rousseff, Alteração de prioridade. Os Pontos de Cultura deixam de ter o mesmo apoio. Em 2014, os pontos de Cultura se tornaram política de Estado a partir da Lei nº 13.018 de 22 de julho de 2014.

#### Nestes tempos...

**CONTEXTO:** 31 de agosto de 2016, Dilma Rousseff sofreu a cassação do seu mandato por um processo de impeachment. Assume a Presidência da República o, então, vice-presidente, Michel Miguel Elias Temer (PMDB). Inicia um desmonte sistemático das políticas sociais que tinham sido construídas nos períodos progressistas de Lula e Dilma.

Temer extinguiu o MinC (Ministério da Cultura) em 2016, com a medida provisória nº 726, medida que foi recuada rapidamente pelo surgimento da mobilização social com o movimento "Ocupa MinC" e a ocupação em diferentes instituições culturais no país. O MinC continuou existindo, mas os recursos financeiros para que as ações artísticas e culturais continuassem existindo foram, significativamente, reduzidos.

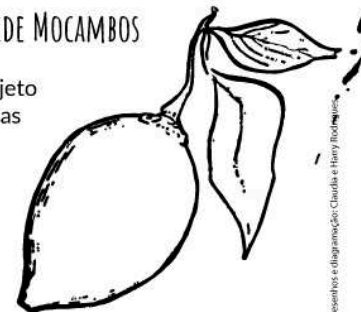
Em 2018, assume a presidência Jair Messias Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL) como novo presidente da República, quem, ao receber a posse em 01 de janeiro de 2019, extingue de fato, por meio da medida provisória nº 870, o MinC (Ministério de Cultura), "deslocando suas atribuições e estrutura para o Ministério da Cidadania"

#### ... E a Tainã segue em frente.

#### PROJETOS ATUAIS E PERMANENTES DA TAINÃ E DA REDE MOCAMBOS

Baobaxia, Rota dos Baobás, Fábrica de Música, Projeto Mocambos - Laboratórios de Informática e Pesquisas Digitais. Quilombolinhas, Pajelanças Quilombolas, acompanhamento ativo em atividades que fortaleçam os processos organizativos dos indígenas, dos quilombolas, dos composses e de qualquer subalternizado. e excluído.

<https://taina.net.br/> | #tainavive | #decolonizarastecnologias



Desenhos e diagramação: Claudia e Harry Rodrigues



## CAPÍTULO 7. Considerações finais:

As concepções, naturalizações e universalizações que têm se feito sobre as tecnologias têm negado, excluído e apagado outras dimensões, concepções e saberes que as tecnologias têm construído nas comunidades e grupos sociais que vão além dos parâmetros estabelecidos.

Parto do pressuposto de que a herança colonial tem gerado processos de colonialismo interno para impor modos de ser, pensar e atuar para estabelecer dependência e dominação. Nesse sentido tem desprovido às comunidades colonizadas da pertinência do saber que elas possuem. Mas, em sintonia com a perspectiva de Vieira Pinto, assumo que a tecnologia é um legado da humanidade e que não se dá de forma peculiar em algumas sociedades e em outras não. Pelo contrário, a técnica e as tecnologias fazem parte da configuração do ser humano, são, portanto, patrimônio da *Pachamama*.

Acreditar nas tecnologias como patrimônio da *Pachamama* é reconhecer as tecnologias ancestrais como parte da nossa história. É valorizar o papel histórico das tecnologias indígenas, africanas e camponesas com suas condições ritualísticas e a suas cosmovisões, na consolidação das sociedades latino-americanas.

Mas além de reconhecer que as tecnologias não têm exclusividade de criação e reinvenção, elas são diversas e também "mestiças", isto é, uma justaposição entre tecnologias ancestrais/contemporâneas ou como diria Rivera Cusicanqui, *Ch'ixi*.

A concepção do *Ch'ixi* como condição natural de nossa existência permite romper com essencialismos e reducionismo culturais o que também ajuda a compreender nossa condição de mestiços, de identidade manchada que se articula nas contradições que a constituem para aceitar o diverso e o múltiplo.

Aceitar essa condição *Ch'ixi* é uma alternativa descolonizadora porque permite tirar de nós umas culpas carregadas sem fundamento, a vergonha de estar "manchado", de ser mestiço. Aceitar a condição *Ch'ixi* é também reconhecer que as tecnologias que fazem parte de nossos territórios também estão atravessadas pela mestiçagem enquanto cada comunidade geram processos de ressignificação, adaptação, revaloriza-

ção, reutilização e reorganização, ancorados nas particularidades das realidades sociais e culturais.

Pensar e propor a concepção de tecnologias *Ch'ixi* neste trabalho é um convite para descolonizar as concepções impostas sobre as tecnologias e, do mesmo modo, valorizar e reconhecer os modos nos quais as comunidades articulam, ressignificam e constroem outras concepções sobre as tecnologias e criam espaços e ações micropolíticas para salvaguardar a memória e promover a autonomia e a liberdade.

No capítulo três foram reconhecidas experiências micropolíticas concretas no Brasil e na Colômbia e, a partir dali, consegui compreender e identificar que as relações que as comunidades estabelecem com as tecnologias ancestrais/contemporâneas estão atravessadas por um objetivo: comum a geração de uma consciência crítica sobre o território, a memória e a cultura como fontes fundantes do fazer coletivo e local.

Também consegui identificar que fazem uso das TICs para produzir um conteúdo e, assim, visibilizar e compartilhar algumas concepções de mundo não hegemônicas. Mas ficaram algumas inquietações para promover uma reflexão em trabalhos posteriores: Apropriar-se e usar TICs é suficiente para materializar uma autonomia e uma liberdade no uso delas? Usar esse tipo de tecnologias é compreender seu funcionamento técnico e o conhecimento que está por trás delas? Quem é possuidor desse tipo de conhecimento tecnológico? Quais dependências estabelecemos quando deixamos de lado o reconhecimento desse conhecimento?

Das organizações sociais identificadas, a Casa de Cultura Tainã e a Rede Mocambos são as únicas que geram um processo crítico reflexivo sobre o tipo e o uso de tecnologias digitais usadas. É por isso, que esta pesquisa quer apreender e compartilhar a experiência desenvolvida por elas como uma forma crítica e consciente de descolonizar as tecnologias. Proponho como alternativa chamar essas tecnologias de tecnologias *ch'ixi*.

No legado histórico da Tainã e da Rede Mocambos as tecnologias têm tido um papel preponderante. Elas têm sido consideradas e pensadas como ferramentas culturais que ajudam no processo de autodeterminação das comunidades é por isso que o tambor e o cultivar são consideradas como essas tecnologias que precisam ser valorizadas e reconhecidas como base de cosmovisões diversas, sejam elas indígenas, negras ou camponesas.

As propostas desenvolvidas pela Tainã e Rede Mocambos permitem que a diversidade possa se expressar, reivindicar o direito à palavra, aos rituais, o direito a diversos olhares do mundo, o direito às diversas cosmovisões, as múltiplas linguagens, às diversas culturas.

É importante também dizer que a continuidade, persistência, dedicação e criação permanente de novas reflexões e alternativas, tanto na Tainã como da Rede tem se dado por duas coisas. A primeira, e a mais importante, por ter na frente lideranças que vão além das políticas temporais dos governos de turno, mas que acreditam na construção de novas alternativas de salvaguardar a cultura, a memória e o patrimônio. A segunda pela existência de algumas políticas públicas, em momentos históricos em que têm existido governos que acreditam e fazem investimento em alternativas populares.

A proposta da Tainã e da Rede Mocambos é visionária, por isso é necessário continuar aprendendo com elas e construir conjuntamente alternativas para fortalece-las. É uma experiência que precisa de continuidade, transformação, autocrítica e fortalecimento para que possa servir como referência para a geração de outras redes.

Numa palestra de Chimamanda Ngozi Adichie ela diz

É assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e é o que ele se tornará. A consequência de uma única história é que ela rouba das pessoas sua dignidade. Enfatiza o quanto somos diferentes, ao invés do quanto somos semelhantes(ADICHIE, 2009).<sup>155</sup>

Esta pesquisa teve também como objetivo não reproduzir essa única história, pelo contrário, eu quis reconhecer, valorizar e trazer uma dessas múltiplas histórias que o mundo diversificado, no qual vivemos, nos oferece, mas que ignoramos ou desconhecemos por não achar nela os padrões institucionais estabelecidos.

Esta tese é uma provocação, uma urgência, uma necessidade de trazer para a academia experiências concretas e reais nas quais precisamos estar, mas não para dizer o que elas têm que fazer, mas sim para apreender do modo no qual elas fazem.

---

155 Disponível em: [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story/transcript?language=pt#t-629356](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt#t-629356) Acesso 15 Janeiro de 2020

## REFERÊNCIAS

- BAMBIRRA, Vânia. Para uma tipologia da dependência (industrialização e estrutura socioeconômica). In: \_\_\_\_\_. **O capitalismo dependente latino-americano**. Florianópolis: Insular, 2013. p. 31-117.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRASIL. **Guia livre: Referência de migração para software livre do governo federal**. 2005. Disponível em: <https://www.governodigital.gov.br/transformacao/cidadania/software-livre/guia-livre>. Acesso em: 22 dez. 2019.
- CAMINATI, Francisco Antunes. Terra incognita: liberdade, espoliação: o software livre entre técnicas de apropriação e estratégias de liberdade. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- CARLOTTI, Tatiana. **O desmonte das políticas sociais, emancipatórias e culturais: as políticas de Michel Temer se baseiam numa concepção patriarcal, misógina, racista e fundamentalista da sociedade, do mundo e do ser humano**. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-desmonte-das-politicas-sociais-emancipatorias-e-culturais/4/36307>. Acesso em: 22 dez. 2019.
- CASANOVA, Pablo González. Colonialismo interno (uma redefinição). In: BORON, A. A.; AMADO, J.; GONZÁLEZ, (Orgs.). **A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas**. Buenos Aires: CLACSO, 2006. p. 395-420
- CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE. **Sobre o CMI**. [midiaindependente.org](http://midiaindependente.org) [S. d.] Disponível em: <<https://midiaindependente.org/?q=sobre-cmi>> Acesso em: 20, 02 de 2020.
- CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo.[Tradução de Noêmia de Sousa]. **Lisboa: Ed. Livraria Sá da Costa Editora**, 1977.
- CICONE, Reinaldo Barros. **A população de Campinas**. 2017. Disponível em: <http://confrariando.com/a-populacao-de-campinas/>. Acesso em: 22 dez. 2019. Dados oficiais do IBGE, censo 2010. <http://cidades.ibge.gov.br/> Dados compilados e gráficos elaborados pelo autor Cicone.
- CUNHA JUNIOR, Henrique. **Tecnologia africana na formação brasileira**. Rio de Janeiro: CEAP, 2010.
- D'SALETE, Marcelo. **Angola Janga: uma história de Palmares**. Veneta, 2017.
- DA SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Convergência digital, diversidade cultural e esfera pública**. **além**, p. 31, 2008.
- DA SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Convergência digital, diversidade cultural e esfera pública**. **Além: [S. l.]**, 2008. p. 31
- DAGNINO, Renato. **Tecnologia social contribuições conceituais e metodológicas**. Florianópolis: EDUEPB, 2014.

DAGNINO, Renato; THOMAS, Hernán; DAVYT, Amílcar. El pensamiento en ciencia, tecnología y sociedad en Latinoamérica: una interpretación política de su trayectoria. **Redes**, v. 3, n. 7, p. 13-51, 1996.

DIAS, Rafael de Brito. Um tributo ao Pensamento Latino-Americano em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PLACTS). **Revista Espaço Acadêmico**, v. 90, p. 1-6, 2008 .

DOS SANTOS, Theotonio. Segunda parte: desenvolvimento e dependência no pensamento social latino-americano. In: \_\_\_\_\_. **Teoria da dependência: balanço e perspectivas**. Florianópolis: Insular, 2015. p. 65-100.

DOS SANTOS, Laymert Garcia; CAMINATI, Francisco Antunes. **Tecnología, ancestralidad, soberanía y producción de futuro**. [S. l.]: 1era. Edición Ediciones Abya-Yala, [s. d.]. p. 195.

DUSSEL, Enrique. **Filosofía de la liberación**. Bogotá: Nueva América, 1996.

\_\_\_\_\_. **Filosofía de la producción**. Bogotá: Nueva América, 1984.

\_\_\_\_\_. **El trabajador intelectual y América Latina**. Disponível em: [http://www.cecs-argentina.org/web2015/wp-content/uploads/2015/06/Dussel-1964\\_-El-trabajador-intelectual-y-America-Latina.pdf](http://www.cecs-argentina.org/web2015/wp-content/uploads/2015/06/Dussel-1964_-El-trabajador-intelectual-y-America-Latina.pdf) Acesso em: 22 dez. 2019.

FALS BORDA, Orlando. **Una sociología sentipensante para América Latina**. México: Siglo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO, 2015.

\_\_\_\_\_. **Experiencias teórico-prácticas**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores Editorial; Editor CLACSO, 2009. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20160308052028/10expe.pdf> Acesso em: 22 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. **Por la praxis: el problema de cómo investigar la realidad para transformarla**. Disponível em: <http://pridena.ucr.ac.cr/binarios/pela/pl-000411.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. **Ciencia propia y colonialismo intelectual**. Bogotá: Ed. Carlos Valencia, 1981.

-----, Entrevista. Documental José Barros, Rey de reyes. Bogotá. 19 oct. 2007. Recuperado de <https://youtu.be/LbJWqetRuMo> Acesso em: 22 dez. 2019.

FANNON, Frantz. Os condenados da Terra. [S. l.]: **Civilização Brasileira**, 1979.

FARDIN, Sônia Aparecida. **Casa de Cultura Tainã: uma abordagem pela sociomuseologia**. Disponível em: <http://www.ufjf.br/lapa/2015/10/09/encontr-internacional-de-ecomuseus-e-museus-comunitarios>. Acesso em: 22 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. **Territórios (r)existentes: cartografia de diálogos culturais e práticas midiáticas contra-hegemônicas**. Congresso da Associação de Estudos Latino-Americanos, Lima, Peru. 29 abr. a 01 maio 2017.

\_\_\_\_\_. **Territórios (r)existentes: cartografia de diálogos culturais e práticas midiáticas contra-hegemônicas**. Congresso da Associação de Estudos Latino-Americanos, Lima, Peru. De 29 de abril a 01 de maio de 2017

FELIPE, Roniel de Jesus. **Negro heróis: histórias que não estão no gibi**. São Paulo:,Editorial Loyola, 2012.

FREITAS E SILVA, Áurea Carolina de (Deputada Federal). **Medida provisória nº 870/2019**: estabelece a organização básica dos órgãos da Presidência da República e dos Ministérios. 11 fev. 2019. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=7913238&disposition=inline>. Acesso em: 22 dez. 2019.

FREIRE, Paulo. **Cartas a quien pretende enseñar**. 2. ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2010.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Alexandre; FOINA, Ariel G.; FONSECA, Felipe. O impacto da sociedade civil (des) organizada: cultura digital, os articuladores e *software* livre no projeto dos pontos de cultura do MinC. **Buscalegis, América do Norte**, v. 24, n. 05, 2007.

GESAC. **video\_programa\_gesac.mpg**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GxLO-mxGkAg>. Acesso em: 21 dez. 2019.

GUERRERO ARIAS, P. **Corazonar: una antropología comprometida con la vida**: miradas otras desde Abya-Yala para la decolonización del poder, del saber y del ser. Quito: Ediciones Abya-Yala; Universidad Politécnica Salesiana, 2010.

GIESBRECHT, Érica. **O passado negro**: a incorporação da memória negra da cidade de Campinas através das performances de legados musicais. Tese [doutorado]. Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2011.

GONÇALVES, José Roberto. Memória e pertencimento: a Vila Castelo Branco no espaço urbano de Campinas. **Resgate**: Revista Interdisciplinar de Cultura, v. 11, n. 1, p. 123-132, 2003.

HABER, Alejandro. **Nometodología Payanesa**: notas de metodología indisciplinada. Disponível em: <http://www.revistas.uchile.cl/index.php/RCA/article/view/15564/16031>. Acesso em: 22 dez. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HARAWAY, Donna. **Ciencia, cyborgs y mujeres**: la reinvención de la naturaleza. Madrid: Cátedra, 1995.

HERRERA, Amílcar. La creación de tecnología como expresión cultural. **Revista Nueva Sociedad**, n.8-9, p. 58-70, sep./dic. 1973.

HERRERA FARFÁN, Nicolas; LÓPEZ GÚZMAN, Lorena (Comps). **Ciencia, compromiso y transformación social**. Buenos Aires:, 1era ed. El colectivo- Lanzas y letras, 2011. (Textos de Orlando Fals Borda).

KREIMER, Pablo, VESSURI, Hebe, VELHO, Léa y ARELLANO, Antonio (Orgs.). **Perspectivas latinoamericanas en el estudio de las ciencia, la tecnologia y la sociedad**. Siglo XXI Editores. México, 2014.

KREIMER, Pablo. Estudios sociales de la ciencia y la tecnología en América Latina: ¿Para qué?, ¿Para quién? **REDES**, Buenos Aires, v. 13, n. 26, p. 55-64, dic. 2007.

LENKERSDORF, Carlos. **Filosofar en clave tojolabal**. Mexico City: Miguel Ángel Porrúa, 2002.

MARINI, Ruy Mauro. **Dialéctica de la dependência**. México: Ediciones Era, 1991. Disponível em: [http://www.marini-escritos.unam.mx/024\\_dialectica\\_dependencia.html](http://www.marini-escritos.unam.mx/024_dialectica_dependencia.html). Acesso em: 22 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. **Em torno a Dialéctica de la dependência**. In: Disponível em: [http://www.marini-escritos.unam.mx/025\\_en\\_torno\\_dialectica\\_dependencia.htm](http://www.marini-escritos.unam.mx/025_en_torno_dialectica_dependencia.htm). Acesso em: 22 dez. 2019.

MARTÍ, José; MICHELENA, José Antonio. **Nuestra América**. [S. l.]: El Partido Liberal, 1891.

MARTÍ, José; VÁSQUEZ, Mario Alvarez. *Versos sencillos*. Arte Público Press, 1997. [Poema completo.]

NASCIMENTO, E. L.; GÁ L. C., org. **Adinkra: sabedoria em símbolos africanos**. Riode Janeiro: Pallas, 2009.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. v. I.

PODCAST DianaUribe.fm: 14 - Radio libre y radios comunitarias [Loucação de]: Diana Uribe. [S. l.] DianaUribe.fm, 15 de marzo de 2019. *Podcats*. Disponível em <https://www.dianauribe.fm/historia-de-la-radio/14> Acesso em: 20 Jan. 2020.

PORTO-GONÇALVES, C. W. Entre América e Abya Yala: tensões de territorialidades **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 20, p. 25-30, 2009.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: Lander, Edgardo (Comp.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas Latinoamericanas**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires. p. 246, jul. 2000.

Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/quijano.rtf> Acesso em: 22 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. **Colonialidad y modernidad/racionalidad**. Disponível em: <https://problematicasculturales.files.wordpress.com/2015/04/quijano-colonialidad-y-modernidad-racionalidad.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2019.

RETAMAR, Roberto Fernández; TEJADA, Aurelio Alonso. **Pensamiento anticolonial de nuestra América**. [S. l.]: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2016.

RIBEIRO MARTINS, Alessandra. **Matriz africana em campinas: territórios, memória e representação**. Tese [doutorado]. Pontifícia Universidade Católica De Campinas, Campinas/SP, 2016.

\_\_\_\_\_. **História dos africanos em Campinas**. 2018. Disponível em: <https://www.cidadeecultura.com/historia-dos-africanos-em-campinas/>. Acesso em: 21 Junho. 2019

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. Preços de escravos em campinas no século XIX. **História Econômica & História de empresas**, v. 20, n. 1, 85-123. 2017. Disponível em: <http://www.abphe.org.-br/revista/index.php/rabphe/article/view/473>. Acesso em: 22 dez. 2019.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. Un mundo Ch'ixi es posible: ensayos desde un presente en crisis. **Buenos Aires: Tinta Limón**, 2018.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. Entrevista concedida a Yael Weiss na TV UNAM em Novembro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pHJkCqe2gAk&t=903s> Acesso em: dezembro 2019.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Políticas culturais do governo Lula/Gil: desafios e enfrentamentos. **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 31, n. 1, 2008.

SENNETT, Richard. **El respeto: sobre la dignidad del hombre en un mundo de desigualdades**. [S. l.]: Anagrama, 2009.

Sobre o Coletivo socializando saberes. **Socializando saberes**. [S. d.] Disponível em: <<https://socializandosaberes.net.br/sobre-o-coletivo>> Acesso em: 20, 02 de 2020.

RUBIM, Albino; BARBALHO, Alexandre. **Políticas culturais no Brasil**. Salvador: Edufba, 2007.

SIQUEIRA, Juliana Maria de. **A educação museal na perspectiva da sociomuseologia: proposta para uma cartografia de um campo em formação**. Tese [doutorado]. Universidade Lusófona, Lisboa, Portugal, 2019.

SOFTWARE LIVRE BRASIL. Quilombos e software livre: a experiência do projeto Mocambos. Software Livre Brasil, 11 mai. 2009. Disponível em: <http://softwarelivre.org/ponto-por-ponto/blog-2/quilombos-e-software-livre-a-experiencia-do-projeto-mocambos>. Acesso em: 20 dez. 2019.

SMITH, Linda Tuhiwai. **A descolonizar las metodologías. Investigación y pueblos indígenas: a descolonizar las metodologías**. Investigación y pueblos indígenas. [S. l.]: Lom Ediciones, 2016.

TURINO, Célio. **Ponto de Cultura: o Brasil de baixo para cima**. Anita Garibaldi, 2010.

\_\_\_\_\_. **Célio Turino: cultura viva, Ana de Hollanda e novas propostas para a Cultura**. 2012. 35:40 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xnARiFKpcgA&t=533s>. Acesso em: 22 dez. 2019.

TOZZI, Vincenzo. **Redes federadas eventualmente conectadas: Arquitetura e protótipo para a Rede Mocambos**. Università Degli Studi Di Firenze. Facoltà di scienze matematiche, fisiche e naturali. Curso de Ciência da Computação. Ano Académico 2010-2011.

VACCAREZZA, Leonardo Silvio. Ciencia, Tecnología y Sociedad: el estado de la cuestión en América Latina. **Revist@ do Observatório do Movimento pela Tecnologia Social da América Latina: Ciência & Tecnologia Social: A construção crítica da tecnologia pelos atores sociais**. v. 1, n.o 1, p. 42-63, jul. 2011.

VARSIVSKY, Oscar. **Estilos tecnológicos: propuestas para la selección de tecnologías bajo racionalidad socialista**. Buenos Aires : Biblioteca Nacional, 2013.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Conhecendo sua cidade: experiências de pesquisa-ação que buscaram construir a memória dos bairros populares de Campinas. **Educação & Linguagem**, v. 14, n. 23/24, p. 160-171.

WASSILOWSKY, Alexander Herrera. **La recuperación de tecnologías indígenas: arqueología, tecnología y desarrollo en los Andes**. [S. l.]: Instituto de Estudios Peruanos, 2011.

WINNER, Langdon. Artefatos têm política?. **Analytica. Revista de Filosofia**, v. 21, n. 2, p. 195-218, 2017.



## GLOSSÁRIO

**Abya yala:** “Abya Yala na língua do povo Kuna significa “Terra madura”, “Terra Viva” ou “Terra em florescimento” e é sinônimo de América. O povo Kuna é originário da Serra Nevada no norte da Colômbia tendo habitado a região do Golfo de Urabá e das montanhas de Darien e vive atualmente na costa caribenha do Panamá na Comarca de Kuna Yala (San Blas).” Carlos Walter Porto-Gonçalves. Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala>. Acesso em: 01 dezembro 2019.

**Ancestralidade:** Utilizo, nesta tese, o termo de ancestralidade a partir da tese de doutorado de Eduardo David de Oliveira, que afirma: A ancestralidade é uma categoria de relação, ligação, inclusão, diversidade, unidade e encantamento. Ela, ao mesmo tempo, é enigma-mistério e revelação-profecia. Indica e esconde caminhos. A ancestralidade é um modo de interpretar e produzir a realidade. Por isso a ancestralidade é uma arma política. Ela é um instrumento ideológico (conjunto de representações) que serve para construções políticas e sociais (2005, p. 258).

**Corazonar:** Na cosmovisão andina, especialmente na comunidade indígena equatoriana Kitu Kara o Corazonar é “Pensar com o coração liberado, nutrir o pensamento com o impulso da vida colocando vontade” (Tradução minha) “Corazonar: pensar con el corazón liberado, nutrir el pensamiento com el impulso de la vida poniendo voluntad” Ver: <http://unaantropologaenlaluna.blogspot.com/2016/07/corazonar-sentipensar-y-sentisaber-un.html> Por sua parte, o antropólogo equatoriano Patricio Guerrero Arias (2010), no seu livro: “Corazonar. Una antropología comprometida con la vida: Miradas otras desde Abya-Yala para la decolonización del poder, del saber y del ser”. Reconhece o corazonar como uma modo de ação ético e político para enfrentar os diferentes tipos de colonialismo. Para Guerrero, o corazonar, ao igual que o sentipensar, reconhece a importância de pensar com o coração.

**Sentipensar:** Em uma entrevista feita por Rafael Bassi Labarrera e David Britt, Fals Borda fala sobre sentipensante e diz: El concepto de sentipensante, ese sentipensante que aparece en mis libros, eso no lo inventé yo, eso fue allí en una de las ciéna-

gas cerquita de San Benito Abad, cerca de Jegua, por allí por esos sitios, que alguno se le ocurrió a un pescador que iba conmigo y dijo: “Mire nosotros si, en realidad, creemos que actuamos con el corazón pero también empleamos la cabeza y cuando combinamos las dos cosas así somos sentipensantes.” Un concepto tan sencillo ¿cierto? Se entiende, es muy bonito, tan bonito que me lo robo Eduardo Galeano en sus últimos libros, claro que él es muy honesto y él pone que eso es de la historia doble de la costa pero. Para Eduardo Galeano, el concepto sentipensante es ahora central en su filosofía literaria. <https://www.youtube.com/watch?v=LbJWqetRuMo> Desde o minuto 4:41 até 5:51. Borda, afirma a partir desta definição, que a atitude do/a pesquisador/a tem que ser sentipensante para conseguir gerar uma proximidade com os/as outros/as.

### **Ch'ixi e Mestiçagem: Nas palavras de Silvia Rivera Cusicanqui:**

La palabra *Ch'ixi* simplemente designa en aymara a un tipo de tonalidad de gris. Se trata de un color que por efecto de la distancia se ve gris, pero al acercarnos nos percatamos que está hecho de puntos de color puro y agónico: manchas blancas y negras entre veradas (...) Aprendí la palabra *Ch'ixi* de boca del escultor aymara Víctor Zapana, que me explicaba qué salen de las piedras y por qué son animales poderosos. Me dijo entonces “*ch-ixinakax* y *utxiwa*”, es decir, existen, enfáticamente, las entidades *ch'ixi*, que son poderosas porque son indeterminadas, porque no son blancas ni negras, son las dos a la vez. (RIVERA CUSICANQUI, 2018, p. 79).

**Conhecimento situado:** Os conhecimento, para Haraway, estão sempre situados, localizados, não são universalizantes nem totalizadores, eles dão conta de uma realidade concreta o que ressignifica o conceito de objetividade. Nesta perspectiva, quem conhece tem uma responsabilidades éticas e políticas que estão envolvidas com aquilo que se conhece.